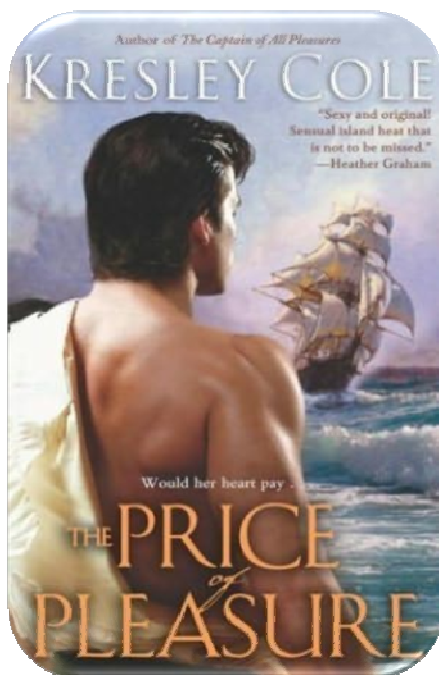


Tiamat World

Kresley Cole
Os Irmãos Sutherland 02



Kresley Cole

O Preço do Prazer

(The Captain Of All Pleasures)

Série Os Irmãos Sutherland 02

O capitão Grant Sutherland, um homem conhecido por sua coragem e integridade, viaja até a Oceania para encontrar Vitória Dearbourne, uma moça inglesa desaparecida no mar dez anos atrás. Prometeu a seu avô doente encontrá-la e protegê-la, dando sua palavra de cavalheiro que não retrocederia em seu empenho, mas no momento em que se encontra com ela e a vê transformada em uma bela mulher, Grant sabe que nunca voltará a ser o mesmo. Tori adora sua liberdade, a paixão desatada, e o caos por cima da cansativa ordem. Inclusive mais ainda quando um orgulhoso e frio capitão inglês chega para resgatá-la. E quando Tori e Sutherland são separados de sua tripulação e se veem obrigados a sobreviver juntos, ela começa a ver nele um homem que deseja mais. Um homem que uma vez foi capaz de sorrir. Um homem que admite ter sombrios desejos mas que não tomará o que lhe oferece. Agora, Tori está disposta a comprovar até que ponto o capitão aguentara a tentação antes que seu legendário domínio se quebre...

Disp. em Esp: MR

Envio e Tradução: Gisa

Revisão: Marcia Gomes

Revisão Final: Matias Jr.

Formatação: Greicy

Tiamat - World





Comentário da Revisora Márcia: Gostei muito do livro, a mocinha é decidida e sabe o que quer, faz o rapaz passar maus momentos. Tem cenas bem hot e momentos que nos fazem rir. Leitura gostosa e fácil.

Comentário do Revisor Matias Jr.: É difícil encontrar mocinho mais "cego" ou cabeça dura do que esse... Da mesma forma, uma mocinha que, apesar das evidências, só aceita que se diga a palavra mágica... (amo). Mas, de verdade, temos mais uma daquelas "virgens fatais", daquelas que nos matam (homens) e nos fazem "gemer sem sentir dor". Vão se encantar com a desenvoltura, armações e azarações da pestinha ardilosa... Mais uma excelente leitura.

Prefácio

Diário de Vitória Anne Dearbourne, 1848

17 de janeiro

Hoje faz três dias de nossa chegada à ilha. Mamãe, a senhorita Scott e eu sobrevivemos ao naufrágio do Serendipity, e navegamos à deriva em um bote salva-vidas até chegar aqui; uma pequena ilha deserta ao sul da Oceania. Fazia semanas que o navio não se movia por falta de vento, e a temporada de tufões terminou por nos alcançar. Mamãe disse que era como se o mar tivesse desejado nos reter para nos oferecer à tormenta.

Quando as vigas começaram a romper, os marinheiros fugiram como ratos nos abandonando a nossa sorte. Um inclusive empurrou mamãe para passar e nem sequer se alterou ao ver como caía da cobertura para o bote salva-vidas, quebrando as costas, e também um braço, mas ela é forte, e estou convencida de que, se a ajudarmos, sairá desta.

Ainda não encontramos papai. A última vez que o vi foi em meio à tormenta; estava na cobertura, com um bebê nos braços; de repente, a luz de um relâmpago me cegou e logo já não o vi. Está mal que deseje que não tivesse ido ajudar esse menino e que houvesse se posto a salvo? Isso foi o que fez o resto daquela tripulação de covardes. Mas não importa o que eu deseje, a verdade é que papai jamais teria abandonado a ninguém.

Esta manhã, as ondas nos trouxeram um montão de pacotes.

Mamãe disse que é coisa do destino, mas a senhorita Scott diz que é coisa da maré... a mesma que nos arrastou até aqui. Mamãe sempre diz que, apesar de ter pouco mais de vinte anos, a senhorita Scott é uma garota muito inteligente, assim não sei em quem acreditar.

A senhorita Scott e eu tínhamos arrastado um par de baús para a margem, um barril cheio de água, que já nos fazia falta, um remo e outras coisas. Entre as caixas, encontramos uma com o material de escrever do capitão; dentro havia um caderno em branco e um pote de tinta. A senhorita Scott me disse que tenho que anotar tudo o que nos ocorre.



Acredito que o faz para me manter ocupada e que não me dê conta de quanto as coisas estão mal. Mas me dou conta, e embora tente me concentrar só em escrever e cuidar de mamãe, não posso deixar de ver os corpos que flutuam junto aos destroços. Foram esvaçados pelo mar.

Sei que a senhorita Scott os arrastou até a selva e os enterrou; vi o rastro que os corpos deixaram na areia, e as mãos dela, cheias de chagas de tanto cavar. Está há pouco tempo conosco e sei que tenta me evitar um mal estar, mas eu gostaria que me dissesse se um dos mortos era papai.

18 de janeiro

Ontem à noite mamãe chorou pela primeira vez. Ela luta por mostrar-se forte, mas a dor deve ser quase insuportável. Chovia muito e o vento soprava enfurecido. A senhorita Scott encontrou um par de pedras de fazer fogo no bote salva-vidas, e tentou uma e outra vez acender uma fogueira. Era inútil, mas suponho que assim se distraiu um pouco. Quando por fim se deu por vencida, dormiu ali mesmo, de joelhos, com as mãos cheias de cortes.

Mamãe me disse que tenho que ajudar à senhorita Scott, pois "é muito jovem para assumir uma responsabilidade tão grande".

19 de janeiro

Agora me dou conta de que tenho escrito muito, e temo ficar sem papel, embora a senhorita Scott tenha me dito que é certo que nos resgatem antes que isso aconteça.

Pela tarde, a senhorita Scott encontrou um mapa em um dos baús, e enquanto tentava averiguar onde estamos me mandou ao bosque em busca de lenha para a fogueira...apesar de não termos com o que acender fogo. Quando retornei, ela e mamãe estavam resignadas a passar uma longa temporada na ilha. Devemos estar muito longe de qualquer parte. Apesar de que tanto a senhorita Scott como eu lhe suplicamos, mamãe decidiu deixar de beber sua parte de água potável.

20 de janeiro

Ontem à noite sonhei com papai. Os três, mamãe, papai e eu, ríamos enquanto ele me ensinava a pescar e a fazer uns nós. A risada de papai é maravilhosa, por ter o peito tão largo, soa muito profunda e reconfortante. Quer tanto a mamãe que às vezes parece reluzir de amor. Cada vez que chegamos a um novo lugar, ele e mamãe procuram algum animal que não tenhamos visto antes. Papai sempre fica embevecido olhando como mamãe os desenha bem, apesar de que a viu fazê-lo milhares de vezes para a multidão de artigos que têm escrito juntos. Quando ela termina o desenho, papai o guarda, e depois a estreita entre seus braços e começam a dar voltas. Depois, papai me segura junto a sua cintura e proclama que nós três somos, no mínimo, a melhor equipe



do hemisfério. Recentemente, incorporamos à senhorita Scott para que me ensinasse modos e matemática, e ela e mamãe ficaram amigas. Tudo parecia perfeito.

Por sorte despertei antes de mamãe e a senhorita Scott, pois estava chorando desconsolada. Sequei os olhos, mas não pude deixar de pensar em papai durante todo o dia, e cada vez que o fazia meus olhos se enchiam de lágrimas e o lábio inferior tremia, como os bebês com os quais brincava no navio.

Cada dia, mamãe e a senhorita Scott me repetem que tenho que ser forte, mas hoje pareciam ainda mais insistentes. E esta tarde, mamãe me pegou chorando com o rosto oculto atrás das mãos, como se fosse uma menina pequena. E já tenho treze anos!

Eu lhe disse que não sei se sou forte o bastante para fazer tudo o que devemos fazer na ilha. Sei que temos que construir um refúgio. Tento recordar tudo o que aprendi em nossas viagens, mas ela e papai sempre se encarregavam das coisas mais difíceis enquanto eu brincava na água com o resto dos meninos.

Mamãe me disse que é obvio que sou o bastante forte. Ela disse: "Tori, lembre que os diamantes nascem da pressão".

21 de janeiro

Os cortes e chagas que a senhorita Scott fez nas mãos não estão curando, e estão tão inchadas que não pode nem mover os dedos. Isso é muito perigoso em um clima como o daqui. Acreditava que já não podia me preocupar mais do que já estava, e vejo que não é assim. Seguimos sem ter notícias de papai, mas tenho que acreditar que está vivo e a bordo de um navio enorme (muito mais que o odioso Serendipity) nos buscando.

22 de janeiro

Agora que a comida e a bebida escasseiam não paro de sonhar que tenho fome e sede. Assim talvez me ocorra como encontrar mais. A senhorita Scott quer entrar mais na ilha para procurar algum lago ou um pouco de fruta, mas tem medo de nos deixar sozinhas na praia, e tampouco quer me levar com ela para a selva escura. Os sons que ouvimos de noite nos deixaram claro que é melhor que não conheçamos os seres que a habitam.

Esta tarde, mamãe pediu que me sentasse junto a ela.

Com voz solene disse que talvez papai não tenha sobrevivido. Escutá-la dizer isso foi como se me golpeassem no meio do peito. Não era real até que ela o disse em voz alta. Quando deixei de chorar, olhou aos olhos e falou que acontecesse o que acontecesse meu avô nos encontraria. Assegurou-me que não descansará até obter que retornemos para casa. Mas meu avô é muito idoso para viajar tão longe, mas quando lembrei este fato, mamãe afirmou que ele mandaria alguém em seu lugar.



22 de janeiro, pela tarde

Decidimos que irei com a senhorita Scott. Quanto mais fome tenho menos medo me dá a selva. Mas tenho uma sensação estranha, como se soubesse que vai acontecer algo. É como se um montão de formigas me subisse pelas costas. Algo vai mal.

Quase me ponho a rir. "Algo vai mal." Como se isto pudesse ficar pior. Olhei mamãe e a vi sussurrar algo ao ouvido da senhorita Scott. Pobre mãe, ela que sempre teve tanta consideração pelos outros, agora nem sequer se dá conta de que está apertando as mãos feridas da senhorita Scott com muita força. Esta não se queixou e, embora tenha feito uma careta de dor, escutou-a com atenção.

Vou perder também a mamãe?

Sinto como se a única coisa que mantivesse meus piores temores sob controle fosse um tênue fio. E às vezes me assusto com a vontade que tenho de gritar e de puxar meu cabelo até cair rendida. Tenho medo de que meus medos acabem me aterrorizando.

Partiremos para a selva pela manhã.

Capítulo 1

Oceania, 1858

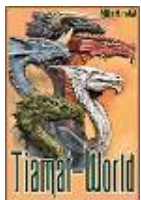
A pouca distância que separava o Keveral da inescrutável ilha que o capitão Grant Sutherland tinha diante, fez-lhe pensar no que fora aquela horrível viagem. Via Dooley, seu contramestre, trabalhar incansável e percorrer com o olhar cada detalhe para antecipar-se a qualquer incidente. Sua tripulação, que ainda se comportava com muita cautela frente a Sutherland, obedecia temerosa as ordens de seu capitão. Seu primo, Ian Traywick, chegado ao álcool, estava convencido, com o otimismo dos bêbados, de que, apesar da multidão de ilhas que visitaram sem êxito, dessa vez iriam ter sorte.

— Desta vez tenho um ótimo pressentimento — disse Ian lhe golpeando no ombro para logo passar a mão pelo rosto para eliminar as marcas dos lençóis. Ao longo de toda a viagem, Ian contribuía com "um toque de bom humor" à tripulação, rebatendo o fato de que o capitão era "um frio bastardo". — Escuta bem o que te digo, acredito que esta ilha é a definitiva. Apesar do muito que você duvida, eu estou seguro de que acertamos.

Grant o fulminou com o olhar. O bom senso lhe dizia que chegara o momento de aceitar sua derrota; aquela ilha marcava o final de sua exaustiva busca, pois era a última do arquipélago do Solais. Depois de quatro meses de travessia para alcançar o Pacífico, passaram mais três meses percorrendo cada atol em busca de algum membro da família Dearbourne, desaparecida em alto mar dez anos atrás.

— E se os encontrarmos hoje — interveio Dooley batendo palmas para enfatizar suas palavras — mais vale correremos para nos esquivar de um par de tufões.

O velho lobo do mar era incapaz de ser mais amável, e jamais rebateria uma ordem de



Grant, mas este sabia que se ficassem naquela região muito tempo e fazia semanas que deveriam ter ido embora para assim evitar a temporada de tormentas.

Tanto Dooley como Ian tinham esperanças de encontrar algum dos Dearbourne. Grant pensava que ter esperanças a essa altura era uma ingenuidade.

E isso era algo que Grant nunca se permitia.

À medida que o bote se aproximava da borda e o aroma da areia úmida e das algas cobria a da espuma do mar, seus pensamentos mudaram de direção. Mal se deu conta de que ali havia uma montanha com espessa vegetação, ou de que a baía cor esmeralda estava rodeada de corais. Visitaram tantas ilhas paradisíacas que já não lhe impressionavam.

— Capitão, o que lhe parece se formos para a ponta norte? — perguntou Dooley mostrando o pedaço de areia que havia entre as rochas.

Grant estudou aquela praia de areia branca e, depois de observar o pequeno caminho de entrada que se desenhava no coral, indicou-lhes que entrassem por ali.

Logo voltou a ficar absorto no ir e vir dos remos e fixou de novo o olhar nas águas cristalinas. Um enorme tubarão nadava por debaixo deles. Não era de estranhar; havia centenas deles na zona. Tomara que os Dearbourne não tivessem finalizado assim suas vidas.

Talvez conseguiram chegar a uma ilha e acabaram morrendo ali de inanição. Isso seria melhor que os tubarões, pois Grant sabia que a morte por inanição matava de maneira similar a como um gato acaba com um canário; joga com ele e lhe faz acreditar até o final que tem alguma esperança de sair com vida. Essa possibilidade pressupunha entretanto que a jovem família conseguira escapar do navio com vida, quando o mais provável era que tivessem morrido esmagados ou afogados em seu camarote, quando o navio afundou.

Sutherland encabeçava a oitava e última expedição de resgate; ou os encontrava ou os davam definitivamente por mortos. Temia o momento em que tivesse que confirmar a notícia...

— Capitão — disse Dooley em meia voz.

Grant levantou a cabeça de repente.

— O que acontece? — perguntou vendo como o rosto de seu segundo se alterava.

— Não vai acreditar. Ali! Ao sul-sudoeste.

Sutherland olhou para onde apontava a luneta de seu contramestre. E então ficou de pé tão rápido que vários marinheiros tiveram que se segurar no bote. Era incapaz de articular uma só palavra.

Por fim conseguiu sair de seu estupor.

— Não posso acreditar!

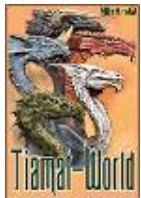
Na praia, como estivesse iluminada com luz própria, havia uma garota correndo.

— É a filha? — perguntou Ian levantando e segurando no ombro de Grant por trás. — Me diga que não é ela!

Seu primo lhe afastou a mão.

— Não estou certo. — deu meia volta e gritou aos remadores. — Remem com todas as suas forças. Vamos!

Estava a ponto de afastar um dos remadores mais jovens para ficar em seu lugar quando



algo captou sua atenção. De debaixo de um chapéu de aba larga caía uma impressionante e longa juba que cobria todas as costas da garota. Uns cabelos tão loiros que pareciam brancos, idênticos aos de Vitória Dearbourne na miniatura que lhe entregara seu avô.

Quanto mais se aproximavam da praia, mais seguro estava. Já podia distinguir melhor sua figura, e viu como suas longas pernas aumentavam a velocidade ao mesmo tempo em que levantava um braço para segurar o chapéu. Tinha uma cintura muito estreita. Grant ficou sem fôlego. Mal ia vestida.

Vitória Dearbourne. Precisava ser ela, mas a sua mente custava assimilar que por fim a encontrara. Deus, faria todo o possível para levá-la de volta à Inglaterra sã e salva.

Já estavam chegando à margem quando ela os viu. Parou tão de repente que levantou um pouco de areia com os pés. O braço que segurava o chapéu caiu inerte para um lado junto com o mesmo e, dando-o por perdido, pôs-se a correr.

O barco estava perto o bastante para que Sutherland pudesse ver a expressão de assombro no rosto da garota. E ele sentiu o mesmo. Sua loira juba ondeava ao vento e enredava ao redor do seu pescoço como um colar. Várias ideias vieram à mente de Grant. De pequena fora uma menina preciosa, mas agora...

Era excepcional. E estava viva. E fugia.

— Não se mova, menina! — gritou Ian. — Fique onde está! Mas ela seguiu correndo, escapando, o que enfureceu Grant enormemente.

— Com o ruído do mar não pode te ouvir — disse seu primo mal-humorado.

E nesse instante, viu algo que não esqueceria jamais. Sem deter-se, Vitória os olhou e acelerou a corrida até o inexprimível. Nunca vira uma mulher correr assim.

Corria... como o vento.

De repente desapareceu; como se a selva a tivesse engolido.

— Deus santo! — exclamou Ian. — Me diga que o que acabo de ver não é verdade.

Grant queria lhe responder, mas era incapaz de dizer algo. A seguir, depois de soltar uma fileira de palavrões e insultos, sua atônita tripulação o olhou espectador.

Sem afastar os olhos do lugar por onde fugira Vitória, Sutherland disse:

— Vou procurá-la. — E saltou do bote, afundando na água.

Quando chegou à borda, pôs-se a correr a toda velocidade sem alterar-se pelas árvores e trepadeiras que lhe davam a boas-vindas à ilha. Entrou na selva pelo mesmo lugar em que a garota o havia feito e seguiu atrás dela. Podia vê-la mas não conseguia apanhá-la.

De repente, Vitória se deteve; segurava algo entre as mãos e tinha o olhar fixo nele. Grant chegou ante ela e demorou uns segundos em recuperar-se; ainda com a respiração entrecortada, tentou falar:

— Sou... o capitão... Gr...

Vitória relaxou os músculos dos braços e Sutherland pôde ouvir como tomava ar. Golpeou-lhe o peito com um tronco derrubando-o ao chão. O homem gemeu de dor e, enquanto se levantava, tratou de controlar sua ira. Inclinou a cabeça mas não viu a garota em lugar nenhum. Decidiu seguir o caminho, e, apesar de que doía ao respirar, acelerou o passo.



A única coisa que Grant podia ver era a sombra de Vitória, como se o resto da ilha tivesse desaparecido. E justo quando estava a ponto de alcançá-la, a moça se deteve e mudou de direção. Um tronco se interpunha entre eles. Sutherland girou para a direita, a jovem também. Ele a seguiu, e, entrecerrando os olhos, ela o olhou desafiante para, continuando, fazer uma ameaça de girar de novo, mas no último segundo, o capitão alongou a mão e a apanhou.

"Tenho-a!", esteve a ponto de gritar, entretanto ficou atônito ao ver como a saia da garota se rompia entre seus dedos e Vitória caía de bruços. O ruído do tecido rasgando, acompanhado dos insultos que ela soltou, mesclou-se com a entrecortada respiração de Sutherland, que não podia afastar o olhar da coxa que tinha ficado descoberta. Logo, Vitória se levantou e pôs-se a correr de novo. *Maldição. Maldição, maldição!*

A fúria dera lugar à frustração. Correu com todas suas forças. "Preciso apanhá-la. explicar quem sou. Levá-la ao navio. Maldição. Já me conformo se consigo apanhá-la." À medida que Grant ia entrando na selva, o ar se ia convertendo em bruma. As folhas das árvores que se colavam contra seu peito estavam cada vez mais úmidas.

Frente a ele apareceram de repente umas cataratas de dimensões míticas, com a água despencando contra as enormes rochas negras que havia debaixo. Pela extremidade do olho viu um pedaço de tecido branco entre a espessa folhagem, onde parecia estar a origem do rio.

— Vitória — gritou e, ante sua surpresa, a garota se deteve: — Vim te resgatar.

Ela deu meia volta e saiu à luz. Colocou as mãos ao redor da boca e gritou algo. Com o ruído da água não se ouvia nada.

"Maldita seja!"

É certo que ela tampouco o ouvira.

Ao ver que não havia mais remédio, saltou à água e nadou contra a corrente para chegar onde estava a jovem. Mal podia respirar, e quase se afoga, mas por fim chegou à borda e conseguiu tirar seu enorme corpo do lago. Teve uma leve vista da juba de Vitória, e pôs-se a correr de novo mesmo sabendo que jamais conseguiria apanhá-la. Então lhe ocorreu algo; talvez houvesse uma possibilidade.

A moça ia seguindo um caminho e ele podia pegar um atalho pelos arbustos e interceptá-la. Girou para a esquerda e, depois de esquivar umas palmeiras, começou a ganhar terreno.

Logo, de repente, viu como seus pés ficavam suspensos no ar e se precipitava rodando por um pendente.

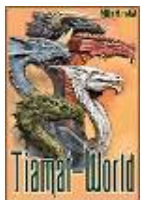
À medida que caía, incapaz de fazer algo para evitar, deu-se conta de que ela o havia feito de propósito. Quando a apanhasse... Deu mais uma volta e aterrissou sobre suas costas com tanta força que ficou sem respiração.

Assim que conseguiu focar a vista Vitória já estava frente a ele, lhe dando leves golpes no quadril com um ramo. Sua juba a envolvia como um halo e antes de falar inclinou a cabeça:

— Por que me persegue?

Grant se esforçou por respirar, por falar, mas a única coisa que conseguiu foi gemer de dor. Viu-a franzir as loiras sobranceiras e, zangada, insistia de novo:

— Por quê?



Sutherland ouviu que seus homens estavam se aproximando. A jovem o olhou nos olhos e, devagar, percorreu todo o seu corpo com a vista. Ao acabar, agachou e lhe sussurrou em tom ameaçador:

— A próxima vez que tentar me apanhar, marinheiro, farei com que caia por um precipício.

E dito isto, deu meia volta e se foi dali. Grant se levantou e, ao tomar uma baforada de ar, o intenso aroma do ar quase o asfixiou. Começou a tossir com violência, e levantou uma mão para tentar deter a garota.

Mas ela nem sequer se voltou. Uma iguana se interpôs em seu caminho e chiou para marcar terreno. Vitória lhe devolveu a saudação e desapareceu entre a espessa folhagem. Apesar de que morreria antes de confessar isso, o coração de Tori Dearbourne pulsava aterrorizado à medida que cruzava a selva cheia abrindo caminho com os braços, como se nadasse entre as ondas do oceano. Podia ouvir os marinheiros, suas vozes e suas risadas, e sabia que estavam aproximando-se. Estremeceu assustada. Eram como os do último navio que se deteve na ilha. Não, ao menos esses tinham fingido serem seus amigos, seus salvadores, antes de atacá-la. Os de agora, em troca, como esse enorme gigante de olhos ferozes, nem sequer esperaram chegar em terra firme para equilibrar-se sobre ela como um leão e lhe rasgar a roupa.

Estava assustada e preocupada. Ela não podia permitir-se ter medo, e Deus sabia que a essas alturas nada deveria atemorizá-la. O destino lhe havia feito tantas desfeitas que teria que estar acostumada.

Ao menos, essa vez conseguira ocultar o que sentia; ao contrário, gritara ao gigante que se voltasse a se aproximar teria seu castigo. Lhe advertira que o faria cair por um precipício. Pela enésima vez disse a si mesma que ele obedeceria.

Aquela manhã, seus planos consistiam em ir revisar as armadilhas que tinha na margem. Uma tarefa singela e rotineira. Aproximaria do mar e retornaria em seguida, protegida do sol pelas palmeiras, como também ficava protegida da chuva. Não contava encontrar-se com ninguém, não depois de tantos anos...

O retrocesso de um ramo lhe golpeou na coxa e a dor que sentiu a tirou de seu devaneio. Baixou a vista e viu a quantidade de sangue que emanava da ferida, manchando assim o que ficava de sua saia branca. *Maldição!* Tencionava remendá-la, mas o velho tecido não aguentaria outra lavada.

Obrigou-se a diminuir o passo e olhou para trás. Ela sabia de sobra que não devia deixar um rastro tão fácil de seguir como o que estava deixando; ramos quebrados e inclusive sangue. Respirou fundo para acalmar-se e deu meia volta para dissimular sua pista, logo retomou o caminho pisando em cima das pequenas folhas caídas. Dez minutos mais tarde, chegou na beirada da colina onde um montão de ramos de bananeira serviam de porta de entrada a seu lar.

— Homens! — gritou Tori ao passar ao outro lado. Homens e um navio!

Agachou-se e tentou recuperar a tranquilidade. Olhou-se e viu que tinha os pés e os tornozelos cobertos de barro...

— Cammy? — chamou. Ninguém respondeu. — Cammy? — Insistiu. Nada.

Sua cabana, que se erguia no alto de uma velha árvore, permanecia em silêncio. Deus,



Cammy precisava estar ali. Quantas vezes lhe dissera que ficasse no acampamento?

Cammy estava perdendo a memória a uma velocidade alarmante e talvez tivesse se esquecido de como retornar.

Vitória correu para a escada improvisada de bambu e subiu as travessas de dois em dois. Ao chegar, correu a cortina, feita com um pedaço de vela, e olhou dentro. Nada. Voltou a olhar para assegurar-se de que não estava equivocada. E se dessa vez Cammy tivesse chegado até a praia?

Só havia dois caminhos de volta até ali; o primeiro estava escondido, e o segundo era quase impossível de encontrar. Tori utilizara o segundo, assim precisava ir inspecionar o quanto antes o primeiro. Avançara só uns metros quando encontrou Cammy apoiada em uma árvore; tinha a respiração entrecortada, a pele cor de cera e os lábios gretados.

Sacudiu-a pelo ombro e, depois de uns segundos, Cammy abriu os olhos e piscou.

— Onde está seu chapéu, Tory? Tomaste o sol?

O alívio foi quase evidente. Que Cammy brigasse era muito melhor que vê-la com os olhos fechados, como se estivesse morta.

— Com essa pele tão branca, o mais inteligente seria que... — Ao ver a coxa ensanguentada de Tori e sua saia rasgada se deteve. — Pode se saber o que aconteceu esta vez?

— Homens. Um navio. Um gigante me perseguiu e me rasgou a saia. Perdi o chapéu.

Cammy sorriu, mas o sorriso não alcançou seu olhar.

— Nunca será muito cuidadosa, não é assim, querida? — perguntou aturdida.

Aturdida. Sim, talvez essa era a melhor maneira de descrever como estava Cammy. Antes, fora uma mulher vital, tão vital e cheia de vida como sua ruiva juba, e com uma aguda inteligência. Mas agora parecia uma flor murcha, e sua mente se acendia e apagava sem nenhum motivo aparente.

Tori contou até cinco. Às vezes, quando via Cammy assim, dava vontade de sacudi-la.

— Ouviu o que disse? Não estamos sozinhas.

Justo quando Vitória estava a ponto de assumir que Cammy jamais entenderia o que estava lhe dizendo, esta lhe perguntou:

— Que aspecto tinham?

— O que me perseguiu tinha o olhar mais frio e penetrante que vi. Tive que fazê-lo cair pela ravina para me desfazer dele.

— Pela ravina? — perguntou. — Teria gostado de ver isso. Ao recordar a cena, Tori franziu o cenho e disse para si mesmo: — É certo isso que dizem de que quanto maior mais dura é a queda. — Sacudiu a cabeça. — Os outros estavam cortando os ramos, preparando-se para entrar na selva.

— Marinheiros na ilha. — Cammy tremeu assustada. — A história se repete.

Ao notar que as aves que havia a seu redor deixavam de cantar, ambas ficaram em silêncio.

— Temos que retornar ao acampamento — sussurrou Tori.

— Eu só serei uma carga. Vá na frente, te seguirei em seguida.

— Claro, isso é exatamente o que tenho intenção de fazer — respondeu a garota enquanto colocava um braço por debaixo do ombro de Cammy para ajudá-la a levantar-se. Depois de uns dolorosos e lentos minutos, iniciaram a marcha. Ao enxergar os primeiros relances de sua casa,



Tori tentou imaginar o que pensaria um estranho ao vê-la. Era difícil imaginar uns desconhecidos passeando por ali, mas se alguém pudesse ver o que construíram com suas mãos deixaria claro o muito que lutaram por sobreviver. Sabia que isso não dizia nada bom dela, mas morria de vontades de que alguém visse quanto trabalharam. Com certeza Cammy lhe diria que esse seu orgulho seria sua perdição.

Tori não acreditava nisso. A essa altura já deveriam ter sucumbido. O destino e as forças da natureza lhes trouxeram desafio após desafio, e elas conseguiram superar todas e cada uma das provas. Sobreviveram, e seguiriam fazendo-o. Não, não haveria nenhuma perdição. Tori franziu o cenho. Cammy lhe havia dito um montão de vezes que era muito orgulhosa, e, ao parecer, também era arrogante.

Mas e daí? A arrogância era muito mais útil que o medo.

— Que direção seguiram? — perguntou Cammy.

— Não importa — respondeu a jovem sorrindo. — Asseguro que é a equivocada.

Capítulo 2

Grant foi coxeando até a margem onde começava a selva e sua tripulação lhe esperava. Apertava os dentes para reprimir a dor e com uma mão segurava o ombro contrário pressionando assim também o peito. Estava empapado, e tinha a testa banhada em suor, que, junto com o sal que impregnava sua pele, entrava em seus olhos fazendo com que ardessem.

Aniquilado. Assim era exatamente como se sentia; ficou aniquilado. Um monte de coisas lhe passaram pela cabeça. Por que Vitória fugira? E, o que era mais importante, por que ela o açoitara como um cão enlouquecido atrás de uma carruagem? E por que estava tão seguro de que voltaria a fazer se fosse necessário?

— Grant, ao que parece topou com a garota equivocada — burlou-se Ian. — Um a zero para Vitória. Ou talvez não — acrescentou, ao ver o pedaço de tecido empapado que Sutherland ainda segurava entre os dedos.

Este se ruborizou, e quase arrancou das mãos do Dooley sua esteira para guardar nele o pequeno pedaço de saia.

— Felicidade capitão, encontrou uma sobrevivente! — exclamou o contramestre enquanto em seu enrugado rosto aparecia um sorriso. Sabia que o conseguiria.

Grant não tinha nem ideia de onde Dooley tirava tanta confiança em sua pessoa.

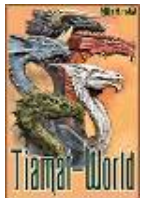
Ian olhou a seu primo de relance.

— Supunha-se que o mais difícil seria encontrá-la, não convencê-la de que viesse conosco.

Sutherland o fulminou com o olhar e logo gritou à tripulação:

— Vão procurar provisões. Só para uma noite. E reúnam tanta comida quanto puderem para a viagem de volta.

Embora Dooley estivesse encantado de ter algo que fazer, o resto de seus homens, pela



primeira vez em muito tempo, duvidaram se deviam lhe obedecer. Sempre o olhavam assustados, mas esta vez estavam também confusos. Seu perenemente inexpressivo capitão, fiel seguidor da lógica, perseguira a uma garota como um louco.

Grant decidiu intervir:

— Se movam — disse com um tom carente de toda emoção. — Agora.

Ao vê-los saírem disparados em todas as direções teve que morder os lábios para não rir. Aqueles homens temiam mais sua fria calma que os ataques de ira de seu irmão Derek. Ao serem tão escandalosos e selvagens, não entendiam que existisse alguém que se comportasse como ele fazia. Tinham a teoria de que, cedo ou tarde, uma pessoa tão fria como Grant acabaria por... explodir. Das águas mansas me libere Deus, que das bravas me livro eu, tinha-os ouvido sussurrar uns aos outros em sinal de advertência.

— Um dia destes se darão conta de que em realidade é macio como um miolo de pão — comentou Ian sarcástico. — O que fará então?

— Me retirarei. — Sutherland tirou a calça gotejante e a camisa destroçada, e procurou uma muda seca em sua esteira. Depois de se trocar, foi em busca de seu primo, que estava equipando-se com um facão e um cantil. — Ao que parece você acredita que vai me acompanhar. Deixa que lhe explique isso, isto é a selva. Não há bares, nem bebida, nem mulheres adequadas para seu... sofisticado paladar.

— Entendo, capitão — respondeu o outro pendurando o cantil no ombro. — Mas mesmo assim quero ir. Sim, está claro, não te incomoda que vá tão desarrumado — acrescentou, burlando-se de uma vez em que Grant mandou um marinheiro de volta ao navio por não levar a camisa dentro das calças.

— Você inteiro me incomoda.

Ian sorriu satisfeito e se dirigiu para a selva.

Sutherland procurou também um cantil e um facão para ele e, depois de respirar fundo, tentou armar-se de paciência. Enquanto seguia a seu primo, fez esforços por recordar que o jovem tinha somente vinte e seis anos. E logo se perguntou como reagiria o menino ante as adversidades.

— Bom, o que estamos procurando? — perguntou Ian.

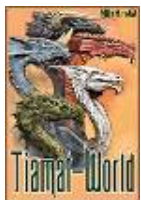
— Um rastro, pisadas, restos de fogueira. Qualquer coisa — respondeu Grant secamente confiando que assim o outro desse por terminada a conversa. Não queria falar, queria pensar no que ocorrera e tentar entender o comportamento mais raro que teve em toda sua vida. Sacudiu a cabeça, ainda lhe custava acreditar que tivesse encontrado a Vitória Dearbourne, e que ela fosse uma selvagem.

Aniquilado. Estupefato, enganado e derrubado, literalmente, por uma garota.

Grant não gostava das surpresas, sobre tudo porque não sabia reagir ante elas. Solto o fôlego. "se concentre no que tem que fazer, Grant." Coisa que na realidade era bastante singela: conseguir que Vitória subisse em seu navio.

— Acredita que é uma ilha deserta? — inquiriu Ian.

— Não tenho nem ideia — respondeu ele. É maior que as anteriores. Bem poderia haver



aqui um povoado.

O jovem diminuiu o passo e deu meia volta com expressão séria.

— Grant, já sabe que jamais te criticaria diante da tripulação...

— Sim, o faria.

Ian sacudiu a mão para tirar a importância do tema.

— Isso não tem importância. O que te aconteceu antes? Nunca tinha te visto comportar assim. Foi como se estivesse possuído.

Apesar de que sabia que o menino tinha razão, franziu o cenho.

Ele jamais fizera nada sem pensar, jamais atuava sem sopesar antes todas as consequências.

— Levava muitos anos esperando este momento. — Nem ele mesmo acreditava nessa explicação. Sabia que realmente havia se sentido como possuído. Pela primeira vez em muitíssimo tempo os impulsos o dominaram e reagira sem pensar — Se ela não tivesse fugido, eu não a teria perseguido.

Ian o olhou suspeito.

— Talvez se parece com seus irmãos mais do que acredita. Grant esticou todo o corpo.

— Eu não me pareço em nada a meus irmãos. Sou sério, respeitável...

— Sei, sei — interrompeu seu discurso listando suas diferenças. — Seu autocontrole e sua força de vontade são legendários. — Inclinou a cabeça. — Mas talvez a tripulação tenha razão, e o que de verdade te pesa é que conseguiste reprimir qualquer tipo de paixão.

Sutherland diminuiu o passo.

— Acaso acreditam que sou feito de pedra?

— De algo pior, mas não penso lhe dizer isso.

— Então se cale, Ian. — E furioso, empreendeu de novo a marcha.

— De uma coisa estou certo — prosseguiu o jovem alcançando-o, — hoje não parecia feito de pedra. E o outro o olhou resignado: — E isso o que significa?

— Porque hoje vi que ainda é humano. Pela primeira vez não te guiaste só pela fria lógica, e talvez seja mérito dessa garota.

— É mérito da fortuna que vou obter por havê-la encontrado. Que seja uma garota é só pura coincidência.

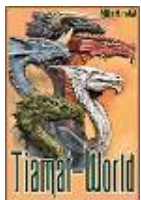
— E também que seja uma beleza? — Arqueou as sobrancelhas. — Bom, o que está claro é que a assustaste. Não pode dizer que você seja precisamente pequeno, Grant. Sim, acredito que agora mesmo está deitada como um novelo e chorando, escondida em algum lugar. — Estalou a língua — Se há algo que não herdaste do ramo Sutherland é o tato para tratar às mulheres.

Grant estava tão furioso que soltava fumaça pelas orelhas.

Como de costume, Ian o estava provocando. E, como de costume, ele controlou seu mau humor. A personalidade volátil e impulsiva do menino era completamente oposta à sua, e se fosse outra pessoa,

com certeza a essas alturas já teriam se atracado.

Ian decidira unir-se à expedição minutos antes de zarpar de Londres sem que ninguém o houvesse convidado. E pela enésima vez, Grant se arrependeu então de ter se deixado convencer



por seu inútil primo. Soltou um par de palavras e desviou o olhar para o menino, que estava comendo um plátano e olhando embevecido para alguns pássaros. Apesar de todos seus defeitos, de ter um dom inato para fazê-lo zangar, de sua não disposição ao trabalho, de seu... Sutherland se deteve um instante e reconheceu que, apesar de tudo isso, Ian era como um irmão. Se Grant pudesse voltar atrás, voltaria a cometer o mesmo engano e permitiria que o acompanhasse naquela viagem.

No dia em que zarparam, o jovem, com os olhos muito abertos, não perdeu nem um detalhe enquanto o Keveral deixava o porto para trás.

Grant estava reprimindo sua vontade de recordar ao Ian sua condição de marinheiro de água doce quando seu primo estalou os dedos.

— Acabo de me dar conta de uma coisa; que tenhamos encontrado à garota significa que seu avô não está louco.

— Há quem nunca tenha acreditado que o estivesse. - Essa resposta era só uma verdade pela metade. Sutherland mesmo se questionou em alguma ocasião a saúde mental do avô de Vitória. Edward Dearbourne, o velho conde do Belmont, era, para a maioria da alta sociedade londrina, um louco. E como podia chamar um homem que, depois de tantos anos, seguia teimando em procurar a sua família? E isso apesar de todas as expedições que retornaram do Pacífico Sul com as mãos vazias.

Agora Grant sabia o que era sem dúvida alguma: um homem persistente e oportuno.

Ao menos em relação a Vitória. O capitão ainda recordava o dia em que conheceu o conde. Os olhos enrugados do Belmont encheram de lágrimas ao lhe contar a história do naufrágio de sua família. Incomodado ante tal desdobramento de emoções, Sutherland se limitara a consolá-lo com as típicas frases: "Os três se foram. O melhor é resignar-se e seguir adiante. Agora estão em um lugar melhor".

Mas apesar do que ditava o senso comum, o ancião seguia acreditando que estavam vivos. Grant franziu o cenho. Contra toda lógica, o homem seguia acreditando.

Negou com a cabeça ao recordar. A intuição do conde, o sentimento que lhe roia as vísceras e lhe dizia que sua família ainda estava viva não era o que lhe deram esperanças. Grant sabia que seguira acreditando assim porque a alternativa era insuportável...

— Imagina a cara que porá o conde quando retornarmos com Vitória. Deus, a cara que porá todo mundo. - O normalmente lânguido olhar de Ian brilhava de excitação.

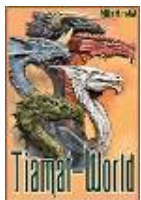
— E eu que estava convencido de que aceitamos uma missão absurda.

— "Aceitamos"?

Seu primo o olhou ofendido.

— Você e eu. Isso o converte em "aceitamos", equivoco-me? — Grant o olhou sem responder e seguiu caminhando. Durante as três horas seguintes, percorreram muito terreno, até que um ramo lhe fez um corte na suada mão com que segurava o escorregadio cabo de seu facão. Chiou entre dentes. Ao ouvir seu primo aproximando-se, deteve-se, apoiou a ensanguentada mão no tronco de uma árvore e, fatigado, recostou-se nele.

O interior daquela ilha era como um forno; não soprava nenhuma fibra de ar. O barro e as



árvores caídas formavam um amálgama no chão, faminto por sugar qualquer tronco que afundasse nele. Sutherland bebeu um pouco de água e quase engasgou. Repassou seu corpo para fazer inventário; estava cheio de lacerações, tinha as mãos cobertas de cortes e em seu peito brilhavam uma multidão de chicotadas ensanguentadas.

— Grant, isto não é uma corrida — ofegou Ian alcançando-o. — Acaso pretende atravessar toda a ilha em uma tarde?

Ele não tencionava compadecer-se do jovem.

— Adverti-lhe isso.

— Não imaginei que ia ser assim de... — Desviou o olhar sem acabar a frase. Quase não me sustentam as pernas. Maldito seja. É como se não tivesse pernas!

Deixou ao Ian perguntando-se se ainda tinha extremidades inferiores e, ignorando seu próprio sofrimento, seguiu adiante.

— Vá mais devagar, Grant — suplicou o outro.

Sutherland se deteve e o olhou.

— Se não me seguir, deixo-te. Espero que tenha marcado o caminho de volta.

O olhar que o menino lhe lançou através dos ramos enredados, foi de pânico.

— Não, não o marquei. Acreditava que você o fazia. Assim estavam acostumados a funcionar as coisas entre eles.

— Então, mais te vale me seguir — afirmou ele prosseguindo a marcha. Encontrara a Vitória e estava a ponto de obter seu objetivo, mas a verdade era que queria assegurar-se de que a moça estava bem. Sob seu ponto de vista, agora ela estava sob seu amparo. Pelo que sabia, podia ser uma jovem a mercê dos elementos, em meio de uma ilha repleta de homens.

À medida que passavam as horas, sua fúria ia desvanecendo-se e, só de pensar no modo em que a perseguira, a culpabilidade ia ganhando terreno. A única desculpa que encontrava para justificar sua atitude era o que se passou sete meses, sete meses atrás. E até agora, precisava fechar os punhos ante a raiva que sentia ao pensar que lhe escorrera entre os dedos. Nesse instante, recordou a cara de Vitória. O olhar confuso que viu em seu rosto. Ele não pretendia assustá-la, mas isso era precisamente o que conseguira.

A garota já passara por suficientes maus momentos; anos inteiros sem as comodidades e os luxos da civilização e, com toda segurança, devia ter perdido a seus pais. Pois claro que estava assustada. Grant quase conseguia entender que o houvesse feito cair por aquela ravina. O que não podia justificar entretanto era que o tivesse golpeado com um tronco nem que se burlou dele; claro que talvez só o fizera para fingir uma coragem que não sentia.

Os dois homens seguiram procurando até que a lua mostrou seu terceiro quarto, e logo retornaram esgotados à praia. Ante o olhar curioso de sua tripulação, Grant lhes informou:

— Amanhã a encontraremos. — Disse convencido, com autoridade, mas nem ele mesmo acreditava.

Quando Dooley aproximou para lhe oferecer uma taça de café Grant se sentou e, sem pensar, começou a beber. Mas passado uns segundos, inclusive essa insignificante tarefa lhe era muito difícil. Estava cansado até para beber, de modo que esvaziou o que restava de café na areia



e fez provisão de todas suas forças para alcançar sua esteira.

Colocou seu saco de dormir sob umas árvores e tombou, mas apesar de que todos caíram dormidos, quase imediatamente, ele ficou acordado, olhando as estrelas e sopesando o giro tão inesperado que acabava de dar sua vida. Acabava de ganhar a recompensa que Belmont devotara a quem finalizasse a busca com êxito: sua casa, o último bem que restava ao homem. Quando o conde morresse, Grant se converteria no legítimo proprietário da decrepita mansão Belmont. Por fim teria um lar, um lugar que poderia considerar dele.

Mas para ele, essa busca teve muito mais motivação que essa. O avô de Vitória, com seus olhos tristes, cheios de solidão, o convencera de que sua família estava viva.

Grant nunca havia se sentido especialmente heroico, mas se essa família sobrevivera, ele queria salvá-la. Agora estava a ponto de consegui-lo, no mínimo, com Vitória. A garota não morrerá. De algum modo conseguira sair adiante. Mas talvez já não pudesse seguir fazendo-o. Precisava salvá-la, apesar dela se fosse preciso.

— Te ocorreu algo? — perguntou Cammy, dando uma última dentada a seu plátano¹ e, depois de golpear-se satisfeita o estômago, deu por finalizado o café da manhã...

Não era de estranhar que seguisse perdendo peso, pensou Tori.

Por debaixo da pele podiam distinguir-se perfeitamente os ossos dos pulsos e a clavícula, e tinha as maçãs do rosto muito marcadas.

Decidida a fazer que comesse um pouco mais, cruzou a cabana. As pranchas do chão rangeram sob seus pés, mas sem chegar a ceder.

— Muitas coisas. Mas nenhuma viável. Não me ocorre uma maneira de subir a esse navio e deixá-los em terra.

— Que ideia tão maravilhosa!

Tori olhou Cammy temerosa e viu que, por sorte, estava brincando.

— Precisamos averiguar mais coisas sobre eles.

— Sim, talvez os outros sejam boas pessoas. E se o homem que te perseguiu era um... bêbado?

A garota sacudiu a cabeça.

— Não, estava completamente sóbrio.

— Um louco, então?

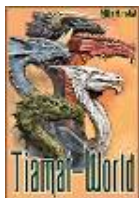
Tori ia negar também, mas então se recordou de seus olhos.

Apesar de ser frios como o mar azul, neles havia algo... feroz.

— Se assim fosse, por que iriam mandá-lo avançar?

— Talvez porque no navio já não pudessem suportá-lo. Ou porque tivessem intenções de deixá-lo abandonado na ilha — sugeriu Cammy. — Pode ser que lhe tenha feito um favor!

¹ Os plátanos são cultivados já há muitos anos como árvores de parques e arruamentos, as quais são nativas da Eurásia e América do Norte. No geral, são árvores de interesse ornamental, podendo atingir mais de 30 metros de altura. Possuem folhas semelhantes às da bandeira do Canadá.



A jovem se sentou no chão coberto de palha e cruzou as pernas.

— Suponho que tudo é possível — comentou. — Enfim, voltamos a nos encontrar na mesma situação.

— O que podemos fazer? Nos arriscamos a que nos deixem aqui, ou a que nos sequestram com fins nefastos?

Tori deu de ombros. Que situação tão delicada. Se equivocavam-se...

— Se tivesse visto uma mulher a bordo, ou inclusive a um menino, me aproximaria deles muito mais tranquila.

— Me conformaria se tivesse visto um capelão — disse a outra.

Vitória assentiu.

— Suponho que terei que me aproximar de novo. Talvez o melhor seja que vá até a praia.

— Por que não fica aqui e utiliza esse traste? — propôs Cammy mostrando a luneta que havia em um canto da cabana.

A garota percorreu com a vista o velho artefato.

— Esse montão de sucata? O cristal está partido pela metade.

Cammy apertou os lábios.

— Bom, isso não fará que veja pior, só que veja dobrado.

— Agora é impossível que nos encontrem aqui em cima, mas se uso isso, o cristal pode lançar alguns reflexos — objetou Tori. — E se eu posso vê-los, eles poderão nos ver.

— Espere até que as nuvens cubram o céu e se esconda entre os arbustos — respondeu a outra dando o tema por concluído. — E vê com cuidado.

A moça suspirou.

— Cammy, você fique aqui.

Minutos mais tarde, Vitória se arrastava sobre seu estômago, luneta em mão, e amaldiçoando a lucidez que, para variar, invadira Cammy.

Colocou o aparelho quebrado em frente a ela, procurando o ângulo adequado, e logo, apoiada na palma de sua mão, esperou durante o que lhe pareceu horas a que passasse uma nuvem. A nimbo² em questão se aproximava devagar, como obedecendo a alguém que o estivesse chamando com um tímido gesto da mão. Quando por fim cobriu o sol, Tori enfocou a luneta, resignada a ver dobrado o que fosse que visse...

Durante todo o momento que a nuvem ocultou ao sol, não distinguiu nenhuma saia ondeando em coberta, nenhum menino jogando nela, e nem sequer o triste hábito negro de um sacerdote, nada...exceto um par de marinheiros.

Deu um nó no estômago. Ela sabia de sobra do que eram capazes os homens do mar... arrastou-se sigilosa e retornou ao acampamento muito confusa. Ao chegar, viu que Cammy havia dormido em uma rede, balançada pelo vaivém da brisa marinha.

— Boa tarde, Tori — saudou-a Cammy bocejando. — Pescaste algo?

² Espessas camadas de nuvens cinzentas-escuras, que tapam por completo a Lua ou o Sol. Resultam sempre em chuvas ou neve contínuas.



"Um, dois, três, quatro, cinco..."

— Fui em missão de reconhecimento, lembra-te?

A outra abriu os olhos como pratos, mas tentou ocultar sua surpresa...

— Claro que me lembro! — Se sentou, segura de seus movimentos. — Estava te tirando o sarro.

Vitória entrecerrou os olhos.

— Sua memória piorou? — Cammy suspirou.

— E como quer que saiba? Proponho-me a me concentrar nisso, mas logo me esqueço de fazê-lo...

Tempo atrás, Cammy comparou esses episódios de perda de memória com a sensação que se tem quando se é acordada; como de desorientação. E; segundo ela, não tinham maior importância. Frequentemente, atribuía-os a uma comida em mal estado ou a um insignificante mal-estar.

— Tori, não se faça de misteriosa...

— Não vi nada do que queria ver. Não entendo, os capitães e os contramestres costumam viajar com suas famílias.

— Talvez estivessem dentro.

A garota sacudiu a cabeça.

— Em um dia como hoje, os camarotes são como um forno.

— Teriam estado sob o toldo.

— Que bandeira ondeia no mastro?

— A da Grã-Bretanha. Mas a nacionalidade não era um dado muito tranquilizador. A última tripulação que se deteve na ilha tinha navegado também com essa bandeira. E Grã-Bretanha, igual a muitas outras nações, era famosa por empregar sentenciados em seus navios.

Vitória se sentou em um tronco.

— Estava pensando nisso que disse ontem de que talvez os outros marinheiros sejam boas pessoas.

— Quer dizer que talvez não o sejam?

A jovem assentiu.

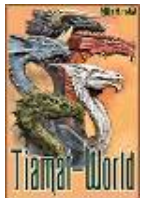
— Tenho medo de que nossas ânsias por ser resgatadas nos façam ver neles virtudes das que carecem. Repasemos os fatos: esse gigante me perseguiu e me manuseou. Só vi a marinheiros. Não ouvi nenhum que tentasse deter o tipo que saiu atrás de mim. Não, mais parecia que achavam graça. E não o chamaram de retorno ao navio.

A expressão de Cammy deixou claro o que pensava daqueles homens:

— Acaso não aprendemos a lição? Eu diria que aprendemos às más, e já nos aconteceram muitas desgraças.

— Mas talvez tenham medicamentos — objetou Vitória.

— E o que acredita que quererão em troca? — Cammy esfregou sua testa, empapada de suor. — Me perdoe, Tori. Esta enfermidade me faz ter mau caráter. Mas você sabe que estes marinheiros podem ser como os anteriores. — Fez uma careta de asco — Ou como os do



Serendipity cujas roupas empestavam à ferrugem que utilizavam para lavá-las. Ao menos aqui está a salvo. — Baixou a voz até convertê-la em um murmúrio. — E, em todo caso, eu não te serviria de grande ajuda. Não sei se terei forças para... para fazer o necessário. — rodeou-se a si mesmo com seus magros braços.

A jovem desviou a vista para o chão. Jamais pediria a Cammy que voltasse a sacrificar-se como o fez. E Deus sabia que essa vez tampouco o pedira. Quando levantou o olhar de novo, tentou sem êxito manter-se impassível.

— OH, Tori! Seus olhos são tão expressivos, é como se pudesse ler sua mente. Sei que quer, que necessita, enfrentá-los.

Vitória se aproximou.

— Eu acredito que o que temos que fazer é averiguar que tipo de homens são. E se forem boas pessoas? Talvez sejam uns cavalheiros ingleses. Se assim for, homens de honra não abandonariam jamais a uma dama em apuros. Jamais.

Cammy arqueou uma ruiva sobrancelha com interesse.

— Em troca, se forem uns rufiões, se irão em seguida. Eu gosto da ideia. Se conseguimos jogá-los, sinal de que não eram os homens que nos convinham. — Ao ver que Tori assentia, perguntou: — Está segura de que não lhe apanharão?

— Ninguém pode me apanhar — presumiu ela.

— Antes já cometemos esse engano.

— Agora sou mais velha — ergueu os ombros, — e mais rápida.

— No que pensaste?

— Lembra-se dessa planta que nos fez vomitar durante dias? — Tori deu uns leves golpes na sua face. — Acredito que vou animar lhes um pouquinho a comida.

Cammy rodeou o estômago só de lembrar.

— Como me esquecer disso. Passei uma semana inteira desejando morrer.

Vitória despertou de repente e se sentou; em sua mente ainda podia ouvir o ranger das pranchas do Serendipity rompendo-se.

Levantou as mãos e as deteve justo antes de tampar os ouvidos. Com certeza jamais poderia esquecer os estalos da madeira estilhaçando-se. Jamais poderia esquecer a força necessária para quebrar aquelas vigas. Levou as mãos aos olhos e secou as lágrimas. Ainda não amanhecera e Cammy seguia dormindo.

Fazia anos que não tinha esse pesadelo, mas agora já levava despertando-a dois dias seguidos. Sempre tratou de ocultar a sua amiga o medo que tinha dos navios, mas sabia que não conseguiu. O dia em que assumiram que jamais seriam resgatadas, Cammy lhe disse:

— Olha pelo lado bom. Assim nunca mais terá medo de voltar a naufragar.

Tori acreditou que estava lhe tirando o sarro, mas viu que o dizia a sério.

E agora, ali estavam, com um navio ancorado na margem. A jovem estremeceu e se aconchegou na colcha de patchwork antes de abrir os olhos. Tinha trabalho para fazer.

Vestiu-se e se aproximou do acampamento dos marinheiros enquanto o céu seguia ainda coberto por uma espessa neblina, por isso pôde levar a cabo sua missão sem ser descoberta. Abriu



com sigilo um barril atrás do outro até dar com o que continha a aveia, que era a base da alimentação dos marinheiros. Jogou dentro uma generosa porção de musgo e o mexeu bem com as mãos. Voltou a tampá-lo e, depois de limpar as mãos, retornou para os matagais. Ficou ali, observando como aqueles homens despertavam e começavam a preparar-se para enfrentar o dia. Sorriu ao ver que alguns se dispunham a tomar o café da manhã.

O gigante despertou no mesmo tempo que os outros, mas ele dormia afastado do resto. Ao vê-lo de perto, Tori confirmou o que já sabia; era o homem mais alto que já vira. E com aqueles ombros e aquele torso, era também o mais largo.

No dia anterior se perguntou se seria um bêbado, um louco ou, que Deus não quisesse, o capitão. Mas agora estava certa. Todo ele emanava autoridade; o modo em que erguia os ombros, o queixo erguido. Olhava ao resto como se estivesse convencido de que, cedo ou tarde, fossem cometer um engano e provocar assim sua ira. E ao seu redor, via os marinheiros se comportarem temerosos.

Em vez de tomar o café da manhã com eles, o gigante disse algo a um nervoso homenzinho e logo, depois de agarrar uma esteira de couro e um facão, dirigiu-se para as cascatas. Vitória ia ali para banhar-se diariamente, mas supôs que ele teria primeiro que cortar alguns ramos para poder acessar ao pequeno riacho...

"E por que não come?" A garota franziu o cenho e o seguiu por volta de um de seus lugares preferidos da ilha. Parecia uma parte do paraíso, com sua água cristalina e as escuras rochas a seu redor. E duas cascatas caindo sobre o lago.

Tori abriu os olhos atônita. O gigante estava desabotoando a camisa. Ia banhar-se? Deus santo, ia... banhar-se. Mordeu seu lábio, e esteve tentada a ficar. E por que não? Era sua ilha. Posso olhar! Era ele que estava onde não devia. Tirou uma bota. Além disso, ela necessitava, necessitava com todas suas forças, distrair-se. Antes que eles aparecessem, sua vida era completamente rotineira; trabalho, trabalho, esquivar a morte, trabalho. "Humm. Está em excelente forma, apesar de ser tão enorme."

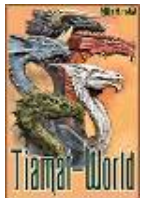
Quando por fim decidiu que merecia contemplar aquele homem nu, não pôde evitar sorrir. Mas quando chegou o momento das calças, o gigante deu meia volta, e a única coisa que ela pôde ver foi suas costas. A única coisa? Foi suficiente para lhe acelerar o coração. Tinha os ombros largos e bem desenhados e todos seus músculos estavam em perfeita harmonia. Vitória teve que controlar um suspiro de resignação quando ele se meteu na água.

Enquanto a jovem seguia embevecida observando-o, Grant nadou para frente e para trás em uma tentativa de aliviar sua dor nas costas. Por fim, aproximou-se da cascata e se deteve para sacudir o cabelo. "Com certeza não demorará a sair da água, e poderei vê-lo nu", pensou ela. Mas quando o homem ao fim o fez Vitória desviou o olhar para seu rosto, evitando assim fixá-la em outras partes de sua anatomia.

Era tão grande. E estava tão, tão... nu.

E justo quando disse a si mesmo que estava se comportando como uma parva, ele agarrou uma enorme toalha e se cobriu da cintura para baixo.

Tori contemplou como secava o torso, e se deu conta de que não esfregava com tanta força



a zona em que lhe golpeará. Tinha o estômago duro e liso e, ao ver como se ondulavam os músculos dessa zona cada vez que se movia, lhe fez um nó na garganta. Era fascinante. Por debaixo do umbigo lhe nascia um caminho de pelo negro que assinalava... Deus, morria de vontade de descobrir, mas a maldita toalha o impedia. Jamais havia se sentido tão frustrada, nem tão ansiosa por nada. Apertava com força as folhas que tinha a seu redor. "Move a toalha. Solta-a, faz. Solta-a!"

E a soltou.

Então ela ficou boquiaberta e sem respiração. Um impressionante calor lhe percorreu o peito até chegar a seu pescoço. Já vira antes a homens nus; muitas das tribos que de pequena visitara com sua família eram enormemente desinibidas, mas naquela época ela era uma menina e aquela nudez só lhe provocara risada. Mas agora, ao ver esse homem, ficou petrificada e ansiosa.

Era forte, musculoso e ao mesmo tempo fino. Perfeito. Acertara ao dizer que era... enorme. Vitória era tão incapaz de afastar o olhar como de deixar de respirar. E ao pensar nisso se deu conta de que não o estava fazendo; respirar. Quando o fez, sentiu vergonha ao ouvir a profundidade de seu suspiro.

Ele também o ouviu, e de repente levantou a vista para onde ela estava. Era impossível que a tivesse visto, mas seu coração pulsava alucinado. Ficou de pé de um salto e pôs-se a correr como se um exército a perseguisse.

Capítulo 3

Grant suspeitava que alguém havia lhe observado enquanto se banhava.

Sim, havia um montão de ramos quebrado junto à cascata, e embora pudesse ser obra de um animal, estava convencido de que não era assim. Quando retornou ao acampamento e encontrou seus homens vomitando entre os arbustos soube que tinha razão. Ian despertou e observou atônito a cena enquanto soltava um último bocejo.

— Dois a zero para Vitória.

Ele chegou à mesma conclusão. Era obra dela. Apertou os dentes. Se essa garota pretendia travar uma batalha de engenho com ele, conseguira.

Boa maneira de começar o dia; furioso, esgotado e tendo sido espiado nu pelos olhos de uma jovem. Mas ao pensar no muito que ele desejava poder fazer o mesmo ruborizou.

Ian se levantou por etapas.

— Acredito que há alguma parte do corpo que não me dói — comentou. — Embora ainda não sei qual é, acredito que cedo ou tarde descobrirei. Seu primo sabia a que se referia. Inclusive depois do banho, a cabeça lhe doía horrores. E estava convencido de que alguém lhe dera uma patada nas costas enquanto dormia.

Ian cruzou o acampamento com movimentos torpes e doloridos.

— Dooley, há algo que possa comer?



— Não senhor, ainda não. Não entendo. Tem que ter sido a água. Ou talvez a panela estivesse suja. — Dooley disse essa última frase com tal sentimento de culpabilidade, que Grant esteve tentado a lhe contar sua teoria. Entretanto, lembrou-se de uma história que sua cunhada lhe contara sobre o tempo que passou no navio de Derek. Duas dúzias de marinheiros a culpavam de ter envenenado a água do navio, e pediram a gritos que a pendurassem. Pelo bem de Vitória, Sutherland ia permitir que, de momento, Dooley carregasse essa responsabilidade.

— Vou contigo, Grant — anunciou Ian. O outro se limitou a olhá-lo.

— Quer saber por que? É porque estou faminto, e dado que aqui não posso fazer nada, o melhor será que te acompanhe.

Sem dizer nada, Grant colocou uma bolsa à costas, e ao fazê-lo não pôde evitar uma careta de dor. No dia anterior era tão pesada?

— Se te queixar igual a ontem, não me faço responsável por meus atos.

— Entendo. Não me queixarei igual a ontem — prometeu Ian ao entrar em marcha: — Queixarei um pouco menos, ou talvez um pouco mais.

Ao meio dia, com o sol já por cima dos mastros, Grant teve o pressentimento de que nesse dia iriam ter a mesma má sorte que no anterior. De fato, estava convencido de que Vitória estava burlando deles; que se aproximava para logo depois ficar inalcançável, e obrigá-los a percorrer caminhos cheios de espinhos, buracos e solavancos.

Ian deu um bofetão na sua face para matar uma mosca que ali pousara.

— Por todos os Santos, esta tinha consistência — balbuciou com asco — Sabe, agora entendo que os exploradores comparem a selva com uma mulher. É igual de difícil. E te trata com a mesma indiferença!

Seu primo não estava de acordo. A indiferença era preferível ao que estava passando. Aquela selva estava jogando com eles, asfixiava-os, protegia-os do sol, mas ao mesmo tempo impedia que seus raios os esquentassem. Grant não era explorador por natureza. Ele preferia dedicar sua energia a conseguir um lar tão cômodo e agradável do qual nunca quisesse partir. Permaneceria feliz em terra pelo resto de seus dias, se encontrasse o lugar adequado, claro. Acaso não era esse o objetivo daquela viagem? Poder reclamar a mansão Belmont como própria?

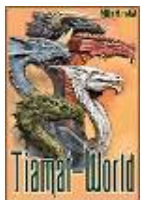
Topou de frente com uma enorme aranha e se deteve em seco.

Era maior que sua mão, e passeava tranquila pela teia que tecera. Grant se agachou, esquivando. Segundos mais tarde, ouviu os gritos de seu primo.

Ao dar meia volta, encontrou o jovem enredado na teia de aranha, com seu inquilino incorporado. Ian deu um passo para trás e levou o aracnídeo com ele. Gritou, sacudiu os braços e caiu entre uns troncos que também tinham caminhos duvidosos. Voltou a gritar e moveu os braços como um moinho de vento. Por fim se acalmou e caiu, coberto ainda pelos asquerosos tecidos. Sutherland se aproximou, e enquanto o outro tratava de recuperar a respiração, tirou-lhe de cima todos os insetos.

— Deus, Grant — disse esgotado. — por que não me disse que havia uma aranha?

— Media um palmo, viu que eu me esquivei, pensei que era impossível que não a visse. Além disso, evitaste muito bem aos outros insetos.



— Aos outros insetos? Não vi nenhum! — Ian mordeu a língua e colocou as mãos sobre a terra que havia junto a ele.

— Já tive bastante deste drama antediluviano! Escuta bem o que te digo. Estou farto de ti e de...

Grant desencapou o facão e o elevou. O menino abriu os olhos como pratos.

— Retiro o que disse! Retiro! Não estou me queixando!

Mas seu primo brandiu o facão e cortou uma folha que havia justo ao lado do quadril de Ian. Ali, oculta no chão, junto aos dedos do jovem, havia uma pegada.

— Como foi sua manhã? — perguntou Cammy ao ver Tori entrar. Estava sentada no chão, rodeada de folhas de palmeira, e com restos de uma delas ainda no cabelo.

— Esses marinheiros estão começando a desfrutar dos encantos da ilha — respondeu a outra sorrindo. Mas o sorriso murchou ao ver que Cammy lhe oferecia um chapéu recém feito com plumas, folhas e flores que logo acabariam no chão. Ela pode até ter gostado de fazê-lo, mas era óbvio que não nascera para chapeleira.

— E o gigante? Como reagiu?

— Por desgraça, jamais saberemos. Ele não comeu.

— Um bêbado lunático que não come?

Tori riu.

— De fato, acredito que é o capitão. Foi banhar-se enquanto os outros tomavam o café da manhã.

Cammy arqueou uma sobrancelha.

— Banhar-se?

Maldição! Mais lhe valia concentrar-se em ordenar as plumas por cores.

— Ao menos foi nessa direção — respondeu sem dar mais importância.

— Ah.

— OH, de acordo — admitiu, levantando a vista. — Eu o segui até as cascatas e fiquei espiando.

Os olhos de Cammy brilharam.

— Despiu-se de tudo?

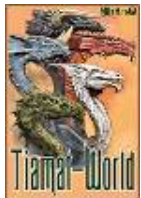
Tori mordeu o lábio e, ruborizada, assentiu com a cabeça. A outra suspirou e descansou o queixo na mão.

— É bonito?

Vitória se deteve um instante procurando os adjetivos para definir o que aquele bem desenhado corpo fizera a seu coração.

— É o homem mais bonito que vi em muitos anos.

— Em muitos anos? Vá, vejo que hoje está de muito bom humor. — Cammy cravou uma pluma amarela no chapéu para lhe dar o toque final. — Ao que parece, espiar homens nus melhora o caráter.



A jovem a fulminou com o olhar e se aproximou da fogueira. Revolveu um pouco as brasas e acrescentou a isca que tinha encontrado antes. Agachou e começou a soprar para assim reavivar as chamas.

— Tem fome?

Cammy deixou o chapéu de lado e se aproximou do fogo.

— Para variar, não — respondeu procurando ansiosa um pouco de calor. — Acaso tenho fome alguma vez? A única lembrança que tenho da sensação de ter apetite é como se escreve. — Franziu o cenho. — E acredito que até isso acabarei esquecendo.

Mordeu o lábio e se agachou para escrever "apetite" no pó.

Tori se obrigou a sorrir.

— Bom, pois esta noite terá. Encontrei um montão de batatas-doces.

Cammy fez uma careta de asco.

— Batatas-doces. Que bom.

Vitória suspirou e deixou as batatas-doces e o peixe mariposa que pescara na churrasqueira que improvisara. Começou a cozinhar esforçando-se em não sonhar com bolos, leite, guisado de carne e maçãs recém colhidas de uma árvore.

O rastro conduziu a ambos os homens para um caminho sinuoso que apontava a um outro caminho elevado. Ao chegar acima do mesmo, puderam ver um pequeno descampado de terra e Grant assobiou impressionado. Era o acampamento de Vitória, e deu meia volta devagar para estudar cada detalhe.

Havia duas redes feitas à mão balançando pela brisa, penduradas entre duas palmeiras. Uma fogueira em meio do descampado rodeada por pedras e restos de troncos, e uma estrutura com as raízes aéreas de uma árvore como base, e os muros, restos de velas de navio atadas com bambu. O teto, oblíquo, era formado por folhas entrelaçadas e havia também um alpendre feito com ramos de jasmim.

Tinha caráter de permanência. Era seu lar.

— Olhe isso — suspirou Ian. — Suponho que sobreviveu algum homem e construiu tudo isto.

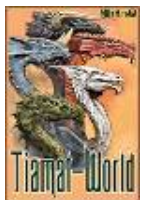
— Sem que sirva de precedente, estou de acordo contigo — conveyo seu primo deixando sua esteira no chão, junto à escada que servia de vigilância para o caminho. Ordenou-lhe assinalando-o com um dedo. — Não deixe que ninguém se aproxime.

— Tudo pela causa — respondeu o outro deitando em uma rede.

Grant subiu com cuidado as travessas da escada de bambu e comprovou que suportavam seu peso. Afastou o tecido que fazia as vezes de porta principal e entrou...

— Ouviu algo? — perguntou Tori olhando em todas as direções.

— Não, mas você ouve muito melhor que eu. — Cammy provou o chapéu e estudou seu reflexo no pedaço de espelho que ainda restava.



- Parecia ter ouvido umas pegadas.
 - Não acredito. É impossível que alguém nos encontre aqui.
- Vitória relaxou e, recostando-se de novo, colocou o braço a modo de travesseiro.
- Tem razão. Fomos muito precavidas.
 - Realmente era necessário ser tanto? — perguntou Cammy em voz alta.
- A jovem agarrou uma pluma e acariciou a ponta do nariz com ela.
- Uma raposa troca de toca constantemente — respondeu.
- A outra mordeu a língua e estudou as úmidas paredes rochosas que as rodeavam.
- Bom, eu sempre pensei que é mais satisfatório ser o caçador.

Vazia.

Havia tornado a escapar. Grant fechou os olhos um segundo tentando recuperar a calma, e quando voltou a abri-los viu que a habitação estava cheia de livros que pareciam ter sido lidos milhares de vezes. Muitos tinham as páginas marcadas, e em todos havia um montão de notas nas margens.

Um pente de madrepérola em cima de uma mesa captou sua atenção.

Atravessou a sala e se maravilhou ao ver que, apesar de seu peso, o chão não cedia o mínimo. Agarrou o pente e, ao acariciar seus dentes, viu que nelas tinham ficado uns poucos cabelos. À luz do sol pareciam quase brancos.

Em um canto, havia uma cesta com lençóis dobrados, e na outra um baú. Agachou frente a este e o abriu para inspecioná-lo. Dentro havia mais livros, e escondido entre uns tecidos encontrou um diário.

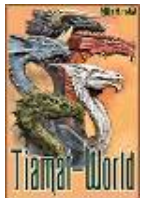
Diário de Vitória Anne Dearbourne, 1850

Apesar de que sabia ser a pior invasão de intimidade que existia, abriu-o com a esperança de entender como conseguira sobreviver. Começou a ler e, embora esforçasse por manter-se distante, pois ao fim e ao cabo tinha trabalho a fazer, pela primeira vez em sua vida não conseguiu. Ao descobrir o que a família de Vitória passara, Grant passou a mão pelo rosto. Era muito pior do que imaginara. Em toda sua vida só lhe ocorrera uma desgraça, e aquela garota sobrevivera a um montão. Quando chegou à passagem em que ela se perguntava se ia perder a seus dois progenitores, algo se rompeu dentro de seu peito.

O diário também confirmou o que já suspeitava; que o pai de Vitória não sobrevivera ao naufrágio. Dearbourne não tinha só fama de ser um grande cientista, também era conhecido por ser um homem de honra. Que tivesse sido dos últimos a abandonar o navio, não surpreendeu ao Grant. Mas isso significava que ali não havia nenhum homem. Passou as páginas, com rapidez, procurando o parágrafo em que a jovem explicava como construía aquele refúgio. Havia feito sozinha?

Voltou para o princípio.

Quando retornamos carregadas de água e frutas, felizes por nosso achado, vimos mamãe tombada como se estivesse dormindo. Mas pela primeira vez desde que chegamos à ilha, seu rosto



não estava desfigurado pela dor.

"Vitória, sua mãe morreu" me disse a senhorita Scott. Mamãe por fim podia descansar, e estava em um lugar onde nada, nem ninguém voltaria a lhe fazer mal. E apesar de que não ter dito à senhorita Scott, tive vontade de ir com ela.

Grant fechou as páginas com suavidade, e a sensação de que a esteve espiando foi tão forte que ruborizou. Mas esse sentimento não lhe impediu de guardar o diário na parte de trás das calças antes de descer pela escada.

Vitória não estava sozinha. A não ser, claro, que a senhorita Scott também tivesse morrido, naquela ilha havia duas mulheres.

Quando Ian viu Grant, perguntou: — Como é o interior?

Ele não queria admitir que ficara impressionado. Agora que via de novo a cabana do exterior, maravilhava-lhe que Vitória tivesse podido a construir. Estudou com interesse como as raízes tinham crescido junto à estrutura fazendo-a assim cada vez mais forte. Viu que havia velhos entalhes de faca e compreendeu que a garota foi cortando os ramos para os adaptar.

Fascinante. A moça soubera cortar com precisão sem danificar a raiz. Aproveitar desse modo as forças da natureza lhe pareceu uma ideia muito engenhosa. E cuidara de todos os detalhes de um modo assombroso.

— Está bem — respondeu finalmente sem entrar em detalhes.

Agarrou sua bolsa do chão e guardou o diário dentro.

— Ficaremos aqui de agora em diante? — sugeriu Ian balançando na rede.

— Retornaremos à praia.

— Parece que vai chover e a cabana é impermeável.

Seu primo negou com a cabeça.

— Não, vamos.

O jovem o olhou primeiro de um modo impertinente e logo desafiante, mas saltou da rede e a desprende para leva-la dali. Sutherland não disse nada e o seguiu para o caminho, mas antes se voltou pela última vez. Graças ao diário, sabia que Vitória escrevera as notas daqueles livros. Perguntou-se um montão de vezes se saberia ler, e agora já tinha sua resposta. A inteligência daquela garota não deixava de impressioná-lo. Exceto quando a utilizava contra ele.

Ao chegar ao acampamento, Dooley lhes recebeu com uma taça de café e um pouco de guisado. Depois de que o tranquilizasse sobre o bom estado da comida, Grant comeu, mas não saboreou nada. Agora que se detiveram, seus músculos começavam a passar fatura. Procurou seu saco de dormir e, ao tombar-se nele, todas e cada uma das partes de seu corpo gemeram de dor. Mas apesar de mal conseguir manter os olhos abertos, acendeu um farol e abriu o diário.

Aos treze anos, Vitória escrevera com muito mais maturidade do que o habitual para alguém dessa idade. O funeral de sua mãe estava descrito sem nenhuma suscetibilidade. De fato, pensou Grant, embora a moça houvesse escrito sobre a morte de sua mãe, era como se no fundo não a aceitasse. Como se para ela tudo aquilo fosse parte de um sonho...

Começou a chover, e as gotas de chuva apagaram o fogo, salpicando as delicadas páginas do diário. Não estavam preparados para acampar. Sutherland poderia ordenar que trouxessem a lona



do navio, mas isso equivaleria a reconhecer que iriam ficar ali outra noite mais.

Nem pensar. Tirou a jaqueta e cobriu o diário com ela.

"...quando vimos a vela fomos nos vestir com nossos melhores ornamentos e corremos para a margem. Aos marinheiros surpreendeu muito nos encontrar ali, mas pareciam educados, e seu capitão um cavalheiro. Essa mesma noite, junto ao fogo, começaram a beber e ficaram mais atrevidos.

Grant voltou a página, perplexo ante a notícia de que o seu não era o primeiro navio em atracar naquela ilha.

O capitão se sentou muito próximo a Cammy, e a rodeou com o braço.

Ela se esticou sem saber o que fazer. Quando o tipo lhe tocou o seio, Cammy o esbofeteou. Todos ficaram em silêncio.

Eu quase chegara a seu lado quando lhe bateu com tanta força, que os dentes se chocaram e lhe sangrou o lábio inferior. Ajudei-a a levantar e tentei manter a calma. Disse que estávamos cansadas e, depois de lhes desejar boa noite, despedimo-nos até a manhã seguinte. Demos a volta devagar e nos afastamos dali. Logo que chegamos à entrada da selva, ouvimos seus gritos e suas gargalhadas. Riam enquanto se preparavam para sair para nos buscar e sorteavam quem ficaria com Cammy e quem ficaria com "a La Niña".

Explodiu um relâmpago, como enfatizando ainda mais essas palavras e Grant ficou em alerta. Seguia chovendo e o farol piscava. Desde que o acendera vinha atraindo insetos que nesses momentos quase obscureciam por completo seus cristais. Grant levantou a tampa e franziu o nevoeiro. *Maldição.*

Ficou sem azeite.

Podia aproximar-se do fogo e acabar de ler ali, mas ao levantar a cabeça descobriu que as brasas também estavam empapadas. Furioso e irritado, guardou o diário em uma capa de pele. Colocou de novo a jaqueta, levantou as lapelas e tratou de dormir. Foi inútil. Vitória sobrevivera, mas... a que preço?

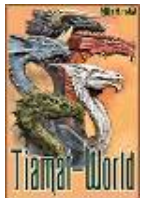
Não era de estranhar que se assustou ao vê-lo. Grant passou uma mão pelo rosto, arrependendo-se de seu comportamento. Queria encontrá-la e lhe dizer que estava ali para salvá-la. Queria consolá-la e cuidar dela, apesar de não saber como fazê-lo.

Tinha tanta vontade de seguir lendo que era como se a bolsa em que guardava o diário queimasse sua pele.

— E o que... como vai nossa campanha de perseguição? — perguntou Cammy da fogueira. Apesar do frio e a chuva que caía no exterior, elas estavam relativamente aquecidas.

Tori tombou para trás e recostou a cabeça nas mãos.

— Hoje lhe mostrarei a maravilhosa zona pantanosa que há ao oeste. E amanhã reservo a inesquecível rota pelos matagais espinhosos — respondeu, confiando em soar tranquila, pois a verdade era que não tinha nem ideia se estava fazendo bem. O gigante não parecia disposto a ir acontecesse o que acontecesse.



— E que mais pensaste?

— Verá, mas antes de dizer algo, espera que termine. — Se aproximou de Cammy e baixou a voz como se o que ia dizer fosse um segredo: — Tinha pensado... — deteve-se. — Por que me olha assim? Ainda não lhe contei isso. — O olhar de pânico de sua amiga a assustou. — Tenho algo atrás?...

Cammy assentiu devagar e engoliu saliva. Tori girou de um salto ficando de frente, e topou com os olhos de uma enorme serpente negra salpicada. Estava tão perto que podia sentir seu fôlego. O réptil chiou e sua língua quase acariciou a face da jovem, que aproveitou para afastar uma mecha de cabelo dos olhos.

— Que seja a última vez, serpente. Esta cova é nosso esconderijo, não o teu. — Tori se levantou e começou a enrolar a jiboia ao redor de seu braço para tirá-la para fora.

— Tori — chamou Cammy à garota com a serpente ainda no ombro. — Acredita que poderia levá-la longe o bastante para que não volte a entrar?

—Tentarei, mas não sei aonde... — De repente lhe ocorreu uma ideia, e golpeando carinhosamente as costas do réptil, disse: — Acredito que sei de alguém que adorará te conhecer.

Fazia já uma hora que amanhecera e Grant seguia absorto na leitura.

— Solta esse livro de uma maldita vez! — gritou Ian da rede. Mas como nas duas ocasiões anteriores seu primo o ignorou.

"...nunca estive tão assustada. Nem sequer a noite do naufrágio. Mas nós conhecemos melhor a ilha, e conseguimos escapar. Encontrei um pequeno local onde é muito difícil chegar, está um pouco elevado e se esconde atrás de uma parede rochosa. Vim com a Cammy até aqui. Decidimos abandonar nosso fofo acampamento na areia e nos instalar entre as raízes desta árvore junto com os morcegos e outras criaturas. Aqui, nesta velha árvore me sinto segura, mas estamos ficando sem comida. Brigamos como gatos raivosos para decidir qual das duas ia procurar provisões, pois ambas queremos proteger uma à outra. Decidi esperar que Cammy dormisse para sair, mas quando despertei ela já não estava..."

— Vai seguir lendo ou vamos procurar à garota de uma vez?

A contra gosto, Grant afastou a vista do diário e viu seu primo Ian diante dele.

— Acreditava que já teve bastante busca para toda a vida.

— A verdade é que prefiro destroçar os pés a ficar aqui...

— Mas como? Será que já não temos licor?

O outro não teve nem a delicadeza de parecer envergonhado.

— Assim é. E estou me aborrecendo muito. Por outro lado, encontrar essa cabana despertou o explorador que há em mim.

— Você? Um explorador?

— Acaso a teria encontrado sem mim?

Grant o fulminou com o olhar antes de concentrar de novo sua atenção no diário.

— Não se sente culpado de ler seu diário?



Sim, e a cada página mais...

— Talvez assim possa encontrar alguma pista sobre seu esconderijo— respondeu sem apreensão.

— Eu acredito que o melhor seria que deixasse de ler e que retornássemos a sua cabana. Acredito que estará ali, sentada junto ao fogo.

— É muito esperta para fazer isso.

— Agora acredita conhecê-la?

Sutherland sabia que Vitória era valente, atrevida e leal. Fechou o diário e o mostrou ao Ian.

— Sim, agora a conheço.

Capítulo 4

Passada a meia-noite, com o ruído de seus passos silenciado pela areia, Tori se dirigiu ao acampamento dos marinheiros. Levava um saco pendurado ao ombro e, sigilosa, aproximava-se do capitão que, apesar de estar dormindo, seguia sendo imponente.

Deteve-se justo em frente a ele e, embora fosse consciente de que não podia perder nem um segundo, observou embevecida como a luz da lua e das poucas brasas que ficavam refletiam em seu rosto. Apesar de estar dormindo, tinha o cenho franzido, e uma mecha de cabelo roçava suas pálpebras. Vitória reconheceu que, com aquela poderosa mandíbula e suas duras feições, era um homem muito atraente.

Passados uns segundos, sua curiosidade foi diminuindo, mas em contrapartida, aumentaram as vontades de tocá-lo. Como seria sua pele? Desde o dia em que o viu no Rio não parou de se perguntar. E sua incipiente barba? Teria as faces ásperas ou suaves? Fascinada, aproximou-se um pouco mais.

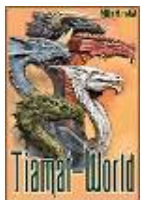
Tropeçou com uma lanterna.

Dispôs-se a fugir. Ele murmurou algo ainda dormindo, tinha a voz rouca, mas embora se virasse, não despertou. Vitória relaxou um pouco e então viu que ele segurava um livro. Deixou o saco no chão e se inclinou para averiguar o que lia um homem como aquele.

"Meu diário" O bastardo o estava lendo. O arrebatou, e o coração deu um tombo ao ouvi-lo murmurar de novo. Abriu o caderno por onde ele tinha um sinal e com mãos trementes começou a ler. Foi como se tudo aquilo acabasse de acontecer, de repente recordou o que sentiu ao ver o capitão atacar Cammy, recordou a raiva cegadora que experimentou.

Mas sobreviver a aquele mau pedaço serviu para que tanto ela como Cammy, se dessem conta de que estavam dispostas a fazer todo o necessário para seguir com vida. E isso a fez forte. Embora em Cammy parecesse produzir o efeito contrário, e após se converteu em uma mulher débil e assustadiça.

Tori sacudiu a cabeça com força. Obrigou-se a recordar qual era o propósito daquela visita e tirou seu presente do interior do saco. Depois de deslizar a surpresa em questão junto ao capitão



saiu disparada. A distância pôde ouvir os gritos do gigante, e cinco minutos mais tarde pensou que podia diminuir um pouco a carreira.

Mas o som de pegadas aproximando a fez mudar de opinião.

Seu sangue gelou e ficou pálida. Recomeçou a marcha a toda velocidade. Não a apanharia. A única coisa que precisava fazer era chegar à zona das árvores caídas. Ele era muito alto e não conseguiria agachar a tempo. E, por outra parte, os troncos formavam montões muito grandes para que os saltasse. Precisava chegar ali. Só lhe faltavam uns segundos. Já podia vê-los.

De repente, fez-se a escuridão.

A garota sentiu um enorme peso em cima e ficou difícil respirar. Abriu os olhos devagar e viu o gigante sentado escarranchado em cima dela.

— Não mova nem um dedo — disse ele franzindo o cenho. — Maldição. Fique tranquila, agora poderá respirar de novo.

E assim foi. Então Vitória começou a gritar.

Aquele homenzarrão parecia tão furioso e confuso que ela optou por lhe golpear.

Foi como golpear um muro.

Grant segurou suas mãos e as reteve em cima da cabeça enquanto se inclinava de novo em cima dela.

— Maldição! Só quero te ajudar! — Também lhe custava respirar. — Vim te salvar.

— Só necessito que me salvem de ti — respondeu Tori olhando-o aos olhos.

O homem ficou atônito, como se o fato de que ela o considerasse um vilão o ofendesse profundamente. Então desviou a vista do rosto da jovem, para olhar como estavam; ele sentado em cima dela e meio inclinado, segurando suas mãos. Agarrou seus pulsos com uma mão só, e lhe observou o busto. Pareceu ficar sem fôlego. Solto um par de maldições e se ergueu, ajudando-a a fazer o mesmo enquanto lhe percorria com a vista o resto do corpo.

Vitória ficou sem fala. Jamais vira um homem tão imponente como ele. Fora uma estúpida ao reduzir a marcha.

Grant apertou os lábios em uma tentativa por controlar seu temperamento.

— Se cubra.

A garota juntou os extremos de sua camisa, mas isso o fez zangar ainda mais.

— Deixa assim — ordenou. — No navio tenho roupa apropriada para ti.

"Roupa apropriada?"

— Não vou a nenhum navio contigo. Não sei quem é.

— Sou o capitão Grant Sutherland. Seu avô me encarregou que te leve de volta à Inglaterra.

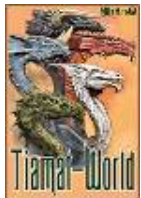
— Deteve-se um instante para estudar sua reação, e a viu arquear uma sobrancelha. — Não acredita? Sei que seu nome é Vitória Dearbourne. Sei como se chamavam seus pais.

— Isso não demonstra nada — espetou ela furiosa. — Além de que sabe ler...

— Sim tenho lido seu diário — confessou ele entre dentes, — mas isso não muda o fato de que tenha vindo te buscar.

— Por que me persegue?

— Porque você jogou uma serpente em mim — respondeu sem pensar.



— Não foi assim a primeira vez.

Grant abriu a boca para responder, mas, perplexo fechou a sem dizer nada.

— Eu..., não sei. Fazia uma década que desapareceu, e de repente estava ali, ao alcance de minha mão. Não queria lhe perder de vista.

— Se tiver lido meu diário, saberá por que me custa tanto acreditar em você.

Sutherland franziu as sobrancelhas.

— Sim, sei. E eu queria ter o tempo necessário para tranquilizar todos seus temores, mas não posso me permitir tal luxo. Já falaremos no navio.

Era como se lhe estivessem arrancando cada palavra. Tori teve a sensação de que aquele homem não estava acostumado a dar explicações de seu comportamento.

— Mas eu sim tenho tempo. Todo o tempo do mundo.

— Se meu navio não se afastar destas águas antes da tormenta, logo todos necessitaremos que nos resgatem. — Olhou-a aos olhos. — Onde está a senhorita Scott?

— Não pensa que vou te responder, não é mesmo?

— Assim nos economizaria um montão de tempo e desgostos. Se estiver na ilha, a encontrarei, e levarei ambas de volta a Inglaterra. — Grant a guiou para o acampamento.

Vitória o permitiu, e ele baixou um pouco a guarda, mas quando se distraiu olhando algo do caminho, a garota lhe agarrou uma mão para levar à boca.

— Não o faça — advertiu-lhe ameaçador retirando a mão, — nem sequer o pense. O melhor será que não me faça zangar mais do que já estou.

— Te fazer zangar? — A ofendida era ela, era ela a quem estavam arrastando pela força. — Ou o que? — atreveu-se a perguntar.

— Ou terei que te castigar — respondeu ele sem nenhuma emoção na voz.

Deus santo, era capaz de fazê-lo. Tori havia se vangloriado dizendo que ele jamais a apanharia e ali estavam. Necessitava de um plano. "Pensa", disse-se. Estavam aproximando-se do lago.

— Capitão, senhor, eu me machuquei, — deteve-se e destacou sua coxa. — Preciso limpar a ferida.

Grant abriu muito os olhos. Agarrou-lhe a perna por detrás do joelho e a levantou tão alto que ela cambaleou. Com a outra mão afastou sua saia o suficiente para ver a ferida e um pouco mais. Vitória começou a tremer, como se tivesse frio, mas nada mais longe da realidade. A pele lhe queimava, e a zona que o homem percorria com seus rugosos dedos estava ainda mais sensível.

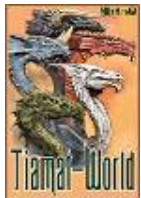
O capitão soltou a saia de repente.

— Se machucou. — disse, com uma voz diferente a de antes. Agora era como se as palavras nascessem do mais fundo de seu ser.

Era verdade. Mas acontecera uns dias atrás, e à luz da lua ele não podia distinguir. Ela o viu sentir-se culpado, e piscou antes de acrescentar com suavidade:

— Arde. Necessito um pouco de água. — Ao ver que ainda duvidava insistiu: — Se de verdade vieste a me ajudar, este é um bom momento para começar a demonstrar.

— Claro. — Grant pigarreou e recuperou seu timbre habitual. — Me indique o caminho.



— Passando aquela árvore, tome o caminho da esquerda.

Alguns segundos mais tarde, deteve-se.

— Aqui não há nenhum caminho.

— Porque essa não é a árvore — replicou ela.

— De acordo, vá você na frente — disse, então empurrando-a com suavidade diante dele. —

Mas não tente jogar com isso.

Vitória seguiu caminhando e o levou até o lago onde o vira banhando-se.

O homem parecia desconcertado, e seguia segurando seus pulsos com uma mão.

— Eu, né... não tenho nada com o que te curar.

Era verdade, o gigante se sentia culpado. Talvez não fosse tão mau.

— Estou toda um nojo — comentou ela. — Atiraste-me ao chão. O melhor será que me limpe inteira.

— Nem sonhe — replicou Grant zangado. — Te limpe só a perna.

Tori desviou a vista para suas mãos e ele a soltou de repente.

A jovem se sentou na margem e levantou a saia para lavar a ferida. Sutherland tragou saliva.

Sabia bem que a água estava gelada, e ao vê-la tremer e suspirar começou a perder o controle. Seus suspiros despertaram algo dentro dele que o fez excitar-se como nunca. Era um cavaleiro, *maldito seja!*, mas acima de tudo era um homem, e ali estava, em meio daquela esquecida selva, a sós com uma beleza mal coberta de roupa.

— Já basta.

Vitória deu meia volta sem levantar, o que fez com que sua saia subisse ainda mais. Tinha as pernas longas, intermináveis, e bem torneadas. Só de vê-las ocorriam a Grant um montão de coisas. Fazia tanto tempo que não acariciava a suave pele de umas coxas femininas... Recorrendo a toda sua força de vontade, deu-lhe as costas. Olhou-se as mãos e viu que estava tremendo.

Mas ao ouvir o chapinhar da água se voltou de repente.

— Saia da água agora mesmo — ordenou.

Nadando como uma sereia, a garota riu e se afastou dele.

— Eu disse que saia da água! — Grant não podia recordar nenhuma outra ocasião em que tivesse estado tão furioso. *E por que seguia ainda tão excitado?*

— Veem você me buscar — desafiou ela.

"Pequena bruxa." Em menos tempo que leva um galo para cantar, Sutherland tirou as botas e a camisa.

— Veem aqui — gritou esticando-se ao entrar em contato com a água gelada e sem deixar de repetir a si mesmo que não a afogaria quando a alcançasse. — Eu disse que venha — exigiu de novo... Vitória. Lhe sorriu e o saudou como um menino pequeno. "Sim que ia afogá-la. Devagar." Mas ela então mergulhou. *Que diabos se passava?*

Ele nadou para onde a vira pela última vez e, apesar da luz da lua e da água ser quase transparente, não conseguiu encontrá-la. Passado um minuto, optou por mergulhar e procurar buscando com as mãos. O coração lhe pulsava descontrolado, e começava a lhe doer a cabeça, mas seguia mergulhando uma e outra vez.



Saiu de novo à superfície para respirar e, quando ia mergulhar pela enésima vez, ouviu:

— Se de verdade for quem diz ser, capitão Sutherland, demonstre-me isso. Se não veio para me resgatar, mais te vale se render e me largar aqui.

Grant girou a cabeça para a margem.

— O que... pretende fazer com minha roupa? — perguntou ele em tom gélido.

— Pretendo — disse ela lhe imitando — sair daqui.

— Solta-a agora mesmo.

— Encantada!

Ele mal teve tempo de discernir o que a garota pretendia fazer antes de ver como voltava a escapar ante seu nariz.

— Maldita seja! — afastou o cabelo dos olhos. — Maldita, maldita seja!

— Ah, capitão — ouviu-se de novo sua voz de algum lugar que ele não via — esquecia, fico com sua camisa. E com uma bota.

Grant procurou de onde provinha a voz e descobriu a jovem no alto de uma rocha, junto ao lago. Assustou-se e, apesar de estar dentro da água, começou a suar. Era um lugar muito alto. Se escorregasse...

Um segundo mais tarde, sua outra bota aterrissou a escassos centímetros de sua cabeça, salpicando-o por completo.

Capítulo 5

— Uma condenada expulsa! — Grant se desforrava golpeando os arbustos que afastava com um ramo. — Para que demônios quer uma de minhas botas? — perguntou-se, a si mesmo e aos pobres matagais que o rodeavam. Rompendo os galhos desse modo talvez conseguisse marcar o caminho e deixar de andar em círculos, como estava fazendo as últimas horas. Teve a brilhante ideia de seguir o rastro de Vitória a partir do lago, mas a única coisa que conseguira foi perder-se de novo.

A jovem escapou, outra vez. Não podia negar que ela tirava o pior dele. Mas isso ia mudar. Para tornar realidade seu sonho, Grant precisava conseguir que aquela garota subisse a seu navio. Por desgraça, representava uma grande tentação. Inclusive para um homem como ele, e apesar de que tinha vontade de estrangulá-la.

Tinha a pele mais suave que já havia tocado. E quando esteve a seu lado, pôde cheirar o aroma de seu cabelo. Mas se não houvesse ficado idiota pensando em quão bem cheirava e em quão sensual era seu tato, talvez não tivesse podido escapar dele. Grant retornou ao acampamento ao amanhecer, sem camisa, com um pé destroçado e com as calças coladas às pernas. Toda a tripulação ficou boquiaberta. Não acreditavam no que estavam vendo.

Ian foi o primeiro em sobrepor-se, e teve um ataque de risada.

— Já vejo que a encontrei! — Ria como um louco e logo, imitando ao Grant, disse: —



Marinheiro, não leva a camisa por dentro da calça. — Seguiu rindo. — Ah, é que não leva camisa! — Mais risadas.

— Uma só bota, e ao que parece tem as calças ensopadas. Mas está impregnado até os ossos! — ria de sua própria piada.

Dooley, embora caíssem lágrimas dos olhos, conseguiu ao menos dissimular um pouco.

— Senhor, a serpente não era venenosa.

— Já sei. — Fez um esforço por controlar-se. — Dooley, vá ao navio e me traga um pouco de roupa e um par de botas. — Soltou o fôlego e, aborrecido, acrescentou: — E se prepare para que fiquemos aqui uns dias mais.

Enquanto esperavam que o contramestre retornasse, Ian por fim deixou de rir, mas passados uns segundos continuou. Prosseguiu com as brincadeiras até cansar-se, e logo tombou de novo na rede, seu lugar preferido, onde se dedicou a mastigar uma fibra de erva.

Dooley retornou e Grant se trocou sem perder nem um segundo, pois estava impaciente para tirar aquelas calças molhadas.

— Bom, conseguiu falar com ela? — seu primo perguntou logo que o contramestre e o resto da tripulação se afastaram.

Grant agarrou seu velho par de botas e, com os utensílios em mão para lustrá-las, dispôs-se a ignorar seu primo.

— Sim! Encontrei-a. — O jovem se sentou escarranchado na rede. — O que te disse? Como é?

— Não é teu assunto — espetou-lhe o outro. — Me deixe em paz, Ian. Retorna ao navio.

— Ah, não, primo. Agora as coisas começam a ficar interessantes, — deslizou a fibra de erva para o extremo do lábio e sorriu. — A desejas, certo?

— Já basta. — Grant melou a bota e, ao passar a escova, manchou a mão.

Ian teve outro ataque de risada, e acabou dobrado sobre si mesmo.

— Não sei nem por que perguntei. É evidente que essa garota te deixa feito uma pilha de nervos.

— Não voltarei a repetir isso Ian. Me deixe em paz.

— Assim tornaste a apanhá-la e ela tornou a escapar. Olhe que se atreveu a te abandonar sem sua camisa e com uma só bota! Tenho que admitir que é preparada.

Não cabia nenhuma dúvida de que o era. Na pequena guerra que se declarou entre os dois, estava massacrando-o, e Sutherland não pôde evitar ouvir como seu primo dizia:

— Três a zero para Vitória.

— Sabe? — acrescentou a seguir. — Acredito que tudo isto vai ser muito bom para ti. Talvez consiga relaxar um pouco.

Grant o fulminou com o olhar.

— Não quero relaxar.

— Esse é o problema; sempre está tenso.

— De verdade quer falar de quais são meus problemas? — replicou o outro enfrentando seu primo. — Se ocupe dos teus antes de se atrever a falar dos meus.



— Não poderei fazê-lo até que retorne — respondeu o jovem levantando as mãos. — E não posso retornar porque você se empenhou em ir até o outro extremo do mundo!

Grant nem se alterou.

— Foi você quem subiu a meu navio.

— Melhor isso que deixar que me apanhassem aquele par de valentões que me perseguiram — disse Ian. — Ou ao menos acreditei nisso, então. Além disso, pensava que iria ao continente. Ou a América. Não a Oceania.

— Revelarei uma coisa sobre valentões — começou seu primo como se fosse desvendar um dos grandes mistérios da vida. — Geralmente, não lhes perseguem se pagam o que lhes deve.

— Sêrio? Bom, não somos todos uns magos das finanças.

Grant encaixou o ataque ao que, segundo ele, era seu único dom: — E se não era por dinheiro — prosseguiu, fazendo caso omissso do comentário, — devia ser por uma mulher. — Ian tinha muito êxito com o outro sexo e estava encantado disso. — Algum marido se cansou de levar chifres. — O jovem não só tinha reputação como bebedor e jogador, mas também por ser pouco escrupuloso com suas conquistas.

— Ao menos eu desfruto do que me oferece — atacou Ian. Grant calçou as botas. Certamente, ele não costumava se meter sob as saias de todas as mulheres que se insinuavam. Tinha seus motivos. E ao Traywick não interessavam. Levantou-se e, ao agarrar sua esteira, seu primo voltou a falar: — Me espere!

Sutherland deu meia volta e levantou um dedo. Só com a expressão de seu rosto deteve o outro...

— Certo. Talvez seja melhor que hoje você vá sozinho — disse, tombando de novo na rede.

Um momento mais tarde, e agradecido pela solidão, Grant percorria de novo o caminho sem poder deixar de pensar em seu encontro com Vitória e sua própria reação. Se ela se insinuasse para ele como outras damas da sociedade, poderia resistir? Sabia que isso era quase impossível...

Em menos de meia hora passou de persegui-la, a estar zangado e logo excitado. Nem a água gelada conseguiu acalmar sua ereção, e Grant temia que nada, exceto a jovem, conseguisse-o.

Depois de surpreender-se pensando isso, voltou a enfurecer-se consigo mesmo.

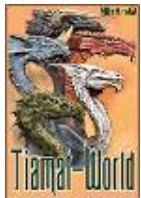
O sol se pôs uma vez mais, e o capitão assumiu outra derrota.

Talvez Vitória retornasse essa noite. E quando tornasse a tentar colocar algum outro convidado em seu local de dormir, a agarraria. Mas aquela noite não aconteceu.

Sutherland sabia que cedo ou tarde acabaria apanhando-a, então, porque sentia a imperiosa necessidade de vê-la naquele preciso instante? Onde se metera sua proverbial paciência? Com certeza Derek adoraria ver seu nada emotivo irmão nesse estado.

Grant olhou as estrelas. A imagem de uma Vitória Dearbourne indefesa e doce se desvaneceu por completo, em seu lugar ocupava agora uma moça valente e audaz, apesar de ser pequena e delicada. Não devia medir mais de um metro e sessenta e, comparada com ele, era muito baixa e magra. Sabia que a garota era forte, mas não estava tranquilo sem saber onde se encontrava. Estava sozinha. E, maldição! ele morria de vontade de protegê-la.

Passou o dia recordando o diário e como a caligrafia de Vitória se deformava ao relatar a



agressão do capitão. Não podia esquecer como amaldiçoara enquanto lia aquelas páginas assustadoras. O tipo tentara abusar da senhorita Scott e em resposta ao rechaço desta, agrediu-a, mas antes que pudesse lhe fazer mal de verdade, apareceu Vitória e se jogou em cima tentando estrangulá-lo.

Grant a felicitou em sua mente.

O bruto a tirou de cima e voltou a dirigir-se para a senhorita Scott, mas a garota correu de novo para ele e começou a lhe dar chutes e murros. Ao chegar ao parágrafo em que o capitão a esbofeteava com força, Sutherland apertara o diário com tanta força que certamente marcara a página para sempre. Entretanto, ao ler que Vitória lhe cuspira sangue em cima das botas, apesar de muito assustada, sentiu-se orgulhoso dela. Por sorte, a senhorita Scott estava nas costas do homem, e lhe atingiu com uma pesada pedra...

Grant não era um homem de emoções, de modo que a raiva que sentiu para aquele indivíduo o desconcertou por completo. Quão mesmo o medo que lhe invadiu o corpo. Sutherland desejava a Vitória, e não pôde evitar compreender aquele capitão. *Mas Deus*, ele não era assim. Seria incapaz de fazer mal a uma mulher, e menos ainda de tocar a uma menina.

Maldição! Vitória tinha já vinte e dois anos, e fazia tempo que deixara de ser uma menina. Agora era forte e sabia valer-se por si mesmo. Mas uma parte de si mesmo lhe dizia que, apesar de sua idade, seguia sendo inocente. A moça era forte, mas incrivelmente vulnerável.

Pensando, não dormiu até que a lua esteve alta no céu.

Por fim viu que dormiu.

Tori oculta em um extremo do acampamento, observava Grant olhar as estrelas, e se recreou vendo como seu rosto passava do relaxamento à preocupação mais absoluta, para logo fazer o processo inverso.

Quando lhe deixou a serpente, perguntou-se por que ele não se deitava debaixo de uma árvore, e então chegou à conclusão de que fazia assim para evitar que algum animal lhe caísse em cima. Mas nesse momento soube que o fazia para poder ver as estrelas. Aquilo não encaixava com a imagem de capitão intransigente e frio, de modo que Vitória optou por reconsiderar sua primeira impressão dele. Apesar de não ter experiência e de não saber como distinguir um homem honrado de um mentiroso, estava convencida de que Sutherland dizia a verdade.

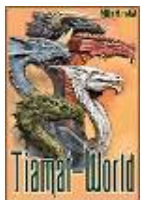
Fora resgatá-la.

Agora a única coisa que precisava fazer era convencer Cammy disso. Aquela mesma manhã, quando Tori lhe contou seu encontro com o capitão, sua amiga chegou à conclusão de que ele conseguira a informação da leitura de seu diário. Vitória reconheceu ter suas dúvidas, mas Cammy só preocupava que no diário mencionasse a cova em que nesse momento estavam escondidas.

Sutherland fechou por fim os olhos, e o subir e descer de seu peito ficou regular, movendo junto com a brisa que balançava as folhas das palmeiras e as ondas na margem, ao compasso dos sentimentos dela.

A jovem se rodeou com os braços. *Por que a enternecera vê-lo observar as estrelas?* Perdida em seus pensamentos, retornou à cova, e a surpreendeu ver que Cammy estava acordada.

— Tomou uma decisão — disse-lhe esta estirando os braços. — Tem escrito na cara. Assim



diga-me. Acredita que o seu avô o enviou?

— Sim — respondeu Tori coçando uma orelha.

— Depois de dez anos? — Cammy se sentou com os joelhos colados ao peito.

Vitória também se sentou e se repetiu essa pergunta como se não levasse horas fazendo-o.

— Sei que não deveria ser assim, mas acredito que o capitão Sutherland veio a nossa procura.

— Confia nele porque é bonito?

A jovem ruborizou, e desviou o olhar para seus pés. A verdade era que o capitão, com todos aqueles músculos e seu decidido olhar, era a viva imagem de um cavalheiro medieval. Mas também exsudava uma força de vontade como ela jamais vira antes. Realmente queria que ela subisse a seu navio.

— Não, confio nele porque está decidido a levar a cabo sua missão. Tenho a sensação de que procurou muito por nós.

— Eu não confio nele, mas confio em ti. Se acredita que nos levará de retorno a Inglaterra, isso me basta. — Cammy se envolveu com o lençol. — Imagina como será retornar depois de tanto tempo. Eu não tenho família, por isso me animei a trabalhar para seus pais, mas senti falta de estar ali. O chá inglês, a luz suave do sol, o chá inglês — repetiu, — ter quatro estações e não só duas, o chá inglês... — Sorriu, mas em seguida voltou a ficar séria. — Montar a cavalo pelo campo. Durante anos, tive saudade e desejava com loucura poder cavalgar. Mas depois... depois do incidente deixei de pensar nisso.

Tori sabia exatamente como se sentia. Um tempo depois do naufrágio a ideia de que as resgatassem era tão inverossímil como voar.

— Se Sutherland disse a verdade, temos uma longa viagem pela frente.

Cammy procurou a trança que caía sobre suas costas, e a levou diante para brincar com a ponta.

— Por fim poderá ver seu avô e retornar a seu lar. Seus pais queriam voltar ali para terminar a expedição, e estou segura de que gostariam de saber que voltaste para suas raízes...

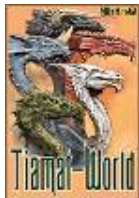
As lembranças que Tori tinha de seu avô eram meras imagens que de vez em quando iam a sua mente. Recordava sua risada, e que estava acostumado a levá-la nos ombros, e que um dia roubaram juntos uma bandeja inteira de madalenas da cozinha e a comeram escondidos na casa da árvore que ele mandara construir.

— Cammy, se estiver de acordo, amanhã falarei com o capitão. Mas te digo uma coisa; se formos desta ilha, será segundo nossas condições. Exigirei que façam uma escala no meio da viagem para que veja um médico.

As palavras decididas de Tori se viram quase interrompidas por um bocejo que não pôde reprimir. Qualquer um diria que com tanta excitação seria incapaz de dormir, mas a garota mal podia manter os olhos abertos.

— Descansa — aconselhou Cammy. — Falaremos mais tarde.

Tori se deitou e dormiu imediatamente. Só faltava um par de horas para o amanhecer, mas foi tempo suficiente para que tivesse um pesadelo. Envergonhada, despertou com as faces



molhadas por suas lágrimas, mas ao ver que Cammy não estava ali, sentiu um pouco de alívio. Um calafrio lhe percorreu as costas. Deixaria de sonhar alguma vez com a noite do naufrágio?

Levantou-se e foi para a entrada da cova em busca de sua amiga e a encontrou cortando uma manga. Tori levantou a vista para o céu; o sol estava saindo, e seus raios avermelhados atravessavam as nuvens. O ar se sentia denso e o mar estava o bastante quente para matar alguns peixes. Anunciava-se tormenta. Vitória se perguntou se aqueles homens saberiam que seu navio era um manjar para o faminto oceano.

Um momento, se seguia adiante com Sutherland elas também iriam viajar nesse navio.

Esse dia voltou a chover muito, e as ondas se levantaram como tora na baía. Um vento abafado assobiou entre as árvores. Seu tempo estava acabando; o ar e o mar estavam se preparando. Tudo estava apontando para o tufão.

Se Grant não saísse dali logo, teriam que navegar em meio desse inferno.

Voltou a olhar o mapa que desenhara da ilha. Colocou-o em cima de uma caixa para tentar acrescentar a última coisa que descobrira, mas o vento impedia. Frustrado, levantou a vista e viu seu primo em sua rede, balançando-se como um louco.

— Ian! — gritou, — vem me ajudar.

O jovem se levantou e, depois de prender a capa de chuva, aproximou-se dele.

— Segure os extremos.

O outro fez o que lhe pedia.

— O que é isto?

— Isto é o que me ajudará a encontrar a Vitória.

Ian esfregou a têmpora com uma mão, e o mapa voltou a levantar-se, de modo que Grant fez provisão de paciência e explicou...

— Sabemos que está jogando conosco a seu desejo, e que nos mantém afastados do lugar que de verdade nos interessa. Desenhei um mapa da ilha e marquei todos os lugares onde encontrei pistas da garota; uma rede, um arpão, umas pegadas, e logo apliquei uma fórmula matemática para deduzir onde pode estar...

Seu primo o olhou como se ele estivesse falando em chinês.

— Acreditava que a única matemática que se dava bem era a que aumentava os lucros de sua conta corrente. Mas enfim, onde está?

O outro assinalou um pequeno monte.

— Está no alto dessa montanha. — Levantou a vista para o topo coberto de nuvens. — Não acreditava que fosse capaz de escalar até tão alto.

— Tem sentido. E além disso é o único lugar que não inspecionamos. — Ian o olhou. — Podemos ir hoje?

Grant olhou o navio, e viu que cabeceava com tanta força que quase arrancava a âncora.

— Temos que ir. Vê o bote? — O jovem piscou sob a chuva. — O mar retrocedeu quinze metros desde esta manhã.



Seu primo não pôde dissimular sua surpresa.

— Sim, Grant, inclusive eu me fixo nessas coisas.

— E se deu conta de que agora a maré deveria estar alta?

Ian perdeu o sorriso zombador que o caracterizava.

— Aproxima-se uma tormenta? — inquiriu?

— Uma enorme.

O menino começou a dobrar o mapa.

— Então, devemos partir em seguida.

Uma hora mais tarde, ambos seguiam o rastro de umas pegadas até a entrada de uma cova.

Grant penetrou utilizando um farol para iluminar a escuridão. Mas em vez da umidade e o lodo que esperava encontrar, cheirou a fumaça de uma fogueira. Segundos mais tarde, ouviu o rangido de uns ramos. O sentimento de triunfo começava a lhe percorrer as costas como a sensual carícia de uma mulher. Um pouco mais...

Um corpo que parecia sem vida jazia no chão.

Capítulo 6

— Está viva? — sussurrou Ian.

Grant assentiu, e deu um passo para a mulher.

— Acredito que respira.

Era o ser mais pálido que já viram, mas o fôlego escapava de entre seus ressecados lábios. Estava muito magra, e a roupa pendurava de seu corpo, o que fazia que sua esplêndida juba ruiva desafinasse ainda mais com todo o conjunto.

— Senhorita Scott? — chamou-a Grant enquanto Ian se agachava para lhe dar uns leves golpes no ombro.

A mulher abriu os olhos devagar, como se lhe doesse, e esfregou os olhos com as mãos. Não pareceu surpreender-se muito ao ver dois homens ajoelhados a seu lado. De fato, inclusive passou os dedos pela juba com um inequívoco gesto de paquera.

— Senhorita Scott, lorde Belmont me encarregou que resgatasse à família Dearbourne.

— Só fica um membro de dita família. Quem é você?

— Sou o capitão Grant Sutherland, da Inglaterra.

— Eu sou Camellia Scott — disse ela inclinando a cabeça. — ... de algum lugar da Oceania...

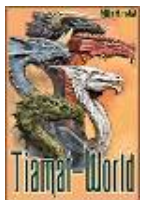
Ian riu, mas quando Grant o fulminou com o olhar, levou a mão à boca e fingiu tossir.

— Este é meu primo, Ian Traywick.

Cammy o percorreu com o olhar e, depois de ruborizar-se, saudou-o com a mão, como uma menina pequena.

"O que Ian dava às mulheres?", pensou Grant.

— Pode nos dizer onde está Vitória?



— Não tenho nem ideia — ela respondeu sem dar maior importância ao tema, e viu que Grant se fixava em sua mão e estudava as cicatrizes que a percorriam.

— Não parece muito iludida com a ideia de que a resgatem.

Cammy deu de ombros.

— Acredito que nem ver a rainha em pessoa em meio desta ilha me iludiria. — Desviou o olhar para o chão como se tentasse recordar algo. — Uma vez a vi em um desfile. Daria minha mão direita por ter um traje de montar tão bonito como o que ela levava aquele dia...

— Senhorita Scott... — interrompeu-a Grant.

— Ainda temos rainha? — prosseguiu a mulher levantando de novo a vista.

Com cada relâmpago, sua impaciência ia aumentando. Uma jovem amalucada reteve seus homens naquela ilha mais dias do que necessário, e agora, uma governanta perturbada levava o mesmo caminho.

— Senhorita Scott...

— Grant — sussurrou-lhe Ian ao ouvido, — leva quase uma década sem ver ninguém. Acredito que iria melhor com um pouco de tato.

Sutherland afastou a seu primo e disse a Cammy:

— A rainha goza de perfeito estado de saúde. — Ela o olhou como se não soubesse do que estava falando. — Bem, e agora, com respeito a Vitória, temos que encontrá-la e convencê-la de que viemos resgatá-las.

— A esta altura, já não contávamos com que viesse ninguém com esse objetivo. Acreditávamos que seriam piratas, ou militares. — O olhou fixamente e acrescentou: — Vocês chegaram muito tarde.

Grant sentiu o impulso de justificar-se, como se tudo aquilo fosse culpa dele.

— Esta é a oitava missão de resgate que o avô de Vitória, o conde do Belmont, mandou. É óbvio que os que me precederam não conseguiram chegar tão longe.

— Assim que o mundo civilizado ainda não nos deu por mortas. Surpreendente — disse ela sem parecer absolutamente surpresa. — Se Belmont o enviou, me descreva sua mansão.

Grant sacudiu a cabeça e, a contra gosto, começou a fazer o que lhe pedia:

— A mansão principal está construída com Pedra cinza, em forma octogonal. Dentro há dois pátios. Está rodeada por extensos prados e colinas onde pastam ovelhas. — Suspirou. — Acredito que minhas palavras não lhe fazem justiça, mas...

— Ah não sei. Nunca estive lá — replicou Cammy graciosa. — Só queria saber como é o lugar ao qual me dirijo.

Grant apertou os dentes em sinal de frustração. Ian se pôs a rir e o vento aumentou.

— Zarparemos hoje — sentenciou Sutherland. — Me diga onde encontrar à senhorita Dearbourne.

— Não poderia fazê-lo embora quisesse. Está acostumada a passar o dia passeando pela ilha. A única coisa que sei é que ia em busca desse bonito capitão.

Maldita fosse, aquela mulher não lhe servia para nada. Um momento... Bonito? Vitória acreditava que ele era bonito? Grant tentou controlar a felicidade que sentia ao saber isso.



— Ian, acompanhe à senhorita Scott ao navio. Diga ao Dooley que utilize toda sua perícia contra a tormenta.

Cammy pareceu incomodada.

— A primeira vez que subo a um navio em dez anos e há tormenta — comentou sem alterar — é, estou impaciente.

— Não será tão grave — tranquilizou-a Ian agarrando sua mão.

Cammy procurou Grant com o olhar.

— Suponho que não tenho escolha não é assim?

— Estará mais segura no navio.

— Se Tori não me encontrar aqui quando retornar, você terá que enfrentar a sua fúria.

— Obrigado pelo aviso — respondeu ele, — mas acredito que posso controlar uma garota tão miúda.

— Esse será seu primeiro erro — replicou Cammy olhando-o compassiva.

— Cammy, jamais acreditará o que... — Vitória ficou petrificada ao ver Grant sentado junto ao fogo. Uma evidente tensão lhe percorreu todo o corpo. — Onde está?

— Com meu primo e minha tripulação a bordo do Keveral — respondeu devagar.

Tori agachou e agarrou uma vara de bambu. Estava tão furiosa que até lhe tremia a voz.

— Por que a levou?

Grant se levantou por etapas, e se manteve um pouco curvado para não parecer tão ameaçador.

— Eu disse a verdade. Vim te resgatar. Temos que ir ao navio e nos afastar daqui o quanto antes.

Vitória sacudiu a cabeça como se não tivesse ouvido nada, e voltou a perguntar:

— Por que a levou?

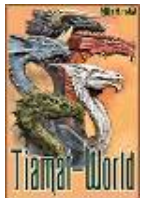
— Porque sabia que você a seguiria.

A jovem pareceu querer lhe golpear. Grant podia sentir a raiva que emanava de seu pequeno corpo. Viu-a apertar a vara com força e, justo quando acreditava que ia atacá-lo, Vitória deu meia volta e saiu correndo da cova.

Ele agarrou sua esteira e correu atrás dela, protegendo os olhos com as mãos. A chuva não caía mansamente das nuvens, estas pareciam lançá-la a jorros para que logo ricocheteasse no chão. As folhas das palmeiras cediam sob sua força e Grant sentiu falta das monótonas chuvas inglesas. Os relâmpagos atravessavam o céu um após o outro iluminando Vitória, que corria diante dele, disposta a deixá-lo para trás. Movia-se por entre as rochas e as árvores como em seu elemento, enquanto ele a seguia, descendo aquela montanha para a cabana que ela chamava lar.

Tori passou de comprimento a cabana e se deteve a borda do precipício, com uma mão a modo de viseira sobre os olhos para poder ver o navio. Ao Grant pareceu vê-la tremer e soltar um gemido, assustada.

Uma absoluta escuridão cobria a água. O navio desaparecera.



Capítulo 7

— Onde está o navio? — gritou. Vitória correu para ele e lhe golpeou o peito com os punhos.

— Onde está o maldito navio?

Grant segurou suas mãos.

— Dei ordens ao contramestre de protegê-lo. Terá levado o navio ao alto mar, longe dos corais, para fugir do temporal. Eu fiquei te esperando.

Ela soltou os pulsos.

— Cammy está doente. Esta é a primeira vez que volta a subir a um navio e te ocorre fazê-la passar por este inferno? — Um relâmpago enfatizou sua preocupação.

— Estou seguro de que se esquivaram da tormenta — gritou ele por cima do vento. — Meu primo cuidará dela. — Pôs-lhe uma mão no ombro.

A garota se afastou assustada e com os olhos exagerados.

— Não me toque — chiou entre dentes. — Não se atreva a me tocar.

Grant levantou as mãos com as palmas para cima para que pudesse vê-las.

— Vitória, confie em mim. — Um raio caiu justo ao seu lado, cegando-o e ensurdecendo-o por completo.

Um grito dilacerador atravessou o som incessante da chuva.

Sutherland correu para esse som secando os olhos com a manga da camisa e sem deixar de pestanejar... A jovem desaparecera.

— Você é muito mais amável que o outro homem — disse Cammy enquanto Ian a cobria com as mantas.

— Ouço isso frequentemente — respondeu ele sorrindo de um modo encantador. — Se estiver cômoda, vou deixá-la para que descanse.

O vento retumbou no navio e ela o olhou assustada.

— Não acredito que consiga.

— Dooley nos manterá a salvo — tranquilizou-a Ian. — Não tem por que ter medo...

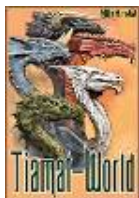
— Não tenho medo. Eu só estou doente, quem tem medo dos navios é Tori. O que acontece é que não acredito que possa dormir com tanto balanço.

— Poderíamos conversar — propôs o jovem ansioso antes de acrescentar mais calmo, — se gostar, claro.

Cammy se sentou na cama.

— Eu adoraria.

— Eu já volto. — E ao chegar à porta, perguntou: — Quer tomar algo? Chá ou alguma coisa para comer?



— Você disse "chá"? — Seu objeto de desejo de cada noite, sua obsessão de cada manhã. Ian sorriu e, marcando cada sílaba, disse:

— Tanto quanto deseje.

— Pode preparar chá durante uma tormenta? — perguntou ela com o coração apertado.

Traywick olhou pela vigia³.

— Isto não é nada. Espere ver o oceano enfurecido de verdade. — saiu piscando um olho e, minutos mais tarde, retornou com uma bandeja carregada com um bule, um prato de bolachas, uma garrafa de licor e duas taças.

Serviu-lhe o chá e lhe aproximou o prato de bolachas antes de servir um pouco de licor em sua taça. Cammy bebeu um gole e quase gemeu de prazer. Estava quente e doce, justo como gostava. Pôs os olhos em branco.

Ian riu.

— Parece que sentia falta disso.

— Demais. Bom, além dos cavalos. Do que quer falar?

— Do que você queira. Você é a convidada.

— Falemos de seu capitão. Me diga quem é e por que está procurando os Dearbourne.

Traywick se aproximou da outra poltrona e se sentou.

— Vamos por partes. "Quem é?" Grant Sutherland, dos enriquecidos Sutherland de Surrey e capitão desta preciosidade. E, o mais importante, meu primo. — Levantou a taça e lhe sorriu por cima da borda. — "Por que?" Porque o avô de Vitória o contratou para esta missão.

— Sutherland é um bom homem? — Mordiscou uma bolacha. Talvez estivesse ressecada, mas não lhe importava. Tinha sabor de ambrosia.

— Sim, sem dúvida alguma. Protegerá Vitória com sua vida — respondeu o jovem sem vacilar.

Cammy pareceu relaxar e uma vez resolvido esse assunto, degustou a bolacha com prazer e estudou ao homem que tinha diante. Deus, era bonito como um demônio. Tinha umas feições muito masculinas, cabelo negro com reflexos castanhos, e os olhos cor âmbar mais quente que jamais vira. Seguro que na Inglaterra deixara um montão de corações partidos.

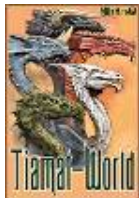
O capitão era muito bonito, de um modo intenso e selvagem, mas Traywick era perfeito. E, pelo modo tão depravado em que se comportava, era evidente que gostava de estar com mulheres: quase tanto como a elas estar com ele. Cammy desviou a vista para as imaculadas mãos de Ian. Era impossível que fosse marinheiro.

— O que você está fazendo a bordo deste navio?

— É uma história muito divertida — respondeu, bebendo outro gole de licor. — Precisava me ausentar da cidade e subi ao navio do Grant convencido de que ia ser uma viagem muito curta. Agora estou preso aqui.

— Que horror. — Ele falara com um tom desenvolto, mas Cammy pôde ver a dor em seus

³ Orifício Náutico no casco de um navio ou barco, que serve como observador. Pode fechar-se hermeticamente, e por onde entra a luz para os camarotes. Permitindo assim, "vigiar".



olhos. — Deixou alguém em Londres?

Ian a olhou fixamente e, depois de uns instantes, respondeu: — Sim.

— Deve sentir sua falta.

Traywick desviou a vista para sua taça para ocultar seu sobressalto, mas em voz baixa, respondeu: — Não sabia que se pudesse sentir tanta falta de alguém. — Cammy teve a sensação de que só estava vendo a ponta do iceberg, e que aquele jovem estava passando realmente mal.

— Tem que ser uma mulher muito especial.

— É. — Voltou a servir-se e trocou de tema. — Assim, você acredita que Vitória não vai gostar de subir de novo a um navio?

A mulher deu um gole a sua infusão e respondeu: — Não vai gostar nada.

— Devia ser muito jovem quando naufragaram.

— Tinha quase treze anos. Viu o Serendipity partir-se em dois com seu pai ainda a bordo. Um marinheiro fez cair a sua mãe pela amurada e esta rompeu as costas. Tori perdeu a seus pais em questão de dias.

— Deus, deve ter sido muito duro para ela. — inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Para ambas.

Parecia tão sincero, tão preocupado, que Cammy não pôde evitar lhe perguntar, hesitando:

— Vai ser nosso amigo?

O navio se sacudiu, e Ian segurou no corrimão da cama de Cammy.

— Eu gostaria.

— Me alegro. Tenho a impressão de que vamos necessitar de um aliado, — acabou o chá e deixou a taça na mesinha de noite. — Tori é uma garota muito bonita. Está seguro de que se pode confiar em Sutherland?

Ian duvidou antes de responder.

— Em circunstâncias normais, não teria nenhuma dúvida. Grant se considera responsável por ela, sente que tem o dever de protegê-la. E toda a Inglaterra sabe que é um homem de honra.

— Em circunstâncias normais? — O estômago de Cammy deu um nó.

— Jamais o vi comportar-se com ninguém como fez com ela. Nunca... — deteve-se para procurar a palavra exata — o vi tão interessado.

— OH, Deus.

Traywick bebeu outro gole e desviou o olhar para o teto, analisando se seguia falando.

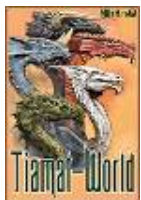
— Vamos, me diga o que pensa — animou-lhe Cammy.

— Normalmente, a coisa vai a pior. Os irmãos Sutherland, bom, os dois mais velhos, quando se apaixonaram de verdade, ficaram um pouco loucos.

— E como estão agora?

— Um felizmente casado. O outro, morto.

Grant correu para o precipício e, ao ver que Vitória se segurava só com a ponta dos dedos, ficou sem fôlego. Atirou-se ao chão justo ao lado de onde a terra cedera, alcançou-a e a segurou



pelo pulso. Mas com a chuva lhe escorria entre os dedos.

— Aguenta, Vitória! Agarre meu braço! — Tentou lhe alcançar o ombro ao mesmo tempo que rezava para que não houvesse outro deslizamento.

— Não posso... não alcanço. — Estava assustada e o buscava com o olhar. — Não me solte, por favor...

Nesse instante, com os olhos dela cravados nos seus, Grant soube que a seguiria para o abismo antes de soltá-la.

— Não o farei. — Redobrou seus esforços e tentou alongar mais o braço para a garota, mas quanto mais se aproximava, mais terra cedia sob seu peso. A intermitente luz dos relâmpagos lhe mostrava com clareza como as rochas rebentavam ao chegar ao fundo do precipício. Faltavam só segundos para que lhe escorregasse de todo... — Te peguei! — gritou ao fim segurando-a pelos ombros. Levantou um pé em busca de um ponto de apoio e, depois de cravar a ponteira da bota, puxou Vitória para terra firme. O pé escorregou.

Voltou a prender-se e puxá-la, e não parou até sentir seu pequeno corpo em cima do dele.

A jovem ficou abraçada a ele por um longo momento, agarrada a sua camisa. Grant se ergueu um pouco para secar seu rosto e viu que, entre as gotas de chuva, as lágrimas caíam abundantes.

"Quase a perco." Quando Vitória começou a afastar-se, a mão dele se moveu com vontade própria e a segurou pela nuca afundando-se entre sua juba. Quase... Olhou-a entre a chuva, estudando seus olhos como se quisesse memorizá-los, e, devagar, rodeou-lhe o rosto com as mãos para aproximar aqueles lábios aos seus.

Beijou-a, aproximando-a de novo a ele para poder estreitá-la entre seus braços. Tinha os lábios suaves, trementes. Uma boca doce e sensual... A moça descansou as mãos no peito masculino e, pouco a pouco, foi deslizando para os largos ombros. Grant gemeu e aprofundou o beijo, possuindo-a com a língua, devorando-a uma e outra vez.

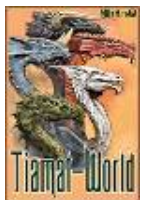
No meio do beijo, sentiu que Vitória tratava de afastar-se, e o permitiu imediatamente. Repreendeu-se por havê-la assustado, por havê-la abraçado com tanta força, por havê-la beijado com tanta paixão. Parecia confusa, e não deixava de olhá-lo. Sem afastar os olhos dos dela, Grant viu como essa confusão se convertia em aborrecimento, e de repente se levantava para afastar-se.

Mas já era muito tarde. Aquele beijo... jamais sentira nada igual. Ficou ali, aturdido, vendo como a jovem percorria com a língua seu lábio inferior, incrédula ainda ante o que acontecera. Grant amaldiçoou a si mesmo, e passou a mão pelo rosto em uma tentativa desesperada de recuperar o controle.

A caixa da Pandora foi aberta, embora fosse só por um instante.

E ele gostou. *Que Deus o ajudasse.*

Capítulo 8



Tori tremia com tanta força que inclusive seus dentes estavam batendo. E não era para menos. Sequestraram a sua melhor amiga, quase caíra por um precipício, e a beijaram pela primeira vez em sua vida. E o homem responsável por tudo isso estava agora tentando despi-la.

Depois do acontecido, Vitória se pôs a correr para a cabana em uma tentativa para se esquentar. Depois de vê-la escorregar pela enésima vez nas travessas, Sutherland apareceu atrás dela e a ajudou a subir. Estava exausta, esgotada, assim o permitiu. Uma vez dentro, lhe deu as costas para que pudesse se trocar, mas os braços ainda lhe doíam muito por causa do esforço que havia feito na ravina para se segurar. A cama a atraía como um ímã, de modo que tombou nela feito um novelo.

Grant deu meia volta em seguida e se ajoelhou a seu lado. - OH não, Vitória, antes de dormir tem que se secar. Veem aqui - murmurou com suavidade agarrando-a pelos ombros para ajudá-la a sentar-se. Tirou sua camisa e, com uma ponta, limpou o barro de seu rosto.

Mantendo-a agarrada pelo ombro, agachou-se para o montão de roupa seca que havia em um canto, em busca de um tecido absorvente. Agarrou um recorte e começou a secar seu cabelo com ele. Como podia um homem tão enorme ser tão delicado?

— Tem que se trocar. Prometo não olhar, mas tem que deixar que te ajude — disse em voz baixa, tranquilizadora, profunda. Como hipnotizada, permitiu que lhe tirasse a parte de cima e viu que, fiel a sua palavra, não baixava a vista. Mas quando se dispôs a lhe desabotoar a saia, esticou-se de repente. — Pode fazê-lo sozinha?

Tori sentia os braços pendurados como dois pesos mortos em ambos os lados do corpo. E, embora não gostasse de admitir, sabia que não era prudente levar roupa molhada durante tanto tempo, de modo que negou com a cabeça. Grant não deixou de olhá-la aos olhos nem um segundo e, depois de lhe desabotoar a saia, secou suas pernas com movimentos precisos. Logo fez o mesmo com os braços e o estômago. Tampou-a com o lençol e enfiou uma enorme camisa pela sua cabeça. Vitória se perguntou se ele teria percebido de que era a que lhe roubara.

Sutherland não a olhou. Nesse momento se portou como um perfeito cavalheiro. Mas antes, ao beijá-la...

Tentou afastar esse pensamento ao sentir que lhe segurava o queixo com os dedos procurando seu olhar. Ela ainda não podia centrar a vista. Era preocupação o que alagava os olhos do homem? De verdade estava tão cansado como seu rosto dava a entender?

Grant a deitou na cama com delicadeza e a cobriu com as mantas. Justo antes de adormecer, uma rajada de vento cruzou a cabana. Só de pensar em Cammy presa naquele navio, tinha vontade de chorar... ou de golpear ao capitão de novo.

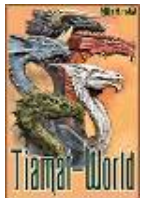
— Não deveria ter nos separado uma da outra— balbuciou. — Não, estando ela tão doente.

— Falaremos disso quando despertar.

Vitória mal foi consciente do que murmurou meio adormecida:

— Mais te vale que esteja bem. Mais te vale...

Horas mais tarde, Tori começou a mover-se e, ao abrir os olhos, surpreendeu-lhe ver que havia luz, mas então se deu conta de que Sutherland havia trazido um farol. Como o rosto ficava oculto pelos cabelos, aproveitou para espia-lo. Estava sentado com uma perna estirada frente a



ele e na outra, que dobrara, apoiava um braço. Não afastava a vista dela nem um instante.

Desconcertada, Vitória se sentou e colocou o cabelo atrás das orelhas. Os olhos do homem seguiram cada movimento.

— Como se encontra? — perguntou-lhe.

— Bem — respondeu, e se surpreendeu de quão rouca soou sua voz.

— Suponho que quererá me perguntar muitas coisas.

Vitória ficou de frente a ele, com o farol iluminando-os a ambos.

— Quero me assegurar de que meu avô te mandou.

— E como vai fazer isso?

— Me descreva a mansão Belmont.

Grant a olhou incrédulo e lhe perguntou impaciente: — Estiveste ali alguma vez?

— Pois é claro.

Suspirou e optou por responder:

— O encarregado de cuidar do imóvel se chama Huckabee. O rio que cruza por essas terras está repleto de trutas. Há um jardim de rosas junto à parede que dá ao sul da mansão.

— Mandou-te ele... — interrompeu-o ela resignada. — Por que demorou tanto?

— Eu sou ao oitavo que envia. Os outros não devem ter chegado tão longe.

— E por que contratou a ti?

Grant não pôde ocultar o quanto essa pergunta o ofendeu.

— Belmont me contratou porque confia em mim. Todo mundo sabe que sou um homem de palavra — respondeu, como se lhe incomodasse falar dele mesmo.

Entretanto, não mencionou o que a Tori mais interessava.

— Um homem de palavra? Me alegre por ti. — Olhou-o fixamente. — Mas o que eu quero saber é se sabe navegar.

Grant se sentou erguido e respondeu zangado.

— Nunca recebi nenhuma queixa. — E logo, controlando seu mau humor, prosseguiu: — Sou mais que capaz de te levar de volta a casa. Meu irmão mais velho também é capitão de navio e aprendi muito dele. É certo que passei os últimos quatro anos cuidando de suas propriedades, mas antes navegava diariamente.

Vitória mordeu o lábio inferior à espera de que dissesse algo mais, mas não o fez. Tentar entender a aquele homem era como decifrar um hieróglifo. Ele deve ter interpretado mal o silêncio e, com voz severa, acrescentou: - Te protegerei com minha vida se for necessário.

Ela se inclinou para frente e o olhou aos olhos:

— Isso foi o que o capitão do Serendipity disse... E foi necessário.

Grant não soube como responder a isso.

— E, além disso, do que tem que me proteger?

— Talvez de que volte a cair por uma ravina — respondeu ele, e ao ver que se ruborizava, continuou: — Belmont me nomeou seu tutor no caso de seus pais haverem falecido.

— E por isso se sente com direito a me dar ordens? — perguntou ela.

— Sim, outorgaram-me tal honra. A partir de agora, é minha responsabilidade.



— E o que obterá em troca de me levar de volta?

— Belmont... me compensará em seu testamento.

Tori se deu conta de sua leve vacilação. Estava mentindo?

Testamento?

— Está doente? - exigiu saber.

— Não, não — tranquilizou-a Grant. — Não que eu saiba.

Vitória suspirou aliviada. Foi raro que sentisse tal preocupação por um ancião que, apesar de ser seu avô, fazia muito tempo que não via. Quando compreendeu que Sutherland tentava analisar essa reação, apressou-se a perguntar:

— Quanto se demora para chegar a Inglaterra?

— Depende do vento. Levamos quatro meses para chegar a Oceania, mas o caminho de volta será mais longo.

— Quatro meses... Cammy não durará nem quatro semanas.

— Depois de explicar à senhorita Scott quem era, alegrou-se muito de poder ir-se por fim daqui.

A moça captou de repente a magnitude de tudo o que estava acontecendo, e sentiu que se enjoava.

— Subi-la a um navio em meio de uma tormenta — murmurou confusa. — Por que o fez?

— Queria que estivesse a salvo. — Grant se inclinou para frente. — E mal o navio retorne, também subirei a ti.

Vitória fechou os olhos.

— Nossos objetivos não coincidem, capitão. Nego-me a ir mais longe que a Nova Zelândia até que Cammy se recupere.

Perdendo a batalha que liberava com seu mau gênio, Grant respondeu:

— Não sou nenhum lacaios a quem possa dar ordens sobre aonde quer ou não quer ir...

Um ramo se rompeu e caiu em cima do telhado. Tori não podia nem imaginar o mal que devia estar passando sua amiga. Mas sendo honesta consigo mesma, Cammy nunca havia dito que tivesse medo dos navios. Entretanto, mesmo assim...

— Terá que ser um homem muito frio e calculista para fazer algo assim a uma mulher.

Os olhos do capitão se obscureceram e voltaram gélidos e, em um tom de voz sério, respondeu:

— Não é a primeira nem a última em me dizer isso Mas foi a decisão acertada. Com ela a bordo sei que você não demorará para segui-la. E é minha responsabilidade afastar a minha tripulação desta tormenta.

— Maldito bastardo sem sentimentos.

— Muito perspicaz — respondeu ele.

— Vá para o inferno, capitão Sutherland. — E dizendo isto se deitou e lhe deu as costas.

— Boa maneira de agradecer a alguém que tenha salvado sua vida.

— Não pode nem imaginar o que te faria se não o tivesse feito — replicou a garota sem olhá-lo.



A tormenta sacudiu a cabana durante toda a noite, mas a construção aguentou. Sutherland fez esforços por manter-se acordado, dizendo a si mesmo uma e outra vez que não podia dormir estando a sós com sua protegida. Ele era seu tutor, e, como tal, precisava cuidar dela.

Ao amanhecer, a chuva diminuiu um pouco, e Grant se arrastou para a escada para comprovar se o navio retornou. Ao ver que a baía seguia vazia se dirigiu a um rincão da cabana para barbear-se. Justo ao acabar, viu Vitória aparecer, e que já não levava a camisa que lhe roubara. Acabava de despertar e ainda tinha as faces rosadas; a brisa brincava com seu cabelo e com os fios soltos de sua roupa.

— O navio não retornou — comentou ela com voz rouca.

— Não, ainda não.

— Por que? O tempo melhorou.

— A tormenta deve tê-los arrastado mais longe. Não se preocupe, às vezes acontece.

Ao recordar o que sentira ao tê-la entre seus braços ao salvá-la do precipício, Grant foi incapaz de afastar o olhar. Apesar de que era óbvio que a jovem estava zangada.

— Que não me preocupe? Está de brincadeira? Nem sequer te conheço, e muito menos a sua tripulação. Não sei se são bons marinhos. Não sei se estão afundando enquanto você e eu estamos aqui conversando. Cada segundo que demorar a ver esse navio — prosseguiu apertando os dentes. — ... é um segundo mais que te odeio.

E dito isto, agarrou uma cesta que pendurava da parede e um chapéu e se dispôs a partir.

— Aonde vai? — perguntou-lhe Grant.

— O que te faz pensar que seja teu assunto? — replicou ela.

— Se não me disser isso, te seguirei.

Vitória se deteve e deu meia volta.

— Acreditava que te tinha ficado claro quão difícil é me encontrar — espetou olhando-o com descaramento e deixando claro que não a assustava. — Não me importará voltar a lhe demonstrar isso. — Sem lhe dar tempo a que reagisse, Grant se apoderou da cesta, e viu que a alça estava confeccionada com a pele de sua bota perdida. Precisava reconhecer que era engenhoso. — Devolva-me isso.

Mas ele segurou a cesta o bastante alto para que ela não pudesse alcançá-la, e levantou a tampa; uma faca, linhas, cordas...

— Vai pescar? Se tivesse intenção de te perder de vista, coisa que não pretendo fazer, eu iria fazê-lo, e te deixaria aqui, ocupada em atividades mais próprias de uma dama.

— Como quais? — perguntou Vitória alcançando por fim a cesta.

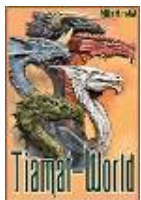
— Como remendar o montão de buracos que tem em toda sua roupa — respondeu Sutherland olhando um dos muitos descosturados que se viam na camisa que usava.

— E se eu tivesse intenções de te perder de vista, coisa que tento fazer desde o dia em que te conheci, te deixaria aqui e iria pescar, pois, nisso, sou muito melhor que você.

Grant sacudiu a cabeça.

— Como sabe? Talvez pescar seja meu melhor talento.

— Sei, porque ninguém no mundo pesca melhor que eu. Ninguém — respondeu a moça



levantando o queixo.

— Vitória, tem que recordar que, na Inglaterra, as damas não costumam ser tão arrogantes.

— Franziu o cenho e acrescentou: — Bom, talvez sejam, mas dissimulam.

— Dissimular a arrogância, — deu-se uns leves golpes na testa. — Já está. Tomei nota. Adeus.

— Espera, — pôs-lhe uma mão no braço. — Talvez te conviria não me perder de vista.

Ela desviou então a vista para sua mão.

— Por que? Se for o cavaleiro que diz ser, acredito que não irá daqui sem mim.

Maldição, não a vira chegar. Grant procurou com afã o modo de recuperar um pouco do terreno perdido.

— Olhe, acredito que quer algo de mim...

— Eu? Não há nada de ti que eu possa querer — respondeu Vitória com os olhos como pratos.

— Ah, não? Talvez poderia me convencer de que nos detivéssemos na Cidade do Cabo para que um médico visse sua amiga.

— E o que tenho que fazer para isso? Deixar que me beije outra vez?

Grant ruborizou.

— Isso... isso foi um engano. Não voltará a acontecer.

— Não sabe quanta razão tem — replicou a jovem com veemência.

"De verdade gostou tão pouco que a beijasse?", pensou ele.

— Não, só quero que coopere comigo, que não se afaste de mim.

Era tão fácil saber o que ela estava pensando... Seu rosto era como um livro aberto, e Grant detectou o preciso instante em que decidiu atender seu pedido.

— Juro-o.

— Aceito suas condições, mas... — apoiou todo o peso em uma perna adiantando um quadril, — se me incomodar enquanto pesco, irei. E não poderá me jogar isso na cara.

Ele sorriu.

— Não se preocupe por isso, Vitória.

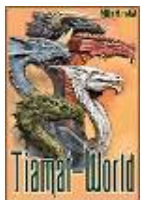
— Já veremos — respondeu-lhe, antes de dar meia volta para afastar-se.

Grant a seguiu até uma curva oculta do lago, e recordou ter passado por ali nos dias anteriores. Agora que já encontrara a moça, dedicou-se a observar o montão de peixes que nadavam por entre as raízes das árvores que se afundavam na água, e o alvoroço dos pássaros que habitavam nelas.

Vitória fazia como se ele não estivesse ali e, depois de deixar a cesta no chão, agarrou uma improvisada lança e se aproximou da borda. Ali, agachou um segundo para agarrar a barra da saia e colocar na cintura.

Grant teve que fazer um esforço para não dar a volta e comprovar que ninguém podia vê-la desse modo.

— Não te entendo — soltou exasperado. — Não se importa nada com todas as normas do decoro, mas nem morta lhe pegariam sem chapéu.



Tori deu de ombros, como se não visse nada estranho nisso.

— Não te dá vergonha que eu te veja assim, ou com essas roupas tão transparentes? — insistiu ele.

— Quer dizer que reparaste? — replicou ela arqueando uma sobrancelha.

— Me responda — disse Grant ruborizando-se.

— Bom, o que quer que te diga? Não tenho mais remédio. Toda minha roupa está assim ou pior, de modo que devo escolher entre ver como você se ruboriza, ou me envergonhar por algo que não posso evitar.

— E por que não pede roupa emprestada à senhorita Scott? — perguntou ele, com lógica.

— E danificar assim também a sua? Eu tenho que usá-la para trabalhar.

Ao dar-se conta de que Vitória tinha razão, Grant franziu o cenho.

Ela já estava em meio da água e, depois de uns poucos segundos, trespassou um enorme pescado com sua lança.

— Que eu saiba, não é minha obrigação te alimentar, capitão — disse, sopesando o pescado. Logo, aproximou-se de uma árvore e, com uma faca, tirou-lhe as escamas. — Se quiser comer, mais vale que te mova.

Sutherland agarrou outra lança do cesto e Vitória o desafiou com o olhar.

A cena fez Grant pensar em um duelo ao amanhecer mas com a jovem vestida daquela maneira, com a roupa colada ao corpo, e o cabelo solto lhe emoldurando o rosto, deu-se conta de que ele estava terrivelmente em desvantagem.

— Preparado, mestre pescador? — perguntou ela rindo.

— Está me desafiando?

— Sempre.

Tori esteve observando o capitão, e chegou à conclusão de que, embora fosse valente, era óbvio que não gostava nada de estar naquela ilha. Era como se tudo ali desafinasse de suas estritas maneiras, suas camisas recém engomadas e suas lustrosas botas. O capitão era tão rígido como ela era despreocupada. Aquele homem não sabia relaxar; não era afável. E não sabia perder.

Derrotá-lo seria mais satisfatório do que pensava.

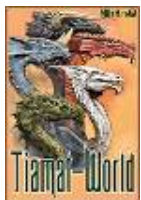
Embora lhe doessem muito os braços, Tori se negou a descansar.

Sutherland já pescara sua primeira peça, e uma segunda.

Ela por sua parte pescou dois mais.

Estava tão zangado que refletia em cada músculo de seu rosto. Quanto mais se zangava, mais peças de roupa tirava. Primeiro foi o chapéu, para assim não perder tempo afastando-o para secar o suor. Logo a camisa. Depois as botas, para poder assim meter-se mais dentro. Tori se perguntou se o fazia para distraí-la, porque a verdade era que estava conseguindo; mas ao vê-lo tão concentrado na pesca, descartou a ideia.

A jovem afastou uma mecha de cabelo dos olhos com o reverso da mão e estudou o homem com descaramento. Observou como flexionava os músculos das costas antes de soltar a lança. Seguiu com o olhar os movimentos de seu braço. Quando ele se inclinou para trás para molhar o cabelo, e esticou os músculos de seu bronzeado torso, Vitória ficou sem fala.



Franziu o cenho. Jamais se preocupara em encaixar ou não encaixar na sociedade; chegara à conclusão de que, chegado o momento, saberia fazer o que fosse necessário. Mas já não estava tão segura. Agora se dava conta de que havia um enorme abismo entre ela e a sociedade; havia um montão de perguntas das que não conhecia a resposta. Como por exemplo, como era possível detestar tanto a um homem e de ser tão feliz só com sua presença? O que era o que sentia cada vez que o via? Atração? E seu desejo de tocá-lo e acariciá-lo era luxúria? Por que gostara tanto que a beijasse se o odiava?

"Tudo é um grande mistério", pensou suspirando.

Mas quando Grant agarrou outro peixe, Tori pôs fim a seus pensamentos e se concentrou em ganhar. Quando seus braços disseram basta, estavam empatados. Mas o capitão continuou esperando, com a lança no alto, imóvel observando a água. Devia ser um peixe muito grande para que lhe dedicasse tanto tempo. Tori deu de ombros. Ela pescou menos, mas suas peças eram muito maiores, e estavam competindo por quilogramas, não por peças. Embora ele ainda não soubesse.

A garota se dirigiu à parte mais separada da borda, atrás de uma rocha, onde a água estava mais fresca, para arrumar-se. Despiu e esfregou o corpo com força. Logo, limpou sua roupa e, depois de vestir-se, penteou o cabelo com os dedos até que quase o deixou seco. Ao retornar, viu que Sutherland seguia concentrado em sua presa, seguindo-a com o olhar. Ela se apoiou em uma palmeira e soprou para tirar uma mecha de cabelo dos olhos.

Já tinha suficiente. Agarrou uma pedra e a lançou à água justo diante do Grant.

Capítulo 9

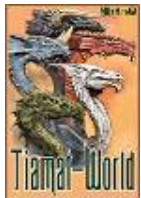
"Força de vontade." Isso era a única coisa que poderia derrotar aquele peixe monstruoso. Cada vez que Grant se dispunha a trespassá-lo o animal mudava de direção. Mas ele era um homem paciente, esperaria o que fosse necessário. Doía-lhe o braço por ter ficado tanto tempo levantado, mas estava decidido. Valeria a pena...

A água salpicou seu rosto e sua presa se afastou. E tudo por culpa da pedra que agora descansava junto a seus pés. Com os dentes apertados, desviou o olhar para a margem e viu Vitória sorrir triunfalmente. Grunhiu, jogou a lança para fora da água, onde cravou completamente reta, e se dirigiu para a garota. A cada passo que dava, fulminava-a com o olhar e, apesar de que qualquer marinheiro em seu lugar já estaria pedindo perdão, ela nem se alterou. Não tinha nenhum pinga de medo dele, e talvez devesse ter.

Sem dizer nenhuma palavra, Grant a agarrou nos braços e se dirigiu de novo para o lago.

— Não, Sutherland! — gritou ela. — Acabo de me secar. Não o faça!

Nada podia evitar que a lançasse à água. Mas no último segundo, Vitória deixou de lhe golpear o peito e se abraçou a ele com força, de modo que quando Grant foi soltá-la, ele caiu atrás dela. Impulsionou-se para a superfície cuspidando água entre risadas. A garota também cuspiu água



enquanto afastava o cabelo do rosto.

— É um bruto! Juro que se arrependerá... — Tori se interrompeu e seguiu o olhar do homem, fixo em seu decote. A camisa deslizara pelo seu ombro, deixando a parte superior de um seio descoberto.

O tecido desgastado se prendia no outro. Puxou a camisa mas esta teimava em colar a seus seios. Vendo-a assim, Grant só podia pensar em tocá-la, em beijá-la...

Um enorme desejo explodiu em seu interior.

Em uma tentativa por controlar seus impulsos, apertou as mãos com força. Passou toda a manhã olhando-a quando ela não se dava conta, com os olhos cravados em suas longas pernas e em seus seios quase nus. A imagem de seu traseiro era suficiente para lhe pôr de joelhos. Daria sua vida sem duvidar um segundo por acariciá-la e percorrer aquelas nádegas com seus dedos. Para controlar sua excitação, Grant se matara de trabalhar.

E agora, ali estava a jovem, quase nua a seu lado. Perguntou-se se estaria tão afetada como ele. Viu que tinha a respiração acelerada, e que não deixava de percorrer seu peito e estômago com olhos famintos. Durante um segundo, Grant pensou que talvez ela gostasse que a beijasse, que talvez gostasse que a acariciasse, que percorresse sua pele com as mãos.

"Vitória, nua, na água, comigo."

Um estranho som brotou de sua garganta, e Grant nadou para a borda. Saiu da água e, sem parar, agarrou as botas e a camisa para afastar-se dali. Caminhou furioso até a praia de areia branca, e só se deteve para lançar conchas ao mar ou para tentar vislumbrar seu navio. Antes de encontrar Vitória não esteve especialmente ansioso para retornar a sua casa: mas agora sabia que essa era sua única salvação. Com certeza, uma vez no mundo civilizado, a moça deixaria de lhe parecer tão atraente. Era muito atrevida, muito descarada para seu gosto.

Levantou a vista para o sol e ficou atônito ao ver a cor violeta que tingia o céu. Semelhante espetáculo só podia ver-se naquele pequeno pedaço de mundo; o laranja ensanguentado, o magenta e o azul da noite, refletiam à sua perfeição complicados sentimentos. Grant apoiara sua vida no autocontrole, e Vitória o estava arrebatando. Se o tirava por completo, acabaria destruindo-o. O fazia sentir coisas que nunca antes sentira. E isso era muito perigoso.

Nenhuma mulher conseguira despertar desejo. Nenhuma o fizera desejar algo que sabia que não podia e nem queria ter. Quando retornou ao lago, Vitória já não estava, assim se dirigiu à cabana. Estava a meio caminho quando cheirou algo delicioso. O aroma foi aumentando e, igual a um animal, lhe fez água na boca.

Encontrou à garota cozinhando o que pescaram sobre um fogo, e pensou que nunca teve tanta fome como naquele instante. Percorreu o acampamento com o olhar e perguntou:

— Com o que comeremos? — Vitória riu sem humor.

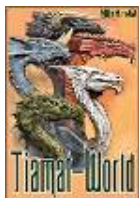
— Vejo que dá por feito que vou te dar de comer?

— Colheres? — insistiu ele.

A jovem o olhou e suspirou resignada.

— Procura em vão. Agradeça que tenha pratos.

Grant estudou o tosco disco de madeira que ela chamava prato, e que agora estava cheio de



pescado. *Comeria com as mãos?*

Vitória já começara, e os sons de prazer que fazia ao saborear cada dentada não o estavam ajudando nada. Finalmente, deu-se por vencido e, ignorando suas boas maneiras, agarrou um pescado com os dedos. Não pôde evitar fechar os olhos. O bocado lhe derreteu na boca. O sabor, a textura, o aroma daquela comida não podia comparar-se com nada que tivesse comido antes. Então se deu conta de que ela o estava observando, e ruborizou.

Comeram tudo. Grant se esforçou por manter a compostura, mas ao final não conseguiu. Comeu como um animal, e repetiu várias vezes. De fato, Vitória teve que lhe arrancar o prato das mãos para poder limpá-lo. A ilha começava a lhe afetar, e ele não podia, não queria, permitir-lhe. Precisava ser mais forte que seus instintos.

— O que está fazendo? — perguntou ao vê-la espremer uma fruta sobre seus dedos. Não respondeu, se limitou a lhe atirar a outra metade para que fizesse o mesmo. O suco da fruta eliminou o aroma de pescado de seus dedos.

— Arrumaste-lhe isso bastante bem sem colheres — disse Vitória, deitando-se na rede que restava.

— Não entendo por que não fabricaste ao menos um par. Vi seus outros utensílios. Sei que é capaz de fazê-lo. — E por que ia esbanjar minha faca, minha única faca, para esculpir colheres se tenho dedos que funcionam muito bem?

Grant se sentou em um tronco, em frente ao fogo.

— Para manter um pouco as boas maneiras? Vai ter que aprender um montão de coisas quando retornar.

— E se não as esqueci? — perguntou ela. — Talvez a única coisa que acontece é que decidi ignorar algumas.

— Como quais?

— Como por exemplo, todas as que são completamente absurdas em uma ilha. Vestir como uma dama, por exemplo. Cobrir-me com trezentos quilos de roupa interior, no caso de que a tivesse, seria um suicídio. Ou se adapta ou morre.

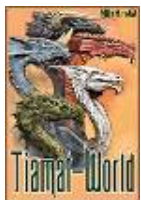
— Esse raciocínio não é próprio de nossa civilização. — Grant agarrou um ramo e revolveu as brasas. — Não importa onde esteja, nem o que faça, não pode deixar de lado suas maneiras, seu modo de vestir. Se o fizer, perde sua identidade.

— E por que quereria conservar minha identidade? — espetou a moça olhando-o aos olhos. — Entende uma coisa, capitão. Passamos dez anos acreditando que o mundo nos dava por mortas. E isso é algo muito liberador. — Voltou a relaxar. — E tanto se for consciente como se não, você também está se adaptando a isto. Como eu fiz.

— A que se refere?

— Tirou a camisa, as botas...

— Assim é — assentiu, arqueando as sobrancelhas enquanto ela cruzava os braços. — Mas você não. Já entendo por que sua roupa está como está. — Assinalou-a com a mão. — Mas o que não entendo é que nem sequer se ruborize. Quando chegou aqui, era suficientemente velha para ter umas poucas noções de decoro.



— Decoro? — burlou Vitória. — Prefere que te chame santo capitão ou capitão santo?

Grant esforçou por controlar seu mau humor.

— Sim, era o suficientemente velha para saber o que era o decoro. Quando era pequena, minha mãe estava acostumada dizer que não havia nada que limitasse mais o espírito humano que isso. Ela te consideraria um desmancha-prazeres.

— Não sou um desmancha-prazeres — defendeu-se ele antes de poder evitá-lo. — O decoro é o espinho dorsal da Inglaterra. O que nos distingue do resto do mundo. — passou a mão pelo cabelo e tratou de fazê-la entrar em razão. De todas as coisas que ela podia ignorar ou passar por cima, aquela era a pior. — As normas de etiqueta não são nenhuma tolice. São o resultado de anos de evolução, e existem por algum motivo.

A jovem o olhou durante um longo momento.

— Sim, já sei como te chamarei: capitão Desmancha-prazeres.

Grant a fulminou com o olhar. Não escutara nenhuma maldita palavra de tudo o que lhe dissera.

— Se nem a identidade nem o decoro significam nada para ti, me pergunto se realmente quer abandonar esta ilha.

— Que não saltasse de alegria ao te ver na praia não quer dizer que não queira sair daqui. Tem lido muitas novelas sobre naufrágos. E, me acredite, todas se equivocam. Onde se viu que umas mulheres, das quais ninguém vai sentir falta, pois todo mundo as dá por mortas, saiam a receber com os braços abertos uns marinheiros que levam meses em alto mar?

— A verdade é que acredito que fez bem em ser precavida — ele reconheceu olhando o fogo e recordando do diário. — Nunca escreveu o que aconteceu com o capitão depois de que a senhorita Scott o golpeasse com aquela pedra.

Vitória deixou de balançar-se e sentou completamente tensa.

— Não havia nada que escrever. Morreu e o deixamos ali. No dia seguinte, quando não puderam lhe encontrar, o resto da tripulação se assustou e fugiu. — Estava desafiando-o a que criticasse seu comportamento.

— Lamenta-o? — Grant supunha que não, mas como podia alguém não ter pesadelos sobre algo tão horrível? "O capitão estava segurando Cammy, estava-lhe fazendo mal", escrevera ela. "Queria protegê-la, queria atacar aquele homem. Foi como se me deixasse louca."

— Se lamento? Absolutamente. Só sinto não ter podido evitar toda a situação. Ou ter sido eu quem o golpeasse com aquela pedra. Teria gostado de poder economizar Cammy do mau momento.

Grant teve que fazer um esforço para dissimular seu assombro.

Qualquer mulher que conhecia, em uma situação semelhante, só teria gritado pedindo ajuda. Nenhuma teria se jogado em cima daquele canalha para tentar estrangulá-lo. E agora, anos mais tarde, aquela moça só lamentava não ter sido ela quem soltasse aquela bendita pedra.

Ficou embevecido olhando aqueles olhos claros e valentes e se sentiu pouca coisa a seu lado. Entendia perfeitamente que não queria mudar nada do que fizera, mas mesmo assim, era desconcertante estar junto a uma mulher tão diferente às demais.



— Compreendo que fosse tão precavida conosco. Fez bem em desconfiar. Mas poderia ter economizado as brincadeiras pesadas.

Vitória deu de ombros e voltou a deitar-se.

— Senti que era o que precisava fazer.

Ao Grant alegrou trocar de tema.

— Sentiu? Bom, suponho que é próprio de ti guiar pelos instintos em vez de pela lógica.

— Com ambas as coisas se chega ao mesmo lugar, só que se guiando pelos instintos se chega mais rápido. — replicou ela balançando-se.

Sua alegria durou muito pouco. Agora sentia vontade de sacudi-la.

— Do que servem os instintos para planejar uma vida, ou para algo que não seja cobrir as necessidades mais básicas?

Vitória o olhou como se acabasse de lhe crescer uma segunda cabeça.

— Meu único plano era me manter com vida. E acredito que é um objetivo bastante nobre.

Grant não conseguia entendê-la. Ele tinha toda sua vida planejada. Com todo detalhe. Levaria a jovem de retorno à Inglaterra. Quando o conde morresse, herdaria sua mansão e faria com que recuperasse seu velho esplendor. Uma vez obtido esse objetivo, procuraria esposa do mesmo modo que fizera tudo: com objetividade, sem sentimentalismos. Com uma casa como aquela, Grant estava convencido de que conseguiria atrair à mulher adequada; uma tranquila dama inglesa de linhagem e maneiras impecáveis...

— E qual é seu objetivo, capitão Desmancha-prazeres? — Ele a olhou com hostilidade, mas respondeu:

— Te levar de retorno à Inglaterra e formar um lar.

— Você se aborrece por que eu não tenho nenhum plano — suspirou ela. — Mas como quer que o tenha? Não tenho nem ideia de como será minha vida quando retornar. Por exemplo, com quem vou viver?

— Seu avô ficará responsável por ti até que se case.

— E o que acontecerá com Cammy? Ela não tem família.

— Estou seguro de que Belmont lhe permitirá ficar contigo até que contraia matrimônio — disse ele, assinalando a opção mais lógica.

— E depois?

— Faz muitas perguntas, Vitória.

— Estou tentando fazer uma ideia. Além disso, essa será minha nova vida... E não quero começá-la as cegas.

Grant não pôde discutir esse último comentário.

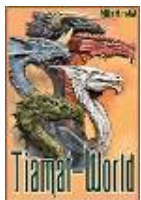
— De acordo. Talvez seu marido permita à senhorita Scott ficar contigo, como sua dama de companhia, ou como babá para seus filhos.

— Talvez?

— Se não, sempre poderia contrair matrimônio.

— Acaso isso soluciona tudo? O matrimônio? Pois é um milagre que ainda haja solteiros...

Ao Sutherland o comentário não fez nenhuma graça e ela suspirou esgotada. Tinha muitas



coisas em que pensar.

— Uma coisa eu te garanto — prosseguiu o capitão. — Casará e terá filhos. Assim como amigos e uma família.

Vitória pareceu momentaneamente desconcertada, e logo seu rosto relaxou. Grant estava certo de que de pequena adorava os meninos.

— Talvez — murmurou, ainda absorta.

Ele não podia deixar de olhá-la. A brisa avivou o fogo e soltou uma mecha de seu cabelo. A garota se levantou e sussurrou: — Boa noite.

E, pela primeira vez, não o olhou como se estivesse zangada ou assustada, se afastou da rede e entrou na cabana, perdida em seus pensamentos. Grant não pôde tirar da cabeça aquele olhar misterioso. Pensou que Vitória era uma pessoa fácil de interpretar, mas agora não estava tão seguro. Preparou seu saco de dormir e começou a procurar um espaço entre as árvores. De repente, deteve-se. Dissera a sério isso de que acreditavam que o mundo as dera por mortas? De verdade perderam toda esperança de que as resgatassem?

E, se assim fosse, como conseguiram sobreviver sabendo que jamais voltariam a ter nada?

Não podia deixar de pensar nisso, embora agora já não tivesse sentido. Vitória ia retornar. Ia ter filhos, uma família, amigos. Ela já estava na cabana, mas mesmo assim, Grant gritou para que pudesse lhe ouvir.

— Vitória, eu te prometo que voltará a ter tudo.

Depois de uns segundos, ela respondeu reticente:

— Se quer ver as estrelas, se mova para a direita.

Capítulo 10

Ao cair a primeira gota na testa, Grant despertou. E quando seguiu outra e outra até converter-se em uma tormenta tropical, começou a renegar. Já dormira antes com chuva ao ar livre, disse a si mesmo em uma tentativa de resignar-se. "Mas não era comparável a isto", disse uma vozinha dentro dele. Olhou para a cabana, desejando o resguardo que oferecia.

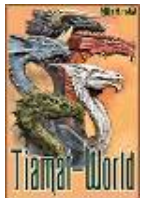
Compartilhá-la com Vitória ou ficar ali fora. Levantou-se, mas não se aproximou; estava decidido a permanecer no exterior. Sentou sob umas folhas levantou a gola da jaqueta. Não era para tanto...

Quando a chuva começou a meter-se pelo nariz e boca, amaldiçoou do mais fundo e se dirigiu para a escada. Sacudiu toda a água de cima que pôde antes de entrar, e quando o fez viu vitória deitada. Parecia muito relaxada, e nem se alterou ao vê-lo entrar.

Grant deixou sua esteira no chão, e se ajoelhou diante dela para procurar roupa para trocar. Tudo estava empapado. Sentou-se sobre os calcanhares.

— Você gostará muito de ver como sua pele apodrece por causa de seu apreciado decoro.

Ele deixou de coçar o braço e, apesar de que estavam às escuras, fulminou-a com o olhar.



— Não há luz — disse Tori exasperada, como se estivesse falando com um menino pequeno.
— Sua modéstia está a salvo.

— Não é minha modéstia o que me preocupa.

Dormir na mesma sala que ela. Sem roupa. Esse era seu pesadelo.

— Então, o que é?

— Preocupa-me a tua. Dê a volta para que possa me despir.

Vitória soltou um suspiro e fez o que lhe pedia.

— Utiliza o leito de Cammy.

Grant se despiu olhando ao teto e logo caminhou às cegas até a cama feita de erva.

Mal descansou a cabeça sobre o braço, o cansaço de todo o dia cobrou sua cota. Pesavam-lhe enormemente as pálpebras. Um último pensamento lhe cruzou a mente:

"Isto de dormir com ela não está tão mal... As vezes a gente tem que romper as regras".

Grant teve o sonho mais maravilhoso de toda sua vida. Vitória estava aconchegada junto a ele, sob as mantas, e um de seus seios descansava em sua mão. Acariciou-lhe o outro com a outra mão e, ante sua surpresa, sentiu como lhe percorria o torso com a ponta dos dedos até deslizar-se para debaixo de sua cintura.

Sua respiração acelerou. Entrecerrou a mão que continha o seio e sentiu a incrível calidez e suavidade da pele feminina. Era possível tanta perfeição? Entreabriu os olhos ao mesmo tempo que Vitória. Vulnerável e meio adormecida, era irresistível. Ainda em sonhos... aproximou-se dela e a beijou enquanto lhe percorria o mamilo com o polegar. A jovem gemeu e moveu os quadris.

Ele seguiu beijando-a, desenhando seus lábios com a língua enquanto Vitória percorria sua ereção com a mão. Ao sentir seus curiosos dedos sobre seu membro, Grant estremeceu, e quando com uma unha foi da ponta até a base, gemeu de satisfação irreprimível. Se continuasse tocando-o desse modo, logo chegaria ao orgasmo. Desejava-o. Fazia tanto tempo que...

Um raio de luz alagou a cabana. Sutherland ficou gelado, e o corpo da garota ficou rígido.

— E pensar que para mim era o vivo exemplo do cavalheiro inglês — comentou Ian da porta.
— Deixa que te diga uma coisa, tiro o chapéu ante ti.

Seu primo entrou na cabana com um sorriso nos lábios.

— Que demônios?

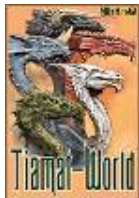
Sob os lençóis, a mão de Grant seguia sobre o seio de Vitória, enquanto ela seguia com a mão em seu excitado membro. A jovem apertou os lábios com força, e Sutherland rilhou os dentes. Ambos se afastaram um do outro. Ela foi mais rápida, entretanto ao fazê-lo, sua camisa se enroscou no pulso dele. Vitória apressou em fechá-la mas um enorme "V" lhe deixava o seio descoberto.

— Vá, vá, olhe os pombinhos.

"Deus, minha humilhação não podia ser mais completa", pensou seu primo.

— Vá para o inferno, Ian — disse, lançando uma de suas botas para a porta, e ruborizou só de pensar em todos os sermões que passou ao menino. Uma semana na ilha bastou para destruir toda uma vida de retidão.

De verdade esteve acariciando o seio de Vitória?



— Ao inferno? Venho dele — replicou o outro. — Essa tormenta foi...

— Onde está a senhorita Scott? — interrompeu Tori. — Piorou?

— Cammy enjoou um pouco, mas agora está bem — respondeu Ian. — Quando sai, estava no camarote do capitão, lendo com a mesma voracidade com que bebe chá.

— Cammy? — burlou Grant ao ouvir na boca de seu primo o carinhoso diminutivo do nome da mulher.

— Ela me pediu que a chamasse assim. — Ian se dirigiu à jovem e prosseguiu: — Lady Vitória, sou Ian Traywick, primo do ogro.

Tori lhe dedicou um olhar adulator.

— Obrigado por cuidar dela. Não pode imaginar quão preocupada estava — disse olhando ao Grant.

— Foi um prazer. Cammy é uma dama encantadora.

— Em efeito, é. — Vitória sorriu e olhou ao Ian como se fosse um herói de conto de fadas.

Sutherland começava a se irritar. Fora insultado, atacado... mas jamais lhe dedicara um sorriso. Tinha os dentes brancos, perfeitos, e ao sorrir lhe iluminavam os olhos. *Que Deus o ajudasse*, se tinha até uma covinha. O próprio Ian estava tão desconcertado que procurou Grant com o olhar para saber o que fazer. Vitória acabava de despertar, e ainda estava com as faces rosadas; o cabelo, quase branco, caía-lhe solto por cima dos ombros, o vale entre seus seios estava descoberto... Ele não tinha nem ideia de como defender-se... Poderia Ian?

Grant, decidido, tampou com a mão o decote desabotoado de Vitória, mas ela o fulminou com o olhar e se separou dele. Ian teve que fazer verdadeiros esforços para não rir. Seu primo perdeu finalmente a calma.

— Nos veremos no acampamento dentro de um momento — despediu. — E dado que a senhorita Scott já está a bordo, lhe peça que escolha um vestido para Vitória entre os que trouxemos.

— Seus desejos são ordens, — o jovem sorriu de novo e se dispôs a partir.

— Ian — chamou Grant, — suponho que não dirá nada sobre isto, não?

O outro deu meia volta e pôs uma mão no coração.

— Ofende-me. Quando eu traí sua confiança? — e dito isto, foi dali.

Estavam perdidos.

Sutherland esfregou o rosto enquanto pensava em algo que dizer a Vitória.

— Ontem à noite veio a minha cama. — Ela o olhou aos olhos.

— Não, você veio à minha!

Era verdade. *Deus*, isso sim que era difícil de explicar. A moça afastou o olhar e se cobriu até o queixo com os lençóis. Ele passou a mão pela têmpora.

— Sinto muito. Não deveria ter acontecido. Juro que não voltará a passar.

— Isso disse antes — replicou ela, — e não deixa de me tocar e me beijar.

A vergonha que Grant sentia se converteu em raiva.

— Acredito que você também estava me tocando.

— Estava meio adormecida!



O capitão decidiu deixar que mantivesse essa mentira, e optou por trocar de tema:

— Tenho que me vestir.

Esta vez, Vitória não fez nenhum comentário sobre o decoro; limitou-se a agarrar sua roupa e sair da cabana.

Quando Grant saiu, ela já se vestira, e estava olhando ao Keveral.

— Vamos hoje? — perguntou a meia voz, como se ainda não acreditasse.

— Com a próxima maré.

— E fará escala na Cidade do Cabo?

Sutherland duvidou um instante, e esteve tentado a dizer que ela não podia exigir nada, mas afinal respondeu:

— Só o tempo necessário para que um médico visite a senhorita Scott.

— Vamos hoje — murmurou Vitória pálida, e sem afastar a vista do navio, acrescentou: — Tenho que pegar algumas coisas antes de partir.

— Tem toda a manhã para fazê-lo. Eu te acompanharei.

— Não. — Sacudiu a cabeça. — Quero estar sozinha.

Por desgracia, Grant sabia que era um pedido razoável, mas não queria perdê-la de vista.

— De acordo.

Faria com que tivesse a sensação de que estava sozinha.

Deu-lhe uns metros de vantagem, e logo a seguiu, sabendo que, se não estivesse tão nervosa, já teria se dado conta disso.

Justo quando o capitão estava chegando à conclusão de que a moça o descobrira e estava perdendo tempo de propósito, chegaram a um descampado.

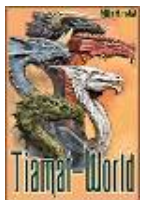
Viu-a agachar diante da pequena cruz que assinalava a tumba de sua mãe. Grant ficou escondido, olhando-a sussurrar sua despedida e vendo como lhe tremiam os ombros ao chorar. Nesse instante, entendeu de tudo o que a estava afastando, e estremeceu. Vitória deixava algo mais que sua ilha, algo mais que seu modo de vida. Ele sempre pensou nela como um meio necessário para obter seu fim, mas agora via o que ela estava passando. Estava sob seu cuidado e estava muito assustada.

A garota abriu uma velha caixa de madeira que havia sobre a tumba, e de dentro tirou um cordão com algo pendurado no extremo, uma espécie de amuleto. Colocou ao redor do pescoço e Grant compreendeu que era uma das coisas que ia levar com ela. Afastou-se em silêncio, respeitando sua privacidade.

Vitória chegou duas horas mais tarde, com uma caixa cheia de lembranças e uma coleção de conchas. Grant a viu na praia, olhando de longe como os homens recolhiam o acampamento. Agarrou a roupa que haviam lhe trazido do navio e se dirigiu para ela. A jovem ficou olhando o montão de tecido como se não soubesse o que fazer com tudo aquilo.

— Lembra-se de como...? — começou ele.

— Lembro-me — sussurrou em resposta.



— Ficarei aqui se por acaso necessita ajuda.

Tori começou a se despir como um autômato.

— Darei a volta - anunciou Grant fazendo-o.

— Estou preparada — disse ela uns minutos mais tarde sem nenhuma emoção.

Sutherland a olhou e ficou sem fala.

Essa manhã a vira sorrir pela primeira vez. Umas horas mais tarde, deu-se conta de que nunca se perguntou como ela se sentia a respeito de tudo aquilo. E agora, recebia um murro no peito em forma de vestido de seda azul. Parecia uma dama, e isso fez que Grant se envergonhasse ainda mais de seu comportamento. Essa manhã a acariciou... Ao vê-la com aquele vestido, parecia inconcebível.

Franziu o cenho. A via incomodada, apesar de que aquela cintura entalhada e as longas mangas lhe caíam maravilhosamente. Era óbvio que o laço do colarinho lhe incomodava muitíssimo. Vitória o arrancou de um puxão, deixando o decote sem adorno nenhum, e o desafiou com o olhar. Grant não disse nada; ela não necessitava adornos.

Vitória desviou de novo o olhar para o navio e ficou tensa. Havia algo nela, um fogo interior misturado com acanhamento, que o comovia. Primeiro acreditara que se sentia atraído por sua força e agora também o atraía sua vulnerabilidade? Bom, havia algo nela que não lhe atraía? A jovem começou a tremer, mas manteve o queixo alto... E o capitão Sutherland se sentiu enormemente orgulhoso dela.

Tori ficou olhando o que fora seu lar, tratando de assumir que jamais voltaria a vê-lo. Sentia-se tão vazia como a ilha. Ali lhe aconteceram muitas coisas, e não era nada que pudesse levar empacotado.

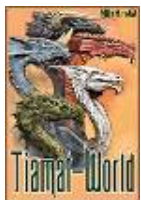
— É hora, Vitória — anunciou Sutherland sem emoção. Absorta como estava, sobressaltou-se ao dar-se conta que Grant a levantava nos braços, mas então recordou que era costume evitar que uma mulher molhasse o vestido. O capitão Sutherland era todo um cavalheiro, e a segurava com tanta frieza, que ninguém acreditaria que antes o havia feito com tanta paixão.

Ao chegar ao bote, e como se fosse uma delicada peça de porcelana, deixou-a em mãos de um homem miúdo chamado Dooley. Vitória ficou alerta e cambaleou até chegar a seu assento. Alguns marinheiros a olharam com curiosidade; outros lhe sorriram. Ela teve a sensação de que, a estes, Sutherland fulminava com o olhar, mas talvez fosse só sua imaginação.

Não gostava de estar entre tantos homens, mas o atordoamento que sentia ao abandonar aquele lugar esfumava qualquer outra sensação. Quando começaram a remar, deu-se conta de que pela primeira vez em muitos anos já não podia cheirar o aroma do jasmim. A terra ia se afastando cada vez mais. Os bandos de pássaros pareciam agora pontos brancos suspensos sobre árvores que se cravavam como raios sobre a terra. Apesar de todos os perigos que tiveram que enfrentar, sua ilha seguia lhe parecendo um paraíso.

Chegaram ao navio em seguida. Sutherland agarrou sua mão e a acompanhou até a rampa que as ondas balançavam sem cessar. Quando seu pé descansou na primeira travessa, Vitória deu meia volta para olhá-lo.

O capitão estava atrás dela, mantendo-a firme.



— Não tenha medo — sussurrou-lhe para que ninguém o ouvisse.

— Não tenho medo — negou ela, mas seguiu sem mover-se. Levantou os olhos e viu que a rampa levava até a proa do navio. Se alguém caísse de tão alto...

Grant, sem saber o que fazer, deu-lhe uns leves golpes no ombro.

— Vamos, Vitória. Temos que ir.

A jovem se zangou tanto que deixou de ter medo. Que a tocasse com tanta educação diante de sua tripulação para que não suspeitassem o que havia feito a noite anterior a pôs furiosa. A pesar do vestido, subiu com rapidez, com Grant colado em seus calcanhares. Decidiu que o melhor seria não olhar para baixo e, segurando-se no corrimão como se sua vida dependesse disso, aproximou-se do convés. Sutherland começou a dar ordens enquanto sua tripulação erguia o bote e se colocava em posição.

Vitória ficou quieta e, com o primeiro movimento do navio, perdeu o equilíbrio e caiu sentada em meio da seda de seu vestido. Podia cheirar as velas e as cordas empapadas, e as lembranças começaram a assaltá-la. Recordou ao velho capitão do Serendipity, e que uma vez lhe contou que sempre que um navio se lançava ao mar, morria um pouco.

— Ergam as âncoras — disse Grant sem alterar-se.

Ainda não. *Ainda não!* Ao sentir que zarpavam, a garota se levantou para olhar de novo sua tranquila e serena ilha.

O movimento do navio, aquele vaivém sob seus pés, enjoava-a. Conseguiu controlar as ânsias e não ficar em ridículo mas os olhos se encheram de lágrimas. Estava perdendo o controle. Tinha tal pânico, que quase se pôs a rir; sentia-se como um navio à deriva. O medo e a raiva ameaçavam asfixiar.

Lembrou do medo que, tanto ela como Cammy, sentiram a primeira noite que passaram na ilha. Não sabiam onde encontrar água. Não sabiam onde encontrar comida. A horrível sensação de estarem perdidas quando sua mãe se rendeu ante a dor; amortecia os gemidos desta. Ver as ensanguentadas mãos de Cammy lutando por acender uma fogueira para que a mulher estivesse melhor. Ver como algo murchava dentro de sua amiga desde aquela maldita e úmida noite em que soltou aquela rocha ensanguentada junto ao corpo sem vida do capitão.

Tori levou a mão ao pescoço procurando desesperada o anel de casamento de sua mãe. Cammy o tirara do dedo da mulher depois que morresse, porque ela assim o pedira. Todas essas lembranças buliam em seu interior a ponto de explodir... Mas Vitória conseguira sobreviver e seguir adiante. Deu meia volta e procurou o capitão Sutherland com o olhar.

Aquele homem só a estava utilizando para obter algo; e, ao fazê-lo, estava afastando-a da vida que ela conhecia para jogá-la outra vez em um mundo desconhecido. Quando ela seria a proprietária de seu destino? O medo entrou em ebulição junto com a raiva que sentia, e o fez com tanta força, que Tori não ouvia nada além dos batimentos de seu coração.

Quando o vento inflou as velas, o navio cabeceou e a ilha desapareceu no horizonte. A jovem se inclinou para a borda e se segurou na amurada.

— Vitória, a senhorita Scott te levará a seu camarote — disse Sutherland a suas costas. Quando deu a volta, ele franziu o cenho: — Camellia está aqui.



Mal podia entender o que dizia. Era consciente de que estava movendo os lábios, mas não compreendia suas palavras. Pesavam-lhe as pálpebras e a cabeça dava voltas. Tinha a sensação de estar vendo uma luz muito potente. De repente, ouviu um golpe. Cammy correu para ela, e sentiu uma enorme dor no pescoço. Tinha vontade de chorar.

O capitão voltou a falar, mas esta vez não estava ordenando nada, estava pedindo:

— Vitória, por favor, abre os olhos.

Quando por fim conseguiu, viu que ele estava muito preocupado.

— Mantém os olhos abertos, carinho — sussurrou Grant.

O navio se sacudiu de novo, e o movimento fez a moça gemer. As pálpebras voltavam a fechar-se e ele a agarrou nos braços. Vitória era vagamente consciente de que Cammy golpeava Sutherland no peito lhe pedindo que a deixasse, e de que ele a estreitava ainda com mais força.

— Bom, leve-a ao menos a seu camarote — balbuciou Cammy. — Já que não pensa soltá-la.

Capítulo 11

O pesadelo a assaltou com mais força que nunca, inclusive podia ouvir os rangidos do navio com toda clareza. Seu estômago dava um tombo a cada onda que investia contra a popa, e quando Tori por fim abriu os olhos, não saiu desse horrível sonho, mas entrou nele com todos seus sentidos...

Cammy a estava olhando com um voluntarioso sorriso desenhado no rosto, pálido pelo enjoo. Tori, incapaz de dissimular o pânico que sentia, saiu da cama sem preocupar-se por seu aspecto. Até esse momento, jamais entendera a expressão "estar enjoada como uma sopa". Sentou-se muito rápido, o que lhe provocou uma forte dor de cabeça.

— Cammy — murmurou, — o que aconteceu?

— Desmaiou e bateu a cabeça.

Desmaiar? Ela?

— Refiro-me a você, o que aconteceu com você?

— Estou enjoada — disse rindo. — É engraçado, não me sinto bem nem na ilha nem no navio.

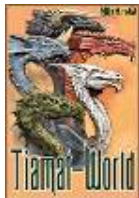
— Não diga isso, acredito que passará. — Suas otimistas palavras não correspondiam a seus pensamentos. Era óbvio que sua amiga estava esgotada, e que precisava deitar-se.

O navio voltou a balançar, mas Tori se levantou e se dirigiu para a pia cheia de água que havia no camarote.

— O que faz?

— Tratar de despertar. — Outra onda sacudiu o navio, e a água do recipiente a salpicou. *"Tente não pensar no vento. Finge que não se dá conta de como rangem as pranchas sob seus pés."*

— Tem que descansar! — replicou Cammy zangada.



— Ia te dizer exatamente o mesmo.

— Mas você se machucou... — As últimas palavras não chegaram a sair de entre seus apertados lábios. Apesar de seus esforços para evitar, correu para um balde e vomitou.

Tori lhe acariciou o cabelo, e teve que concentrar-se para reprimir suas próprias náuseas. Foi horrível. Começou a suar, lhe entrecortou a respiração, e teve que apertar com força a mandíbula. Sabia que, quando uma pessoa se entregava ao enjoo, já não parava de vomitar até que não podia nem mover-se. Os marinheiros chamavam a esse estado "o inferno do marinheiro".

Grant se manteve afastado de Vitória tanto como pôde. Agora, não lhe passava despercebidos os olhares que a senhorita Scott lhe lançava cada vez que entrava no camarote. E quando utilizava a desculpa de que como capitão era seu dever zelar pelo estado de saúde de seus passageiros, a mulher se burlava dele. Ao aproximar-se à porta essa vez, pareceu ouvir vozes. Por fim a jovem despertou. Deu uns leves golpes para chamar, e ouviu como a senhorita Scott dizia:

— Se esse homem vier uma só vez mais... — Abriu a porta e lhe disse: — Entre! Está bem. Já está acordada. "*Maldita mulher.*"

Grant não queria que Vitória soubesse que fora vê-la várias vezes. Estava a ponto de dar meia volta quando, ao que parecia, a senhorita Scott pensou melhor e o chamou.

Entrou no camarote, saudando com um seco movimento de cabeça.

— Preciso falar com você, capitão— disse Cammy, e Vitória franziu o cenho ao escutá-la. — Precisa tirar Tori deste camarote; vai se contagiar de mim se ficar aqui.

— Não penso ir — respondeu a outra abrindo os olhos.

— Pois é claro que irá — afirmou a senhorita Scott com uma autoridade que Grant não teria suspeitado jamais.

— Este é um navio cargueiro — explicou. — Não temos camarotes livres.

— Então, irei eu. Me instalarei em outro lugar, no corredor se for necessário. Não me importa — insistiu Cammy.

— Veem comigo, Vitória — ordenou-lhe Sutherland.

— Eu disse que não penso em me mover!

A senhorita Scott ficou de pé como se fosse dizer algo.

Grant agarrou Tori pelo braço.

— A única coisa que conseguirá ficando assim será preocupá-la ainda mais. E isso não lhe convém.

— Tem razão — confirmou a governanta sentando-se de novo.

— Pode-se saber a que se deve tanto escândalo? — perguntou Ian da porta.

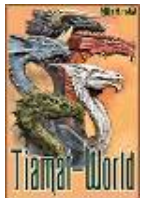
— Quer que deixe Cammy sozinha — explicou Vitória, olhando acusadora ao capitão e a sua querida amiga.

— Para que não se contagie — esclareceu Grant.

Seu primo olhou a ambos e sopesou a situação.

— Eu pensei em passar o dia fazendo companhia a Cammy, já sabe, para lhe contar todas as minhas fascinantes aventuras.

A garota sustentou o olhar do jovem durante longos segundos...



— Escute-o, Tori — ordenou-lhe a senhorita Scott. — Ele tem o estômago de aço. E assim você poderá descansar até que se encontre melhor.

— Vitória, estaremos bem — tranquilizou-a Traywick. — Já cuidei dela antes que subisse ao navio. E se você também fica doente, terei que fazer de enfermeiro das duas.

Ela decidiu que podia confiar no Ian e, depois de sacudir a cabeça, permitiu que entrasse no camarote.

— Bom, Cammy onde paramos?

— Você ia me contar uma de suas exageradas aventuras — respondeu a senhorita Scott, — e eu ia vomitar o pouco que tomei do café da manhã.

— Ah, pois, o que estamos esperando?

Sutherland com suavidade levou Vitória para a porta, e quando conseguiu que saísse, fechou-a com brandura. Ao ver pela vigia a imensidão do oceano, suas pernas tremeram, e Grant se repreendeu interiormente por sua estupidez, colocando-se entre ela e a vista enquanto a acompanhava a seu próprio camarote.

Uma vez dentro, pareceu-lhe ver que relaxava um pouco, e a olhou observar o camarote. perguntou-se o que lhe pareceria. O quarto espartano não tinha nenhum objeto decorativo supérfluo, mas apesar de não ser vistoso, era elegante.

— A única coisa que acontece com a senhorita Scott é que está enjoada. Ian se assegurará de que esteja cômoda — disse.

— Sei — respondeu ela, e logo acrescentou, — se não, não teria saído. — deu meia volta para as estantes cheias de livros e ficou sem fôlego. — É precioso — suspirou. — E está intacto. — Pegou o exemplar do Robinson Crusoe e arqueou as sobrancelhas. — Estava-te documentando?

O homem ergueu as costas.

— Tenho que voltar para o trabalho. Mandarei que lhe tragam um pouco de comida quando se sentir melhor.

Vitória voltou a colocar o livro em seu lugar e assentiu, mas ele seguiu sem se mover de onde estava.

— Deu-nos um bom susto — disse a seguir sem poder evitar. Por sorte, o comentário soou relaxado, e Grant confiava em que não delatasse quão angustiado esteve.

Vitória se sentou no extremo da cama, era a primeira mulher que entrava em seu camarote.

— Estava preocupado por mim? "Tanto que não podia nem dormir." — Deu-te um bom golpe.

Ao vê-la deslizar os dedos pelos lençóis, não pôde evitar imaginar-lhe entre eles, relaxada depois de fazer amor. Deu-se conta do muito que gostava de vê-la ali, em sua cama, e se obrigou a ir. Ao fim e ao cabo, tinha um navio que fazer funcionar.

Ao entardecer, o mar se enfureceu, e quando Sutherland retornou a seu camarote para pegar a capa de chuva, encontrou a jovem sentada na cama, rígida como um pau, agarrando-se aos lençóis com os punhos e com expressão aterrada.

— Vitória, temo que estamos passando por uma tempestade.

— É? — replicou ela sarcástica, — Não me diga? Não me dei conta.



— Não tem nada que temer. Te mantereí a salvo.

A moça seguiu como estava, como se não tivesse ouvido. *Acaso não lhe acreditava?* Acreditava que não era capaz de manter sua palavra? Doe-u-lhe só de pensar.

— Precisa se acalmar. Esta é só a primeira tormenta, acredito que haverá mais, e será inclusive pior. Precisa ser forte.

— Ser forte? Assim que só preciso ser forte e pronto? E acredita que basta pedir? De acordo. De passagem, pedirei também um gênio da matemática. — Levantou as mãos. — Vê-o? Pronto. — Mas ao dar-se conta de que Grant a olhava preocupado, acrescentou: — A verdade é que não quero ser forte.

O navio se inclinou para a direita e Vitória caiu tombada na cama. Quando, com um golpe seco, o navio se estabilizou de novo, Tori gemeu e começou a chorar. Ao ver as lágrimas escorregando por suas faces, Grant se alarmou.

— Estou farta de fingir que sou forte quando na realidade estou morta de medo!

No passado, sempre que Sutherland via uma mulher chorar, estava acostumado a esquivar-se com um *"Te deixo sozinha para que se recomponha"*. Mas agora não podia suportar a ideia de que a garota estivesse passando-a tão mal. Apesar do que acreditasse todo mundo, Grant tinha sentimentos. Acaso no dia anterior mesmo não se rendeu à necessidade de agarrá-la entre seus braços quando desmaiou no convés?

Naquele momento, até sabendo que o necessitavam na ponte de comando, disse:

— Posso ficar aqui contigo um momento, se não quiser ficar sozinha.

Vitória duvidou uns segundos mas logo lhe ofereceu a mão com acanhamento, pedindo que se sentasse a seu lado. Assim ele o fez e ela se aproximou e o olhou com tanta gratidão nos olhos, que estes inclusive brilharam.

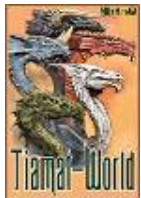
Em voz muito baixa e calma, Grant explicou a que correspondiam todos os sons e gemidos que ressonavam no navio.

— Isso foi a vela inflando-se por uma rajada de vento... Esse golpe que acabamos de ouvir foi uma polia solta que alguém vai segurar a qualquer momento... Não, não, quando as madeiras rangem assim é bom. Significa que se adaptam aos movimentos do leme, como tem que ser.

Em uma sacudida especialmente forte, Vitória agarrou uma das mãos dele entre as suas e a levou ao peito. Momentos mais tarde, apoiou a cabeça contra seu ombro. Grant não soube quanto tempo permaneceram assim, mas quando a ouviu respirar regularmente, comprovou que dormiu e a deitou na cama. Levantou-se, tampou-a com os lençóis e foi lutar contra a tormenta enquanto balbuciava entre dentes que tinha uma promessa que cumprir.

Tori despertou ainda alterada pelos acontecimentos da noite anterior. Aquela tormenta tampouco conseguira acabar com ela. E o capitão lhe demonstrara que, no fundo, era um bom homem. Pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se segura. Ele era tão alto e forte, e estava tão convencido de que podia protegê-la, que ela mesma começava a acreditar.

Tormentas, naufrágios, marinheiros sem escrúpulos, desprendimentos de rochas... não paravam de lhe acontecer desgraças, mas apesar de tudo seguia com vida. Vitória começava a suspeitar que era indestrutível, e agora estava decidida a seguir adiante. Ajoelhou-se diante de seu



baú e tirou o pendente. Beijou o anel a modo de despedida e, como o tesouro que era, envolveu-o em um lenço e o guardou.

Apesar de que sua mãe lhe dera esse anel, não lhe correspondia levá-lo.

Já ia levantar se quando seus olhos empanados se fixaram no diário, que Sutherland guardara com o resto de suas coisas. Era pesado... cheio de lembranças. E quando algo pesa muito e te impede de avançar, o melhor é abandoná-lo no caminho. Tirou um vestido dos mais bonitos que encontrou e se vestiu com pressa. Logo, com o diário sob o braço, foi em busca do capitão. Não gostava de passear pelo navio, mas decidida a não deixar-se vencer pelo medo, dispôs-se a sair, e não demorou a encontrar Sutherland falando com Traywick.

— Capitão — disse antes de chegar a ele.

Grant deu meia volta sem ocultar quão surpreso estava de vê-la.

— Não acreditava que queria se levantar, e muito menos sair a dar uma volta pelo convés.

— Queria te agradecer por ontem à noite. — Ele abriu a boca, mas a voltou a fechar. — Eu... você... — Só lhe queria agradecer isso, interrompeu-o ela. — Adeus.

E se foi. Ian fez então um de seus comentários conseguindo que seu primo o mandasse ao inferno. A parada seguinte de Vitória foi olhar como as ondas golpeavam o casco do navio, e ficou ali pensando em quanto sua vida mudara nos últimos dias. Agora podia começar do zero, fazer o que desejasse.

Ao chegar a Inglaterra, podia reinventar-se, ser quem quisesse ser. Uma garota assustada, afligida pelas tragédias do passado, ou uma moça decidida que se atrevia com tudo o que o destino lhe punha por diante. Sorriu. Sabia que decisão tomar.

Ergueu o queixo e olhou para o horizonte. A noite passada, o oceano fervia de fúria, e agora estava tão calmo que parecia um espelho. Mas ela seguia ali, ilesa.

— Isso é tudo do que é capaz? — espetou, desafiante. E sem pensar duas vezes, atirou o diário ao mar.

Feito isto, dirigiu-se para o camarote de Cammy. Seus passos inseguros tornaram-se ousados ao atravessar o convés e se atreveu inclusive a traçar o corrimão com um dedo. Chegou à porta, golpeou e a abriu com a ponta de suas botas novas, Cammy conseguiu entreabrir um olho. Franziu o cenho e olhou para ver quem se ocultava detrás de Tori...

— Veio sozinha até aqui? — Ao ver que a garota assentia, insistiu: — você cruzou o navio sozinha?

Vitória se aproximou do extremo do camarote e abriu um respiradouro que havia no teto.

— Assim é.

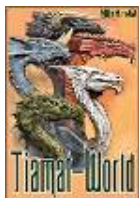
A outra ficou boquiaberta.

— Sério? Isso quer dizer que já te parece melhor tudo o que nos aconteceu?

Tori deu de ombros e se sentou.

— Sei que Sutherland nos levará de volta, sãs e salvas. E suponho que se estivesse destinada a morrer em um naufrágio, a estas alturas isso já teria acontecido. — Olhou Cammy e viu que tinha uma cor melhor. — Como se sente hoje?

— Tomei um pouco de chá com algumas bolachas. Sinto-me melhor. — Fez um esforço para



erguer-se. — Já não está zangada porque o capitão me fez embarcar? Parecia estar a ponto de lhe morder...

Ao recordar quando pegou sua mão na noite anterior, a jovem se ruborizou. Era uma mão tão forte e rugosa, cheia de durezas pelo trabalho no mar, mas acariciou as dela com ternura.

— Então acreditava que era um ser desumano, mas agora entendo que tinha motivos para fazer o que fez. — Ela sabia o que se sentia ao estar disposto a fazer tudo para conseguir o que se queria. — Agora o entendo muito melhor.

— Quero que saiba que comigo foi muito educado. — Cammy franziu o cenho. — Bom, exceto ontem, quando não deixava de vir aqui sem cessar. Jamais vi um homem tão preocupado.

— Pois claro que estava preocupado. Se me passar algo mau, não receberá sua recompensa.

— Não era isso. Traywick me disse que é um homem muito decente. — A seguir baixou a voz. — Sutherland sente algo por ti.

— Por mim? — perguntou Tori interessada. — A que se refere?

Sua amiga sorriu.

— Você não viu a cara que pôs quando desmaiou. Está apaixonado. — E por cima dos protestos de Tori, acrescentou: — Acaso não se deu conta?

Ele a beijara na ilha. A beijara com um desespero que jamais teria imaginado, e a acariciara... como se quisesse conhecer seu corpo de cor. Sentiu um calafrio.

— Passa a maior parte do dia longe de mim, e quando me vê se mostra frio e distante.

— Ian acredita que fariam um bom casal.

— Você e Traywick parecem se entender muito bem — disse Vitória para mudar de tema. — Muito bem — repetiu, lhe piscando um olho.

— Somos amigos. Sim, já sei que é muito bonito, e que é encantador, mas é muito jovem. — Com um olhar de cumplicidade, acrescentou: — Se te for sincera, sempre gostei dos mais velhos. — Alisou as rugas do lençol sobre seu colo. — Além disso, seu coração já tem proprietária. Está completamente apaixonado.

Tori se apoiou no painel de madeira que havia a suas costas.

— Quando posso voltar a me instalar aqui?

Cammy a olhou como se estivesse a ponto de lhe confessar algo realmente horrível.

— Já, sabe, este camarote é muito pequeno. Muito para que se alojem nele duas pessoas, e muito menos duas mulheres. — E atrás dessas desculpas, disse a verdade: — Além disso, Ian se senta em sua cama quando vem ler para mim.

"Incrível."

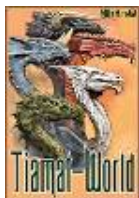
— Vai me abandonar por esse traficante de chá?

E como se tivesse aparecido por arte de magia, Traywick entrou no camarote.

— Tem melhor aspecto que ontem — disse sorrindo para Vitória e fingindo não ter ouvido seu último comentário.

— Ela é uma sobrevivente — explicou Cammy orgulhosa. — É um dom. — Olhou o livro que o bonito sedutor sustentava. — Vai ler para mim por um momento?

O jovem assentiu, e Tori começou a levantar-se.



— Nem pensar, Vitória — disse ele. — Fique, por favor.

A garota voltou a sentar-se com as pernas cruzadas em um extremo do leito e, consciente de quão irascível a vira, Ian se sentou no outro extremo.

— Do que estavam falando?

— Antes de falar de ti, estivemos comentando que o capitão Sutherland gosta de Tori — respondeu Cammy.

Vitória ficou boquiaberta e a outra deu de ombros. Traywick apoiou as costas contra a parede, e descansou os pés no colchão da senhorita Scott.

— Eu adoro o tema. — Sorriu a jovem. — Graças a ti, já não sabe o que é o direito nem o reverso.

— Por que está disposto a falar dele conosco? É seu primo — disse ela desaprovando sua atitude, e então acrescentou: — Deveria mostrar mais lealdade.

— Talvez pretendesse fazer algo mais que fofocar — replicou Ian. — E se te dissesse que tenho meus motivos?

— E quais são?

Duvidou uns segundos antes de responder:

— Quando Grant saiu correndo atrás de ti... foi a primeira vez que o vi fazer algo impulsivo desde que era um menino. Não tinha sentido, não era lógico, mas acredito que nada nem ninguém poderia detê-lo. — Olhou-a sem ocultar o que pensava. — Convém-lhe. Fará bem a ele estar contigo.

Ruborizada, ela se apressou a perguntar: — E por que te importa tanto isso?

A máscara de indiferença do jovem se derrubou por completo.

— Olhe, preciosa, meu primo está morrendo por dentro. A esta altura se converteu em um homem muito frio a não ser que algo mude, se congelará por completo, ou todo o fogo que fica nele o fará explodir pelos ares. — Fixou o olhar no de Tori. — Não quero estar perto dele quando ocorrer nenhuma dessas duas coisas.

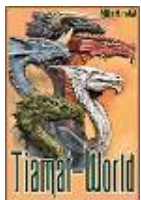
Abriu o livro e pigarreou para começar a ler, como se não houvesse dito nada, como se suas palavras não a tivessem estremecido até o tutano.

Embora Cammy e ele protestassem, ela se foi sem poder deixar de pensar em Sutherland. Tori sabia que Traywick tinha razão. Aquele homem estava fervendo a fogo lento... igual a um vulcão. Pensou na noite em que a beijou, recordou o modo em que seus lábios procuraram os dela, em como a segurou pelos ombros. A promessa que havia em seus olhos quando se afastou.

O que em realidade estava lhe prometendo?

Permitiu-se imaginar o que aconteceria se não se separassem, ou se Traywick não os tivesse interrompido na cabana. Mentia ao dizer que esteve meio adormecida enquanto se acariciavam. Estava bem acordada, e o seu coração pulsou disparado com cada uma de suas carícias, gemeu ao descobrir cada uma das texturas do corpo dele, seus beijos a fizeram desejar...

De retorno em seu camarote, Tori começou a revolver seus pertences, ansiosa por saber mais coisas sobre ele. Era culpa dele que tivesse que recorrer a medidas tão desesperadas, raciocinou para si mesmo. Se estivesse disposto a abrir-se um pouco, ela não teria que fazer algo



tão desonroso. Por outro lado, Sutherland leu seu diário, assim tinha todo o direito do mundo em bisbilhotar um pouco.

Passou horas examinando cada rincão de seu escritório, inspecionou um montão de aborrecidos documentos náuticos e leu uma pilha de velhas cartas que havia no fundo de uma das gavetas. Em uma delas, sua mãe depositava toda sua confiança nele, e dizia: *"Se essa família estiver viva, você é o único capaz de encontrá-los e devolvê-los à casa são e salvos"*.

Em outra, seu irmão lhe contava com todo luxo de detalhes o dia a dia do Keveral, e deixava também claro que confiava totalmente nele. Acaso aquele homem jamais se equivocava? Segundo sua família isso era inconcebível. Também encontrou muitos papéis cheios de notas matemáticas indecifráveis; inclusive os pôs do reverso para ver se assim conseguia entendê-los. Junto a cada anotação, havia o símbolo da libra esterlina.

Dinheiro. Se estivesse tão obcecado com ele, talvez estivesse em apuros econômicos. "Me pergunto se sua mãe sabe."

Ao final, optou por agarrar o exemplar de Robinson Crusoé e leu os primeiros capítulos, onde conta como Crusoé passou seus primeiros dias no navio abandonado, procurando todas as ferramentas possíveis, e fazendo provisão de sementes. Isso estaria bem. Quando o deixou na estante, o livro que havia ao lado captou sua atenção. A geografia do mar, de Matthew Fontaine Maury. Estava dedicado:

"Boa viagem, Grant. "Te amo, Nicole". *Te amo? Quem era essa mulher?*

E por que lhe importava tanto? Pois porque tinha uma mulher em casa e mesmo assim a beijou, a acariciou... por isso! Seu estômago deu um tombo. E se estava comprometido?

Com certeza Traywick saberia. Chegou-lhe sua risada junto com a de um marinheiro na cobertura. "Na cobertura, junto com outros marinheiros." Vitória trouxe seus medos e caminhou até onde Ian estava sentado.

Uma vez ali, atirou o livro em cima da mesa que havia frente a ele.

— Quem é? — Assinalou o nome da mulher com a unha.

— Tem que afastar o dedo. OH, só é... — deteve-se antes de responder, e perguntou: — Por que quer saber?

— É que me surpreende que haja alguém lhe esperando.

O jovem lhe sustentou o olhar.

— Não será por que te dói um pouco?

— Não seja ridículo. É que me incomoda que ele... que ele... Bom, você estava ali! Incomoda-me que tomasse liberdades comigo quando está apaixonado por outra.

— É Nicole Sutherland...

— Está casado! — exclamou.

— ... A mulher de seu irmão Derek. Ficaram amigos quando ele os ajudou a reconciliar-se.

Tori se derrubou na cadeira que havia junto à de Traywick.

Agora só ficava outro mistério por resolver: *por que ficou ciumenta?* Por que Grant já não a assustava, mas sim cada vez lhe parecia mais fascinante? Levantou a vista e viu o contramestre olhando-os com atenção. Ela afastou o olhar, mas ainda estava ruborizada quando Dooley se



aproximou:

- Lady Vitória, alegre-me ver que já se encontra melhor. Necessita que lhe traga algo?
- Não é necessário — respondeu ela, arisca.
- Estamos bem, Dooley — interveio Traywick. — Obrigado.

O contramestre saiu dali tranquilo, igual a um cão que esquece que acabam de lhe dar um chute. Traywick olhou a jovem, reprovador:

— Deveria dar uma oportunidade aos marinheiros deste navio. Não sei o que te aconteceu para que tenha tão má opinião dessa profissão, mas estes homens são diferentes.

— Sério? — perguntou incrédula.

— É difícil conseguir trabalhar para a naval Peregrine. Só contratam aos melhores. Não têm nenhum marinheiro que esteve no cárcere, e tampouco nenhum dos que frequentam bordéis, nem a membros de nenhum bando.

— Membros de um bando?

— Sim, muitos costumam trabalhar no mar durante uma época para fazer um pouco de dinheiro. Grant só contrata homens que tenham família.

— Todos estes homens têm família?

— Exceto Dooley, que é viúvo, e talvez algum outro, mas sim. Para Grant é muito importante, para eles é uma grande oportunidade.

Enquanto Tori ainda estava assimilando essa informação, Traywick continuou:

— Não me interprete mal, às vezes também são escandalosos, e tomam suas garrafas de rum, mas deveria ver seus beliches. As paredes estão empapeladas com cartas de suas esposas e retratos de seus filhos.

A jovem seguiu Dooley com o olhar, e viu que o homem parava e ajudava ou tratava com amabilidade a todos que encontrava no caminho. Viúvo. E ela o tratou como o pior dos criminosos. Suspirou e decidiu que dali em diante seria mais atenta com ele. De fato, começou a ver todos os marinheiros com outros olhos. Já se dera conta de que sempre foram muito asseados, e que falavam muito bem, mas agora percebeu que além disso eram educados, e não se pareciam em nada às tripulações que conhecera antes.

— Surpreendente. — deu meia volta e, ao ver Sutherland, compreendeu que sua opinião dele também mudara. Soprou um pouco de vento e uma mecha de cabelo caiu na testa do homem.

Por que lhe deu vontade de sorrir ao ver que ele o afastava de um tapa?

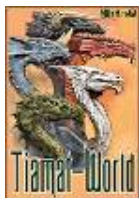
— Já que está aqui, gostaria de jogar uma partida de cartas? — perguntou Traywick.

— Sim, talvez — respondeu ela sem se voltar.

Estava tão ocupada olhando ao capitão, que não ouviu que Traywick dizia:

— Quatro a um para Grant.

Capítulo 12



Se Vitória seguisse se comportando de um modo distante e frio, ou se ainda estivesse zangada com ele, Grant talvez tivesse alguma possibilidade de resistir. Mas ante uma Vitória amável e encantadora estava completamente perdido. À medida que passavam os dias, a jovem ia acostumando-se mais ao navio e ao mar, e sua confiança em si mesmo aumentava. Era como se tivesse saído de sua carapaça, como se estivesse se desprendendo dos medos de sua antiga vida da mesma forma que uma serpente muda de pele. Parecia que esqueceu até que não gostava dele, e, depois de cada tormenta, o agradecia por sua perícia...

Na segunda semana, parecia que nascera para navegar. Enquanto a senhorita Scott dormia, o que costumava ser todas as horas, Vitória aproveitava para aprender as canções que Dooley cantava, e o ajudava a cerzir as velas. Quando acabavam com as tarefas, gostava de distrair-se inspecionando as novas espécies que o navio levava em sua carga.

— Nunca sabe com o que vai se encontrar — disse ao Dooley, nervosa e contente.

Acostumou a usar vestidos, e havia feito os acertos necessários para que a roupa se adaptasse a ela. Ficava feliz ao ver que a senhorita Scott ia melhorando, e ria com as tarefas dos marinheiros. A tripulação a adorava...

Mas à medida que ela ia florescendo, Grant ia perdendo o sono. Instalou-se no camarote do lan, já que seu primo estava acostumado dormir na coberta, e sofria ao não vê-la tanto quanto quisesse. Cortaria um braço seu em troca de poder voltar a tocá-la.

Para piorar as coisas, Vitória passava a maior parte do dia com o lan.

Nesta manhã, os viu jogar cartas, e teve que combater o ciúme que sentiu, e isso quando ele sempre dissera que tal sentimento não existia. Invejava a seu primo por poder passar tantas horas com ela, invejava-o quando o ouvia contar esse montão de piadas velhas que ela não conhecia. O ciúme era sentimento próprio de um homem apaixonado. Não tinha lugar no coração de um solteiro e sem compromisso.

Grant ficou olhando-os, para ver se via neles algum indício suspeito. Ambos os jovens tinham mais ou menos a mesma idade, e sabia que seu primo estava acostumado ter muito êxito com as mulheres, mas foi incapaz de observar o menor sinal de atração amorosa entre eles. De fato, frequentemente flagrou Vitória olhando-o enquanto estava na ponte de comando.

Mas o deixava louco ouvi-la rir por algo que lan disse.

— Não quero que passe tanto tempo com ela — disse a lan quando a garota foi dar um passeio.

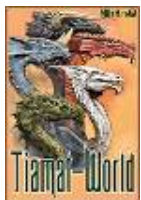
— Está comigo, ou está com o resto da tripulação. E tenho que reconhecer que Vitória já sabe muitos palavrões... — Grant franziu o cenho, e lan acrescentou: — Não é o que pensa. E até no caso de que eu não estivesse pensando em outra mulher, Tori recorda a minha irmã.

— A qual? — perguntou Sutherland suspicaz. lan tinha três irmãs, e nenhuma se parecia com Vitória.

— Emma.

— Emma? — perguntou incrédulo. — Mas se é só uma menina que acaba de sair da escola.

— Tem dezoito anos.



— Se limite a ficar afastado dela — ordenou-lhe Grant em voz baixa. E quando seu primo lhe sorriu zombador, levantou e se colocou diante dele, em uma postura claramente ameaçadora.

— É a neta de um conde. Inclusive você sabe que não pode paquerar com a neta de um nobre.

— Nem sequer sabia que não se pudesse paquerar com a filha de um — replicou o outro sorrindo, e, inclinando-se para frente, continuou: — Além disso, o melhor que há em uma aventura em alto mar é que ninguém tem por que inteirar-se.

Grant agarrou Ian pela camisa e o levantou da cadeira, contendo com muita dificuldade a vontade que tinha de lhe dar um murro.

— Não me olhe assim, primo. Não vou tocá-la — disse o jovem estalando a língua. — Só queria ver como reagia.

Sutherland o soltou e suspirou.

— Acredita que é por isso pelo que te pedi que se afaste dela? Porque a quero para mim?

— A questão é que ela já é tua. Eu só sinto a obrigação de protegê-la. Como um irmão. Não a quero do mesmo modo que você.

O capitão passou uma mão pelo rosto.

— E como acredita que eu a quero? — Nem ele mesmo reconheceu sua voz.

— Maldito seja, Grant. Abre os olhos. Jamais te vi agir assim. — Ian lhe deu um tapinha nas costas e se afastou dele. Mas voltou a dar meia volta. — Por que resiste tanto?

— Por que? — riu sem humor. — Porque não quero me sentir assim.

Dooley passou junto a eles e se deu conta de que seu capitão tinha os olhos cravados em Vitória.

— Essa garota está se dando conta de que com seus encantos pode conseguir o que quiser — comentou o marinheiro. — Basta um sorriso para ter a toda a tripulação comendo na palma de sua mão.

— Que Deus ajude aos homens da Inglaterra — balbuciou Sutherland.

Ian sorriu com compaixão.

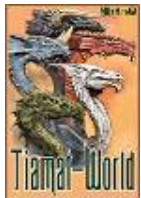
— Mais te valeria rogar por ti em primeiro lugar primo.

Grant passou toda a noite batalhando contra uma pequena mas persistente tempestade. Quando por fim conseguiu derrotá-la, dispôs-se a fazer o mesmo que fazia a cada manhã; ajustar o rumo, inspecionar o navio, dar novas ordens e olhar Vitória... não necessariamente nessa ordem.

Ela caminhava acima e abaixo nervosa, fulminando Ian com o olhar, pois este preferiu ler a passar o momento com ela. Toda sua pessoa emanava aborrecimento. O dia, apesar de que amanhecera claro, estava muito frio, e Grant optou por retornar a seu camarote para trocar a roupa molhada que usava. Uma vez dentro, pendurou o casaco e, enquanto batalhava com os botões de sua empapada camisa, deu meia volta para fechar a porta.

Mas nesse mesmo instante Vitória apareceu na soleira.

— O que quer? — espetou ele. — Se veio me agradecer pelo da tormenta de ontem à noite, não é necessário. É meu trabalho. — Ela não respondeu, mas se limitou a ficar embevecida, olhando o seu torso, e ele se incomodou ainda mais. O olhar que havia em seus olhos proclamava



claramente que queria lhe tocar. — Vá embora— ordenou Grant sem olhar para ela.

— Não sei o que fazer. Disse que me protegeria, e, bom, estou a ponto de me golpear contra a parede de tão aborrecida.

Ele teve que morder a língua para não sorrir.

— Preciso me trocar.

— Não há nada que já não tenha visto antes.

"Será atrevida... Um momento..."

— Esteve me olhando nas cataratas, verdade?

Como acontecia quando não queria responder a alguma de suas perguntas, a jovem se limitou a lhe ignorar, e se sentou no baú, voltada para a parede.

— De acordo, não olharei.

Grant duvidou uns segundos, e logo começou a assear-se e a vestir-se. Quando ouviu que já estava calçando as botas, Vitória se levantou, agarrou o diário de bordo, e voltou a sentar-se no baú.

— Não te dei permissão para pegá-lo.

Ela seguiu passando páginas.

— As notas dos primeiros dias são muito precisas, meticulosas. Mas a partir de quando chegou à ilha, são menos... — olhou para o teto em busca da palavra certa — exata! Sim, menos exatas e menos detalhistas. — Franziu o cenho e voltou o diário para ele. — De fato, algumas destas anotações nem sequer têm sentido.

Grant tirou o diário das suas mãos e o colocou no alto da estante, onde ela não pudesse alcançá-lo. Quando deu meia volta, viu que Vitória se sentou diante de seu baú aberto, e estava inspecionando sem reparos suas pilhas de roupa perfeitamente ordenadas. Investigando, como sempre.

— Custa a se concentrar? — perguntou ela sem abandonar sua bisbilhotice. — É por minha causa que está assim?

"Será arrogante."

— Não, é porque estou muito cansado.

Por fim, ela se voltou para lhe olhar.

— Já sei que está exausto, mas eu gosto da ideia de que não possa deixar de pensar em mim, e que por isso descuide de todo o resto.

"Acertou no prego."

A garota pegou uma camisa e a colocou em cima dos ombros, ao que parece com intenções de levá-la. Ao menos, agora entendia por que lhe faltavam tantas camisas ultimamente.

— Vá embora, Vitória. E deixa a camisa aqui.

Ela se levantou e entrecerrou os olhos.

— Vou conseguir que você goste de mim. Isso é o que vou fazer. Você gostará tanto que não poderá suportar.

E dito isto, foi para a porta com a camisa ainda em cima dos ombros... como um guerreiro que se dispõe a travar uma batalha que não sabe que já ganhou.



"O que me está passando?", perguntou-se Tori incapaz de entender seus sentimentos. Mal pôde controlar o impulso de aproximar a face ao úmido torso do Sutherland e roçá-lo com os lábios. Como era possível que lhe parecesse ainda mais atraente que antes? Isso era quase impossível. O capitão era arrogante e a punha furiosa, mas apesar disso, morria de vontades de acariciá-lo, de lhe passar os dedos pela fronte e eliminar as rugas de preocupação que se formavam ali.

Sacudiu a cabeça e foi sentar-se em seu rincão preferido do convés para ver se assim lhe passava a tolice. Essa mesma manhã, quando ele a olhou, acreditou ver algo distinto em seus olhos. Era óbvio que a desejava. Inclusive ela podia vê-lo. Mas também havia algo mais, como se se sentisse perdido...

Alguém lhe estalou os dedos justo diante de seus olhos, tirando a de seu ensimesmamento. Ao que parece, Ian decidiu lhe fazer companhia.

Mostrou-lhe um jogo de cartas e começou a baralhar.

— Deduzo que você e meu primo começam a se levar melhor — comentou direto.

Vitória se ruborizou. *Mas o que lhe acontecia?*

Aproveitou que Ian seguia baralhando para trocar de tema: — Faz uns dias, Cammy me disse que seu coração está ocupado. por que não está com ela?

O jovem tomou ar e olhou suas cartas, as colocando como um leque.

— Tive que ir da cidade de improviso, e acreditei que Grant só ia a América, ou a algum lugar pelo estilo. Não tinha nem ideia de que fosse navegar até o condenado Pacífico Sul.

— Não o diz a sério! Ficou preso no navio?

— Talvez foi o melhor que me aconteceu — assentiu ele como para si mesmo. — Só tenho vinte e seis anos, é muito cedo para me casar.

Tori estudou suas cartas e sorriu.

— Tencionava fazê-lo?

— Bom, quando conhece a pessoa adequada...

— O que pensa Grant de tudo isto? — perguntou Tori.

— Não sabe. Quase ninguém sabe. Seguro que me jogaria um sermão sobre o pouco preparado que estou para assumir a responsabilidade de uma família.

— Como se chama a garota?

— Erica — respondeu ele com um sorriso.

— Acredita que te escreveu? — inquiriu sorrindo ela também ao observar quão apaixonado o via. — Talvez se nos detemos em algum porto possa perguntar se houve alguma carta para ti. Estou segura de que lhe rompeu o coração que fosse.

Ian deu de ombros.

— Está te esperando em Londres?

— Não sei se poderia me esperar tanto tempo — respondeu, agarrando uma carta e tratando de fingir indiferença.

— OH, Ian, não deve pensar isso...

— Talvez não saiba o que me aconteceu — prosseguiu ele resignado. — Se não recebeu



minhas cartas o mais seguro é que acredite que desapareci. Ou algo pior.

— Algo pior?

— Que a abandonei — disse, sem ocultar a dor que sentia.

Tori ficou sem fôlego.

— De verdade acredita que ela pode não saber o que te aconteceu? Estará doente de preocupação. — Preocupação? E não acredita que, conhecendo minha reputação, qualquer mulher pensaria que a hei abandonado?

Um pouco de razão tinha, mas o via tão destroçado, que Tori optou por dizer:

— Quando chegar a casa, terá que compensar-lhe.

— Quão único quero é estar com a Erica — disse Ian ausente. — Entende o que quero dizer?

— Olhou ao vasto oceano. — Só quero estar perto dela.

E, por enésima vez, os olhos de Tori procuraram o Grant.

Capítulo 13

No primeiro dia de cada mês, e cumprindo com seu dever como capitão, Sutherland convidava a seus passageiros para jantar com ele. Vitória e a senhorita Scott nunca aceitavam. Ian sempre. Essa noite, a única que não declinara seu convite foi Vitória.

Enquanto ela estava fazendo companhia à senhorita Scott, Grant se aproximou do Ian:

— Há algum motivo pelo que hoje não queira jantar comigo?

— A verdade é que eu adoraria, e odeio não poder te acompanhar, mas estou esgotado.

— Esgotado? Do que? — perguntou seu primo incrédulo.

— De distrair a nossas convidadas — respondeu o jovem como se não fosse nada. E ao ver que Grant começava a afastar-se, acrescentou: — Uma coisinha, ouvi a Vitória dizer que adoraria poder banhar-se.

Sem dar a volta, Sutherland levantou uma mão para deixar claro que mais lhe valia calar-se. Mas no meio da tarde, quando o mar já estava mais calmo, Grant chamou o Dooley e, como um parvo, disse-lhe:

— Te importaria de mandar preparar uma banheira para lady Vitória?

— Uma terrina? — perguntou Dooley.

Grant teve que fazer um esforço para não ruborizar-se da vergonha que sentia.

— Não, uma banheira.

— Com água limpa, senhor? — Dooley levantou as sobrancelhas.

Ele assentiu, e o contramestre se dispôs a cumprir com o encargo. Sutherland se mordeu a língua para não lhe pedir que retornasse. por que estava fazendo algo tão extravagante?

"Porque sabe que ela quer banhar-se", foi a inquietante resposta.

Passou-se todo o dia feito um molho de nervos, mas à medida que ia aproximando-a hora do jantar, foi relaxando. Levantou-se quando Tori entrou no camarote e quase ficou sem fôlego.



Estava preciosa. Com um vestido de seda cor jade e com o cabelo recolhido no alto da cabeça; era como uma aparição. Ajudou-a a sentar-se, e lhe sorriu. *Deus*, adorava que sorrisse assim.

Começaram o jantar, e lhe surpreendeu ver que sabia que talher utilizar em cada ocasião. Mas o modo em que o usava... As pontas raspavam contra a delicada porcelana da baixela a cada movimento. Cada vez que cortava uma parte de manteiga o fazia com muita força, como se se tivesse esquecido da pouca consistência daquele acompanhamento.

Ela aprendera tudo aquilo antes do naufrágio, mas com tantos anos sem praticá-lo - foi esquecendo. Esforçou-se por ser mais delicada, mas a comida insistia em escapar de seu garfo. Grant, preocupado, pensou que era como se tivesse aprendido a utilizar o arco e as flechas e levasse anos sem fazê-lo. Era impossível que desse no alvo.

Vitória levantou a vista e, ao ver que ele a observava, ruborizou-se, e apesar de que tinha fome afastou o prato. Ela sempre tinha fome, em especial se se tratava de provar algo novo, mas essa noite optou por concentrar-se no vinho.

Um grumete retirou os pratos, e um incômodo silêncio se instalou entre os dois.

— Tem uma tripulação maravilhosa— disse Tori.

Grant, que era consciente disso, limitou-se a assentir.

— Há alguns com os qual não falo muito — prosseguiu Vitória, — mas é porque, se o fizer, passam-se horas me contando as excelências de seus filhos.

Ele voltou a assentir também em silêncio, de modo que ela voltou a tentar cercar outra conversação, e lhe perguntou coisas do tipo: Qual é sua estação do ano preferida na Inglaterra? Tem um cão? Você gosta de jogar às cartas? Qual é seu número preferido?

Mas ao Grant jamais lhe dera bem isso de bate-papos, assim se limitou a lhe dar respostas como: — Nunca o pensei. Não. Às vezes. — E, por último. Não tenho um número preferido.

— OH — disse ela sem ocultar sua decepção, mas em seguida voltou para a carga. — Pois meu número preferido é o quinze. Se quiser, podemos compartilhá-lo.

— Por que o quinze? — perguntou ele sem poder evitar.

— Era a idade que tinha quando consegui que nossa cabana resistisse as tormentas, quando já não tive que voltar a reconstruí-la. — Suspirou e, com o dedo, percorreu a borda da taça. — Eu gostei de ter quinze anos. Foi uma boa época.

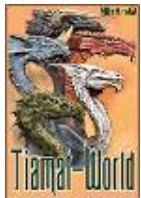
Ali estava ele, sentado frente a uma Vitória de lábios rosados, pensando em seu futuro e em como ia resistir a tentação de beijá-la, quando se deu conta de tudo o que ela vivera. Aos quinze anos, uma garota tem que pensar em vestidos e em receber o primeiro beijo na face. E, em vez disso, a essa idade, ela se alegrava de que sua cabana não fora a derrubar-se com a primeira chuva.

— Como foi você aos quinze? — perguntou-lhe a jovem com voz lânguida pelo vinho.

O Grant gostaria de responder que foi travesso, e que teve a todos aterrorizados com suas brincadeiras.

— Era sério e rígido, igual a agora. Seguiu a meu temível irmão maior a todos os lados, para evitar que cometesse mais loucuras.

Ela riu e ele franziu o cenho. *O que lhe havia feito tanta graça?* O era verdadeiramente sério



e severo. E supunha que o levou a tal extremo que acabou convertendo-se em um homem, como dizê-lo, aborrecido. Não era um tipo agradável, mas naquele instante desejou ser a classe de homem que a Vitória pudesse gostar.

— Qual é sua cor favorita? — perguntou ela bebendo um pouco mais de vinho.

— O verde. O verde é minha cor favorita.

— O meu também! — exclamou Tori sorrindo, e se inclinou para frente para deixar a taça na mesa e apoiar os cotovelos sobre a toalha. O espartilho se entreabriu um pouco, e a pele de cima de seus seios ficaram a descoberto.

Grant passou uma mão pelos lábios e o queixo. Era imaginação sua ou agora era mais voluptuosa? A via mais corpulenta, toda ela mais suave, e, tendo em conta os esforços que já precisava fazer para resistir a tentação de tocá-la, aquilo não prenunciava nada bom.

Vitória passou a língua pelos lábios para lambar de um modo inocente uma gota que ali lhe ficara, e o desejo inflamou o corpo inteiro do homem. "vou acabar lhe fazendo o amor sobre a mesa." Como se o tivessem golpeado, ficou de pé de um salto e disse:

— Acompanho a seu camarote.

Vitória piscou perplexa e se levantou também.

— Caio-te mau? — Ao ver que ele a olhava atônito, acrescentou: — Você não gosta de estar comigo. Te olhe. Parece impaciente por te desfazer de mim.

— É complicado de explicar... — respondeu ele alisando o cabelo.

— Acredita que alguém como eu não poderá entender seus raciocínios? — espetou ela ofendida.

— Não, não é isso — apressou-se a dizer Grant. — É que... eu gosto de um modo pouco apropriado.

As mãos dela, que estiveram movendo-se nervosas, detiveram-se de repente.

— OH.

Estava claro que não o entendera. E era lógico, posto que nem ele mesmo conseguia entender o que lhe acontecia. Agarrou-a pelo braço e a acompanhou para o convés. O vento soprava a seu redor, Sutherland teve a esperança de que isso conseguisse acalmá-lo um pouco. Quando chegaram à porta do camarote de Vitória, ela levantou as pálpebras, cujas pestanas estavam úmidas, e o olhou como se tivesse que decidir algo. Ou como se esperasse que ele fizesse algo. *"Te afaste dela. Mantém longe de ti; tem que te afastar da tentação."*

— Boa noite — optou por dizer.

— Obrigado pelo jantar.

— Durma bem, Vitória. — E dizendo isto, deu um passo atrás para sair do camarote. Uma vez fora, fechou a porta, mas em lugar de ir-se, reclinou-se contra a parede para tratar de entender o que acontecera.

Era impossível que ela o atraísse ainda mais que antes, mas a desejava com tal ferocidade que o assustava. Não sonhava deitando-a em uma cama e lhe fazer o amor. Sonhava devorando-a, lhe provocando orgasmos com seus lábios antes de lhe segurar as mãos por cima da cabeça e lhe fazer o amor como nunca antes o fez a nenhuma mulher. Se algum dia perdesse o controle, tinha



medo de lhe causar danos. Tratou de ignorar sua ereção, seu membro que, excitado, roçava o tecido de suas calças, e sacudiu a cabeça para tentar afastar as imagens dela nua.

Não só tinha medo de lhe prejudicar, mas também sabia que o único modo de poder fazer o amor com Vitória era desposando-a. Tratou de fazer uma lista de tudo o que iria mal entre eles se casassem. Seguro que era uma lista longuíssima. O dia em que prometeu ao Belmont que encontraria a sua neta, não tinha nem ideia de que teria que enfrentar-se a sua perdição. E a dela.

Grant levantou a vista e olhou as estrelas. Todas estavam no lugar equivocado.

Tori estava segura de que ia beijá-la. O coração ainda lhe pulsava disparado. E, apesar de que ao final não o fez, não se sentia decepcionada. Por um lado, ainda flutuava em uma nuvem graças ao vinho, e, por outro, sabia que ele desejou beijá-la. Isso já era algo.

Como em um sonho, agarrou uma camisola do baú e tirou os sapatos. Essas ações, agora tão cotidianas, pareciam corriqueiros comparadas com o que estava sentindo. levou as mãos ao vestido para desabotoar-lhe Aonde foram parar os botões? *Maldição!* Estavam nas costas. Talvez Cammy ainda estivesse acordada. Abriu a porta e viu o Sutherland apoiado contra a parede, com os olhos fechados.

— Capitão?

— Aonde vai? — perguntou ele, abrindo os olhos de repente.

— Acabo de me dar conta de que não posso desabotoar o vestido. — Assinalou as costas. — Ia pedir ajuda a Cammy.

— Já estará dormindo.

— Então irei procurar Ian. — Em menos de um segundo, ele a fez entrar de novo em seu camarote e fechou a porta atrás deles.

— Não vai procurar meu primo para que te ajude a se despir— resmungou com ferocidade.

Estava ciumento? Ou se sentia ofendido porque ela não seguia suas estritas normas de protocolo?

— Pois você terá que fazê-lo.

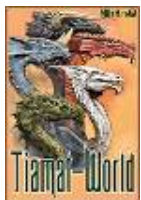
Grant lhe deu meia volta e se dedicou à tarefa. Primeiro ia muito rápido, mas logo diminuiu a velocidade, como se estivesse desfrutando. O vestido não demorou para afrouxar-se, e Vitória teve que segurá-lo contra os seios, mas ele não se afastou... Justo quando ela ia dizer algo, ouviu-o amaldiçoar e logo sentiu como lhe acariciava a nuca com os nódulos. Fechou os olhos e quase se derreteu ante tão doce carícia. Inclinou a cabeça, lhe oferecendo mais pele, e quando ele a roçou com os lábios, estremeceu.

— É tão branca — sussurrou enquanto lhe percorria os ombros com os lábios. — Sua pele parece porcelana.

Vitória gemeu ao ouvir essas palavras, e se apoiou no homem.

Levantou a mão que tinha livre e afundou os dedos nos cabelos de Grant. Como se de um convite se tratasse, ele deslizou a mão pelo decote que ajudou a afrouxar.

— Sim— suspirou ela seduzida pelo prazer. Por fim ia lhe ensinar algo mais?



Grant acariciou um de seus seios e o rodeou com sua mão. Sentiu-o quente e macio contra a aspereza de seus dedos. Levantou o braço de Vitória e o levou junto ao outro, ao redor de seu pescoço e, ao fazê-lo, o vestido deslizou para o chão deixando-a só de camisa. Acompanhando o movimento com uns beijos, o homem baixou ambas as mãos até sua cintura, acariciou-lhe os quadris, e logo retornou para seus seios para voltar a atormentá-los. Sob a tênue luz das velas, a jovem olhou como as mãos de Grant passeavam em seu corpo.

Quando um de seus dedos percorreu seu umbigo até roçar o meio de suas pernas, temeu que seus joelhos se dobrassem. Morria de vontade de acariciá-lo, mas se conformou apertando sua nuca com toda sua força.

Os lábios de Grant beijaram sua orelha, e um raio de prazer lhe fundiu os ossos. Olhou primeiro seus olhos e logo os lábios.

— Vitória, não posso fazer isto— disse Grant entre dentes, como se lhe custasse pronunciar cada palavra. Mas entretanto não a soltou, mas sim, com as mãos em seus quadris, a aproximou mais.

Ela não queria esperar, e se apertou contra seu torso ao mesmo tempo que lhe rodeava o pescoço com os braços. O homem a beijou com todas suas forças, apossou-se dela com a língua, como se quisesse assustá-la e a fizesse se afastar. Nos beijos que compartilharam na ilha, ela não soube reagir, e se limitara a não fazer nada. Agora, em troca, sua língua procurava ansiosa a dele. Grant gemeu contra seus lábios.

— Por favor, Grant... — sussurrou Vitória sem saber o que pedia. Ele ficou gelado, deu um passo atrás e abriu os olhos como se acabasse de despertar de um sonho.

"Grant." Era a primeira vez que o chamava pelo seu nome. Quantas vezes imaginou isso? Quantas vezes fantasiou o momento em que ela o pronunciava enquanto faziam amor? Era um gesto muito íntimo, muito íntimo para que acontecesse entre eles. Precisava saber disso.

Não.

— Não. — Fez um esforço por recuperar o fôlego e dissimular a necessidade que sentia de estar com ela.

Quase... quase fez amor com Vitória Dearbourne. A lady Vitória, que o olhava com as pupilas dilatadas e os lábios inchados por seus beijos. Queria fazer amor com ela.

Afastou-se. "Responsabilidade. Honra. Confiança." Repetiu essas palavras uma e outra vez até que conseguiu acalmar sua respiração e dominar sua ereção. Então deu meia volta e viu que ela estava tremendo.

— Grant, por quê?

Sabia bem o que Vitória estava lhe perguntando: "*por que não?*".

Se ele não resistisse, em menos de uns segundos voltaria a tê-la entre seus braços, e ambos estariam perdidos para sempre.

— Porque jurei te proteger... E não me aproveitar de ti. Você é minha responsabilidade, e tenho que ter isso em mente! — Ainda não conseguira combater a vontade de abraçá-la.

Precisava sair dali, Precisava afastar-se dela. Saiu do camarote com uma portada e foi para o convés. Jurou protegê-la. E pelo visto esse juramento já não significava nada para ele. *Maldição.* O



capitão Sutherland era conhecido por todos por sua integridade e seu sentido de honra, mas quando estava com Vitória, era como se tudo isso desaparecesse.

"E onde me deixa isso?"

— Parece que por fim se acostumou a estar a bordo, milady — disse Dooley enquanto pegava a vela que Tori remendara.

Terminou de dobrá-la e levou uma mão a modo de viseira sobre os olhos para inspecionar o navio em busca de algo mais que fazer. Ao final, optou por ir ordenar os barris que se encheram de água com a chuva da manhã. Se alguém queria torturar Dooley bastava obrigá-lo a estar sem fazer nada durante muito tempo.

Ao ver a cena que se desdobrava diante dela, a jovem sorriu. Já se adaptara à vida no mar, e confiava no capitão de um modo implícito. Quando o contramestre se afastou dela, Tori desviou a vista para Sutherland. O via muito sério, ali, junto ao leme, olhando ao infinito. A tripulação só via seu lado mais sério, o decoro, o poder e o controle que todo ele emanava. Mas ela também vira o desejo, a necessidade que o invadia.

Às vezes, custava a acreditar que aquele homem que estava ali de pé fosse o mesmo que a beijara e acariciara em seu camarote fazia apenas uma semana. A partir dessa noite, Grant se afastou, mas isso só servia para que ela ainda se sentisse mais cativada. Sem deixar de olhá-lo nem um segundo, recordou o modo em que a abraçou, e recordou que, quando a soltou, viu em seus olhos que chegaram a um ponto sem retorno. Tori tinha a sensação de que se aproximasse dele, se voltasse a tocá-lo embora só por um segundo, o homem perderia o controle. Mas também acreditava que, depois, ele se sentiria mau. E lhe importava o que sentisse.

Mas Vitória viu seu corpo, cada centímetro do mesmo, e queria voltar a vê-lo. Embora morresse na tentativa. Tori tinha um plano, e, se tudo saísse bem, ao final conseguiria o que queria. Sabia que, tradicionalmente, supunha-se que era o homem que precisava perseguir à mulher, mas a moça estava acostumada a lutar pelo que queria. Cammy estava acostumada a dizer que Tori era especialista em resolver problemas.

E conquistar Grant era um problema muito grande.

Como sabia que não podia abandonar o leme sem mais, sempre que estava ali procurava ir vê-lo. Se o via cansado, levava-lhe café, ou água se o dia era quente. E cada vez que duvidava do acertado de suas ações, recordava-se que era o único modo de conseguir que Grant voltasse a beijá-la. As horas que passava na cama, a cama em que ele estava acostumado a dormir antes que ela aparecesse, também começavam a afetá-la. A primeira noite se abraçou ao travesseiro e o aroma que este ainda conservava quase a fez enlouquecer e desejá-lo ainda mais.

A partir de então, não passava uma noite em que não revivesse o que acontecera entre os dois. Recordava do que sentira ao acariciá-lo, e morria de vontade de voltar a fazê-lo.

A cada hora que passava, ele a fascinava mais e mais. Aquilo não podia seguir assim...

Grant deu um par de ordens a seus marinheiros para aproveitar mais o vento, e seus gritos a tiraram de seu estado de reflexão. Como de costume, a tripulação executou as instruções com



celeridade e precisão. O capitão não sorriu, mas ela sabia que estava satisfeito, como quando se recolhe a colheita que alguém semeou.

O que sentia era duro mas excitante. Decidiu ir ver Cammy, e gostou de comprovar que estava acordada. Tori se sentou no leito vago e disse:

— Já que Ian está trabalhando, pensei que poderia vir vê-la e ler para você por um momento.

Cammy riu.

— Não me faça rir. Ian trabalhando?

— Falo sério. Me disse que, agora que as duas estávamos melhor, dedicaria seu "brilhante engenho" a tratar de aprender a dirigir um navio.

— E Sutherland? — perguntou sua amiga arqueando as sobrancelhas. — Como vai?

Tori afastou o olhar e alisou uma ruga de sua saia.

— Zangado comigo, como de costume — balbuciou.

— O que quer dizer? — perguntou a outra devagar.

— Eu não quero lhe fazer zangar, mas é tão rígido que não posso resistir a tentação de brincar com ele. Cada dia levanto com o único propósito de burlar um pouquinho dele e assim conseguir lhe fazer sorrir.

— E o que faz? — perguntou Cammy olhando-a com reprovação.

A garota riu baixo.

— Ontem me dei conta de que por fim enchia os decotes dos vestidos, assim fui buscá-lo para contar-lhe.

— Tori! Tem que deixar de fazer essas coisas — brigou sua amiga. — Não é seu marido, e não é apropriado que te comporte assim com ele.

— É igual a ele. Mas o fiz porque ele é o único que pode apreciar a mudança, ao fim e ao cabo, passa o dia olhando meus seios. Quando lhe contei o motivo de minha visita se limitou a me olhar o decote de novo e logo, depois de me fulminar com o olhar, pediu ao Dooley que o substituísse no leme.

Tori duvidou sobre se devia lhe contar o verdadeiro motivo pelo que atormentava desse modo ao capitão, que o fazia porque estava se apaixonando por ele, mas ao final optou por não dizer. Não o faria até que soubesse exatamente o que sentia.

— Você me disse que acreditava que ele sentia algo por mim. De verdade acredita assim?

— Sim, de verdade acredito. Mas não sei se isso é bom. É certo que é um homem honrado, mas todo mundo tem um limite. — Cammy apertou as mãos. — Lembra de quando te contei o que acontecia entre um homem e uma mulher? Pois bem, talvez o capitão queira fazer isso contigo.

Estiveram a ponto de fazer amor em seu camarote? Tory precisava reconhecer que ela não desejara que se detivesse. Quando Grant se foi, ficou um sentimento de vazio que ameaçava afogá-la. Queria descobrir a paixão com Sutherland, mas se centrou nos fatos:

Ela o queria e ele não queria a ela.

Entretanto, Cammy acabava de lhe dizer que acreditava justamente o contrário.



— Acredita que ele... — olhou a seu redor e continuou em voz baixa. — ... quer fazer amor comigo?

— Não te alegre tanto! — brigou a outra. — Para poder fazê-lo tem que estar casada.

Vitória chegou à conclusão de que não lhe importava o mínimo ter que casar-se para consegui-lo... só queria que ele terminasse o que começou.

— Vá com cuidado, Tori. E recorda que há uma grande diferença entre o amor e a paixão. Seria desastroso que você e Sutherland os confundissem.

Capítulo 14

A montanha da Tábua se erguia qual anfiteatro de pedra detrás da Cidade do Cabo.

À medida que o Keveral abria caminho para o ocupado porto, o capitão Sutherland não parava de dar ordens e Vitória, com os olhos cheios de excitação, colocou-se a seu lado. Quando por fim ele se calou, disse-lhe;

— Sempre acreditei que fosse muito exigente, mas agora entendo por que.

Grant viu que ela estava observando as tripulações dos outros navios, e como esses marinheiros eram mal vestidos e pouco asseados, enquanto os homens que trabalhavam no Keveral se erguiam orgulhosos no convés.

— Seu primo me disse que trabalhar para a naval Peregrine é toda uma honra.

"Ao *lan* mais valeria calar-se", pensou ele. Entretanto respondeu: — É, apesar de ter que suportar um capitão tão exigente como eu.

Vitória decidiu acreditar que estava zombando dela e sorriu. *Maldita fosse*, talvez isso era precisamente o que estava fazendo.

— Seu navio é o mais impressionante de todos. Comparado com essas cafeteiras, é como se fosse... o navio perfeito.

Grant gostava que ela se desse conta, mas também odiava que o tivesse feito.

A jovem suspirou e ficou olhando as gaivotas que brincavam entre as ondas e nas enormes rochas que rodeavam o porto, e a seguir disse;

— É impressionante ver como as montanhas envolvem a cidade. Acredita que deveríamos despertar Cammy?

— Não sei, *lan* também está dormindo. Camellia precisa descansar e eu prefiro estar um momento mais sem meu primo.

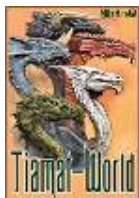
Tori sorriu e lhe deu uns golpezinhos no braço.

— Quero comprar caramelos, tantos para me fartar deles cada dia da semana.

Sutherland não pôde evitar sorrir.

Vitória se segurou de uma corda que pendurava em cima de sua cabeça, e se serviu dela para, com um salto, colocar-se justo diante dele.

— E já que estamos aqui, poderia aproveitar para comprar flores.



— Não vou te comprar flores— replicou Grant com o aborrecimento refletido em seu tom de voz. — Qualquer coisa que tenha acontecido na outra noite foi um engano.

Sem soltar a corda, a moça deu uns passos para trás.

— Para mim não.

Ele se limitou a olhar aos olhos.

— Algum dia me comprará flores. E me dirá que acredita que sou bonita.

Jamais lhe diria isso. Talvez não fosse capaz de reconhecer o que sentia por ela, mas sim era consciente de que não era uma mulher bonita, a não ser extraordinariamente formosa. Suspirou fundo.

— Vitória, é muito estranha.

Ela sorriu e soltou a corda.

— Algum dia, capitão — insistiu em voz baixa.

Não cabia dúvida de que aquela garota tinha muita garra.

Entretanto, à medida que foram se aproximando do porto, Grant viu que começava a ficar nervosa. Voltar para a civilização devia ser assustador. Com certeza tudo lhe parecia frio e ruidoso, comparado com as quentes cores da ilha e seus plácidos sons. Ao atracar, os ruídos e os aromas do porto se fizeram inevitáveis, e Vitória não pôde dissimular quão confusa estava.

Sutherland e seus homens estavam acostumados ao fedor do porto, mas ela não. O aroma da comida malaia misturado com o da maré baixa e o do café recém coado chegaram até eles. E logo, tal como ele já imaginara, a confusão da jovem foi se transformando em curiosidade. Podia sentir a vontade que tinha de descer do navio e explorar os arredores e, como ele precisava ocupar-se de toda a papelada, decidiu lhe dar permissão para visitar os comércios que havia no passeio.

— Pode ir às lojas que há aqui diante. Mas não se afaste muito. Toma, aqui tem um pouco de dinheiro...

Estava tão nervosa tentando decidir aonde ir primeiro, que nem sequer o olhava, mas ao ouvir a última frase, sim o fez:

— OH, não, não posso aceitar que me dê nada mais. Já fez bastante.

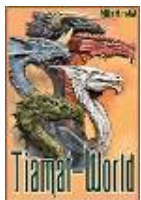
— Vamos — disse ele agarrando sua mão e pondo umas notas dentro. — É de seu avô.

— Nesse caso... — Aceitou com um sorriso. — Sabe quanto tempo faz que não vou às compras? — Olhou as vitrines cheias de vistosas mercadorias. — Quero comprar tudo! — deu meia volta para Grant. — Não me lembro quanto vale o dinheiro. Quanto é isto?

— Tenho certeza que não é capaz de gastar tudo.

Vitória riu e apertou sua mão com um gesto carinhoso, convencida de que tirava o sarro, mas não era assim.

Um momento mais tarde, Sutherland foi procurá-la, e viu que levava uma bolsa cheia de algo açucarado e pegajoso. Ela insistiu que o provasse, e não parou até conseguir. Ele se rendeu e mordeu o lábio para não sorrir. Era uma mescla de caramelo com marzipan. Estava claro que saqueara a loja de doces e, à velocidade que os comia, certamente mais tarde se arrependeria disso.



Depois de despertar a Camellia e ajudá-la a se vestir, Vitória, ela e o capitão subiram à carruagem que ia levá-los a um Hotel que Grant recordava de uma de suas visitas anteriores.

Sem deixar de olhar a paisagem, Cammy perguntou:

— Então, já esteve aqui antes?

— Sim, umas poucas vezes — respondeu Sutherland com educação mas um pouco incomodado.

— Tenho a impressão de que você não gosta muito da Cidade do Cabo — comentou Tori.

— Pois não. É uma cidade muito caótica e sem ordem alguma.

— Então suspeito que vai me encantar. — Ele a olhou reprovador e ela não pôde evitar sorrir... — OH, eu gosto desse hotel — disse Camellia mostrando um Edifício de estilo holandês completamente rodeado de flores.

Na Cidade do Cabo abundavam os edifícios de tijolo branco, mas também havia alguns de estilo neoclássico inglês.

— Não, iremos a outro.

— Porquê? — perguntou Vitória — Não é recatado o bastante para nós? — Ela e Camellia sorriram e ele as olhou zangado. Como se quisesse lhe pedir perdão, Tori lhe ofereceu um pouco mais de caramelo.

Já tinha descoberto qual era seu preferido.

O capitão as instalou em um imponente hotel de estilo inglês.

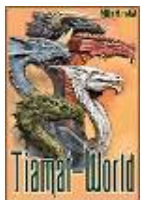
Não era tão alegre como o que viram antes, mas parecia mais seguro. Embora o termo "seguro" era muito relativo em uma cidade como aquela, e mais ainda ao cair a noite. Não era conhecida como botequim dos sete mares em vão". Por mais edifícios régios e sóbrios que construíssem ali, não deixava de ser uma cidade perigosa e sem lei.

Como era de esperar, Camellia não se sentiu o bastante forte para sair, mas insistiu que Vitória o fizesse. Grant se esforçou por encontrar alguma desculpa para não ter que passar o dia a sós com ela, mas não queria ficar como pouco cavalheiresco ante a senhorita Scott, de modo que ao final aceitou.

Levou a jovem ao centro, e ali passearam pelo passeio marítimo. Sutherland não demorou para dar-se conta que o vestido que ela usava era muito diferente ao que usavam as garotas de sua idade e classe social. Ao que parece, em um ano a moda mudou, e a roupa que comprara, agora era antiquada. Necessitava peças novas, e correspondia a ele proporcionar-lhe. Vitória gostou muitíssimo ir às compras e, com a mentira de que mais tarde ajustaria contas com seu avô, Grant a levou às lojas mais exclusivas.

Certamente ao anoitecer se recriminaria por haver gasto tanto dinheiro nisso, mas a garota era elegante, dessas pessoas que fazem que a roupa se adapte a elas e não ao reverso. Estava deslumbrante fosse qual fosse a textura do tecido, e também com as cores mais atrevidas. Provou um vestido muito decotado, e deu-se conta de que ele a olhava embevecido pois, apoiando-se em um quadril, disse sarcástica:

— Acredito que assim já não te pareço a selvagem do primeiro dia. — Grant sorriu, mas o sorriso se evaporou de seu rosto quando a encarregada da loja lhes disse que acabavam de



receber de Paris a última moda em roupa interior. *Justo o que necessitava*; imaginar Vitória coberta só por um pequeno pedacinho de tecido. Já a vira assim uma vez, e com muita dificuldade conseguira sair ileso do transe.

Podia escutar perfeitamente a conversação que ela e a vendedora mantinham no provador enquanto a ajudava a despir-se.

— Eu tenho que passar o braço por debaixo desta tira? — perguntava a jovem. — Não acha que fica muito apertado?

Ele já estava suando, mas quando acrescentou: "*Mas é transparente!*", apertou a cadeira com tanta força que o sangue não lhe circulava pelos dedos.

Recebeu o golpe de graça quando Tori perguntou preocupada à outra mulher como se desabotoava aquele conjunto de lingerie, e a encarregada respondeu em voz alta:

— Quando o colocar, não será você quem terá que desabotoá-lo.

Grant suspeitou que o havia feito de propósito para que ele pudesse ouvir.

Por fim, Vitória apareceu com um vestido azul céu e um chapéu branco. Com um pícaro sorriso, fechou os olhos, e moveu os ombros como se estivesse ajustando o que levava debaixo do vestido. Ele ficou de pé de um salto e foi saldar a conta.

Vestidos de dia e de noite, luvas, casacos para quando viajassem para o norte, xales de caxemira, sapatos, e um montão de caixas mais se amontoavam, prontas para lhes ser entregues.

Sutherland agarrou o que necessitava para um dia e ordenou que levassem o resto ao hotel no dia seguinte. Também se encarregou de pedir que uma costureira visitasse Camellia para tomar medidas. A moça não podia passar nem um segundo sem acariciar a etiqueta da bolsa, e tampouco deixava de abrir e fechar o leque que lhe comprara. A viu temerosa quando a vendedora o tirou das mãos para assegurar-se de colocá-lo junto com os outros pacotes que precisavam ser entregues. Ao Grant doeu ver o medo que ela tinha de soltá-lo.

"Se reagiu assim na Cidade do Cabo, quando for às compras em Londres morrerá." deteve-se um instante. Então ele não estaria ali; quando chegassem a Inglaterra não a levaria às compras. Era estranho que estivesse pensando isso quando fazia apenas uns minutos decidira levá-la ao hotel e desabotoar aquele misterioso conjunto de lingerie com os dentes.

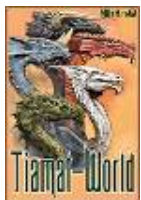
— Bom, aqui acaba minha primeira aventura na civilização — disse Tori ao chegar ao hotel. — Como me saí?

Grant se reclinou contra a porta de entrada.

— Sabe perfeitamente que foi bem. Não serei eu quem contribuirá para aumentar a exagerada boa opinião que tem de si mesma.

Ela riu e ele se limitou a sorrir, mas a situação começou a ficar incômoda. Em realidade o que passava era que ele começava a sentir-se incômodo com ela. Apressou em se despedir e, depois de lhe desejar lembranças para Camellia, retornou ao navio.

Essa noite tentou dormir no beliche que havia no antigo camarote do lan. Não queria ir ao dele, pois sabia que tudo ali lhe faria pensar nela e, como estavam as coisas, já tinha muitos problemas. Mas não podia dormir e, sendo honesto, deveria reconhecer que era porque sentia sua falta. Ao ouvir as badaladas da igreja se deu por vencido e foi para seu camarote.



Má ideia.

Mal deitou na cama, o aroma dela, que ainda impregnava os lençóis, invadiu todos seus sentidos excitando-o imediatamente. Agora sim que não poderia dormir.

Com o que sonhava Vitória enquanto dormia ali? É claro que uma mulher tão apaixonada como ela devia se remexer inquieta tentando dominar o desejo. Ou talvez não tentava dominá-lo... Como se lhe tivessem queimado, Grant levantou de um salto. *"Vitória agradando a si mesmo."* estremeceu só de pensar, e sua ereção tremeu ansiosa.

Por isso precisava manter-se afastado.

Porque já começava a imaginá-la fazendo coisas que só podiam existir em suas fantasias.

Aproximou-se da pia e jogou água no rosto, mas quando se viu refletido no espelho foi incapaz de reconhecer o homem que lhe devolveu o olhar. Tinha o cabelo muito comprido e estava muito moreno. E; pela primeira vez em quase uma década, não se barbeara.

Precisava deitar-se com uma mulher. No mesmo instante em que pensou isso, desprezou a ideia. Se chegasse a pensar a sério, iria ao hotel e levaria Vitória nos braços. Nem sequer um homem às portas da morte seria capaz de conformar-se com algo vulgar depois de ter saboreado o mais delicioso dos manjares. Podia lutar contra o desejo. Sentou em uma poltrona e tratou de dormir ali, pois estava tão cansado que imaginou que qualquer lugar seria bom. Depois de trocar de postura um montão de vezes, conseguiu conciliar o sono.

A primeira hora da manhã, um grito o despertou:

— Uma mensagem para o senhor Traywick, a bordo do navio de sua majestade a rainha, Keveral!

— Sou eu — respondeu Ian com voz sonolenta.

Sutherland calçou as botas e foi ver quem enviava a mensagem. Encontrou a seu primo escrevendo a resposta. Este entregou a missiva ao menino e pediu dinheiro a Grant para lhe pagar.

— Me deixe ver a nota que recebeu — disse ele arrancando-a da suas mãos.

"O doutor que Sutherland mandou chamar virá para ver-me amanhã, e não quero que Tori esteja aqui então. Por favor, veem procurá-la e passa o dia com ela."

Camellia."

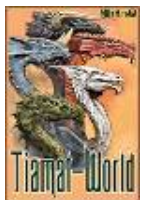
— O que respondeu?

— Que diga a Vitória que se prepare para um piquenique.

— Nem pensar. — Enrugou o papel. — Não lhe esperam em nenhum bordel?

— Se aguentei até aqui, bem posso esperar até chegar a Londres, — aproximou-se de seu primo e golpeou o peito, orgulhoso. — Além disso, estou me reservando para uma dama muito especial.

Ao longo de toda a viagem, Ian insinuara umas quantas vezes a existência dessa misteriosa mulher; agora Grant teve a impressão de que seu primo queria falar dela, mas não se atreveu a tirar o assunto. No que ele podia ajudá-lo? Era a pessoa menos indicada do mundo para dar



conselhos sobre mulheres.

Só de pensar em Ian e Vitória passando o dia juntos teve um nó no estômago. Ao menino podia mantê-lo ocupado com alguma desculpa, mas sabia que Camellia queria ter um pouco de intimidade para poder decidir a sós como comunicar a Tori o diagnóstico que lhe desse o doutor.

Maldição.

— Eu irei procurá-la a primeira hora.

— Como quiser. Prometi que a levaria a praia, e que sairíamos muito cedo.

Quando Sutherland chegou ao hotel na manhã seguinte, a moça já estava descendo a escada. Estava espetacular com o traje verde de montar que lhe comprara, e levava o cabelo loiro recolhido sob um chapéu da mesma cor.

Tinha medo de sua própria reação se ela se entristecesse ao ver que era ele e não Ian quem fora procurá-la. Mas por sorte não foi assim, a não ser justamente o contrário.

— Grant! Vai passar o dia comigo?

— Eu..., bom. Ian não pôde vir.

— Mas vamos mesmo assim?

Não se via capaz de negar e disse a si mesmo que certamente ela sentia falta da praia.

— Sim, eu te acompanharei. Iremos à praia.

A garota deu um pequeno grito e se aferrou a seu braço.

— Maravilhoso — suspirou.

Ele tentou distanciar-se, tentou não gostar tanto que ela o tocasse. Seu aroma era delicioso, igual ao que o envolvia de noite ao deitar-se.

Passearam pelos estábulos, onde ele ordenara que lhes selassem dois cavalos e, embora ela não fizesse nada para chamar a atenção, todos os homens se voltavam para olhá-la. Vitória não era consciente de que suas risadas e seus insinuantes quadris transpiravam sensualidade. Sem saber, deixava claro que era uma mulher com vontade de fazer amor. E os homens respondiam à chamada. Grant inclusive.

Não queria nem imaginá-la em Londres.

Afastando esse pensamento de sua mente, agarrou os arreios da jovem e se dispôs a ajudá-la a montar.

— Farei sozinha — disse ela lhe arrebatando as rédeas e levando o cavalo até uns degraus preparados para tal efeito.

Ele duvidou um instante, mas ao ver sua atitude despreocupada, montou em seu impressionante cavalo.

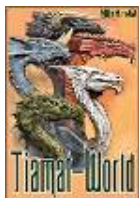
Vitória seguia olhando seu cavalo. *Deus*, deveria ter adivinhado.

— Ensinar-lhe a montar?

— É obvio! É só que acreditei que seria menor — respondeu afastando uma mecha de cabelo da frente - e que teria uns olhos mais amáveis.

Grant tinha vontade de gritar.

- O que acontece com seus olhos? Esqueça, não quero saber. Se não sabe montar não podemos ir à praia.



— Não! — O pânico cruzou seu semblante. — Já me lembro. — Tranquilizou ao animal e, depois de várias tentativas, conseguiu subir, embora o fez muito ao extremo do lombo e a saia enredou nos joelhos.

Segurando as rédeas com força, tentou colocar-se bem, mas sua montaria se impacientou antes de conseguir. A égua arrepiou as costas e, saltando, dirigiu-se para o poste mais próximo para tentar derrubar seu cavaleiro.

— Grant! — gritou ela assustada.

Ele foi incapaz de distinguir se estava rindo ou chorando, mas se aproximou com o cavalo. A égua lhe encarou, e ambos os animais se mostraram os dentes como advertência.

— OH, Por Deus santo. — Grant tombou para frente e, agarrando Vitória por debaixo dos braços, levantou-a da sela e a sentou em seu colo com um único movimento. Arrebatou-lhe as rédeas e assobiou para que um moço das cavalaria fosse recolher à égua.

A moça não parava de rir.

— Viu-me? Não foi muito divertido...?

— Desça.

Ficou séria de repente e segurou com força a sua camisa.

— Deixe que volte a tentar. Por favor!

— Desça, e te ajudarei a montar atrás de mim.

Seu formoso rosto voltou a iluminar-se. Deslizou para baixo e ao tocar o chão, levantou os braços para que Grant voltasse a erguê-la. Ele, dissimulando um sorriso, agarrou-a por um braço e a sentou a suas costas.

— Segure forte.

Vitória rodeou seu torso com os braços e descansou a face em sua costa. Grant podia sentir o sorriso que esboçava seu semblante.

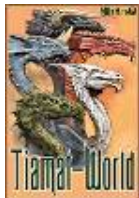
Capítulo 15

Sutherland deitou na manta para sentir os quentes raios do sol em seu rosto. Depois daquele almoço a base de peru, queijos e maçãs, se sentia satisfeito, apesar de que não terem bebido as duas garrafas de vinho que, certamente seguindo indicações do Ian, apareceram em sua cesta.

Gostava de ver Vitória inspecionando a praia, correndo pela areia para escapar das ondas enquanto procurava conchas. O dia passou voando. Não desejava obrigá-la a retornar, mas estava ficando tarde. Levantou, estirou os braços e guardou a manta. Começava a soprar o vento, e todo mundo já estava retornando à cidade. Olhou para ambos os lados da praia. Estava deserta.

— Ponha os sapatos e recolha suas coisas — gritou ele. — Temos que ir.

Ao ver que lhe ignorava e voltava a concentrar-se em algo que havia na água, junto a seus pés, Grant soltou uma maldição e foi para o cavalo para começar a colocar tudo. A cesta caiu da



suas mãos. O animal tinha desaparecido. Correu para o extremo do passeio e, depois de inspecionar em ambos os sentidos, chegou à conclusão de que seus animais não iam retornar.

Soltou um par de maldições e foi em busca de Vitória.

— Onde está o cavalo? — perguntou ela com a mão a modo de viseira sobre os olhos para inspecionar a margem.

Sutherland passou uma mão pelo cabelo.

— Não sei. Talvez nos roubaram.

— O que vamos fazer?

— Podemos retornar a pé.

— Se acredita que é o melhor...

A ele, a ideia não entusiasmava nem um pouco, pois demoraram duas horas a cavalo para atravessar aquela zona tão rochosa. Baixou a vista para os sapatos que a jovem segurava na mão. Estava demorando a se acostumar a usar calçado.

Além disso, chegariam à cidade ao anoitecer, e era preferível não ter que caminhar por aqueles bairros a essas horas, e menos com uma beleza como Vitória, e sem ir armado. Soltou uma maldição. *"Tenho que protegê-la."*

Expôs outra alternativa: ficar ali até que pela manhã aparecesse alguém. Não. Cruzar a cidade de noite, certamente não era tão perigoso para ela como ficar ali com ele.

— Nessa baía há barracos para os banhistas. Esperaremos ali a que alguém retorne.

Vitória suspirou aliviada.

— Menos mal! Não queria muito encher meus pés de chagas — disse animada.

De fato, parecia tão contente, que Grant se perguntou se não teria sido ela quem teria afrouxado as rédeas do cavalo. Entrecerrou os olhos. *Mas por que ia fazer algo assim?* Recolheu a cesta e se encaminhou com a garota para as rochas que separavam as duas baías. Como a maré subira, tiveram que molhar-se.

A água chegava à cintura, não obstante, conseguiram abrir caminho.

Os três primeiros barracos estavam fechados, mas o quarto se abriu sem problema. Grant esperou que Vitória entrasse e, ao entrar, a jovem tropeçou na saia, que estava empapada.

— Está bem?

— Não entendo por que as mulheres usam tudo isto — respondeu com um sorriso, apesar de que estava tremendo. — Precisa tirar toda esta roupa. — Em seu tom de voz refletia claramente que a ideia não o entusiasmava.

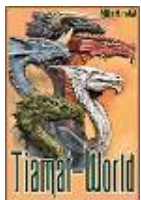
— Sutherland — murmurou Tori.

— Dê a volta e te ajudarei a desabotoar o vestido. — Depois de pronunciar essas palavras, tomou ar.

Vitória deu meia volta e afastou o cabelo. Cada botão deixava descoberto um pequeno pedaço de pele, coberta por um fino filme de água salgada. Ao terminar, as mãos de Grant tremiam.

— Pronto — sussurrou.

O vestido deslizou pelo seu corpo até o chão. Esta vez, ele não afastou a vista, mas sim se



comportou como faria qualquer homem ao ver nua à mulher que deseja. A moça estava coberta só por uma camisa, e Grant se obrigou a procurar algo para cobri-la e aquecê-la. O melhor que encontrou foi um montão de toalhas. Ofereceu-lhe um par.

— Toma, se seque.

Tori assentiu e, depois de aceitar, começou a secar as pernas e o estômago. Ele não deixou de olhá-la nem um segundo, incapaz de perder um detalhe daquele ato tão íntimo. Enquanto o fazia tirou as botas, que atirou em um canto, e logo a camisa para secar o torso. Mas apesar de estar muito incômodo, decidiu deixar as calças. Sentou no chão e descansou um braço em um joelho, tratando de esquecer que estava a sós com Vitória e que ela estava meio nua.

A jovem cobriu os ombros com uma toalha e colocou a manta que levaram para o piquenique no chão. Depois, sentou-se ao lado de Grant. Investigou o que restava dentro da cesta e encontrou uma das garrafas de vinho. Ele a olhou reprovador, mas quando viu que não podia desarrolhá-la, decidiu ajudar, e inclusive se animou a compartilhá-la com ela. Estavam sentados ombro com ombro, e foram bebendo da garrafa, igual aos malfeitores com os quais Sutherland tentou evitar encontrar-se.

Depois de um último gole, Vitória guardou a garrafa, e se aproximou dele colocando a cabeça sob seu braço. Grant o levantou, perguntando-se que demônio pretendia fazer; em seguida se deu conta de que queria aconchegar-se a seu lado.

Esticou-se, mas a abraçou de todos os modos. A cabeça da garota descansava contra seu peito. E gostava. Ali era exatamente onde deveria estar.

— Eu adoro escutar os batimentos de seu coração. São tão fortes e pausados... Espera, agora se aceleraram. — Levantou a vista e sorriu.

Um sentimento de fatalidade se apoderou de Grant. Estavam em um barraco, isolados do resto do mundo. O azar, o destino, ou talvez Vitória conspiraram para deixá-lo ali a sós com ela.

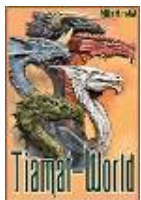
Sentia-se cansado; já não queria seguir lutando contra algo que era inevitável.

— Por que não me beija? — sussurrou ela contra sua pele.

Que tipo de homem poderia resistir a isso? E por que demônio queria resistir? Ian lhe perguntara isso mesmo, e lhe dera uma resposta, mas nesse instante, com Vitória ali, entre seus braços, era incapaz de recordar o que lhe dissera.

Tori ficou de joelhos frente a ele e o olhou fixamente. Antes de ser consciente do que ela fosse fazer, Grant lhe acariciou a face, e com essa simples carícia, com esse leve contato, ela entreabriu os lábios e fechou os olhos. A jovem tremia, e seus seios excitados subiam e desciam com sua respiração acelerada. Grant gemeu do mais fundo de sua garganta, e desenhou seus lábios com o polegar. Sentiu-os úmidos e suaves. Ajoelhou-se diante dela e substituiu a carícia de seu dedo por seus lábios.

Vitória suspirou de novo, e isso fez que sua ereção ardesse e se sacudisse sob sua calça. O umbigo dela se apertava contra seu excitado membro. A segurou pela nuca e começou a beijá-la com urgência, como se quisesse castigá-la por fazer que ele a desejasse tanto. Sem pensar, procurou um seio por cima da roupa e a moça gemeu ao sentir ali a mão masculina. Deslizou as tiras da regata pelo ombro para despi-la e, quando pôde acariciar ambos os seios, a língua de



Vitória roçou a sua. Ela voltou a gemer, e deslizou os dedos pelo seu torso.

— Me mostre — sussurrou contra seus lábios, enquanto ia baixando a mão até a protuberância que marcava em suas calças e começava a acariciá-la.

Algo explodiu em seu interior e, com um gutural gemido de rendição, afastou sua mão e a deitou no chão, com as pernas separadas. No mais profundo de seu ser, jamais desejara lutar contra o que sentia.

— Grant...

— Quer que te mostre? Mostrarei algo que acredito que você gostará.

Afastou as abas da camisa e se ajoelhou ante ela, inclinando-se.

— Não sei... — começou a garota. Ele gemeu entre suas coxas.

— Eu sim sei. — Mas ao senti-la ainda indecisa, perguntou: — Confia em mim?

— É que eu acreditava... — deteve-se. — Sim — sussurrou, — confio em ti.

— Então deixa que te beije — pediu emocionado.

As mãos de Vitória, que estiveram segurando seu rosto para que não se aproximasse, deslizaram para sua nuca. Grant voltou a gemer, e logo, tal como vinha sonhando fazia semanas, beijou os loiros cachos de seu púbis devagar e, saboreando sem pressas, desenhou com a boca o contorno de seu sexo. Ela gritou de prazer e logo suspirou.

O sabor de Vitória o deixou louco de desejo, mas lutou para controlar a vontade que tinha de possuí-la como um animal selvagem. Separou seus lábios com os polegares para que sua língua voraz pudesse deslizar-se em seu interior. Mal se deu conta de que, à medida que a lambia e a saboreava, ela se movia para se aproximar mais a ele, gemendo de frustração porque ainda não a devorara por completo.

Grant deslizou a regata até a cintura e separou ainda mais as pernas.

— Grant! — exclamou ela.

— Confia em mim — repetiu ele, agarrando suas coxas e colocando em cima dos ombros. Agora já não havia barreiras, e o sabor dela impregnava sua língua. Levantou suas nádegas.

Sonhara com suas curvas sensuais, com seu corpo suave, e agora via que se adaptava à perfeição a suas ansiosas mãos. Vitória tocou seus ombros, o cabelo, o rosto, tudo o que alcançava, enquanto se excitava cada vez mais sob seus lábios. Começou a se estremecer e, à medida que se aproximava do clímax, suas pernas o seguravam com mais força.

— OH, Deus — disse entre ofegos. — Grant, não pare. Por favor... — Ao gritar a última palavra o prazer a envolveu por completo, e tremeu de um modo que ele jamais vira. Arqueou as costas e ondulou os quadris lhe buscando a boca com o sexo. Ainda mais desesperado que antes, lambeu-a até que ela se deitou sobre a manta.

Grant não se atrevia a mover-se, temeroso de ejacular só com o roce do tecido das calças. Provavelmente gemeu porque Vitória, nua e tremendo, ajoelhou-se diante dele e lhe abraçou com força. O homem se sentia a ponto de explodir. Tori desabotoou suas calças em menos de um segundo. Logo, sem pensar duas vezes, rodeou seu membro com a mão e apertou os dedos. Ele se moveu para frente e atrás, e quase chegou ao êxtase. Ali, naquela improvisada cama, de joelhos e com as calças meio desabotoadas.



— Não, me deixe — pediu, lhe doendo pronunciar cada palavra. — Queria que esta noite fosse só para ti.

— Acredita que eu posso controlar a vontade que tenho de te acariciar? — sussurrou ela. — De sentir o que você está sentindo?

— Não entende — gemeu Grant.

— Está tão excitado, tão quente, — olhou-o como se estivesse enfeitiçada. — O que mais quero neste mundo é te tocar.

Acariciou toda sua longitude, e a necessidade de chegar ao final estava a ponto de deixá-lo louco, já não havia como voltar atrás. Perdera o controle.

— Não olhe, Vitória, não me olhe — balbuciou entre dentes.

Como se o fato de que ela não olhasse fizesse com que tudo fosse menos proibido. Assustaria se o visse? Não, era uma garota valente. Mas fosse como fosse, a pergunta já não tinha importância. Sentia-se vulnerável. Ela estava a ponto de vê-lo no momento de maior debilidade de toda sua vida, enquanto seguia acariciando-o, percorrendo com os dedos aquela pele que ardia sem trégua.

Vitória apertou mais os dedos e aproximou os lábios do pescoço de Grant. Entreabriu-os e o tocou com a língua, ao mesmo tempo em que respirava junto a sua pele. O homem colocou as mãos sobre os seios femininos, apertando-os, atormentando-lhe e quando ele começou a tremer, ela gemeu de prazer. Ao alcançar o orgasmo, Grant gritou e se sacudiu devido à força do mesmo, de uma intensidade absoluta. Não podia deixar de mover-se, de arquear os quadris contra a mão de Vitória. Não se sentia débil. Aquela moça o fazia sentir como um deus.

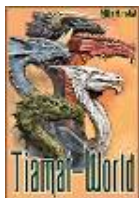
Segundos mais tarde, com a cabeça dela descansando de novo no peito dele, deitaram-se um junto ao outro. Apesar da lua cheia que brilhava e da luz branca que penetrava por entre as pranchas e alagava o barraco, Sutherland dormiu imediatamente.

Capítulo 16

Grant despertou, mais feliz do que havia se sentido antes, decidiu seguir deitado e com os olhos fechados. Tinha o corpo prazerosamente cansado, e fazia anos que não notava os músculos tão relaxados. Abriu os olhos. Não estava vestido? Não, estava nu, coberto só pelos raios do sol, e com a cabeça de Vitória descansando sobre seu peito.

Ao recordar o que acontecera, esticou-se, e cada imagem que lhe vinha à mente era como arrancar uma lasca da pele. Jamais sentira tal prazer com outra mulher. Nunca imaginara que pudesse sentir algo como o que experimentara na noite anterior. E nem sequer fizeram amor.

Franziu o cenho. Não, não fizeram amor, não tal como ela merecia, com palavras bonitas e beijos suaves. Envergonhado, cobriu o rosto com o antebraço. Em vez disso, permitira que o masturbasse até chegar ao limite. Sentiu asco de si mesmo. De seus atos. De ter machucado Vitória, embora a jovem não fosse consciente disso.



Seu comportamento fora deplorável, mas não podia deixar de pensar em quando poderia voltar a beijá-la daquele modo tão íntimo. Grant sabia que tinha razão ao desconfiar de si mesmo. Uma vez perdido o controle, já não havia como voltar atrás. Nunca voltaria a ser o mesmo homem, e se perguntou se poderia recuperar o que fizera tanto esforço e sacrifício para manter.

Pensou em seus irmãos, em como também lhes ocorrera o mesmo. Depois de uma só noite com Vitória, sabia duas coisas: perdera o controle, e não lamentava o suficiente. E, ao que parece, ela tampouco, porque quando despertou, suspirou de felicidade e o abraçou ainda com mais força. Ele não se moveu, e quando a moça se sentou, a toalha escorregou até a sua cintura. Tinha o cabelo despenteado e embaraçado, e as faces rosadas. De fato, nunca a vira tão bonita como naquele momento. Caía-lhe bem ter passado a noite em seus braços.

Viu-a despertar como um gatinho sob o sol, e, ao fazê-lo, seus seios se elevaram.

Um momento... — Tem algumas marcas.

Ela baixou a vista, e olhou os pequenos sinais que marcavam a pele de seus seios. Logo deu de ombros e, com um sorriso, observou satisfeita o corpo de Grant.

— Vitória, eu te machuquei. — Fazendo um esforço por tocá-la como faria um médico, acariciou-lhe a pele. — Pode-se ver onde pus os dedos. Não dói?

Ela levantou o lábio superior e negou com a cabeça.

— Absolutamente. E eu gosto... é como se fosse um mapa de suas carícias — sussurrou.

Acaso a situação podia piorar? Antes de ver as marcas, Grant já se sentia envergonhado o bastante pela maneira como a tratara. Permitira que ela o acariciasse até ter um orgasmo ali, deitado no chão. Ele por sua vez lhe dera prazer com seus lábios. Com aquela jovem inocente fez coisas que não fizera nem sequer com uma cortesã.

Vitória tirou a toalha que cobria o colo de Grant e, *que Deus o ajudasse*, voltou a excitar-se. Quando a garota se inclinou para frente, ele, consciente de que não serviria de nada resistir aos desejos de seu coração, foi a seu encontro. Não importava quão envergonhado se sentisse, ia permitir que aquela loucura acontecesse de novo...

Ao ouvir uns meninos jogando na praia, ambos se detiveram.

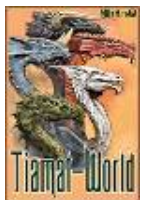
Tori abriu os olhos como pratos e levantou de um salto para começar a vestir-se. Ele fez o mesmo e, ao terminar, pôs um pouco de ordem no barraco e dobrou a manta manchada de sêmen. Apesar de que era verão, ninguém os viu sair, como tampouco ninguém viu como Grant jogava a manta ao lixo.

A maré baixara, e o caminho de volta à outra baía foi muito mais fácil.

— OH, Olhe, Grant! — exclamou Vitória batendo palmas ao ver que o cavalo retornara.

Mal ele viu o homem que segurava ao animal, procurando seu amo, uma imagem lhe veio à cabeça: tinha as rédeas na mão, e ia atadas a um tronco abandonado quando Vitória, feliz de estar na praia, agachou-se diante dele para tirar os sapatos, e logo correu para a água desafiando-o com um sorriso e os braços abertos para que fosse atrás dela. Grant soltou as rédeas e a seguiu como um animal no cio...

Passou todo o caminho de volta ao hotel insultando-se por ter sido tão estúpido, e tratando de ignorar as risadas de Vitória e o aroma de seu cabelo, que o vento lhe levava. O único consolo



que tinha era que, quando ela montou atrás, não precisava ver como estava atraente. Mas quando desceram do cavalo frente ao hotel, viu que ainda estava ruborizada, e que tinha os lábios mais sensuais do mundo. Os homens que havia na entrada a olharam famintos de desejo. A moça nem se deu conta. Um deles assobiou e ela, confusa, deu meia volta e lhe sorriu. Ao ver seu sorriso, o homem ficou extasiado.

Grant o fulminou com o olhar, e lhe disse claramente que o mataria se aproximasse dela.

— Tranquilo, senhor. Só estava olhando-a — respondeu-lhe o tipo.

— E não sabe que é de boa educação compartilhar? — interveio outro. — O que lhe parece se o mostrarmos?

— Eu não compartilho o que é meu — replicou o capitão com fúria controlada.

Os homens retrocederam como se lhes tivesse socado os dentes.

Só de pensar nas mãos de alguém que não fosse ele sobre Vitória sentia se ferver de ira... Aonde teria ido parar sua famosa frieza? Com aquela jovem tinha os sentimentos à flor da pele. Sentiria mais prazer do que jamais sonhou, e Grant perdera o controle. Por completo. E agora o que? O que aconteceria se também perdesse sua frieza? Já não ficaria nada, e tudo aquilo pelo que lutara se desvaneceria de repente.

Converteu-se exatamente no tipo de homem que odiava; em um submisso a seus vícios. Vitória era o único que ele tinha, um ao qual se enganchou por completo. Era viciado nela, agora se dava conta. Um homem adulto não sente falta de uma mulher após poucas horas de terem deitado juntos. Um homem como ele não deveria sentir semelhante dor de estômago ao imaginar-lhe com outro. Não via solução fácil para sair dessa situação. A comprometera, era certo que não tinham consumado a relação, mas Deus, fez o suficiente; teria que casar-se com ela. Vitória era uma dama, era a neta de um conde. Deveria ter sido capaz de se conter. Certamente que se jamais a houvesse tocado, teria conseguido.

Acariciá-la foi o que o fez cair, isso, e o chamado de seu sangue. Um sangue que quase destruiu um de seus irmãos e que matou o outro.

Grant parecia infeliz, mas Tori não podia evitar estar contente. Cada vez que lembrava dele, de joelhos entre suas pernas, beijando-a, sentia como se flutuasse. Claro que coisas como as dessa noite não sentiria com qualquer homem. E agora seu capitão estava acompanhando-a a seu quarto, e a jovem se disse que não o fazia porque estivesse incomodado pelo fato ocorrido com aqueles homens da entrada, mas sim porque ainda não queria separar-se dela.

A garota colocou a chave na fechadura e, ainda sem abri-la, deu meia volta.

— Não quer me dar um beijo de despedida?

O olhar de angústia voltara para os olhos de Grant. Aquilo não significava nada bom. Vitória queria que voltasse a olhar como fez no barraco, quando estava debaixo dele. Como se precisasse beijá-la para seguir vivendo, desesperado por sentir sua pele sob seus lábios.

— Precisa se trocar e se secar um pouco. — Levantou a mão e abriu a porta.

Tori ruborizou ao ver que Cammy já estava de pé. Notaria na sua cara quão contente estava?

— Onde se meteram? — perguntou a jovem. — Estava a ponto de chamar à polícia.

— Não acreditará o que nos aconteceu — respondeu a jovem a toda pressa. — Nosso cavalo



nos deixou plantados e ficamos presos na praia. — *Não era nenhuma mentira.*

Ao ver que Cammy arqueava uma sobrancelha, Grant perguntou: — Como passou o dia de ontem, senhorita Scott?

Tori olhou primeiro a um e logo ao outro, e teve a sensação de que aquela pergunta significava algo mais do que parecia.

— Muito bem. De fato, tenho boas notícias. Tori, ontem um médico veio me ver.

— Mas eu acreditava que viria dentro de uns dias — disse ela zangada. — Por que não me disse isso?

— Não lhe dissemos por que tinha medo do diagnóstico. O doutor me perguntou um montão de coisas, e me fez muitos exames. — Fez uma pausa e logo continuou: — Já sei o que me passa.

Vitória se derrubou em um sofá.

— E...?

Cammy agarrou um papel e começou a ler:

— A paciente apresenta carência de fluidos, isto é uma maneira delicada de dizer que não bebo água suficiente, e que isso é a causa de que me esqueça das coisas, e de que às vezes não saiba o que faço, e uma reação crônica e patológica ao comer pescado.

"Pescado?"

Tori ficou horrorizada.

— Mas se era a única coisa que comíamos.

— Sim.

Cada vez que pescava algo estava, sem querer, envenenando um pouco mais a sua querida amiga.

— E se beber água e não comer pescado ficará bem?

— É um pouco mais complicado que isso. Meu sangue tem que recuperar os minerais que perdeu, mas sim, pouco a pouco irei melhorando. Por culpa desta enfermidade, meu corpo começou a rechaçar a comida, assim terei que me obrigar a beber caldo durante umas quantas semanas mais. Mas as perdas de cor e os estados de ausência desaparecerão por completo.

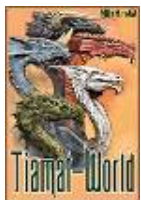
— Assim vai se curar?

Cammy assentiu.

— Certamente passarei a viagem de volta feito uma pelanca por culpa dos enjoos, mas depois disso, ficarei bem.

Tori ficou de pé de um salto e foi abraçá-la. Tantos anos de preocupação, de não saber o que lhe passava, mas agora por fim conheciam a cara que tinha seu inimigo e Cammy podia enfrentá-lo. E se tinha algo que Camellia era, é uma lutadora. Tori pensou em quão fantástica era essa notícia e ao lembrar de que passou a noite com Grant, disse suspirando: — Hoje é o melhor dia de toda minha vida.

O capitão tinha o olhar perdido em sua taça de café, nem se alterou quando Ian, depois de



entrar no refeitório do navio sem nenhum olhar, sentou em uma cadeira a seu lado.

— Não acredito que se limitou a olhá-la... — comentou o jovem Ihe arrebatando a taça para beber o café. — Vi você chegar esta manhã.

— E?

— Porque, se você e Tory... não deveria ter um sorriso nos lábios?

— Como sabe que não estive em um bordel? — Mas pela cara do outro foi como se houvesse Ihe perguntado: *"Como sabe que não estive na lua?"*; seu primo o teria olhado igual.

Sutherland estalou os dedos.

— Espera um momento, já sei. Ali nós teríamos sido vistos.

Ian, sem perder o bom humor por esse desagradável comentário sacudiu a cabeça.

— Passei a noite com o brandy e uns havanês como única companhia. Passamos um longo tempo vagando juntos pelo convés. — Ao ver que Grant não dizia nada, disse: — Pode me olhar nos olhos e dizer que se arrepende?

— Pois claro que posso — respondeu ele em voz baixa. O mero feito de que seu primo Ihe fizesse essa pergunta...

— Se prefere acreditar assim — disse Ian. Sutherland passou as mãos pelo cabelo.

— Não entende.

— Pois me explique. — pediu o jovem apoiando os pés em uma cadeira em frente a ele.

— Faz um ano, prometi a um ancião que, se encontrasse a sua neta, a protegeria com minha vida. E disse que podia confiar em mim. Também Ihe assegurei que se os pais da garota houvessem falecido, eu cuidaria dela até levá-la de retorno a casa. E ele acreditou, porque sabia que eu sempre cumprio minha palavra.

— Mas o feito, feito está...

— Sabe que se esse ancião morrer antes de nosso retorno, eu me converterei no tutor de Vitória? Já vê o muito que esse homem confia em mim.

Ian começou a entendê-lo.

— Bom, pois a chateaste...

— E sabe por que confia tanto em mim? Porque tenho uma boa reputação. Passei anos cultivando-a. Neguei-me tudo para mantê-la.

Seu primo meneou a cabeça e disse:

— A vida é muito curta para deixar escapar a oportunidade de ser feliz quando ela se apresenta. Em especial se não fizer mal a ninguém. Se case com ela e deixa de sofrer. Sabe que tem que fazê-lo. Talvez Vitória te converta em pai dentro de nove meses.

Grant esfregou a nuca.

— Não, não há nenhuma possibilidade disso.

Ian franziu o cenho, e ao entender sorriu pícaro.

— Vá, o meu primo! Se no fundo é um romântico.

— Se você não disser nada, não teremos que contrair matrimônio.

— Sigo sem entender por que não quer se casar com ela — insistiu Ian arqueando as sobrancelhas.



— Acredita que o conde irá querer que se case comigo? Embora o homem não tenha dinheiro, seu título é da mais antiga ascendência. Eu não tenho nenhuma propriedade em meu nome e sou dez anos mais velho que Vitória...

— Tudo isso são tolices comparado com o fato de que ela te quer. Quer a ti.

Grant ficou de pé de um salto.

— Isso é porque não conheceu ninguém mais. Não é que me tenha escolhido entre um montão de pretendentes. Cresceu sem pais, sem infância, e agora, por minha culpa, também teria que renunciar a um montão de coisas. Aos moços que a cortejem, que lhe recitem poemas, a festas e bailes. Não poderia conhecer outros homens para, ao final, escolher ao que ela quisesse. E, olhe-a, embora nos casássemos, seguro que ainda teria admiradores.

— Acredito que não é justo com Vitória.

Sutherland passeou nervoso pelo refeitório. A sala parecia menor que de costume, e tinha a sensação de que as paredes se fechavam sobre ele.

— E você tampouco.

Ian suspirou resignado.

— Irei vê-la. Quer que lhe diga algo? Que lhe leve flores?

— Diga que estarei ocupado toda a semana.

— A estupidez é um rasgo familiar ou só atacou a ti?

Ante o olhar ameaçador de seu primo, o jovem terminou o café e se foi.

Grant deu um murro à mesa. Queria esquecer todo o acontecido no dia anterior, queria esquecer que deixara de lado a honra e o decoro, esquecer tudo o que fizera com aquela moça virgem em um barraco de praia. Estava convencido de que a tratara como a uma qualquer, e ainda por cima lhe deixara marcas em lugares impensáveis para uma dama. A dor por isso o rasgava.

Quando estava com ela não era ele mesmo, e quanto antes se separassem, melhor para os dois. Depois de um dia realmente horrível, deitou na cama e, tenso, como sempre, perguntou-se por que não queria aceitar o que Vitória lhe oferecia de todo coração. Ele sabia que ninguém podia obrigá-lo a se casar, mas dado que era um cavalheiro, teria que pedir-lhe. E se o fazia, poderia ficar com ela para sempre. Para sempre...

OuvIU um ruído e ficou de pé de um salto e, colocando as calças, foi abrir a porta. Ali estava ela, com olhar tímido e a saia colada às pernas por causa do vento. *Não levava nada debaixo?*

Agarrou-a pelo braço e a fez entrar.

— Como diabos chegou até aqui?

— Caminhando.

— Poderiam haver te matado. Poderiam...

— Bom, veja, comprei este mapa e pedi ao proprietário do hotel que marcasse as zonas perigosas, — O mostrou. — Vê? Tive que dar uma volta, mas...

— Onde estão suas malditas anáguas?

— Não queria despertar Cammy para que me ajudasse a me vestir. — Já não estava tão nervosa e em voz baixa, acrescentou: — Sentia sua falta. Não veio me ver em todo o dia.

Grant passou a mão pela testa.



— Você e eu temos um problema. O que passou na praia não foi certo. E não pode voltar a acontecer.

Ela cruzou os braços.

— Precisava acontecer. E tem que voltar a acontecer. — Olhando-o aos olhos, sussurrou: — É como se tivesse perdido a cabeça. Só posso pensar em ti, e em suas mãos sobre meu corpo. — Agarrou-lhe uma mão e a levou até seu seio.

— Por que faz isto? — gemeu ele.

— Porque eu adoro me sentir assim.

— Atua assim unicamente por impulso? — perguntou com crueldade enquanto afastava a mão.

— O que tem de mau nisso?

— Tudo. — esfregou a cara. — E se sentir esse mesmo impulso com outro homem?

— Isso não acontecerá. Só me sinto assim contigo.

— E como sabe?

— Sei que quando minha mãe conheceu meu pai, apaixonou-se por ele só vendo-o, e jamais pensou em outro homem. Eu sinto o mesmo por ti.

Ao ouvi-la Grant tomou ar e foi soltando devagar.

— Se tivesse ocorrido algo mais, seria obrigada a se casar comigo.

— Algo mais? Não temos que nos casar pelo que fizemos?

— Não, não temos que nos casar.

— Então, tal como eu o vejo, podemos voltar a fazê-lo.

— Não é assim como acredita. — Seu tom de voz refletia quanto lamentava que não fosse assim? — As coisas... poderiam fugir do controle. — Afastou-a um pouco. — E logo, te ocorreu pensar que poderia te deixar grávida?

Tori abriu os olhos como pratos.

— É evidente que não — constatou ele sarcástico. — Verá, isto não é um jogo, é seu futuro...

— OH, mas Grant, eu adoraria ter um filho.

Ficou gelado. Por que ouvi-la dizer aquilo o afetava tanto? Por que vê-la sorrir ao pensar em um filho de ambos o emocionava daquele modo?

— Não podemos ter um filho.

— Mas se acaba de me dizer...

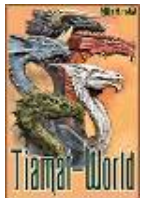
— Não estamos casados. Para isso teríamos que nos casar.

— Pois nos casemos — soltou ela como se fosse a coisa mais evidente do mundo. — Você disse que precisava me casar, não vejo por que não posso fazê-lo contigo.

Ele se obrigou a negar com a cabeça.

— Vitória, é normal que sinta curiosidade pelos homens, mas isso é tudo. Curiosidade. E como eu sou o primeiro homem que vê há muitos anos, é normal que a sinta para mim. Mas é impossível que queira passar o resto de sua vida comigo. Não quer conhecer outros homens? Não quer que lhe cortejem?

Ela ignorou todas essas perguntas e, ficando nas pontas dos pés, beijou-o no pescoço. Foi



uma carícia muito terna, muito doce. O sangue de Grant começou a ferver, e teve vontade de lhe fazer coisas que não eram absolutamente tão ternas nem tão doces.

Aquela missão ia terminar de um modo muito diferente de como ele planejara. Agora o via claro: Vitória chegaria à costa da Inglaterra sem inocência e sem perspectivas de futuro, casada e, certamente, grávida de um homem mais velho que ela, que, além disso, era seu tutor. Por culpa de Grant, não teria nenhuma outra opção. Seguro que os bastardos do clube de cavalheiros lhe dariam tapinhas nas costas lhe dizendo "*Bem feito*".

Vitória se sentou na cama e, muito devagar, desfez o laço de seu sutiã. A peça se abriu e deslizou por seus ombros. Sutherland gemeu do mais profundo de seu ser. Em um abrir e fechar de olhos, seus dedos capturaram o tecido... para voltar a fechar o decote.

Logo que afastou as mãos, a garota levantou uma sobrancelha a modo de desafio e voltou a desabotoar. Ele o fechou. Aberto. Fechado. Vitória deslizou de novo a peça pelos ombros.

— Basta! — exclamou quando ele se dispunha a lhe atar outra vez as cintas. — Vai rasgar isso.

— Rasgará se você não soltar. — E entre dentes, acrescentou: — Não vamos fazer nada!

— Sim, sim o faremos. E se rasgar meu vestido pode ir se despedindo de suas calças.

— Promete-me isso? — soltou Grant sem poder evitar.

— Vê? Você também quer fazer! — Vitória deslizou o olhar dos olhos dele até a ereção que tinha a escassos centímetros. Agachou-se e, *que Deus o ajudasse*, pôde sentir sua leve respiração justo por cima da cintura de suas calças. Beijou-o, e o homem sentiu seus quentes lábios sobre a pele. — Posso te tocar? — sussurrou Tori. "*Tem que confiar em que sabe o que quer. Seja justo, confie nela.*"

— Faz o que queira, Vitória.

Por fim se rendeu.

Capítulo 17

Tori deslizou a mão pela parte dianteira de suas calças. Acima e abaixo, notando sua excitação contra o tecido. Ela vira seu membro duas vezes antes, mas quando desabotoou suas calças, voltou a surpreender-se.

Jamais se acostumaria a vê-lo assim. Rodeou seu pênis com os dedos e o acariciou, mas não como fizera na noite anterior, mas com ternura, explorando cada centímetro de sua pele. Notava-o a ponto de capitular, e queria sentir tudo o que ele sentisse.

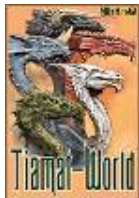
Tudo.

— Grant, ontem, quando me beijou... nessa parte tão íntima.

— Sim? — Sussurrou ao sentir que lhe acariciava a glândula com a palma da mão.

— Eu posso fazer o mesmo?

— Não sabe o que está dizendo — respondeu o homem atormentado.



— Me mostre. — Sabia que ele estava a beira do precipício, a ponto de cair nele. Só precisava empurrá-lo um pouco... E dessa vez não ia deixá-lo escapar. — Mostre-me como te dar prazer.

— Vitória, não sabe o que está me pedindo. — Parecia angustiado. Desesperado.

Mas não disse que não. E, antes de perder a coragem, Tori, insegura, posou os lábios sobre seu membro. Grant gemeu e, com as mãos lhe segurando os ombros, gritou seu nome.

— Não sabe o que está me fazendo.

A moça levantou os olhos e viu que ele a olhava enquanto o beijava. Tinha a respiração entrecortada e os músculos de seu torso se contraíam sem descanso. Os olhos estavam mais escuros, e como em estado de alerta; como incrédulo ante o que estava vendo. *Uma pequena carícia o pôs assim?* Tori aumentou a pressão dos beijos e o saboreou com a língua, igual ele havia feito. Grant sacudiu os quadris e ela se afastou.

— É muito atrevido fazer isto? — perguntou, beijando-o de novo.

— Sim— respondeu, afundando os dedos no cabelo dela e Vitória se alegrou ao ver que tremiam.

— Pois eu gosto muito de fazê-lo, sinal de que sou muito atrevida. — O homem gemeu ao escutá-la, e o som se prolongou quando lhe percorreu o membro com a língua. — E, já que você gosta tanto...

— Gostar? Eu não definiria assim... — Quando Vitória introduziu por completo seu pênis na boca, Sutherland ficou sem fôlego.

A garota levantou a vista, sem separar os lábios, e viu que tinha a cabeça jogada para trás, e o torso rígido; do pescoço até a base de sua ereção.

— Ah, Deus, Vitória. — De repente, agarrou-a e a colocou frente a ele. Seus braços a seguravam com força. — Desejo-te tanto que me faz sentir como um animal.

O olhar de advertência que havia em seus olhos a excitou ainda mais.

— Faz tudo o que queira.

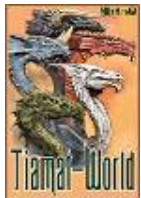
Um estranho som surgiu do mais profundo da garganta dele e ele deslizou o seu vestido para os pés. Quando ela levantou os pés para que pudesse afastá-lo, aproveitou para tirar também os sapatos que usava.

Vitória teve muita vontade de que ele visse as provocantes meias de seda negra que levava, mas agora tinha vergonha. Grant seguia com os dedos os laços que havia na liga e, brincalhão, tirou da cinta de cetim negro, mas quando ela se dispôs a desfazê-lo, afastou a mão.

— Deixe isso. — pediu-lhe com voz torturada. — Faça por mim.

Tori assentiu. Grant se sentou e a pôs sobre o colo para poder lhe tirar a regata pela cabeça. Colocou-lhe as pernas em cima das suas e recostou as costas dela em seus braços para assim poder lhe observar os seios. Com um gemido, inclinou-se para frente e começou a beijar e a sugar seus seios, chegando até a causar no princípio um pouco de dor.

Entretanto, o prazer logo ficou insuportável e Vitória sentia como cada carícia de sua língua a excitava um pouco mais. Separou as coxas, e uma solícita mão deslizou por seu estômago, abrindo a seguir seu sexo com os dedos.



— Está úmida por mim— sussurrou contra seus seios acariciando-a. — É perfeita.

Deslizou o olhar por todo seu corpo e ela arqueou as costas, oferecendo de novo os seios. Vitória não acreditava que houvesse algo comparável ao que sentia quando ele a acariciava, mas de repente Grant a penetrou com um dedo. A jovem gritou e levantou os quadris, aproximando-se instintivamente à mão dele, que a acariciava, e movia o dedo em seu interior, fazendo-a gemer.

— Grant! Isto que estou sentindo... Faz que... me ajude.

— Como, Vitória? — Deitou-a na cama, empurrando-a suavemente. Ajoelhou entre suas pernas e, levantando um pouco seus quadris, aproximou-a dos lábios para beber dela. — Quer que te ajude... — beijou-a e gemeu ao sentir sua pele — com meus lábios?

— Sim! — arqueou oferecendo-se a ele. *"Sim, com seus lábios."*

— Ou com meus dedos? — Acariciou-a de novo fazendo-a estremecer.

Vitória sacudiu a cabeça de um lado a outro, e, quando sentiu que retirava os dedos de seu interior, gemeu e separou mais as pernas. Mas não conseguiu nada.

Levantou a cabeça e viu que ele tirou as calças e que retornava à cama. Sentou frente a ela e lhe acariciou os seios, com o que sua ereção cresceu ainda mais, até roçar o umbigo feminino. Seu membro tremia, e a ponta estava úmida. Tori entreabriu os lábios. Era precioso, raro, mas muito atraente... Ao sentir-se observado, Grant baixou a vista e sorriu.

— Por favor! — gemeu a jovem.

Todo o corpo do homem estava tenso, a ponto de explodir.

— O que quer, Vitória?

Então, ele se inclinou para frente e sussurrou ao seu ouvido umas palavras que ela sabia que não deviam pronunciar-se. A moça não compreendia aquela linguagem tão erótica, mas não foi o que Grant disse, mas como disse, o feroz desejo que deixava transparecer, a necessidade que sentia dela, o que a fez estremecer.

Logo, deslizou de novo um dedo em seu interior e conseguiu fazê-la voltar a tremer. Tori se derrubou na cama, com os braços por cima da cabeça, enquanto a tensão invadia seu corpo. Cada vez que ele se afastava para voltar a penetrá-la, as ânsias cresciam dentro dela, até que chegaram a tal ponto que a fizeram explodir. Enquanto os espasmos de prazer a sacudiam da cabeça aos pés, Grant, com voz entrecortada, sussurrava tudo o que ia fazer, a vontade de acariciá-la com a língua, os lugares que queria possuir com seus dedos, e o muito que desejava que voltasse a beijar seu membro e a lambê-lo até o final...

— OH, sim — gemeu Vitória por fim. Podia sentir como seu corpo se aferrava aos peritos dedos dele, que não tinha piedade, e que seguia atormentando-a, irradiando o prazer por seu corpo com longas e sensuais carícias.

Como se estivesse possuído por outro homem, Sutherland se recreou com Tori, e se assegurou de lhe dar prazer. Depois de ser testemunha de seu abandono, era inconcebível que pudesse fugir daquilo. *Ela era dele.* E nesse instante nada podia lhe dar mais prazer. Viu como lambia os lábios entreabertos, seus seios úmidos por seus beijos, e os cachos que cobriam seu púbis... *Estava perdido.*

Agarrou suas coxas e separou um pouco mais suas pernas, logo segurou sua ereção e a guiou



para as dobras femininas, assegurando-se de que estava preparada para recebê-lo.

Ao sentir como se umedecia ainda mais ante tal carícia, Grant gemeu de prazer.

Por fim, permitiu-se empurrar, mas só um pouco. Vitória estava excitada, mas era muito estreita. Todos os músculos do corpo dele morriam de vontade de enterrar-se em seu interior, sem importar quão pequena ela fosse. Mas não podia lhe machucar. Devia controlar-se. Entretanto, a moça começou a mover-se, procurando ser penetrada por completo. Grant a segurou para mantê-la quieta, e ao sentir sua pele sob seus dedos gemeu de desejo, retrocedeu um pouco para logo voltar a deslizar-se um pouco mais em seu interior. Era muito estreita. Era impossível. Tinha medo de feri-la.

— Não quero te machucar. — sussurrou com voz rouca quase desconhecida.

— Não se supõe que tem que doer um pouco? — disse ela quase sem fôlego.

— Um pouco? Não, não seria só um pouco. — Pelo modo em que seu corpo se aferrava ao dele, Grant temeu que ela não pudesse contê-lo por completo. — Doerá, carinho.

Ela suspirou.

— Já temia que fosse muito grande para mim. E não sei se eu sou normal...

Ele se inclinou para frente para beijá-la.

— É tudo o que um homem poderia desejar — respondeu retirando-se para voltar a tentar.

Sentiu a barreira de sua virgindade e a ouviu tomar ar. Jogou os quadris para frente e a atravessou.

Ela gritou... ele ficou quieto.

— Vitória, está bem?

— Acredito que sim — murmurou.

Grant pensou que o melhor seria que ficasse um momento quieto até que o corpo da jovem pudesse adaptar-se ao dele. *Não era isso o que se supunha que precisava fazer com uma virgem?*

Grant jamais se viu em uma situação semelhante...

— Quer que pare? — Como se pudesse fazê-lo. Essa seria uma prova extrema, estar em seu interior e ter que sair...

— Sim.

"*Não. Maldição, não!*", gritou uma voz em sua cabeça. Agora que por fim alcançara o paraíso não podia deter-se. Mas baixou a vista e viu seus olhos cheios de lágrimas sem derramar.

Só de pensar que estava lhe fazendo mal rompeu seu coração.

Decidido, começou a afastar-se, mas a besta que o habitava pediu que o fizesse devagar, para saborear a cada segundo.

Vitória gemeu.

— OH, espera. Eu gosto.

Atônito, Grant voltou a empurrar.

— Ah — queixou-se ela.

Retrocedeu de novo, e então a moça voltou a gemer de prazer. Ia ficar louco.

— Amor, não pode ter um sem o outro.

— Pode entrar devagar, igual a quando retrocede?



Podia? Quando todos seus instintos pediam a gritos que a possuísse com força? Tremendo e suando pelo esforço, submetido a uma tortura, penetrou-a devagar, muito, muito devagar, até dar com o ritmo que lhe dava prazer. As gotas de suor deslizavam por sua testa até cair nos seios de Tori, onde se mesclavam com o seu. Grant agachou para lhe beijar um seio, que agora estava salgado; ela voltou a gemer e separou um pouco mais as pernas.

— Talvez já possa ir mais rápido — sussurrou-lhe ao ouvido fazendo-o estremecer.

Tal como lhe pedira, moveu-se com mais força e rapidez.

Quando viu que os seios de Vitória tremiam com cada investida, soube que só era questão de tempo, e quando a ouviu gemer, aceitou o convite que o fazia. Uma e outra vez, apertou-a contra seu corpo, enquanto com as mãos lhe acariciava as coxas ou as deslizava até seus seios.

— Assim, Grant, sim.

Quanto mais forte eram as arremetidas, mais forte ela gritava seu nome, até que ele perdeu o controle e Vitória se uniu a ele em seu frenético movimento.

De repente, e no mesmo instante que Grant acreditava que já não podia excitar-se mais, Tori arqueou as costas e se apertou contra seu torso. Gritou e o homem sentiu como se estremecia ao redor de seu membro, como o calor que envolvia sua ereção o possuía por completo.

"Não posso mais." Em efeito já não podia aguentar mais. Empurrou uma última vez, gritou seu nome e explodiu em seu interior, em um orgasmo sem fim, abraçando-a. Quando os últimos espasmos do clímax lhe percorreram, deu-se conta de que ainda a apertava entre seus braços e que não deixara de mover os quadris.

Pouco a pouco, pensamentos desconexos encontraram espaço entre a bruma do desejo.

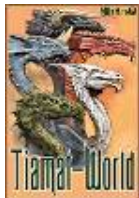
"Estou abraçando-a muito forte, talvez lhe esteja fazendo mal... É minha... Não sei se serei capaz de soltá-la."

Relaxou um pouco e ergueu o torso, sustentando-se com os braços. Como se estivesse despertando de um sonho, Grant observou incrédulo a jovem, tombada sob seu corpo enquanto ele seguia movendo-se devagar em seu interior. Olhou seu rosto e viu que estava coberto de lágrimas. *"O que eu fiz?"*

Vitória dormia em sua cama, feito um novelo. Não tinha um sono muito profundo, e suas pupilas se moviam com rapidez sob as pálpebras. Seguro que isso era devido a ter crescido na ilha; devia ter aprendido a descansar mantendo os sentidos alerta caso acontecesse algo. Com o instinto a ponto para reagir ao som, preparado para perceber a aproximação de um animal ou se as folhas se movessem anunciando tormenta.

Grant pensou que gostava de vê-la dormir, mas sabia que a jovem precisava retornar ao hotel. Só Deus sabia do que ele seria capaz se ela ficasse, porque essa noite descobrira algo muito inquietante sobre si mesmo: cada vez ia se sentindo mais e mais cômodo perdendo o controle com Vitória.

Ainda sem compreender o que estava lhe acontecendo, sacudiu a cabeça. Ele jamais se sentira cômodo com nenhuma mulher, nunca fizera com elas nada mais que saciar suas



necessidades básicas, e certamente jamais chegara com ninguém até aquele ponto... Grant, sempre temera perder o controle, tinha medo de que a mulher em questão mexericasse com outras sobre seus gostos. Talvez por isso não estivesse acostumado a ir com muitas mulheres, e nunca repetia duas vezes com a mesma. Estava longe de ser um sedutor, mas sempre lhe preocupou que, se chegasse a ter confiança com uma, seus instintos acabassem por sair à superfície.

E cada vez que dava prazer a si mesmo, as fantasias com as que o obtinha, só reforçavam o que já sabia e estava tão desesperado por ocultar. Um homem como ele deveria ser capaz de controlar tais instintos. Mas bem era verdade que os homens de sua família jamais conseguiram se controlar em nada. Ninguém exceto ele.

Até o momento.

Levantou e acendeu um abajur. Quando se inclinou sobre Vitória, viu as quatro pequenas marcas em forma de meia lua que tinha nas palmas. Ao alcançar o orgasmo, fechou os punhos com muita força, cravando as unhas. Acompanhou-a de volta ao hotel e, ao despedir-se, agarrou-lhe as mãos entre as suas como se quisesse agradecer. A lembrança dessas marcas lhe veio à mente. Um detalhe tão pequeno.

Era realmente algo muito pequeno para que significasse tanto.

Estava perdido.

Capítulo 18

Segundos depois de abrir os olhos ao sol da manhã, Tori sorriu. Estirou os braços e ao sentir que havia partes de seu corpo que ainda doíam, o sorriso se fez mais radiante. Grant fez amor com dedicação. OH, as coisas que lhe fez... Jamais teria lhe ocorrido pensar palavras ou ações tão atrevidas e excitantes.

Um calafrio de prazer lhe percorreu o corpo. Logo se casariam. Seu futuro marido tinha uma imaginação prodigiosa, e um corpo preparado para levar a prática tudo o que lhe ocorria. Ao pensar em quão perfeito era ele para ela, acreditou explodir de felicidade. Por fim podia reconhecer perante si mesma que estava apaixonada por Grant. Completamente.

Vestiu-se e foi procurar Cammy, e juntas tomaram o café da manhã, ovos, arroz, maçãs e suco, para cumprir com a especial dieta de sua amiga. Ambas estavam tão contentes que riam por qualquer tolice.

Mas à tarde, ao ver que seu apaixonado ainda não aparecera, a felicidade e a tranquilidade de Vitória começaram a cambalear. Como se atrevia a não visitá-la? Depois do ocorrido na noite anterior, supunha que talvez devesse se sentir usada, mas isso significava que Grant lhe arrebatará algo, quando na realidade Tori sentia que ele entregara tudo. E por isso estava tão preocupada. Queria que... voltasse a fazê-lo.

Ao chegar à noite, a pouca paciência que ficava sumiu. Logo que Cammy dormiu, a jovem



escapou pela porta para ir ao Keveral. Os guardas que havia no convés se afastaram ao vê-la, e lhe sorriram nervosos quando passou ao seu lado. Vitória não se deteve até chegar ao camarote de Grant, e, uma vez ali, abriu a porta sem chamar. Não estava.

Seguiu para o refeitório e o ouviu falar.

Estupendo. Não podia esperar nem um segundo mais para lhe dizer tudo o que pensava.

Ao aproximar-se à porta, ouviu também a voz de Ian.

— Vai me dizer que agora tampouco há nenhuma possibilidade de que esteja grávida?

Porque desta vez não vou...

— Não, agora é mais que provável — respondeu Sutherland zangado.

"Por que estavam falando daquilo?"

— Ian, deixa estar.

— Por que? Porque está bêbado? Isso não vai me deter. Me escute bem, primo, ia deixar que você resolvesse o assunto, ver se você sozinho seria capaz de fazer o correto, mas não o fez. Tori se converteu em uma espécie de irmã para mim, e decidi fazer as vezes de seu irmão mais velho.

— E?

— Porque vou te dar uma surra se não me jurar agora mesmo que fará o que deve. Maldito seja, não posso evitar pensar o que sentiria se Emma ou Sadie estivessem na mesma situação. Têm a idade de Tori, Grant. Espero que, se fosse o caso, alguém as ajudasse.

— Não tem nada que temer. Mas é ridículo que você seja precisamente quem esteja me dando este sermão. Não se preocupe, farei o que é devido e me casarei com essa travessa. — Vitória ouviu o tinido da garrafa contra o copo. — Assim já pode me felicitar.

"Travessa?" Bom, ao menos disse que queria casar-se com ela. Um sorriso se desenhou em seu rosto. Acreditou ouvir que Ian suspirava aliviado.

— Perfeito, alegre-me ver que por fim entraste em razão.

— Não é assim. Mas fiz algo que não tem volta, e vou pagar o preço. Eu sempre assumi meus enganos.

"Enganos?"

Ian se surpreendeu tanto quanto ela.

— Enganos? Como isso pode ser um engano?

— Vitória não é a esposa que eu queria. Não tem nenhum respeito pelas normas. Eu queria uma mulher que me ajudasse em minha carreira profissional, mas ela é como uma selvagem e isso será um obstáculo. Já estou temendo ver como se comportará em Londres.

Tori retrocedeu como se tivesse sido esbofeteada. Um enorme sentido do ridículo alagou todos os poros de seu corpo. Não podia nem respirar. Agora entendia tudo. Ela o envergonhava.

Ele se sentia envergonhado. Fazer amor com ela foi um engano?

De repente, tudo o que compartilharam lhe pareceu sórdido e barato. Era como uma selvagem? Acaso havia feito algo inaceitável com ele na cama? *OH, Deus.*

A humilhação que sentia era tão grande que temia que fosse asfixiá-la. Correu para a amurada e vomitou. Secou o rosto e o apoiou entre suas mãos. Era uma inculta. Uma mulher



digna de lástima que o seguia como um cachorro mulherengo. Não foi capaz de ver o que tinha ante os olhos, e então recordou as palavras de Cammy:

"Não confunda o amor com a luxúria".

Retornou ao hotel enxugando as lágrimas a cada momento mas logo viu que era inútil, e deixou de fazê-lo. Ela desejou lhe conquistar e se esforçou por captar sua atenção. Mas jamais teve a menor oportunidade. Por isso ele não queria fazer amor com ela. Por isso se sentira tão culpado ao acabar... porque se rebaixara a fazê-lo.

OH, Deus.

Mal podia ver com as lágrimas que lhe enchiam os olhos, mas conseguiu chegar ao hotel. O capitão Sutherland não teria que voltar a suportar sua presença.

— Grant, é um idiota. Enganos, obstáculos? Sabe o que está dizendo...?

— E se algum dia quiser a outro? — perguntou seu primo em voz baixa e preso de dor.

— Então, se trata disso?

— Não, é de todo o resto... — Sacudiu a mão em busca das palavras exatas. — ...Bom, isso também me preocupa. — Por fim se deu por vencido. — Maldita seja, vou convertê-la em minha esposa, lhe dar tudo o que tenho, e provavelmente não seja o melhor para ela. Não posso deixar de pensar que deveria lhe dar a oportunidade de conhecer alguém mais e ter mais opções. Acredito que se conforma comigo porque sou o primeiro que a tratou como a uma mulher.

— Você não é um mal partido.

— Economicamente falando não, mas não sou o que mais lhe convém. Vitória necessita a alguém de sua idade. Alguém que seja doce e divertido como ela, e não um insípido como eu. E se não puder fazê-la feliz? — Grant baixou a vista para sua taça. — Deus, E se algum dia quiser a outro?

Ian sacudiu a cabeça.

— Esse é um risco que corre com qualquer mulher...

— Não, é pior que isso — disse ele levantando a cabeça sem importar que seu primo visse quão mau estava passando. — Sabe o que dizem de que as mulheres sempre tratam de apanhar um homem para que se case com elas? Pois... acredito que eu me rendi e fiz amor para que assim ela tivesse que casar-se comigo. Não queria que chegasse a Inglaterra e pudesse escolher. — Grant se surpreendeu ao ouvir o remorso em sua voz: — Eu apanhei Vitória.

— Acreditava que ainda estaria adormecida —disse Tori ao ver Cammy ao entrar em seu quarto.

— Oh, acabo de me levantar para beber um copo de... Tori, o que aconteceu? Onde esteve?

Vitória teve que morder a língua para não contar o que aconteceu. Tinha os sentimentos a flor da pele e temia que, se dissesse *"Ele se envergonha de mim"*, começaria a chorar de novo.

Jamais se sentira tão envergonhada de si mesmo, e que Grant fosse quem o conseguira



ameaçava asfixiá-la de dor.

— Não é nada. É que sinto falta da ilha.

— Eu também — reconheceu sua amiga aliviada.

Passaram a hora seguinte recordando os tempos felizes que viveram ali, mas em um rincão de sua mente, Tori se deu conta de repente de que esqueceu de uma coisa: Grant ia lhe pedir que se casasse com ele. Seu código de honra o exigia. E Vitória tinha a sensação de que quando a honra e o dever se aliavam na mente do capitão Sutherland, era muito difícil lhe fazer mudar de opinião.

Como podia lhe rechaçar? O que podia dizer sem confessar a verdade e poder manter assim o orgulho intacto? Começou a desenhar um plano.

Capítulo 19

Parecia que a cabeça de Grant ia explodir e ele chegou à conclusão de que tinha a pior ressaca de toda sua vida. Mas pouco a pouco a realidade voltou a tomar o controle. A enxaqueca era evidente; os sentimentos por Vitória também. Ambos eram um fato. Bebera muito e tinha dor de cabeça. Fez amor com Vitória e a vira sorrir, e jamais poderia resignar-se a estar com outra mulher. Não podia fazer nada a respeito.

Se ela chegasse a amar algum dia a outro homem, não seria porque ele não tivesse tentado fazê-la feliz. E não fazia falta dizer que isso aconteceria por cima de seu cadáver. Ia ser seu marido, e por Deus que ia se esforçar para ser o mais atento.

Depois de assumir isso, se sentiu muito melhor, e muito mais feliz do que fora jamais. Era inegável que contrair matrimônio com Vitória era, em certos aspectos, muito tentador. Quando estivessem casados, poderia por fim fazer com ela tudo o que sonhara; dar todas as carícias e os beijos, adotar todas essas posturas nas quais queria fazer amor. Aceitaria tudo o que ela queria lhe dar. A ele. E só a ele.

E só de pensar que a moça já pudesse estar grávida de seu filho, seu filho, o fazia estranhamente feliz. Grant passou o dia procurando o anel perfeito por toda a cidade e mal viu a esmeralda, soube que precisava ser aquele. Pagou uma fortuna por ele. Era da mesma cor que a água que rodeava a ilha, e a pedra brilhava como se tivesse fogo em seu interior.

Jamais vira nada igual.

Muito animado, foi visitá-la aquela mesma noite. Resolveriam o assunto do matrimônio rapidamente e logo a levaria a cama mais próxima. Pensar em voltar a tocá-la o deixava louco. Pensar em tudo o que fizeram juntos... Sorriu, e seu sorriso transbordava prazer. Essa noite lhe mostraria algo novo.

Vitória lhe mandou uma nota dizendo que estava doente.

O pânico o invadiu. Foi muito violento com ela? Envergonhava-se do que aconteceu entre eles? A noite anterior se despediu dele com um sorriso, e ela não se envergonhava facilmente.



Devia estar doente de verdade. A culpabilidade derrotou o pânico. A levou do Éden para colocá-la em uma cidade suja e congestionada.

Não podia nem pensar. Quando estivessem casados se asseguraria de que a moça estivesse sempre em espaços abertos. Faria Tori feliz. Escreveu-lhe uma nota perguntando se estavam preparadas para partir com a maré da manhã.

Sua resposta foi: "Estou mais que impaciente para ir daqui".

No dia seguinte, quando zarparam, Vitória parecia em efeito estar doente. Tinha o olhar perdido e seu rosto carecia de sua habitual luz. Quando Camellia voltou a jogá-la de seu camarote, perguntou a Grant se podia utilizar o seu.

— Está bem? — perguntou ele preocupado, lhe agarrando o braço com uma mão.

— Perfeitamente.

"Então, por que me olha como se me odiasse?", queria lhe perguntar. Sentia-se preocupado e temeroso; desejava com todas suas forças estar equivocado. Ela olhou a mão com que ele a segurava e Grant a soltou.

Chegou o meio-dia, e Vitória ainda não se aproximara do leme. A essa hora, estava acostumado que ela lhe levasse uma xícara de café. Então a viu. Com seu longo cabelo preso com um laço, estava jovem e radiante. E sem rastro algum de enfermidade. Grant sentia tal impaciência por estar com ela que ficou nervoso, mas a moça passou longe e se sentou junto a Ian. Não o olhou nenhuma só vez.

Mais tarde, começou a garoar. Seguro que lhe levaria sua capa de chuva, como fazia sempre quando chovia. Esperou um momento, aguentando firmemente sob o toró e ficando cada vez mais empapado. Finalmente, deu-se por vencido e após entregar o leme a Dooley, dirigiu-se para seu camarote. Vitória lhe abriu e o saudou sem nenhuma emoção.

Grant teve a sensação de que entrava em um campo de batalha sem ser consciente de que entraram em guerra. Sentou-se, apesar de que ela não o convidou a fazê-lo.

— Está chovendo — disse como um estúpido.

A jovem estava deitada na cama, lendo, e olhou para a vigia.

— Já vejo. — Passou a página.

— Me alegre de que não estivesse no convés. A tormenta acaba de começar. — *Que demônios estava dizendo?* Não lhe respondeu e se limitou a voltar outra página. — Está bem?

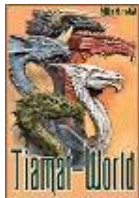
— Perfeitamente. — Sem afastar a vista do livro, ergueu uma mão e disse: — Ah, quando sair feche bem a porta. Entra um pouco de água se não estiver bem encaixada. Obrigado.

Acabava de expulsá-lo. De seu próprio camarote. Acaso não era exatamente isso o que ele desejou desde o começo? Queixou-se mil vezes de que ela o olhasse com aqueles olhos verdes cheios de adoração. Queria que lhe deixasse de sorrir sempre que lhe levava uma xícara de café.

Mas isso foi antes. Antes que a fizesse dele.

O que acontecera para que mudasse tanto depois de que a deixasse no hotel? Parecia claro que já não queria vê-lo nem pintado. Talvez acreditasse que na manhã seguinte a pediria em casamento, mas isso não explicaria tanto rancor.

E se descobrira a verdade? Talvez tivesse contado a Camellia o que acontecera e a mulher



Lhe dissera o... mal que ele se comportou, e que um homem não devia tratar a uma dama como Grant fez. Fosse como fosse, não podia suportar que Vitória lhe olhasse com desdém e se aferrou com desespero à teoria de que estava zangada por não lhe pedir que se casasse com ele justo à manhã seguinte.

— Irei, mas antes temos que falar — disse.

A moça deixou então o livro a um lado e se levantou.

— Sim, tem razão.

— Temos que nos casar.

Já está, já o pedira. Bom, mais que pedir o comunicara, tal como Vitória imaginava. Entretanto, voltou a questionar-se pela enésima vez se talvez tivesse interpretado mal a conversa em que o surpreendera com Ian. E se tudo tivesse sido uma pose frente a seu primo? Pensar isso lhe deu esperanças, mas não ia ser tão tola para aceitar sem mais.

— Por que deveríamos casar? Acaso me ama? — perguntou sem disfarces.

A ideia pareceu pegá-lo de surpresa. Nem sequer lhe ocorrera pensar que talvez a amasse?

— Eu... Eu te tenho muito carinho.

— Carinho? — A Tori lhe rompeu o coração. — E que tipo de matrimônio seria o nosso apoiado só no carinho?

— Há muitos matrimônios estáveis que se edificaram com menos que isso.

— Sentiria orgulho de que fosse sua esposa? Cuidaria de mim ante todos?

— Acompanharia a todos os lados — respondeu ele entrecerrando os olhos, cauteloso.

Ela começou a caminhar pelo camarote.

— Isso não responde a minha pergunta. Iria querer que mudasse minha maneira de ser?

— Confio em que volte a se adaptar à sociedade.

Em outras palavras, queria que mudasse. Ou, o que era o mesmo, "você não é o que eu necessito que seja".

— Me pergunto se sente algo por mim.

— Respeito-te. E admiro sua resistência. Eu gosto que seja tão preparada e tenaz.

Vitória se deteve frente a ele, tensa de raiva.

— Admira minha resistência? Você não me ama, não se sentiria orgulhoso de que fosse sua esposa, ao menos não frente a outros. Mas é inegável que você gostou de se deitar comigo.

Grant ficou de pé e a olhou fixamente.

— Mais do que possa imaginar.

Nesse instante, Tori quase se rendeu. Quase. Mas por desgraça, estava lhe confirmando que tudo o que ouvira era certo.

— Sente-se obrigado a se casar comigo? — Essa era a resposta que mais precisava ouvir.

Ele duvidou uns segundos.

— Conheço as regras, Vitória. E sempre as acatei. Devemos nos casar.

Não choraria. Não podia. "Serei forte."

— Mas... sabe o que acontece com as coisas que se fazem por obrigação? Que a gente acaba por se arrepender de ter feito. Não vou me casar contigo.



— O que disse?

Sentou-se em um extremo da cama e soltou o discurso que esteve preparando.

— Grant, estive pensando muito em nossa situação, e acredito que você tinha razão; que meus sentimentos por ti se devem a que é o único homem que conheci. Cheguei à conclusão de que é impossível que sinta algo profundo por ti quando apenas te conheço, e sem ter conhecido antes a outros homens.

— O que? — Todo seu corpo ficou rígido.

Mas ela continuou como se estivessem falando de negócios: — Você foi muito amável de me recordar isso quando eu, teimosa como de costume, negava-me a acreditar. Não obstante, por fim entrei em razão, assim já não tem por que preocupar-se.

— É um pouco tarde para isso. Você e eu nos deitamos — replicou ele, assinalando o óbvio.

Tori abriu a mão e estudou as unhas.

— Sim, e confio em que isso não seja um obstáculo na hora de conhecer futuros pretendentes quando chegarmos a Inglaterra.

Grant abriu os olhos, e neles ardia a cólera.

— Não terá nenhum pretendente. Não tem dote. Seu avô está arruinado. O que vai fazer então?

Essas palavras a sacudiram profundamente, mas conseguiu ocultar.

— Cammy e eu viveremos na mansão do avô.

— Isso tampouco vai acontecer — afirmou ele implacável.

— Por que não?

— Porque a casa é minha. É minha recompensa por haver te encontrado.

Tori inclinou a cabeça para frente. *Podia ser que o tivesse ouvido mau?*

—Se esqueceu de me dizer que ia retornar a Inglaterra sem possibilidades de futuro, sem dinheiro e sem lar?

— Não acreditei que fosse conveniente lhe contar isso.

Vitória prendeu o ar. A surpresa foi substituída pela ira.

— Mentiu-me.

— Eu nunca minto.

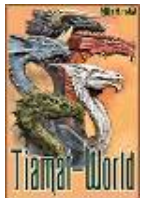
— Você vai ficar com a mansão de minha família? — Perguntou ela com expressão de asco. E com voz gelada, acrescentou: — Esse dia na ilha estava equivocado, quer me levar de volta a casa para obter seu prêmio.

— E a que se deve esta mudança de opinião? — perguntou Cammy a noite seguinte, enquanto jantavam. Ao ver que Tori não respondia, insistiu: - Vamos, me diga no que está pensando.

A jovem deixou a um lado o pedaço de pão que acabava de lubrificar com manteiga.

— Não quero te incomodar com minhas tolices.

— Estou encerrada neste camarote um montão de dias — respondeu sua amiga com um



sorriso. —Necessito que me incomode.

Vitória prendeu o ar.

— Fiz amor com Grant.

Cammy ficou calada.

— Não vai dizer nada? Nem sequer vai fingir que se surpreende?

— Talvez esteja doente, mas não estou cega — replicou a outra afastando o prato.

— Não está zangada comigo?

— Não, Grant é um bom homem — disse, movendo a cabeça de um lado ao outro. —Sei que não o faria se não tivesse intenções de casar-se contigo. Seguro que a esta altura já está planejando as bodas.

— Pediu-me em casamento. — Cammy se apoiou na cadeira e suspirou aliviada. — Eu disse que não — acrescentou Tori.

— Como? — perguntou devagar.

— Acredito que o odeio.

— Faça o favor de se explicar melhor! — gritou sua amiga muito preocupada.

— Ouvi o Grant falando com o Ian e lhe disse que... Eu era um obstáculo. Que se envergonhava de mim.

— Disse isso?

— Não exatamente, mas entendi muito bem o que quis dizer. Comentou que tinha medo de ver como me comportaria na Inglaterra. E que o que aconteceu era um engano.

Cammy suspirou fundo.

— E não o estaria dizendo para parecer duro frente a seu primo? Os homens às vezes... — Ao ver que Vitória negava com a cabeça, deteve-se.

— Quando Grant me comunicou que íamos nos casar, perguntei se sentia algo por mim, se ficaria orgulhoso de que eu fosse sua esposa. Se queria casar comigo por algo mais que por seu sentido do dever. Não respondeu bem a nenhuma das perguntas. — Secou uma lágrima com o reverso da mão. — Além disso, é lógico. Eu acreditava que era atraente para ele, entretanto, ele sempre se separava de mim. E quando não se afastava, logo se sentia culpado.

— Quando não se afastava? — repetiu Camellia com voz estrangulada. — E quantas vezes não o fez?

Tori sacudiu uma mão como se esse dado não tivesse importância.

— Nos beijamos um par de vezes.

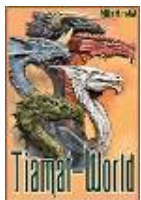
Cammy estava atônita.

— E tudo isso inclusive antes de chegar a Inglaterra!

Vitória, furiosa, secou outra lágrima e respondeu: — Sim, bom, nossa chegada vai ser muito diferente a que tínhamos imaginado. Grant nos mentiu. — Ao ver o olhar de surpresa de sua amiga, contou-lhe os detalhes: — Quando o avô morrer, ele herdará a mansão. Ficará com a casa e as terras da família.

Camellia esfregou a têmpora.

— E por que Belmont aceitou tal trato?



— Porque está arruinado — respondeu a garota com tristeza. — Essa era a última posse que restava.

— Pensemos um momento — sugeriu a outra. — Grant passou mais de um ano te buscando. Merece uma recompensa.

Tori sacudiu a cabeça.

— Mas está errado, e seguro que ele também acredita. Se não, por que me ocultou isso? — Ficou de pé e se aproximou da pequena vigia do camarote. — Cammy, pela primeira vez desde que tenho uso de razão, com ele me senti segura. Mas tudo era mentira. Nem sequer sabemos o que vamos encontrar quando chegarmos. E pensar que tinha tão boa opinião do capitão Sutherland. Fingiu ser um cavalheiro, com honra e princípios. — Apoiou uma mão no frio cristal. — E eu acreditei isso, mas agora já não voltarei a baixar a guarda.

— Tori, E se estiver grávida? — perguntou Camellia com suavidade.

A jovem ficou em silêncio durante um momento, insegura da resposta. Não podia descrever os sentimentos desconhecidos que se agitavam em seu interior só de pensar: alegria, tristeza, preocupação e remorsos. Deu meia volta para olhar a sua amiga.

— Logo saberei; a semana que vem, ou isso acredito.

Cammy assentiu, e ambas estiveram de acordo em adiar a conversa até saber o que aconteceria. Assim, a senhorita Scott passou o resto da semana seguindo seu novo regime, enquanto Tori e Ian tratavam de procurar o melhor método para conseguir que a apaixonada pelo jovem o perdoasse por ter desaparecido durante tanto tempo. A Vitória, essas conversas só conseguiam por mais triste. Ian adorava falar dos grandes olhos cinzas de Erica, de sua afiada inteligência, de seu acanhamento.

Ao menos um membro daquela família estava apaixonado.

O menino estava impaciente por apresentar Tori a Erica, assim como a suas irmãs e ao resto de sua família. Estava convencido de que todos a quereriam tanto como ele. Quando lhe disse que teria ficado encantada em ter irmãos, Ian lhe prometeu que logo teria três, as suas, e quatro se contava com Erica; e que em Serena encontraria uma tia muito peculiar mas encantadora.

Às vezes, Tori tinha a sensação de que Grant a observava e sempre o sentia perto. Mas jamais lhe dizia nenhuma palavra, exceto o dia em que ela soube por fim que não ia ter um filho dele.

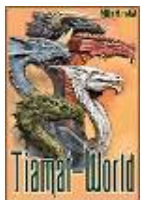
— Vitória, eu gostaria de falar contigo.

Ela tomou fôlego e o seguiu para seu camarote; uma vez ali, sentou-se no extremo da cama. Depois de fechar a porta, ele o fez em uma cadeira, frente ao leito. Os azuis olhos de Grant a olhavam como se estivesse muito preocupado, e isso lhe fez muito difícil manter a indiferença. Mas bom, antes já se equivocou muito com ele. Pelo visto, era uma moça tão ingênua como todo mundo acreditava.

Continuando, acordou de suas patéticas tentativas para seduzi-lo e se ruborizou.

— Queria te perguntar se... se você... se houve alguma mudança...

Vitória sabia o que Grant tratava de dizer, e parte dela queria fazê-lo passar mau e obrigá-lo a formular a pergunta, mas ao final não o fez.



— Se estou grávida?

— Sim.

— Acaso se importa? — replicou, apertando o lençol entre os dedos.

— Se me importa? Como pode duvidar?

— O que faria se estivesse?

— Casaria-me contigo — respondeu com voz gélida. — Sem perder nem um segundo.

— Pois eu não me casaria contigo por nada do mundo — disse ela olhando-o aos olhos.

O homem apertou os lábios, como se assim pudesse conter sua ira.

— Isto já passa de toda medida. Não sei o que fiz para que esteja assim comigo, mas não permitirei que um menino inocente pague as consequências. Ou será que converteria a meu filho em um bastardo só para se vingar de mim?

— Você, você, você! — explodiu ela. — Por que tudo tem que girar a seu redor? Acredita que passo a vida pensando em como me vingar de ti? Pois se equivoca de meio a meio, porque a verdade é que não penso em ti nem um segundo.

— Então, por que?

— Porque não quero passar o resto da vida contigo. Tinha razão desde o começo. Não é o homem adequado para mim. Não conheci homens suficientes para poder saber o que é o que quero. E agora, que terei a oportunidade, estou segura de que haverá alguém muito melhor. Não, não quero me casar contigo.

Grant apertou os punhos.

— Se estiver grávida não terá mais remédio. E acaso acredita que você é minha mulher ideal? Asseguro-te que não, mas me casaria contigo para evitar qualquer prejuízo a nosso filho.

OH, ela já sabia que não era sua mulher ideal. Só era uma selvagem. Mas antes de tornar a chorar, disse: — Não.

— Não, o que?

— Não estou grávida.

Ele ficou olhando-a com os olhos cheios de... *dor*?

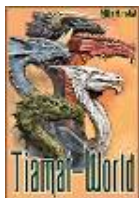
— Muito bem, Vitória — disse após soltar o ar que continha nos pulmões. — Só queria me assegurar.

— Não há nenhum bebê. Quando chegarmos a Inglaterra, poderemos seguir cada um para seu lado.

Grant voltou a olhá-la uma vez mais antes de ir, e não ocultou quão confuso se sentia. Tori ignorou a dor que lhe rasgava o coração e se disse, pela enésima vez, que era melhor assim.

Capítulo 20

Vitória permanecia de pé na proa do Keveral e, enquanto gotas de névoa empapavam seu casaco, observava sobressaltada a cidade de Londres. Suspirou ao se sentir rodeada por paisagens



tão lúgubres, e custou respirar o ar poluído que certamente provinha das chaminés que via no horizonte.

— É para isto tanto animação? — disse ela em voz alta, para assegurar-se de que Grant a ouvia. Ele também estava na proa, e disse a si mesmo que estava ali porque tinha saudade, não para ver como aquele barco a vapor os arrastava para o Tamisa.

Acreditou vê-lo ruborizar. O porto não parecia em seu melhor momento. E, depois de observar como a água pegajosa do rio lambia o navio, Tori comentou:

— E pensar que, se não fosse por ti, eu teria perdido tudo isto.

Grant enrugou a testa e se afastou dela para dar instruções para o atraque. Logo que se foi, sentiu-se vazia. O que significava esse sentimento? Que preferia estar com ele zangada a tranquila sem ele? Aquilo era lamentável, e Tori não queria que as coisas fossem assim. Não, não queria, mas uma vozinha em seu interior repetia "a tranquilidade está sobrevalorizada", e insistia em que seguisse ao lado de Grant.

Passou o último mês mostrando-se antipática com o capitão, insultando-o e olhando-o quando ele não se dava conta. Se pudesse pedir um desejo, seria que ficasse com ela e toda aquela raiva desaparecesse.

E, claro está, que Grant se desculpasse e lhe dissesse que a amava com loucura.

Suspirou. Não era de seu feitio desejar tais tolices. Ergueu os ombros e decidiu que trataria de ser mais educada com ele. Esse dia seria o princípio de uma nova etapa. Um novo começo. Olhou o céu. Estava cinza, e estava anoitecendo, mas mesmo assim marcava o início de sua nova vida em outro lugar; uma vida que não se parecia em nada a que imaginara... mas insultar Grant não ia ajudá-la. Precisava tratar de ver o lado positivo das coisas. Deixar atrás o passado. Assentiu. Um novo começo...

Algo golpeou o casco.

— Terá sido um cadáver? — disse Dooley e toda a tripulação pôs-se a rir.

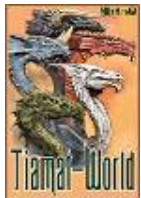
Tori repicou no corrimão com as unhas e pôs os olhos em branco. Um novo começo...

Que bons auspícios.

Uma hora mais tarde, à medida que entravam no porto de Londres, Tori estava boquiaberta. Havia tantos mastros que parecia que um bosque estivesse flutuando na água. A névoa baixa deslizava feito farrapos pelo vento, e o som das correntes das âncoras golpeando, as vozes dos estivadores e dos vendedores que apregoavam suas mercadorias, assaltaram seus ouvidos.

O barco a vapor os arrastou até o mole de um monstruoso armazém que havia à margem do rio e ali amarraram o navio com o mesmo carinho com que se deposita um bebê em seu berço. As velas empapadas penduravam do Keveral junto com as bandeiras com que o tinham engalanado para celebrar sua chegada ao porto.

Uma vez que a tripulação se assegurou de que tudo estava sob controle, Vitória e Cammy se despediram deles. Tori abraçou o Dooley com lágrimas nos olhos e lhe desejou boa sorte em sua próxima viagem. Quando o homem começou também a chorar, lan se apressou a levar às duas para o armazém. Precisavam esperar ali até que Grant tivesse ultimado os detalhes de sua chegada. Naquele lugar, as mercadorias estavam amontoadas a tanta altura que era como entrar



em um labirinto. Havia montões de pacotes de mármore, de chá, de especiarias, e muitos tapetes.

Em outro espaço, havia bolas compactas de pó de anil. Embora Vitória e Cammy não tivessem visto os guardas que havia as custodiado, teriam se dado conta de que eram mercadorias muito caras. Tori comentou:

— Já vejo que Grant vai se dar bem como capitão.

Ian a olhou sem entender.

— Como capitão? A metade de tudo o que há aqui é dele.

— Mas eu acreditava... — balbuciou ela desconcertada. — Eu acreditava que só lhe correspondia uma parte pelo transporte.

— Seu irmão e ele são os proprietários da companhia — explicou o jovem. — É rico como Creso; ambos são.

Tori olhou surpreendida a Cammy, e logo voltou a concentrar-se em Ian.

— Se for assim, por que não comprou um imóvel em vez de chegar a esse acordo com meu avô?

— É que não há imóveis tão grandes livres — respondeu ele. — Ao menos não a venda, para não falar do fato de que esteja tão perto do imóvel dos Sutherland.

— O imóvel do avô de Vitória é muito grande? — perguntou Camellia.

— É enorme. A família decidiu que jamais fosse dividida. Assim Court contém zonas de cultivo, bosques e um povoado cheio de habitantes.

— E por que Grant quer um imóvel tão grande? — perguntou Vitória uma vez que, tanto ela como Cammy, sentavam-se em umas cadeiras antigas frente a Ian, que tomou assento sobre uns tapetes.

Este deu de ombros como se não soubesse, mas Tori já se deu conta de que Ian emprestava muita mais atenção às coisas do que aparentava a simples vista. Ao final, respondeu:

— Grant é preparado, e muito ambicioso. Sabe que, na Inglaterra, ter terras equivale a ter poder. E ao ser o filho mais novo, jamais sonhou chegar a conseguir uma propriedade como a de sua família; mas sabia que se o obtinha, obteria o poder ligado à mesma. — Ao ver a cínica careta da garota, acrescentou: — Quero deixar uma coisa bem clara. A terra suporta poder, mas também muitas responsabilidades, e, me acredite, meu primo é o único homem do mundo ao que gosta mais das obrigações que dos privilégios. Não quero que te equivoque em relação aos motivos pelos que fez isto.

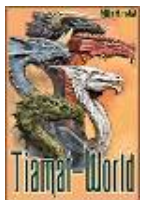
Ela sempre duvidaria de Grant, mas esboçou um sorriso, e Ian pareceu relaxar um pouco.

Enquanto Vitória tratava de assimilar toda essa informação, o jovem lhes assinalou com uma de suas agora calosas mãos o conteúdo do armazém.

— A família não acreditou oportuno me dar uma parte do bolo quando minha mãe, Serena, pediu-o uns anos atrás. Disseram não sei que tolices a respeito de minhas "desafortunadas companhias" e algo sobre uma "total falta de respeito pelos deveres fiscais". — Sacudiu a cabeça. — Suscetíveis, são muito suscetíveis.

— Sua mãe fez muito bem em pedir isso para ti — refletiu Cammy.

— o dinheiro não lhe importa o mínimo — esclareceu ele rindo. — Só queria que meus



primos tivessem a obrigação de me vigiar, tal como sempre fizeram... — ia dizer algo mais quando ouviu a voz de Sutherland proveniente de algum rincão do armazém, e o moço aproveitou para ficar de pé e estirar os braços por cima da cabeça. — Irei ver se Grant já terminou e pode por fim lhes levar para casa.

— Está seguro de que não quer companhia? — perguntou Cammy. — Sentiremos sua falta. Ian se inclinou para frente e lhe beijou a mão.

— Tenho que ir ver Erica. Mas não lhes deixaria sozinhas se não soubesse que meu primo vai cuidar perfeitamente de vocês.

Quando agarrou a mão de Tori, lhe disse:

— Precisa me escrever e me contar como vão as coisas.

— Escrever? — burlou ele. — Logo que encontre a Erica, a apresentarei para Serena e a minhas irmãs, e logo as levarei a toda para te conhecer. — O via tão jovem, tão seguro de si mesmo... — Temo que não se libertará de mim tão facilmente — acrescentou ao despedir-se.

Grant estava preparado para ir. Estava convencido de que se deixasse Vitória instalada na mansão de seu avô, pouco a pouco recuperaria a prudência. E seguro que o que sentia por ela terminaria por apagar. Precisava conseguir. Preocupava-lhe que ainda não tivesse acontecido. Deitou-se com ela e não teve que assumir as consequências. *Por que então se sentia tão mal?*

— Por que está tão nervoso? — perguntou ao Ian quando se reuniu com ele fora de seu escritório da Peregrine. Seu primo passou as últimas duas semanas de navegação impaciente por chegar ao porto.

— Nada que deva preocupar-se — respondeu encolhendo os ombros.

— Se for pelos credores, posso te deixar um pouco de dinheiro. Outra vez.

— Não é por isso — respondeu o jovem com frieza. Grant arqueou as sobrancelhas, mas mudou de tema.

— Não é que me queixe, mas me surpreende que não queira acompanhar a nossas convidadas até sua casa.

Ian o estudou uns instantes, e finalmente respondeu:

— A verdade é que quero fazê-lo, sinto como se as abandonasse. Em especial desde que Tori se comporta como se te odiasse. — Olhou ao Grant um pouco confuso, como se jamais tivesse conseguido compreender tudo o que acontecia. — Mas tenho que fazer outras coisas.

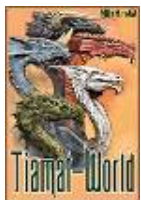
— Como quais?

Antes de responder, observou atentamente a seu primo, tentando decidir se podia confiar ou não nele. Ao final, pareceu decidir que não, pois ignorou a pergunta e formulou uma própria:

— Vai mandar uma nota a Derek e a nossa família para que saibam que chegamos?

— Não, só ao Belmont. Seguro que os jornais estão impacientes por contar a história da neta desaparecida, e acredito que é melhor que, de momento, sejamos discretos. Irei logo a lhes ver em Whitestone.

— Para Cammy é retornar a casa — prosseguiu Ian assentindo, — mas Tori é como se nunca



tivesse estado aqui, assim terá que ter paciência com ela. Não podemos nem imaginar o que deve estar sentindo.

— Não posso acreditar que esteja me dando conselhos sobre como tratar a uma mulher.

— Bom, dado que eu não posso ir, tenho que me assegurar de que saberá cuidar dela.

— Já faz tempo que quero cuidar dela — balbuciou Grant entre dentes, depois de suspirar.

— Mas isto não é o que eu queria.

— Ah, não?

Grant desviou o olhar para o objeto de sua conversação para ver se assim lhe ocorria alguma resposta. Vitória e Camellia o esperavam junto à carruagem, no outro extremo da animada rua.

Ambas olhavam atônitas a multidão que perambulava pelo mole de Londres.

Um grupo de marinheiros estrangeiros se detiveram em seco ao ver a jovem. Em sua estranha linguagem nórdica, começaram a conversar com ela enquanto a rodeavam. Ela meio lhes sorriu sem saber como reagir ante aquelas adulações tão exageradas.

— Ao que parece, encontraram sua princesa escandinava desaparecida — disse Ian rindo.

— Maldição... — Grant se encaminhou para eles a passos longos, com o claro propósito de lhes interromper. Antes de chegar aonde estavam, Cammy levantou sua sombrinha como ameaça e o grupo se dispersou lançando beijos a Vitória enquanto esta os despedia com a mão. Sutherland se colocou junto a ela, e não se moveu dali até que todos aqueles tipos tivessem desaparecido.

Ian se reuniu com eles para despedir-se. O capitão ajudou Camellia a subir à carruagem e, quando ia fazer o mesmo com Vitória, ela ignorou e aceitou em troca a mão de Ian.

— Oxalá pudesse nos acompanhar a Belmont — disse Tori em voz não muito firme.

"Estou aqui — queria gritar Grant. — Estou aqui e posso ouvir tudo o que diz".

— Não te deixaria com ele se não soubesse que vai cuidar bem de ti.

— Sei — assentiu ela sem poder evitar que uma lágrima escorregasse pela sua face.

— Ah, vamos, Tori, veem aqui.

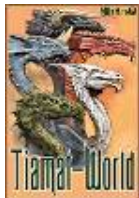
Abraçou-a e nesse momento, Sutherland decidiu que ia matar a seu primo no meio da rua.

— Tudo irá bem. Já verá como tudo irá bem — tranquilizava-a o jovem.

Por fim a soltou, Ian a ajudou a subir e fechou a porta. Deu um passo para trás e, mais decidido do que Grant jamais o vira, como se ficasse para liderar uma grande batalha, despediu-se de todos e se perdeu entre a multidão.

Quando a carruagem conseguiu incorporar-se ao tráfico da rua e começou a afastar-se, Vitória seguia buscando-o com o olhar. Grant sabia que só eram amigos, que Ian a "adotara" como irmã e que tencionava que conhecesse a Emma, Sadie e Charlotte mal se instalasse. Mas se não soubesse, teria podido pensar que eram dois amantes despedindo-se. Ele desejava com todo seu coração poder consolar a jovem, dizer algo que a fizesse sentir melhor, mas não foi capaz disso.

Podia sentir a inquietação de Vitória, embora ela se esforçasse por ocultá-la. Comparada com a Cidade do Cabo, Londres era cem vezes mais ruidosa, e estava muito mais congestionada. Transbordava de vendedores de pescado, engraxate e guris gritando, que a assustavam sem cessar. Em um dado momento, olhou ao Grant sobressaltada, mas em seguida afastou a vista.



Quando por fim chegaram ao caminho arborizado que levava a casa dos Sutherland na cidade, a moça suspirou aliviada e se pegou a Camellia. Uma vez na moradia, Grant, junto com a governanta, acompanhou-as até seus quartos. E, depois de pedir que lhes preparassem algo de comer, retirou-se a seu escritório com a intenção de pôr em dia seus assuntos pendentes.

Mas após duas horas sem fazer nada, deu-se conta de que não podia concentrar-se sabendo que Vitória estava ali, e que não podia deixar de pensar nela.

"Vá procurá-la. Entre em seu quarto e lhe faça amor até que nenhum dos dois possa caminhar."

Grant se foi da casa como se sua alma fosse perseguida pelo diabo, e se dirigiu a seu clube para inteirar-se das últimas notícias. Surpreendeu-lhe encontrar ali Ian, ou melhor dizendo, surpreendeu-lhe encontrá-lo tão bêbado.

— Deus santo. — Não pôde dissimular a impressão que lhe causara ver seu primo em tal estado. Ian saía a beber, e se embebedava frequentemente, mas ele jamais o vira tão mal.

— Grant! — Exclamou o jovem com um sorriso. — Como estão minhas meninas?

— Bem. Camellia está dormindo e Vitória o tenta.

— Boas garotas. — Ao Ian lhe desencaxou o semblante.

— O que te passa? — perguntou Grant.

— Não posso encontrar uma coisa que quero — respondeu, sumido na tristeza.

— Entendo — disse Sutherland, e olhou a seu redor para ver como podia fugir dele.

— Espero não havê-lo perdido.

Grant mal prestava atenção a seus comentários de bêbado.

— Bom, eu diria que, se não o encontrar, significa que o perdeste definitivamente. — Ao terminar de dizer isso, ouviu como seu primo ficava sem fôlego. — Ian? — Ao ver o olhar desesperado do jovem, começou a preocupar-se. O via destroçado, e, dado que Ian jamais se preocupava muito por nada, aquilo era muito estranho.

— O que acontece? O que tem?

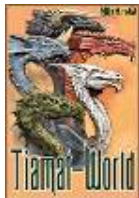
— Perdi-a.

— Fique tranquilo — disse Grant como se soubesse do que o outro estava falando. — Venha, vamos para casa.

Capítulo 21

Camellia e Tori já haviam tomado o café da manhã e carregado sua bagagem na carruagem quando Grant apareceu. A Vitória não lhe iluminou o rosto ao vê-lo como acontecia antes. Em vez disso, saudou-lhe como se fossem antigos conhecidos. Ele só saudava assim às pessoas que não lhe caía bem. Sem perder um segundo, Cammy saiu da sala e se dirigiu ao carro, disposta a esperá-los ali. Os ânimos do Sutherland, que já estavam pelo chão, afundaram-se no Submundo.

— Não tem por que nos acompanhar a Belmont Court — disse-lhe a garota sem olhá-lo



enquanto saía da casa. — Tenho o endereço.

Isso significava que chegara o final. Uma parte dele estava tentada de pôr a prova sua teoria sobre a necessidade de distanciar-se dela, mas outra lhe dizia que de maneira nenhuma devia deixá-las a mercê dos perigos do caminho.

— Não cruzei os sete mares para te perder agora na Inglaterra. Te acompanharei até sua casa.

— Seguro que o que quer é ver a propriedade — espetou-lhe ela.

— O que quero é que não lhe façam mal — esclareceu ele franzindo o cenho.

Tori deu meia volta e lhe sorriu com maldade.

— E eu acredito que sei exatamente por que. — e com esse último comentário, subiu os degraus da carruagem.

Grant sacudiu a cabeça e a seguiu dentro do veículo. Enquanto foram deixando Londres para trás, Vitória foi se animando pouco a pouco. Quanto mais rural e selvagem era a paisagem, mais contente a via. Era óbvio que não gostava das grandes cidades, e Grant se alegrou de que Belmont estivesse tão afastada. Mas essa excitação foi desvanecendo-se à medida que os caminhos foram piorando por culpa da neve.

— Temos que fazer uma parada — disse Sutherland antes de dar novas instruções ao chofer.

— Nem pensar. Por mim não é necessário — disse Cammy em um esforço por aparentar valentia.

— Precisa descansar — conveio Tori.

— Poderíamos parar no próximo povoado — sugeriu Grant. — Não sei se haverá ali alguma hospedaria, mas podemos tentar...

— Não — protestou Camellia. — A única coisa que me manteve em pé durante toda esta viagem foi a esperança de um bom jantar e um banho quente.

— Está segura, Cammy?

— Peço-lhes que continuemos.

— De acordo — assentiu Vitória olhando a Sutherland.

E isso fizeram, mas ao passar outro buraco, Camellia mordeu os lábios com força.

Grant sabia que ainda faltava muito para chegar à hospedaria seguinte, e pensou que o melhor seria desviar-se para Whitestone. Nada podia competir com as comodidades da casa de seu irmão. Ele não desejara mesclar a sua família com tudo aquilo, e sabia que tanto Derek como sua esposa lhe fariam perguntas que ainda não sabia como responder.

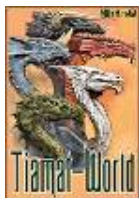
Olhou a suas duas exaustas passageiras, e ao ver Tori acariciando o cabelo de Cammy com a preocupação refletida no semblante, decidiu que evitar a sua família era o de menos. Cuidar das duas mulheres era muito mais importante. Decidido, comunicou a mudança de rota ao chofer.

— Vamos a casa de seu irmão? — perguntou Vitória que, embora tivesse se dirigido a ele, não afastara a vista da janela.

— Sim. Está mais perto e Camellia poderá descansar.

A jovem assentiu e apoiou a mão no cristal.

— Estará ali sua família?



— O natal está perto, de modo que sim, suponho que estarão ali.

— E não se preocupa que te deixe em ridículo? Já sabe que não sou mais que uma selvagem — soltou.

Grant franziu o cenho, e estranhou que lhe perguntasse precisamente isso. A verdade era que sim, que estava preocupado, de modo que, em voz baixa, respondeu:

— Estaria mais tranquilo se soubesse que não vai se aproximar de meu irmão para lhe perguntar se acredita que lhe cresceram os seios.

Camellia se removeu, adormecida no assento, e Vitória levou um dedo aos lábios para lhe indicar que guardasse silêncio. Logo, voltou a dedicar-se a olhar a paisagem. Embora já não lhe falasse, Grant ficou olhando-a por um longo momento, e chegou à conclusão de que jamais conseguiria entendê-la.

Umás horas depois de que anoitecesse, e após atravessar os Montes do Sul, a carruagem entrou no caminho empedrado que conduzia a Whitestone. Grant suspirou aliviado, e quando viu que sua família saía a lhe receber com os braços abertos, soube que tomara a decisão correta.

— Grant! Está em casa! — exclamou sua mãe abraçando-o, mal pôs um pé no chão.

— Está tão bonita como sempre, mamãe.

Derek se colocou frente a ele e lhe ofereceu a mão. Seu irmão a estreitou, e fez uma careta de dor quando o outro lhe deu um carinhoso golpe nas costas.

— Alegra-me que esteja de volta.

Só disse isso, mas ele soube quanto sentimento havia por trás dessas palavras.

— Grant! — Nicole saiu a seu encontro e o abraçou com todas suas forças. Quando lhe soltou, algo perto da carruagem captou sua atenção, e o fez a um lado. — OH, Meu deus. É? ... É ela? ...

— Isto sim que é uma novidade. Minha esposa ficou sem fala — disse Derek brincando, mas ao ver ao que se referia, ficou sério de repente. — Por que não nos escreveu para nos dizer isso, meu Deus, encontrei-a.

Vitória estava a ponto de sair da carruagem quando Grant se apressou a ajudá-la. Deixou-a no chão, e fez o mesmo com Camellia.

— Tinha medo de que interceptassem a carta. Imagino que os jornais estarão ansiosos por falar de nossas náufragas.

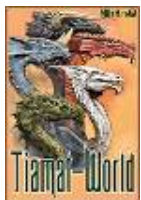
Todos ficaram em silêncio. A família de Grant as olhava como se fossem umas aparições, e o ambiente foi ficando incômodo.

— Náufragas! — exclamou ao fim Nicole. — As coisas começam a ficar interessantes!

— Não deveria nos apresentar? — balbuciou Derek em voz baixa. Ao ouvir seu irmão, Grant se ruborizou, e se pôs a isso rapidamente.

— De verdade ficaram presas em uma ilha? — perguntou Nicole sem nenhum complexo.

Vitória, apesar de que parecia afligida, assentiu. Cammy se segurou a seu braço para manter o equilíbrio. Grant viu que sua mãe percebia o gesto e logo olhava intrigada a Camellia. A mulher estava acostumada a comportar-se como se não se desse conta de nada, mas em realidade não lhe escapava nem um detalhe.



— Querida, encontra-se bem?

— Estou cansada da viagem.

— Grant, leva-a para dentro! — ordenou-lhe com autoridade. — Sei exatamente o que lhe convém à senhorita Scott: um prato da sopa de frango que Marta prepara.

— O que seja, exceto pescado — disse Camélia.

A mãe de Grant, a condessa viúva de Stanhope, dirigiu-se sem demora a pedir que preparassem algo de comer para suas convidadas. Enquanto Nicole lhes mostrou seus aposentos. Na casa que os Sutherland tinha na cidade, Tori conseguiu dissimular bem quão surpresa estava e obteve não ficar embevecida olhando as cortinas, nem os quadros, nem os marcos dourados, mas agora era incapaz de fazê-lo.

Inclusive Cammy, apesar de estar tão cansada, parecia fascinada com o que as rodeava. Vitória era incapaz de recordar se alguma vez vira tetos tão altos ou se esteve em uma mansão tão preciosa. Queria deter-se junto a cada moldura e percorrer com os dedos todas as curvas da suave madeira, ou acariciar as sedas que cobriam as paredes.

Nicole as acompanhou até uma escada atapetada que levava a um patamar onde havia dois quartos.

— Aqui estão seus aposentos. Suponho que preferirão estar juntas, mas se quiserem estar separadas, só têm que me dizer isso.

Aposentos, isso significava que disporiam de uma série de habitações para elas sozinhas. Tori se sentiu como uma rainha.

— Não, assim está bem. Além disso, nem sequer sei como chegamos até aqui.

Nicole riu. Vitória notou que morria de vontades de ficar com elas e lhes perguntar um montão de coisas, mas a única coisa que disse foi:

— Seguro que vão querer comer e assear. Ao menos é o que eu iria querer. Em seguida lhes trarão a comida, e por favor, não duvidem em tocar a campainha se necessitarem algo. — junto à porta, acrescentou: — E se estiverem com ânimo, nos encontrarão no salão.

Uns poucos minutos mais tarde um criado muito amável lhes levou uma bandeja com uns pratos de sopa, queijos, pãezinhos e uma terrina de fina porcelana repleta de fruta fresca. Cammy ficou surpresa consigo mesmo do quanto chegou a ingerir e elogiou tanto a sopa como os pãezinhos.

— Comerá esse pão?

Tori não pôde ocultar sua surpresa ao entregar-lhe.

— Quer acabar também com o que fica de sopa?

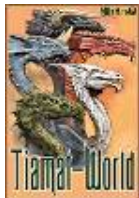
— OH, não me atrevia a lhe pedir isso, mas sim, eu gostaria muito.

Mais tarde, justo quando Camellia começara a estudar a enorme cama com dossel, apareceu um criado para esquentar os lençóis e outro para desfazer a bagagem de Tori e lhe pendurar a roupa na sala do lado.

Olharam uma à outra.

— Isto fica cada vez melhor — sussurrou Vitória.

Passados uns minutos, Cammy se meteu sob os lençóis aquecidos e se tampou até o queixo.



— OH, Meu deus, quanto senti falta de tudo isto. Tori, tem que se sentar aqui. É inclusive melhor que na mansão da cidade.

A jovem fez o que lhe dizia e, ao afundar-se no que parecia uma nuvem, pôs os olhos em branco...

— Poderia me acostumar a esta vida — disse Cammy. — O estomago cheio e dormir em uma cama que parece a ponto de me engolir. — Começaram a lhe pesar as pálpebras. — Às vezes, lembro-me de coisas com muita clareza. Anne e seu pai ficariam muito contentes de saber que vai se reunir com seu avô. — Fechou os olhos e suspirou — Deitou alguma vez em algo tão... suave? — E dormiu.

Tori se assegurou de que estivesse bem abrigada, e depois foi ao quarto do lado. Mas depois de investigar as filigranas das rendas da colcha, e das cortinas, de passar a mão pelo travesseiro da cama, de investigar por debaixo dos móveis e de mexer no armário, coisa que levou mais tempo de que acreditava, começou a aborrecer-se. Asseou-se, prendeu o cabelo de novo e, depois de colocar o vestido de seda cor esmeralda, desceu, acariciando por todo o caminho as grinaldas que penduravam do corrimão. Ouviu som de vozes e caminhou nessa direção.

Ao entrar no salão, ficou sem fôlego ante tanta beleza.

Cheirava a flores, e a sala estava iluminada por um montão de velas natalinas e pelo maior aposento que já havia visto em toda sua vida. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi o abeto. Estava adornado com candeias, e de seus ramos penduravam caramelos e laços gigantes. Não podia afastar os olhos dele.

Nicole foi a primeira em vê-la, e ficou de pé com um sorriso, os homens seguiram seu exemplo.

— Gostaria de nos acompanhar? Servirei um pouco de ponche com passas.

Tori se fixou no precioso vestido cor cobalto que a mulher vestia e que realçava seus escuros olhos azuis e seu cabelo avermelhado com brilhos dourados, e se alegrou de que Grant lhe tivesse comprado roupa nova. Talvez fosse uma ignorante, mas morreria antes de aparentar.

— Eu adoraria.

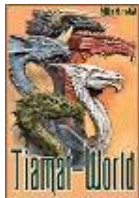
Nicole lhe ofereceu uma fumegante taça chapeada e quando lhe indicou que se sentasse, Vitória escolheu um macio sofá.

— Vá, é preciosa. E muito alta. Mas bom, todo mundo é mais alto que eu — suspirou a mulher de Derek, resignada.

— Não todo mundo, carinho — interveio seu marido sentado junto ao fogo. — Por exemplo, é mais alta que a maioria dos meninos — concluiu com um sorriso.

Enquanto Nicole paquerava com Derek, Tori aproveitou para beber um pouco e estudar a Grant e a seu irmão. Pareciam-se muito, ambos eram muito altos e fortes, e os dois tinham o cabelo negro e espesso, mas Grant tinha os olhos azuis, enquanto Derek tinha olhos cinzas. E Tori sabia quão frios podiam ser esses olhos azuis. Talvez Grant fosse mais musculoso e bonito, segundo os ícones clássicos de beleza, mas era difícil para ela reconhecer, dado que não lhe sorrisse nenhuma só vez desde que a vira entrar no salão.

— Sabe que uma vez naveguei junto a sua ilha? — disse-lhe Nicole. — Essa parte do mundo



é assustadoramente bela. Deve ter sido difícil abandoná-la.

Não sabia até que ponto. A jovem podia suportar a ideia de ter atravessado meio mundo para ir parar em uma cidade lúgubre e caótica, mas a aterrorizava imaginar-se como ia ser sua vida ali. Sentiu como os olhos se enchiam de lágrimas.

— OH, Tori. — Nicole lhe agarrou a mão. — Não queria te entristecer.

Usou seu diminutivo sem lhe pedir permissão e sem duvidar, como se fossem velhas amigas. E Tori se sentiu reconfortada que o fizesse.

— Amanda, quer dizer, lady Stanhope, queria descer e conversar contigo mas está cansada... depois de passar aqui todo o dia — acrescentou Nicole sorrindo a Derek. — Pediu-me que te perguntasse se está confortável.

— Tudo é perfeito. Jamais vi Cammy tão contente — respondeu ela.

— Me alegro — disse a outra. — E agora, aproveitando que os dois estão aqui — prosseguiu, olhando primeiro a Grant e logo a Vitória, — eu gostaria de lhes apresentar alguém. — Agarrou Tori pela mão e esta procurou Sutherland com o olhar, mas ambos a seguiram escada acima. Colocou um dedo ante os lábios e abriu a porta do quarto de um bebê, decorado em azul e com nuvens pintadas nas paredes.

— Vá, não serviu de nada que fôssemos tão silenciosos. — Nicole levantou o bebê do berço. — Tori, Grant, apresento-lhes Geoffrey Andrew Sutherland.

O homem abriu os olhos como pratos.

— Tenho um sobrinho?

— Enquanto você não estava, aqui não perdemos tempo — respondeu sua cunhada orgulhosa.

— É precioso — exclamou Vitória observando os olhos azuis do pequeno.

— É um diabinho. Amanda, que se acreditava uma perita em meninos, tem caído rendida na cama. Assim... quem quer segurá-lo nos braços?

Grant levantou as mãos com as palmas para fora, declinando a honra.

— Acredito que deveria fazê-lo Vitória — disse. — Eu a olharei, e assim aprenderei como se faz, se não se importa.

— OH, não, eu não posso. Eu... — balbuciou a jovem.

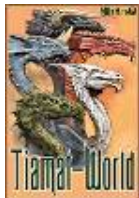
— Não tiveste alguma vez um bebê nos braços?

— Bom, sim, mas faz já algum tempo...

— Então sabe como terá que segurar sua cabeça. — Nicole lhe passou o menino. — E agora toma. Perfeito. Vê? Isto nunca se esquece.

O pequeno se moveu entre seus braços e Tori sorriu. Não esqueceu como sustentar a um bebê, mas esqueceu o muito que gostava. Deu-se conta de que Grant a estava observando com ternura e soube também que não era consciente de que o fazia. Sua cunhada também deve ter visto, porque disse:

— Acredito que Derek está me chamando. Esse homem não pode estar sozinho nem três minutos. Quando se cansarem do Geoffrey o coloquem no berço. — e com essas palavras saiu do quarto.



Tori ficou atônita. *la deixá-los ali a sós com o pequeno?* Ela e Grant ficaram olhando a porta.

— Está fazendo bem — disse ele olhando-a. — Acredito.

— Sim, mas é que... — deteve-se. — Bom, passou muito tempo desde a última vez.

O pequeno se apoderou de um cacho da jovem e puxou.

— Gosta.

— Ele gosta de pessoas — replicou ela erguendo o queixo.

— Sim, assim é — conveio o homem em voz baixa, derrotando-a por completo.

Vitória se lembrou de sua decisão em ser amável.

— Tem que lhe acariciar a face — o animou. — Não há nada tão suave como a face de um bebê.

Ele fez, e Geoffrey lhe agarrou o dedo. Então, Grant olhou a seu sobrinho de um modo que Tori jamais imaginou, e o coração lhe deu um tombo. Quando o bebê lhe soltou e voltou a dormir, deitaram-no de novo no berço e, em silêncio, retornaram ao salão.

Vitória passou a hora seguinte estudando Grant e sua família. Derek estava completamente apaixonado por sua mulher. E vendo a Nicole, não era de se estranhar, além de ser uma beleza, era preparada, e não parava de fazer brincadeiras e de fazê-los sorrir.

Conseguia que uma situação violenta como aquela resultasse mais suportável para todos exceto, para Grant, conforme parecia. Este não participava da conversa, e se limitava a manter o olhar fixo em sua taça. Ante a surpresa de Tori, e com sua absoluta embora silenciosa aprovação, sua cunhada lhe atirou uma noz. Ele levantou a cabeça de repente com intenção de resmungar, mas antes que pudesse dizer algo, Nicole comentou:

— Não se encontrou com o Lassiter e María por pouco. Chegaram uns dias antes do Natal, mas se foram em lua de mel.

— Seu pai se casou com sua sócia? — perguntou Grant surpreso.

Nicole assentiu feliz.

— Assim é — interveio Derek, fingindo tristeza, — como pode imaginar, deprimiu-me muito que o pai de minha esposa não pudesse ficar aqui mais tempo...

A contra gosto, Grant explicou a Tori a situação.

— Derek e Lassiter não se dão muito bem...

— Não se suportam — corrigiu-o Nicole, — mas agora se comportam como se "só" não se dessem bem... — Seu marido teve um falso ataque de tosse, e ela o olhou fingindo aborrecimento. Logo voltou a olhar a Vitória. — Quanto tempo vai ficar? Me diga que fica até o ano novo!

Tori olhou ao Grant.

— Temos que ir a Belmont — explicou ele. — O conde já esperou bastante.

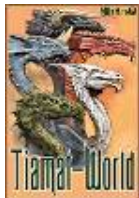
— O caminho até ali está em muito mal estado — comentou seu irmão.

— Podemos chegar aqui sem problemas — insistiu o outro, franzindo o cenho.

— Sim. Mas quase ninguém vai até ali. — Derek olhou a Tori e sopesando suas palavras acrescentou: — Ninguém ocupa-se da manutenção da trilha.

— Quanto calcula que teremos que esperar?

— Se não nevar, acredito que uma semana mais ou menos.



— Uma semana — repetiu Grant, contrariado.

— Seu imóvel não vai se mover do lugar — espetou-lhe Vitória, doída e, depois de ficar em pé, saiu da sala com as costas bem erguidas.

Pôde ouvir perfeitamente como Nicole o aborrecia:

— Grant! Acreditará que está impaciente por se desfazer dela.

— E acertará.

Tori correu para seu quarto, tentando esconder com as mãos seu rosto coberto de lágrimas.

Capítulo 22

— O que é que tanto te incomoda Nela, Grant? Sua valentia e sua coragem? Sua beleza? — Com as palmas para cima, Nicole insistiu: — O que? — Ao ver que seu cunhado não dizia nada, olhou primeiro a seu marido e logo a Grant, e depois optou por seguir o exemplo de Vitória e partir do salão.

Derek arqueou as sobrancelhas.

— De acordo, agora eu continuarei. Por que não quer estar com ela?

— Confio que minha vida voltará para a normalidade uma vez a deixe em sua casa. Então, espero voltar a dormir à noite, e poder... — deteve-se antes de dizer que confiava em poder deixar de pensar nela cada segundo do dia. — Vitória é uma tentação muito grande.

Seu irmão riu.

— Você? Você lutando contra a tentação?

O outro esfregou a nuca.

— Como um condenado — corroborou ele.

— E eu que acreditava que isso só acontecia aos mortais. Bom, E por que resiste?

— Por muitas razões — respondeu Grant tratando de dar por terminada a conversação.

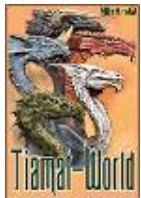
— Como por exemplo...?

— Acredito que não fazemos bom casal. E tenho medo de terminar como você e Lydia.

— Isso é impossível, a não ser que Vitória seja a encarnação do mal. — Ao ver que seu irmão mais novo franzia o cenho, continuou: — Nicole tem razão. A garota parece muito doce, e você é incapaz de afastar os olhos dela.

Grant suspirou.

— Sim, já sei. Mas não é o tipo de mulher com o qual quero me casar. Eu necessito de uma recatada dama inglesa, alguém menos... — deteve-se para procurar a palavra exata — menos ... — Menos o que? Extrovertida? Ele gostava que fosse assim. Descarada? Já se acostumara a seus comentários, e tampouco queria que deixasse de fazê-los. Menos segura de si mesmo? Não, adorava esse traço de sua personalidade. — Necessito de alguém que seja menos, e ponto. Alguém constante e comedida. Que além de tudo seja previsível. — Assim não teria que viver com o coração apertado.



— De onde tirou esta ideia tão absurda sobre as mulheres?

Grant ficou de pé de um salto.

— Foi do exemplo que me deram meus irmãos! Sua vida quase se vai ao traste por culpa de uma mulher. E William está morto pelo mesmo motivo.

— William morreu porque bebia muito e participou de um duelo quando estava bêbado.

— Tudo isso por culpa de uma mulher. — Derek sacudiu a cabeça.

— Por culpa de seu caráter temerário e soberba. Poderia ter se retirado. E eu deveria ter levado meu assunto de outra maneira.

— Tanto uma coisa como a outra teria sido desonrosa. — apertou as têmporas. — E o que me diz de Vitória? Preocupa-me que só me queira porque sou o primeiro homem que conheceu. O que acontecerá se encontra a outro? A alguém a quem queira mais que a mim?

— Isso pode acontecer em qualquer matrimônio e em qualquer momento — respondeu Derek. — Vi como te olha, e o que sente por ti é muito mais que uma mera atração física. Além disso, acaso não passaram vários meses com o Ian ao lado? Não sei muito bem por que, mas às mulheres resulta irresistível. E Se Vitória não caiu rendida ante ele, sinal que sua teoria não se sustenta.

— Ian e ela se comportaram como irmãos durante toda a viagem. Cercaram uma relação, mas absolutamente nada romântica.

— E?

— Porque isso não muda o fato de que Vitória não teve uma infância normal, e que perdeu a seus pais. Não pretenderá que, por minha culpa, também fique sem saber o que se sente ao ter pretendentes. Por outra parte, ela me disse com toda clareza que quer conhecer outros homens. Se me casar, eu jamais me divorciarei, e não quero despertar cada manhã me sentindo preso em um horrível matrimônio. — Fixou a vista nas chamas da lareira. — Eu só quero me casar com a típica recatada dama inglesa.

— Há algo que talvez te impeça de contrair matrimônio com esse suposto modelo de virtudes.

Grant levantou as sobrancelhas a modo de pergunta.

— Está apaixonado por Vitória — concluiu seu irmão.

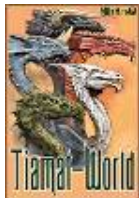
Tori estava sentada, escovando o cabelo, e fulminando seu próprio reflexo com o olhar, quando ouviu que alguém batia na porta.

— Está acordada? — perguntou Nicole.

Envergonhada por seu comportamento, Vitória duvidou se devia responder, mas supôs que iria bem ter um pouco de companhia.

— Sim, entre.

A outra abriu a porta e se introduziu no quarto como se fossem velhas amigas. Ou inclusive irmãs, e se ofereceu para acabar de escovar seu cabelo. Começou a lhe desenredar as mechas cantarolando uma velha melodia, mas de repente disse:



— E desde quando está apaixonada pelo Grant?

Tori levantou a vista para o espelho para olhar. *Acaso lhe surpreendia que perguntasse?* A verdade era que o amava tanto, que o estranho seria que outros não se dessem conta.

Encolheu os ombros como se não tivesse importância.

— Ele não sente o mesmo por mim.

— Eu acredito que sim — contradisse-a Nicole escovando com mais força.

— Já não importa. Já o superei.

Agora escovou mais devagar.

— Sêrio?

— Talvez não de tudo, se me entende. Mas ele não gosta de mim. — Vitória morria de vontades de lhe perguntar um montão de coisas, pois as duas tinham aproximadamente a mesma idade. Seguro que ela sabia muito sobre o amor e o matrimônio. — Não o entendo. Ele me acha fisicamente atraente, mas não gosta de minha forma de ser.

— E por que acredita nisso?

— Porque ouvi como dizia ao Ian.

— Grant é um tolo — resmungou Nicole fazendo uma careta de desaprovação, ao mesmo tempo em que aproximava-se de Tori para lhe agarrar a mão. — Nunca o vi olhar a nada nem a ninguém como olha a ti. Ama-te — acrescentou convencida.

Vitória negou com a cabeça.

— Oxalá fosse assim.

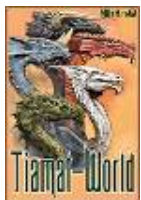
— Já verá como sim. Agora dorme um pouco. — E, dizendo isso, deu-lhe uns carinhosos leves golpes na cabeça e se levantou. Ao chegar junto à porta, deu meia volta e acrescentou: — Lhe dê tempo. Acredito que é o que necessita.

Uma vez que Nicole se foi, Tori deitou na cama e estudou o teto fascinada, mas apesar das comodidades, não dormia. Era como se seu corpo não se adaptasse a tantos luxos. Ou talvez fosse porque não podia deixar de pensar no muito que mudou sua vida nos últimos meses. Ao cabo de um momento, começaram a lhe pesar as pálpebras e seu último pensamento foi onde estaria Grant, e se ele também teria problemas para dormir.

O primeiro dia no Whitestone passou sem fazer nada. Tori tomou o café da manhã com Derek e Nicole e lhes pediu que desculpassem Cammy, pois esta ainda não se levantara. Enquanto comiam, observou o feliz casal.

Ele assobiava junto ao aparador onde estava a comida, e sem deixar de olhar a sua esposa, que, como resposta, ruborizava e mordia o lábio. Vitória supôs que eram um casal muito apaixonado. Sempre se perguntou se haveria mais matrimônios como o de seus pais, que agarravam as mãos, riam e compartilhavam sorrisos acreditando que outros não os viam.

Ela compartilhou paixão com Grant, mas nunca nenhuma risada, nem sequer um sorriso, entre eles não havia cumplicidade... Quando este apareceu, não tocou a comida, e se limitou a servir uma xícara de café. Tori se perguntou como era possível que passasse por cima de todo aquele desdobramento de salsichas, pãezinhos, presunto, ovos e molhos, mas logo se deu conta de que tinha pressa para afastar-se dela.



O silêncio ficou incômodo.

Derek e Nicole foram muito amáveis, e Vitória não queria que pagassem as consequências de sua má relação com Grant. Assim, decidiu fazer um esforço por ser amável.

— Dormiu bem? — perguntou-lhe.

Sutherland entreceitou os olhos e a olhou como lhe dizendo que já deveria saber que não.

— Não muito. E você?

Tori não queria insultar seus anfitriões, assim colocou as mãos em cima da mesa, e mentiu:

— Muito bem.

Não soube se foram suas palavras ou o suspiro de satisfação que as acompanhou o que incomodou tanto a Grant, mas este afastou a cadeira com tanta rapidez que fez chiar os ladrilhos, e se foi dali dando uma portada. Nicole lhe sorriu para lhe dar ânimo, enquanto Derek permanecia ainda com o olhar fixo na porta, incapaz de reconhecer seu irmão.

Mais tarde, ambos os homens foram cavalgar pelo imóvel, e Nicole aproveitou para mostrar a casa para Tori. O tour acabou na biblioteca, e Vitória, fascinada, girou sobre si mesmo para vê-la melhor. Livros. Livros maravilhosos. Montões de livros. Acariciou as lombadas com os dedos, recreando-se nas texturas dos complicados títulos.

— Aqui há mais do que se pode ler em toda uma vida — comentou, observando as estantes que se elevavam até o teto.

— Tem razão. Assim que te direi quais são meus preferidos e te recomendarei os que acredito que você gostará mais; já sabe, os mais acidentados e excitantes — acrescentou a outra rindo.

Depois de recrear-se com ditos livros, ambas tomaram o chá, servido em uma mesa baixa preciosa, e comeram laranjas da estufa da casa. Brincaram com Geoff, que era o bebê mais encantador que Tori já vira. Quando apareceu sua babá, uma gordinha mulher escocesa, para levá-lo a dormir uma sesta, sentiu separar-se dele. A Nanny adorava o pequeno, e era muito rígida quanto a seu encargo.

De fato, quando lady Stanhope quis agarrar a seu neto nos braços, a mulher lhe disse:

— Agora não, milady, ele deve dormir.

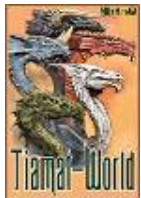
Quando Cammy despertou, depois que tivesse tomado um copioso café da manhã, Tori e Nicole foram lhe fazer companhia. Essa noite, já pôde unir-se a outros no jantar, e o ambiente foi de celebração. Embora a juba de Camellia seguisse tão rebelde e indomável como de costume, sua pele parecia translúcida em contraste com o vestido de seda cinza que usava.

Mas por sorte já não parecia a ponto de desmaiar. Essa noite comeu mais que Nicole e lady Stanhope juntas. Durante o jantar, Tori olhou para a porta em um par de ocasiões para ver se Grant aparecia, mas não o fez. Odiava ter olhado, e, o que era pior, que o olho de águia de lady Stanhope a tivesse visto fazê-lo.

À manhã seguinte, foi diretamente ao quarto de Cammy, onde a encontrou tomando o café da manhã. Montões de pratos vazios se amontoavam em uma bandeja.

— Bom dia, Tori.

— Para ti também. — Não sabia se sua amiga tinha melhor aspecto, mas certamente não



havia nenhuma dúvida de que não piorara.

Camellia se deu conta de que Vitória estava olhando a bandeja, e ruborizou:

— É que tudo está tão bom... Acredito que nunca antes saboreei tanto a comida como faço agora. As texturas me resultam fascinantes.

— Estou muito orgulhosa de ti! Acredito que deveríamos ter como objetivo esvaziar a despensa de Whitestone — respondeu Tori rindo. — Gostaria de sair para dar um passeio?

— Sim, acredito que sim.

— Perfeito. Podemos percorrer todos os corredores. Esta casa é tão grande como... — juntou as sobancelhas. — bom, é muito grande.

— Eu acreditava que me propunha sair fora— disse Cammy.

A jovem, que já estava começando a ficar nervosa por estar encerrada, saltou de alegria.

Se aproximou da janela e correu as pesadas cortinas de damasco.

— Nevou! — exclamou.

— Antes eu gostava muito da neve — explicou a outra, sonhadora. — Sinto falta da solidão e a calma que traz consigo.

— Não sei se sair é boa ideia.

— Tori, ou me curará ou me matará — soltou Cammy zangada e a estas alturas estou preparada para ambas as coisas.

Meia hora mais tarde, Nicole estava junto a elas, assegurando-se de que estavam suficientemente abrigadas e lhes dizendo que não tivessem pressa por retornar. Ambas lhe pediram que as acompanhasse, de fato, insistiram muitíssimo, mas sua anfitriã parecia contente ante a perspectiva de ficar. O que não era de estranhar. Lady Stanhope estava com Geoffrey em seus aposentos.

Grant desaparecera, e suas duas convidadas iam sair. Vitória estava segura de que, assim que se fossem, Nicole iria diretamente em busca de seu marido. Cammy e Tori empreenderam o passeio e, enquanto caminhavam, Camellia tratou de lhe mostrar os nomes de algumas árvores e pássaros, mas não demorou para reconhecer que os esquecera quase todos.

Chegaram a uma pequena colina, pequena ao menos para Tori, porque para a senhorita Scott era como uma enorme montanha.

— Acredito que poderei fazê-lo.

— Mas Cammy...

— Já está decidido — replicou esta começando a subir.

"Sei como acabará isto", pensou Vitória resignando-se a segui-la. Podia ouvir a respiração entrecortada de sua amiga, mas estava segura de que nada a deteria. Ao dar o último passo antes de chegar ao topo viu que tinha as faces rosadas, mas não tinha mau aspecto. A verdade era que a via... triunfante.

— Olhe, ali está Grant — disse, tentando recuperar a respiração.

Tori girou a cabeça imediatamente, e viu um enorme cavalo sair de uma horta coberto de neve. Sutherland dirigiu o cavalo para a margem do rio, e ali lhe deu rédea solta.

— E olhe essa horta — prosseguiu Cammy. — Teria sido genial ter uma assim na ilha, não



acredita? — A moça mal a escutava. Estava absorta olhando ao cavaleiro... — Tori, é evidente que seus sentimentos não mudaram.

— Ahã. — Afastou a vista. — O que disse?

— Seus sentimentos para o Grant. São tão fortes como antes?

— Sim, por desgrça— admitiu suspirando. — O amor não correspondido é muito doloroso.

A outra sacudiu a cabeça.

— Ele está apaixonado por ti. Todo mundo acredita.

— Ele me deixou claro o que era o que sentia — respondeu Vitória sorrindo sem vontade.

— Quando Ian vier nos visitar, deveria lhe perguntar o que sabe.

— Farei isso, mas acredito que a realidade salta à vista — concluiu a garota com tristeza e iniciou o caminho de volta...

De volta na mansão, encontraram-se com os filhos do jardineiro brincando com um enorme mastim branco. Suas risadas e jogos conseguiram que Tori se animasse e não demorou para unir-se a eles para fazer um boneco de neve. Cammy riu muito quando o cão se agachou sobre a neve para depositar seu boneco particular.

Quando a doente começou a ter frio, Tori a acompanhou dentro da casa. As baixas temperaturas não incomodaram tanto a Vitória como esta acreditou à princípio. A verdade era que gostava que seu fôlego desenhasse círculos de vapor cada vez que abria a boca.

Encontraram-se com Grant no vestíbulo, e este enrugou a testa ao vê-la. Só então, Tori se deu conta de que levava o chapéu torcido e que o penteado estava desfeito. Além disso, tinha as costas do casaco empapada e cabelo branco de cão por toda a saia; por outra parte, algo que recordava com suspeita, as patas do animal decorava suas mangas. Entretanto, o homem não disse nada, e em vez disso, perguntou com educação:

— Desfrutastes do seu passeio? — Cammy olhou a Tori para que respondesse ela:

— Sim, muito — respondeu esforçando-se por adotar um tom civilizado. — Mas o que estava dizendo?

Mostrar-se civilizada cada vez lhe custava menos, o problema era que a tristeza não parava de aumentar.

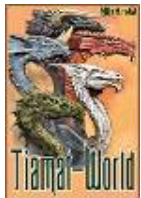
— Já o seu passeio, que tal foi?

— Sentia falta de estar em terra firme — limitou-se a responder.

Vitória recordou então do que lhe havia dito Ian. Grant sentia falta das responsabilidades, as obrigações para com tanta gente? Ao vê-lo naqueles momentos, com o olhar tão sereno e tal honradez no semblante, soube que o jovem tinha razão, e que Sutherland realmente queria fazer-se cargo do Belmont Court.

Os cascos de cavalos entrando no caminho de cascalho tiraram Tori de suas reflexões. Nicole e lady Stanhope saíram a receber os inesperados visitantes, e Vitória pensou que seguia tendo tanta sorte como sempre. Os convidados dos Sutherland apareciam justo quando estava suja e coberta de cabelo de cão.

— OH, são Lavinia e lady Bainbridge — disse lady Amanda entre dentes. — Passei os últimos onze meses me esquivando destas fofoqueiras, e justo quando devo visitar a minha família,



apresentam-se aqui.

Quando a carruagem se deteve, Grant ajudou a descer às duas mulheres, que estavam vestidas de um modo extravagante, e fez as apresentações. Tori e Cammy se converteram em "umas primas longínquas". Ambas as damas observaram a Vitória com tanto descaramento inclusive depois de haver-se recuperado de sua surpresa inicial, que ela quase se ruborizou de vergonha. Mas então, entrecerraram os olhos, e a jovem viu em seus olhares algo que lhe resultou inconcebível.

Estavam com ciúmes.

Olhavam-na igual a muitas antes como olharam à mãe de Tori. Bom, não exatamente. A sua mãe estavam acostumadas a adular, ao fim e ao cabo, era uma futura condessa, mas debaixo daquelas adulações estavam ciúmes, porque Anne ia explorar outro mundo. Um lugar onde viveria livre e sem ataduras.

Para romper o gelo, a jovem disse:

— Acabamos de retornar de um passeio muito agradável. Aprendi a fazer bonecos de neve, e Cammy e eu praticamos a refinada arte de lançar bolas. Não é fantástico?

O sorriso forçado de Camellia relaxou um pouco e respondeu com sinceridade:

— Acredito que nunca me senti tão bem.

Nicole e lady Stanhope sorriram abertamente, enquanto Grant, fiel a si mesmo, franzia ainda mais o cenho.

— Se nos desculparem — disse Tori. — Agora vamos nos dar um banquete. Rir tanto dá muita fome. — e agarrando Cammy pela cintura, despediu-se: — foi um prazer conhecê-las.

Uma vez dentro, tiraram os casacos e as botas, sem poder parar de soltar gargalhadas ao rememorar as atônitas expressões de ambas as damas. Cada uma se aseou e trocou em seu quarto, e logo se reuniram no de Camellia para comer.

— Aí fora me recordaste muito a sua mãe— disse Cammy antes de atacar o guisado de boi e o pão recém feito.

O galanteio fez que Tori ficasse um momento calada.

— Estava pensando nisso — reconheceu ao final sonhadora e indicando a sua amiga que começasse a comer.

— Estou faminta de tanto caminhar — comentou Cammy entre dentadas. — Acredito que posso repetir três vezes ou mais. Não é horrível?

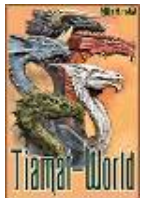
— É fantástico! — disse Vitória levantando a taça para brindar. — Nunca te vi comer assim.

— Tenho a sensação de que meu corpo precisa recuperar forças. E minha mente também. É como se uma coisa estivesse completamente unida à outra.

Tori não sabia como lhe dizer o muito que a aliviavam essas palavras sem confessar como esteve assustada antes.

— Se seguir assim, na Páscoa já estará recuperada.

Finalizada a refeição, Camellia deu uns leves golpes no estômago e, depois de bocejar, deitou-se, com a intenção de dormir um par de horas. E com roupa limpa, Vitória saiu em busca de seus novos amigos, mas não encontrou ninguém. Sentou-se em um banco que havia sob um



carvalho perto da mansão e foi ali onde Nicole a encontrou um momento depois; com os pés rodeados de pássaros em busca de comida.

— OH Deus, interrompi sua contemplação — exclamou Nicole sorrindo.

Tori, feliz pela companhia, devolveu-lhe o sorriso.

— Vim para te avisar que as arpías já se vão — prosseguiu sua amiga sentando-se a seu lado.

— E olhe o que trago. — Levantou uma bolsa cheia de comida para pássaros e outra cheia de caramelos. — Sementes para nossos amigos e caramelos para nós.

— Acredito que me absterei — respondeu Vitória com uma careta de dor. — Comprei uma bolsa enorme na Cidade do Cabo e comi tudo em um dia. Quase me pus doente.

Nicole riu e lhe estendeu a bolsa de comida para pássaros.

— Deixa que te diga que soubeste as dirigir muito bem.

— Obrigado, me alegro que aprobe meu comportamento — respondeu com sinceridade.

— E, deixando de lado essas velhas bruxas, me diga, você gosta de estar de novo na Inglaterra?

Tori refletiu um momento. — Não é como recordava.

— Uma resposta muito diplomática. Mas a mim pode me dizer a verdade. Eu não sou daqui.

— É desconcertante — disse franzindo o cenho. — Certos aspectos da cidade são aterradores, e não estou acostumada a que haja tanto ruído, nem tanta gente. — Agarrou um montão de sementes e as lançou para um grupo de pássaros. — Mas Whitestone é como um país de sonho. Estou muito contente de havê-lo visto. Você gosta de estar aqui?

— Este lugar eu adoro — respondeu Nicole. — A primeira vez que Derek me trouxe aqui, senti que voltava para meu lar.

— Sente falta do mar?

— Sinto falta das marés.

Tori a olhou sem ocultar sua surpresa.

— Eu também! Acreditava que ninguém entenderia. Sinto falta da sensação do mar que te arrasta e da segurança que transmite. Toda minha vida girou ao redor das marés, e agora já não existem.

Nicole lhe deu uns golpezinhas no braço.

— Eu também me sinto assim. Mas sabe o que me ajuda muito? Olhar os campos e imaginar que as colinas e vales são como ondas. Na primavera, quando a erva cresce e o verde cobre tudo, não poderá evitar chorar de emoção. Você verá, é tão verde como o mar que rodeava sua ilha.

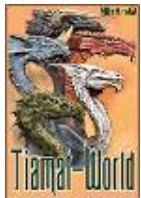
— Sério?

— Sim. Além disso, no verão a levaremos conosco à costa. Ali me sacio de mar, e volto aqui completamente satisfeita. — Sorriu ao evocar.

— Eu adoraria ir. Soa maravilhoso.

— Amanda estava acostumada a levar ali a seus filhos quando eram pequenos. — A jovem agarrou um caramelo, mas grudou à luva e teve que arrancá-lo com os dentes.

— Grant deve se parecer com seu pai — aventurou Vitória, — porque lady Stanhope parece uma mulher muito tolerante.



Nicole riu e disse: — Antes ela não era assim...

Tori teve a sensação de que ia dizer algo mais, embora não o fez. Mas, se lady Stanhope havia mudado, talvez Grant também pudesse fazê-lo.

— Já que você comentou, falou realmente com ele? — perguntou Nicole séria.

— Nunca está por aqui — respondeu Vitória negando com a cabeça.

— Temo que precisa ver as coisas claras por si mesmo. Um homem como Grant, que leva seus compromissos tão a sério, custará a dar o passo definitivo. Mas quando o fizer, será para sempre.

— E se não o faz? — perguntou Tori em voz alta. — Nicole arqueou as sobrancelhas. — Quero dizer, E se não estivermos destinados a estar juntos? — esclareceu moça. — Somos tão diferentes, e ele quer me fazer mudar. Hoje me dei conta de que não é que não pudesse mudar, mas sim não quero fazê-lo — explicou convencida. — Para mim os sapatos serão sempre um acessório opcional. Quando jogar com meninos, coisa que espero que seja muito frequentemente, acabarei tão suja como eles. Jamais poderei passear como fazem as damas, o mais provável é que me ponha a correr. — Um pássaro se aproximou de sua bota e lhe premiou com mais sementes por ter sido tão valente.

— Quanto ao Grant, sabe que nunca o ouvi rir? Jamais. Antes acreditava que podia conseguir que o fizesse; eu nunca me casaria com alguém tão sério.

Tori queria que Nicole lhe dissesse que Grant relaxaria, que deixaria de ser tão sério, mas não o fez. Acaso estava ficando mais sábia? Talvez por fim se dera conta de que o fato de que ela o amasse não era suficiente? Que eles dois não estavam destinados a estar juntos?

— Não posso imaginar uma vida sem risadas — suspirou. — E hoje, quando franziu o cenho desse modo ao me olhar, acreditei que ia ficar assim para sempre. Mas apesar de tudo, sinto falta dele. Não é estranho?

— Não é se o ama — insistiu Nicole. — E se surpreenderia até que ponto o amor pode limar as asperezas em uma relação.

— Mas as duas partes não têm que sentir?

— E assim é em seu caso, embora ele ainda não se deu conta. Olhe o caso de meu pai por exemplo. Depois de que minha mãe morreu, levou anos para entender que podia apaixonar-se de novo. Mas por fim compreendeu que amava a María. Ele esperou, e agora estão felizmente casados.

— Quanto tempo teve que esperar?

Nicole se distraiu com uns pássaros.

— Nicole...

— Dezesesseis anos — disse entre dentes

— Eu espero uma semana — disse ela, séria. — Se Grant não reagir, passará a formar parte de meu passado, e, então, desaparecerá de minha vida e de minha mente para sempre.



— Grant, acredita que cumpro bem com minhas obrigações de condessa? — perguntou Nicole antes que seu cunhado pudesse fugir do salão com seu café.

— Muito bem. Está fazendo um trabalho excelente. — Alargou a gola da camisa e desejou que houvesse alguém mais ali com ele.

Suspeitava que aquela conversa se dirigia a um lugar onde ele não queria ir. Estava alarmado, como se estivesse montado em uma carruagem sem saber aonde se dirigia.

— Acredita que sou boa anfitriã?

— A melhor.

— E acredita que uma boa anfitriã permitiria que um de seus hóspedes fosse grosseiro com outro?

"Hum, agora o vejo, o precipício está se aproximando."

— Pois bem, esta anfitriã te pede que deixe de se levar como um parvo e que comece a se comportar como o cavalheiro que diz ser. Está sendo muito mal educado com Vitória. E para alguém que sempre é tão correto, é algo que resulta muito desconcertante. Muito, muito desconcertante.

— Estive ocupado, — soava como um menino pequeno com quem acabam de brigar.

Grant sentiu o impulso de dizer a Nicole que se ocupasse de seus assuntos, mas sabia que, se o fizesse, Derek o exortaria durante horas.

— Esta noite esperamos contar com sua presença. Hoje é um dia especial.

— E que diabos tem hoje de especial?

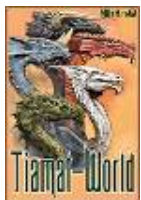
— É Ano Novo!

Sua cunhada se foi dali zangada, mas não antes que ele pudesse ouvir como o chamava.

Esteve a ponto de livrar-se. No dia seguinte já iriam para Belmont. Para Grant, agora que sabia que Vitória não lhe queria, que estava inclusive disposta a casar-se com outro depois de fazer amor com ele, estar perto da jovem lhe resultava um inferno.

Esteve evitando-a, mas a lembrança dela seguia presente em sua mente. E essa noite se veria obrigado a tê-la perto. Mesmo assim, quando entrou no salão, seu olhar procurou em seguida a Vitória, e se perguntou por que tratou de evitá-la. Levava um vestido de seda cor bordô, ao qual não prestou especial atenção quando o comprou, pois não se via tão espetacular como agora que ela o usava. Fazia que seus lábios parecessem mais vermelhos, de um vermelho muito sensual. Grant se deu conta de que só levava meias, e que deixara os sapatos em algum outro lugar. Deu uma olhada ao redor e os viu escondidos atrás de uma cortina.

Observou como percorria inconscientemente a borda de uma taça de cristal com os dedos rindo de algo que Nicole lhe dissera. Totalmente cativado, pensou que jamais vira ninguém tão desejável e tão vital. Não era de estranhar que aquelas harpias morreram de inveja ao vê-la. A Grant surpreendeu que, no dia anterior, os olhares de desaprovação daquelas duas mulheres mal



tivessem conseguido mascarar seu ciúmes. Esse encontro lhe fez pensar muitas coisas. Ele criticava tanto ao Ian por inveja?

A campanha que indicava que o jantar ia ser servido o tirou de seus pensamentos. A noite de fim de ano se servia o jantar típico dessas datas. Para começar, tomaram sopa de aspargos e salada, sem nada de pescado, é obvio, e logo, pato ao forno com molhos, e vitela assada com purê, e Grant pensou que poderiam ter deixado todas as bandejas diante de Camellia e ela sozinha teria acabado com tudo.

Em efeito, Cammy devorou cada prato, e logo engoliu uvas, abacaxi e um montão de pudim. Ele supôs que a senhorita Scott provavelmente acreditava que as damas não devem ter nunca muito apetite, mas agora parecia incapaz de deixar de comer. Ao que parece, sua estadia ali a estava ajudando a recuperar sua saúde. Quanto mais passeava pela neve, mais pratos esvaziava em cada refeição.

Vitória estava tão contente por sua amiga que quase brilhava de alegria, e o fazia feliz que assim fosse. O que não gostava tanto era que toda sua família estivesse dando-se conta de que a estava olhando. Ao terminar o jantar, todos foram ao salão para estar com Geoffrey, até que a Nanny insistiu em que, "dia de festa ou não", chegara a hora de deitar-se. Depois, Nicole, Amanda e Camellia jogaram cartas, rindo ao recordar algumas das travessuras do pequeno. Aquele menino conquistara a todas.

Vitória não demorou a despedir-se para ir deitar-se também, e Grant deduziu que já não precisava ficar mais, por isso decidiu ir ver seu sobrinho. Em geral, não gostava muito de meninos, mas quando dias atrás, agarrou ao pequeno e este o olhou como se o conhecesse, algo mudou dentro dele. Ao entrar no quarto, viu que Vitória estava sentada na cadeira de balanço, cantando ao bebê uma canção de berço.

— Grant! — sussurrou sobressaltada.

— Não queria te assustar.

— Não assustou. Só vim me despedir dele. Não sei quando voltarei a lhe ver. — Assinalou uma cadeira que havia ali perto, — por que não se senta?

— Eu, bom, acredito que...

— Tudo isto é uma tolice, Grant. Nós somos adultos. E depois de tudo o que passamos juntos, esperava que pudéssemos ser amigos.

— Eu não posso ser seu amigo — disse ele em voz baixa.

— O que? — Geoff, ainda dormindo, moveu-se entre os braços de Vitória, então a jovem ficou em pé e, com muito cuidado, devolveu-o ao berço.

— Esqueça o que eu disse.

— Não pode dizer algo assim e não se explicar.

— Nego-me a discutir contigo no quarto de meu sobrinho — disse ele, saindo do quarto.

Lhe seguiu e, depois de fechar a porta, tropeçou com ele, pois se deteve no meio do corredor.

— Não vai me fazer isto — disse ela, lhe dando golpezinhos no peito com um dedo. — Não pode me dizer que não podemos ser amigos sem explicar por que.



Grant estava a ponto de explodir. Como podia lhe dizer que não podiam ser amigos porque ele era incapaz de estar perto dela? Não podiam, porque, quando o estava, morria de vontades de beijá-la, de acariciá-la inteira, e porque já estava farto de lutar contra o que sentia. Quando ela voltou a lhe golpear, agarrou-lhe a mão e a reteve contra seu peito.

"Não explique. Demonstre."

Ele segurou sua nuca, afundando os dedos em seu cabelo, e a abraçou com força.

"Preciso beijá-la."

Aproximou os lábios aos dela, e, embora recordasse com perfeição todas suas carícias, eram antes tão sensuais? Como pôde resistir tanto tempo?

Vitória gemeu, só com o contato de suas bocas, e um desejo selvagem, impossível de negar, percorreu o corpo dele. Sem pensar nem um segundo, segurou seus braços por cima da cabeça e, apoiando-a na parede, inclinou a cabeça para lhe beijar a pele do decote. Sentir seus seios de novo em seus lábios, tão suaves, tremendo e com a respiração entrecortada...

— Deixa-me louco — sussurrou recostando a cabeça em seus seios. Continuando, cheio de desejo, começou a beijar aqueles seios por cima da roupa, deleitando-se com cada gemido dela.

A jovem arqueou os quadris procurando sua dura ereção, e, cada vez que ele a mordida ou a beijava, repetia o movimento com mais desespero. Grant sentiu que precisava possuí-la, ali mesmo, contra a parede, ou morreria.

— Vitória, contigo descobri muitas coisas, e quero mais.

Beijou-a sossegando seus gemidos, e quando suas línguas se encontraram se excitou ainda mais. Solto-lhe as mãos e agarrou o tecido da saia para subir. Ela se estremeceu, e não deixou de lhe acariciar o torso e os quadris. De repente, deteve-se.

— Espera — sussurrou afastando os lábios. — ouvi algo.

— Não, carinho não há ninguém. — Voltou a beijá-la e seguiu lhe levantando a saia.

Mas pela extremidade do olho, e apesar de que estava quase cego de prazer ao ter Vitória colada a seu corpo, viu seu irmão na metade do corredor. Derek cobriu os olhos como se o tivesse cegado um raio de luz.

— Maldição, sinto muito, Grant. Já vou! Sinto muito.

Pela voz, soube que seu irmão estava sorrindo.

— Há algum abismo perto onde possa me atirar? — perguntou Tori golpeando a cabeça contra a parede.

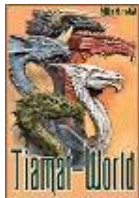
— Menos mal que Derek apareceu agora e não dentro de dois minutos — disse ele com voz rouca.

— Ah, tão seguro está de que teríamos continuado nos beijando?

— Você não?

— Deixemos o tema — respondeu ela mordendo os lábios. — Que eu me sinta atraída por ti não implica que eu goste de me sentir assim. E desde quando você ganha ao me beijar? Deixou bastante claro quais eram seus sentimentos.

— E você os teus. — Franziu o cenho. — Espera um momento, quando eu deixei claro meus sentimentos?



— Vejamos... disse que fazer amor comigo foi um engano — assinalou cada ponto do discurso com um dedo, — que ia ser um obstáculo para sua carreira. E que temia imaginar como ia me comportar na Inglaterra.

— Ian lhe disse isso? — Estava muito aborrecido. — Eu vou matá-lo...

— Escutei sua conversa às escondidas.

— Inteira? — De repente, ruborizou-se como se estivesse morto de vergonha.

"Que mais havia dito?"

Vitória tentou procurar seu olhar, mas ele afastou a vista.

— O suficiente para saber que foi me pedir em matrimônio porque você sempre assume as consequências de seus atos. — Grant deu um passo para trás. Ela prosseguiu: — E quando me comunicou que íamos nos casar, confirmou-me que tudo o que escutei era certo. — Sacudiu a cabeça. — Por que algo que para mim foi tão maravilhoso para ti foi um engano?

— Porque foi. Ao fazê-lo, abusei da confiança de seu avô. E isso é algo que jurei não fazer. Desejava-te tanto, que dei as costas a essa promessa e a meu sentido da honra.

— Me... desejava?

— Não se deu conta de que perdi completamente o controle? — Cada vez falava mais baixo.
— Ou que voltei a me excitar estando ainda dentro de ti, depois de acabar?

Ao recordar, a jovem se ruborizou.

— Não sabia se, para ti, eu só era outra de suas conquistas — sussurrou. — Como podia saber se eu nunca experimentei algo assim? — Mas a verdade era que havia sentido que era especial, muito especial.

— Vitória, nenhuma mulher nunca poderia nem poderá me tentar como você.

Mas então ficou séria.

— Isso não muda tudo o que disse.

— Ao te ver com minha família, dei-me conta de que todas essas coisas que fazia no navio eram só para me irritar. E embora seguisse zangado por isso, o que não estou, agora sei por que o fez.

— Ah. — Bom, um pouco de razão tinha. Ela se comportara daquela maneira para lhe incomodar. — E o que aconteceu esta manhã com essas mulheres? Já viu como me olhavam.

— Olhavam-lhe desse modo porque parecia feliz e contente e mais viva do que elas poderão estar jamais. — Juntou as sobrancelhas. — Um momento, sabia que ia te pedir que se casasse comigo?

Baixou a vista e se concentrou em estudar a prega de sua saia.

— Por isso me disse todas essas coisas? Tudo isso sobre encontrar a outra pessoa?

— Sim. — Olhou-o aos olhos. — Feriu meu orgulho. Fez-me muito dano. Não ia aceitar me casar contigo.

Acreditava que ia ficar furioso, mas em vez disso ficou pensativo.

— Disse exatamente o que podia me fazer mais dano. Acertou totalmente no pior de meus temores.

— Você o mencionou em uma ocasião, e tive a sensação de que era algo que se preocupava



muito.

— Mas não se sente assim de verdade? Teria gostado de se casar comigo?

Vitória lhe acariciou o torso com o reverso da mão.

— De quantas maneiras mais poderia haver lhe demonstrado isso? — Agarrou a mão e beijou as pontas dos dedos. — Temos que nos casar. Não posso ir pelos corredores te levantando as saias para fazer amor.

— Temos que nos casar? Por que? Para que então possa fazê-lo?

— Não, porque então não terei que fazê-lo. — E seus lábios esboçaram aquele sensual sorriso que fazia Tori sentir como se o coração não lhe coubesse no peito. — Se dormirmos juntos, pela manhã ambos estaremos saciados. — mal o disse acrescentou: — Embora acredite que eu jamais me saciarei de ti.

Em resposta, umas palavras saíram impacientes dos lábios dela, que se sentia incapaz de retê-las por mais tempo.

— Amo-te.

Grant grunhiu e a beijou como nunca, com sentimento, com profundidade, mas não repetiu o mesmo dito por Vitória. Esta o afastou.

— Eu disse que te amo. Essas palavras merecem uma réplica.

Ele passou a mão pelo cabelo.

Então, como se lhe tivessem dado uma bofetada, Tori entendeu que Grant não sentia o mesmo. Bom, já tinha contemplado essa possibilidade, mas acreditava que lhe diria que com o tempo chegaria a amá-la.

Que podia amá-la. "me dê algo ao que possa me agarrar", gritou ao homem uma voz desde sua alma. A ausência dessas palavras foi como receber um murro, e teve medo de cair.

— É óbvio que não sente o mesmo.

— Admiro-te. Respeito-te.

"Me dê algo mais que isso!" Tori imaginou o que seria passar uma vida inteira dizendo "Te amo" e escutando como ele respondia "Ah". Um calafrio a percorreu inteira.

— Ambas as coisas distam muito do que eu te disse.

— Por que lhe dá tanta importância?

— Porque você e eu não somos um bom casal. Somos como a água e o azeite. — Nicole lhe havia dito que o amor limava as asperezas em um casal. E Vitória sabia que, sem ele, sua relação não ia sobreviver a suas constantes discussões.

Grant a olhou, esperando a que ela continuasse com a explicação:

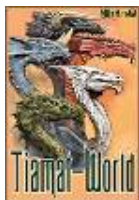
— Eu sou alegre, e você não. Eu sou otimista e você pessimista, eu sou impulsiva e você.. previsível. — Olhou-o aos olhos. — Eu me dava conta de que te desejava com todas minhas forças e quis estar contigo, enquanto que você resistiu a isso com unhas e dentes.

Grant meneou a cabeça mas não lhe disse que se equivocava.

— Não há cumplicidade entre nós, nem tampouco carinho.

Então ele entendeu tudo.

— Esteve observando Derek e Nicole.



Tori levantou o queixo.

— Eles são uma exceção — prosseguiu Grant. — Tiveram que passar por um inferno para ter o que têm.

— Bom, eu também o teria feito. Quão único há entre nós é luxúria. E não se pode construir um matrimônio sobre isso.

— É um excelente princípio, maldita seja.

— Entre alguém como você e eu precisa haver amor — insistiu ela negando com a cabeça.

— Amor? — Foi como se cuspiasse a palavra.

— Sim. E não estou disposta a aceitar menos.

— Maldita seja, Vitória, não pode ter tudo.

— Por que não? — perguntou incrédula. — Além disso, já perdi muitas coisas em minha vida; com esta não penso fazê-lo.

— Não pode pretender que tudo se faça a sua maneira. Na Cidade do Cabo te pedi em matrimônio, e agora volto a fazê-lo. Mas se sua resposta é não, não voltarei a lhe perguntar isso nunca mais.

— Assim, ou nos casamos segundo suas normas ou não nos casamos?

— Sim — respondeu ele sem titubear.

— Pois bem, eu digo que ou casamos a minha maneira ou não nos casamos — contra-atacou Tori.

Grant fechou os olhos e apertou os lábios.

— Custamos muito a chegar até aqui, e agora decide pedir o impossível. — Nunca lhe vira tão zangado. — Nunca mais, Vitória.

Deu um murro na parede e se afastou dali.

"Por fim ela manda tudo a passeio."

Grant jamais sentira tal frustração. Estava furioso com Tori. Furioso porque lhe dissera essas coisas e ele não pôde lhe responder. Por que as pessoas sentiam necessidade de render-se ao amor? Vitória ia negar tudo por culpa de uma ridícula palavra, de um sentimento estúpido. *Maldição*, o amor era uma emoção muito caótica.

Nesse estado estava Grant quando a deixou no corredor e se foi, mas à medida que passavam as horas, deu-se conta de que não tinha aonde ir. Todos estavam dormindo, e a enorme mansão parecia vazia. Como ele. Então, optou por centrar-se em sua raiva. Esta era muito melhor que o vazio. Desde o dia em que conheceu Vitória, Grant não pôde dormir nenhuma só noite inteira, mas essa noite foi a pior. Não soube nem como o fez, mas se sentou em uma cadeira e começou a beber e a recordar o que aconteceu na ilha. E a analisar. Sempre analisando. Quando amanheceu, limitou-se a lavar-se e trocar de roupa.

Com os olhos avermelhados, e ainda furioso, desceu a escada com a intenção de beber uma cafeteira inteira. Surpreendeu-lhe ver que Derek já estava em pé e lendo o jornal. Quando seu irmão baixou o jornal, Grant viu que Nicole estava sentada em seu colo, e que tinha a mão dentro da camisa dele, e que desabotoara dois botões, e, com um dedo, desenhava-lhe círculos no peito.

A ira ressurgiu com mais força.



— Será que não podem parar?

Ambos levantaram a vista. Ela inclinou a cabeça para olhá-lo e Derek lhe respondeu:

— A verdade é que não. Bom dia para ti também, Grant.

— O seu não é normal — resmungou para si mesmo servindo o café. — São raros. Peculiares inclusive...

— Não sei se devo lhe perguntar o que se passa — disse Derek a Nicole.

Ela se levantou.

— Deixarei que fiquem sozinhos para que falem. — Beijou a seu marido nos cabelos. — irei ficar com Nanny. Estou convencida de que passarei muito melhor que você.

Quando Nicole saiu, Derek dobrou o jornal.

— Tem mau aspecto.

— Pois me sinto ainda pior.

— Deduzo que Vitória e você não resolveram as coisas.

Antecipando uma longa conversa, serviu-se de mais café.

— Ontem à noite parecia que tivessem decidido fazer as pazes.

Grant o fulminou com o olhar.

— Quão único está decidido é que vou levá-la a Belmont Court, e que pela primeira vez em muitos meses, por fim poderei dormir.

— Se você diz...

— Que insinua com isso?

— Por que não lhe pede que se case contigo?

— Fiz isso.

Derek abriu a boca sem dizer nada, mas logo pôs-se a rir.

— E te rechaçou?

Grant ficou de pé zangado, mas seu irmão o agarrou pelo braço.

— Sinto muito. Disse por que?

— Sim, diz que não quer casar-se sem amor. — Cuspiu a palavra de novo. — Quer ter o mesmo que você e Nicole têm.

— Não entendo onde está o problema. Todo mundo, exceto você, sabe que está apaixonado por Vitória.

— Não estou.

— Repita isso muitas vezes, possivelmente então acabe sendo verdade.

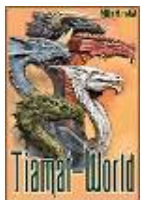
— O amor te converteu em um imbecil.

Derek sorriu, levantou sua taça e replicou:

— Então, há muito que dizer em favor da imbecilidade.

— Está me deixando louco! E não posso pensar em nada que não seja ela. Não durmo, quase não como. — Apertou a taça com tanta força que lhe puseram brancos os nódulos. — Não posso viver assim. Se isto for amor, asseguro-te que posso passar perfeitamente sem esta desgraça.

Derek alongou a mão para arrancar a taça de entre os dedos de seu irmão e evitar que a rompesse e se fizesse mal.



— Isso é porque está decidido a lutar contra o que sente. Vá e lhe diga que a amas.

— Não. O amor é algo agradável. É impossível que esta angústia que me retorce as vísceras seja amor.

— Agradável? — Derek riu sem humor. — Nicole e eu tínhamos algo, ou melhor dizendo, a alguém, que se interpunha entre nós. Nem sequer podíamos sonhar com a possibilidade de nos amar. Mas você tem tudo muito fácil. Uma mulher maravilhosa e inteligente que te ama, e a única coisa que tem que fazer é aceitá-lo.

— Aceitei. E lhe pedi que se casasse comigo. Mas então começou a me exigir outras coisas, — passou a mão pelo cabelo. — Deveria lhe dizer que a amava. Seguro que poderia atuar como se assim fosse. — Lhe ocorreu uma ideia que ao que parece o animou um pouco. — Jamais o descobriria.

— Sabe o que está dizendo? Se pode atuar como se a amasse, então...

Grant golpeou a mesa.

— Vitória encontrou o modo de me deixar louco. Sabe que sou um homem pouco emotivo. Que sou frio e distante inclusive. E agora me pede a única coisa que sabe que não posso lhe dar.

Derek olhou o punho de seu irmão, que este ainda mantinha apertado com força.

— Deveria reconsiderar isso de... de sua natureza desapaixonada. Sim, é certo que, no passado, falar contigo às vezes era como fazê-lo com uma parede. Lembro-me do muito que se zangou quando lhe disse que não ia participar da Grande Regata. Queria que me golpeasse. Rezei para que por fim perdesse os nervos.

— Por quê?

— Para me assegurar de que ainda estava vivo. De que não era um autômato morto por dentro. E agora, embora saiba que se sente arrasado, não posso evitar estar contente. Me alegro de que Vitória tenha despertado algo, o que seja, em ti. O que sente por essa garota te fez retornar à vida, e não posso lamentar.

Esse comentário enfureceu ainda mais ao Grant. Nada irrompia na ordem de sua metódica vida a não ser que ele o permitisse.

E isso de que ela quisesse amor em sua vida...

Grant não era um covarde, mas nisso de entregar seu coração a outra pessoa, e correr o risco de que o quebrassem... Tinha medo porque sabia que se Vitória traía sua confiança, ele jamais poderia voltar a ser feliz. Qualquer homem em seu sã julgamento deveria temer pôr sua felicidade nas mãos de outra pessoa. Isso de depender de outro pela primeira vez desde que era adulto, o fazia sentir como se o asfixiassem...

— O que vai fazer?

— O que planejei a princípio. Levarei-a para Belmont, e, no futuro, quando o conde morrer, retornarei para cobrar minha recompensa. Já me resignei a passar uma noite ali, mas à manhã seguinte recuperarei minha condenada vida.

Ao cabo de uma hora, Amanda, Derek e Nicole com o bebê nos braços estavam se despedindo.

— Se fizer bom tempo, só se demora meio-dia em chegar a sua casa. Dentro de pouco,



iremos visitá-la — prometeu-lhe Nicole lhe entregando o bebê uma última vez.

Vitória o abraçou e derramou uma solitária lágrima sobre seu gorro azul. Quando o beijou e o devolveu aos braços de sua mãe, Derek olhou Grant nos olhos e, com o olhar, perguntou-lhe se não pensava fazer nada a respeito.

A resposta de seu irmão foi um breve movimento de cabeça de lado a lado.

Capítulo 24

À medida que a carruagem de Grant ia entrando no caminho que conduzia a Belmont Court, uns cães pastores começaram a segui-los pela neve, deleitando a Vitória e Camellia. A mansão e seus arredores estavam cobertos com neve e ofereciam uma imagem idílica que ocultava a deterioração da propriedade. Grant esteve ali justo antes de partir, e lhe surpreendera o mal estado em que estavam as coisas e quão abandonado estava o jardim.

Mas em um dia como aquele tinha o mesmo aspecto que qualquer outro grandioso imóvel. O caminho estava formoso com árvores e, ao longe, os Montes e os vales, agora brancos, perfilavam a margem de um rio. A porta principal gasta o devolveu à realidade da situação: Belmont Court estava morrendo e necessitava uma transfusão de capital para poder sobreviver. Levantou a aldrava e, igual em sua visita anterior, fixou-se em que estava reluzente. Os serventes cuidavam do pouco que ficava com muito esmero.

A porta se abriu e apareceu um idoso. Tinha uma mola de cabelo vermelho, quase laranja, e com uma mão coçava a incipiente barba.

— Por Deus santo, santo céu. É você. Não nos atrevíamos a acreditar. Entrem, entrem. Sou Huckabee, o mordomo — disse o homem fazendo uma reverência. — E esta é a senhora Huckabee, a governanta.

Rodeou pela cintura uma mulher de aspecto maternal que havia junto a ele.

— Não acredito que se lembre de nós.

Vitória ficou pensativa durante uns segundos, e logo disse.

— Têm muitos filhos?

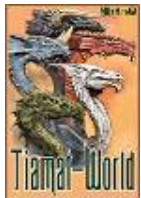
— Lembra-se! — exclamou a senhora Huckabee dando palmas de emoção.

Tori apresentou a Camellia, pois ao Grant já conheciam. Antes de fechar a porta, o mordomo assinalou a um menino, também ruivo, que havia em meio do campo.

— Esse é o menor de nossos nove filhos, encarrega-se dos cavalos. E sempre chega tarde.

— No povoado o chamam Huck — acrescentou sua mãe. E logo olhou preocupada a Camellia, que estava pálida depois da viagem. — Seguro que estarão cansadas depois de tanto viajar, e além disso o caminho está em tão mal estado... Prepararei-lhes algo de jantar e o senhor Huckabee lhes acompanhará a seus quartos.

Enquanto seguiam ao mordomo pela escada, desprovida de qualquer adorno, Vitória perguntou:



— Quantos anos tem esta casa? Não a recordava tão... velha.

— Belmont Court, tal como está agora, foi construída a princípios do século dezoito, mas a família está estabelecida aqui desde mil e quatrocentos — respondeu Huckabee.

A estrutura da mansão sempre fascinara a Grant.

Tinha duas naves centrais, e quase todas suas habitações, distribuídas em três pisos, tinham vistas para os jardins da casa ou ao prado que a rodeava. Mas agora só era uma velha casca de ovo, e estava ainda mais vazia do que recordava. Fixou-se nas paredes nuas e nos chãos desprovidos de tapetes. Depois de acompanhar às damas a seus aposentos, Huckabee o guiou a ele até seu enorme e quase vazio quarto.

Quando o viu arquear uma sobrancelha a modo de pergunta, o ancião se limitou a erguer o queixo com orgulho, e se comportou como se nada tivesse mudado. Grant se aseou e foi se reunir com os outros no salão que havia junto à cozinha, certamente a sala mais quente de toda casa. Vitória trocara de vestido e levava um coque na nuca muito elaborado. Estava preciosa, embora a ele sempre parecesse, entretanto, também a via nervosa.

Grant confiou em que ela e seu avô, ao que estava a ponto de rever, se levassem bem.

Dado que os Huckabee estavam ocupados na cozinha, Tori olhou ao redor.

— Este lugar é muito diferente de Whitestone — disse a Camellia. — Eu recordava Belmont Court como um lugar quente e cheio de coisas preciosas.

— É que ninguém o manteve — explicou Grant. — O conde gastou toda sua fortuna procurando a sua família.

Vitória ergueu os ombros.

— Então, terei que ajudá-lo a recuperá-la.

Grant afastou a vista. A moça não tinha nem ideia do que lhe vinha em cima.

A seus oitenta e cinco anos, Edward Dearbourne era um homem frágil, e seu corpo era quase imperceptível na metade daquela enorme cama. Tori sabia que não podia mover-se, e que jamais superou o desaparecimento de sua família, de modo que o que viu em seus olhos o surpreendeu enormemente. Apesar da idade, seguiam cheios de decisão e inteligência.

— Tori! É você? Sim, é você! — Mal podia erguer-se.

— Aqui estou. — Estava nervosa, ao fim e ao cabo, ele era o único parente que restava.

— Sente-se. Sente-se, por favor.

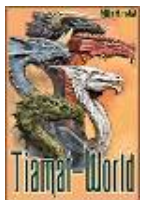
A jovem aproximou uma cadeira à cama e tomou assento sem saber o que dizer.

A seu avô não aconteceu o mesmo.

— Lembra-se de mim? Era tão pequena a última vez que nos vimos... Quantos anos tinha? Onze, doze?

— Onze, mas sim que me lembro de ti. Construiu-me uma casa em uma árvore. E juntos estávamos acostumados a roubar comida da cozinha.

O ancião riu, mas sua profunda risada acabou convertendo-se em um ataque de tosse. Vitória viu que lutava para controlá-lo.



— Sim, lembra-se — disse quando o conseguiu. — O que aconteceu, carinho? Passei tantas noites acordado, perguntando-me isso.

Tori tomou ar e lhe relatou o naufrágio. Destacou a valentia e a agilidade mental de seu pai e a coragem de sua mãe, e tirou importância aos horrores que ela e Cammy tiveram que suportar.

Também tratou de lhe ocultar o muito que sofreram procurando mantimentos e água potável. Mas em todo momento soube que não conseguiu enganar a aquele ancião de brilhantes e lúcidos olhos.

— Meu filho. Minha pobre Anne... — ficou sem voz e os olhos se encheram de lágrimas. E a Vitória embora acreditasse que já o tinha superado, passou-lhe o mesmo. — Não posso nem imaginar pelo que passou.

— Ao princípio foi muito duro. Mas logo nos adaptamos bem, e ao final levávamos uma vida bastante confortável.

Seu avô a olhou para discernir se dizia a verdade. Passados uns segundos e ao que parece satisfeito com o que viu, voltou a recostar-se nos almofadões.

— Eles o amavam muito — disse Tori. — antes de morrer, mamãe me disse que nos buscava, que não descansaria até nos encontrar.

Saber isso pareceu alegrá-lo muito.

— De verdade te disse isso?

— Que podia estar segura.

Vitória teve a sensação de que o peito de seu avô se enchia de orgulho, mas logo o viu entristecer-se.

— Temo que, para fazê-lo, gastei toda sua herança, e a de seus filhos. — Afastou o olhar. — Poderia dizer que é uma sorte que Edward não esteja com vida. Desfazer-se deste lugar o teria matado. Gostava tanto... — ficou em silêncio, perdido em seus pensamentos, até que voltou a olhar a Tori. — Sabe que prometi a Sutherland lhe entregar a propriedade em troca de seu resgate?

— Sei— respondeu ela com um sorriso amargo. — Acredite, sei.

Seu avô franziu o cenho e disse:

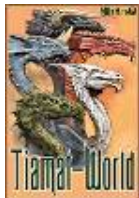
— Quando eu morrer, passará a ser dele. Preciso me assegurar de que esteja casada e bem situada antes que isso ocorra. Não te trouxe até aqui para te abandonar de novo em uma situação vulnerável.

A Tori deu um tombo o coração. Não queria casar-se com um desconhecido. Tinha os sentimentos a flor da pele e não podia nem expor-se sequer a possibilidade de casar-se com ninguém. Obrigou-se a sorrir e tranquilizou ao homem:

— Já nos preocuparemos por isso mais adiante. Agora, a única coisa que quero saber é se a casa da árvore segue ali...

E, durante duas horas mais, Tori e seu avô fizeram um montão de perguntas um ao outro, até que ele ficou placidamente dormindo. A jovem ficou olhando-o. Ele era o responsável por Grant ir procurá-la.

Aquele idoso mudou seu destino, deu tudo por ela, e, pela primeira vez, sentia-se honrada



de que lhe houvesse feito tal presente. Sorriu e recordou de quando brincavam de ser soldados que protegiam seu forte com roseiras, ou ladrões que conspiravam para roubar todos os bolos que esfriavam no suporte da janela da cozinha. Inclinou-se para frente e lhe deu um beijo na face; logo o deixou com seus sonhos. Ao entrar no salão, deu-se conta de que todos foram deitar-se. Ela estava muito nervosa para dormir, assim, depois de se assegurar que Cammy estava bem, foi explorar a mansão em penumbra.

Ao entrar em um enorme salão vazio viu que, no meio da única mesa, havia um velho vaso.

De repente, alagaram-na as lembranças. Recordou a sua mãe lhe dizendo que não brincasse dentro de casa. Tori a desobedecera e quebrara o que devia ser um vaso precioso e muito antigo. Seu avô chegou à cena do crime antes do que sua mãe e seu pai, que o fizeram segundos mais tarde. Sua mãe olhou com pena o montão de pedaços.

— Vitória Dearbourne, eu te disse que não brincasse dentro da casa. — Seu avô a interrompeu:

— Fui eu, Anne. Estou tão velho que não paro de tropeçar com as mesas.

A mulher o olhou incrédula, mas antes que pudesse responder, o homem agarrou Tori pela mão e começaram a recolher os pedaços. Até então, a jovem esquecera que, a noite seguinte a do incidente, quando todos foram ao salão, seu avô lhe piscou o olho e quebrou outro vaso para dar mais consistência a sua história.

— Olhe, já o tornei a fazer.

Mas ela se sentira tão mal pelo que fez, que, para que deixasse de chorar, seu avô guardou todas as peças do vaso quebrado e passaram o resto do verão recompondo-o. Ao final, não se parecia em nada ao original, mas estava inteiro.

Quando Grant despertou, passou um momento deitado na cama olhando o teto. Está naquela mansão, que tecnicamente já era dele, resultava-lhe muito estranho. Deveria alegrar-se de que tudo tivesse terminado, mas como lhe acontecia sempre desde que conhecera a Vitória, estava confuso, perdido em uma confusão.

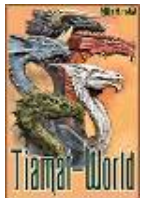
Assim seria sua vida se seguia com ela. E ele não queria passar assim o resto de sua vida. Se espreguiçou e, depois de vestir-se sem vontades, foi para o quarto do conde. Ali encontrou a Vitória, jogando xadrez com o homem enquanto Camellia lia frente à chaminé. Grant teria gostado de ficar para ver como acabava a partida, passar a manhã com eles. Precisava reconhecer que gostava do velho conde. Mas o instinto de conservação lhe aconselhou afastar-se de Vitória.

— Lorde Belmont, parto-me.

— Sem tomar o café da manhã, Sutherland?

— Estou fora mais de um ano. Tenho que retornar e pôr meus assuntos em ordem. Adeus, milord. — Fez uma reverência. — Camellia, Vitória.

— De fato— disse Belmont. — Eu gostaria de perguntar a Camellia umas quantas coisas sobre Kent, sua cidade natal. Meu melhor amigo provém dessas paragens. Tori, importaria de se despedir de nosso convidado?



— Claro. Eu o acompanharei até a porta — disse, sorrindo para Grant com excessiva doçura. Ao chegar à entrada, as dúvidas o assaltaram.

— Seguro que estará bem aqui?

— Sim, claro que sim.

Ele a conhecia o bastante bem para saber que não dizia a verdade. No que estaria pensando? Arrependia-se de havê-lo rechaçado no dia anterior? Grant descumpriu seu juramento e voltou ao assunto.

— Posso te convencer de que se case comigo?

— Posso te convencer de que me ame? — contra-atacou ela.

Ele apoiou a testa na porta. Como lhe ocorrera pensar que poderiam resolver seus problemas de um modo tão fácil?

— Já falamos disso.

— Bom, eu não gosto da conclusão a que "chegamos".

— Então, isto é o final. Já tomaste sua decisão.

— E a mantenho.

Grant se ergueu.

— Uma vez que vá não haverá volta atrás. Nada de segundas oportunidades. Isto, seja o que seja o que há entre você e eu, termina aqui.

Ela entrecerrou os olhos.

— Bem, porque não suporto aos idiotas, e não quero ter um marido tão teimoso que seja incapaz de ver o que tem ante seus olhos. E quanto a segundas oportunidades, não se preocupe, não serão necessárias. Já nos dissemos tudo o que precisávamos dizer, exceto adeus.

— De acordo, Vitória. Você quis assim — disse ele apertando os dentes, mas sem mover-se.

— Não foi ainda?

— Sim, já vou.

— E por que não o faz? — antes de dar meia volta Grant viu como os olhos de Vitória mudavam de expressão: — Claro, pelo imóvel — ouviu-a sussurrar. — Por Deus santo, só tem que esperar que ele morra. Se isso te faz sentir melhor, pode ir contar as ovelhas.

Grant retrocedeu ante essas palavras. Apesar de que levou meses decidir se aceitava ou não a missão, em menos de um segundo soube que jamais poderia arrebatrar Belmont Court de Vitória.

— Não a quero — disse ele marcando cada sílaba.

Ela não ocultou sua surpresa, mas respondeu: — Bom, pois eu tampouco.

— Não reclamarei a propriedade.

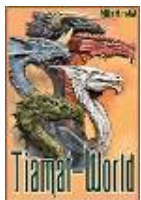
— E eu não estarei aqui para vê-lo.

Ficaram olhando um ao outro, nenhum deles disposto a ceder. Por que com ela tudo precisava ser tão complicado? Era uma prova constante para a qual ele não estava preparado.

— Termina com toda esta estupidez e se case comigo.

Tori deu um passo para trás e logo explodiu furiosa, com os olhos resplandecentes de ira.

— Estupidez? — disse entre dentes. Mais decidida e convencida que nunca, ergueu a cabeça e o olhou aos olhos jogando faíscas pelos seus. Ali, na porta de casa de seu avô, tomou a decisão



definitiva com respeito a Grant.

Ele temia o que ia dizer-lhe.

— Perdi o tempo contigo — sentenciou Vitória. — Não quero voltar a te ver jamais.

A porta era grande e pesada, mas tremeu por causa da portada que ela deu ao fechar-lhe no nariz. Grant ficou olhando a envelhecida madeira um longo tempo.

Maldita fosse, acaso queria que lhe dissesse algo que não sentia? Que lhe mentisse e declarasse que a amava? *"Como diabos posso saber se estou apaixonado se não o estive jamais?"*

Vitória não lhe deixara alternativa, então, por que lhe doía tanto a ideia de separar-se dela?

Sumido em seus pensamentos, foi dali para não voltar jamais. Quando se ouviu dizer a si mesmo que não reclamaria Belmont Court, depois de tanto tempo sonhando com isso, surpreendeu-se, mas soube que dizia a verdade. Ele jamais poderia arrebatá-la da jovem a mansão de sua família, e tampouco poderia viver ali com ela.

Por que precisava ser tão obstinada? Não era suficiente que a respeitasse e sentisse afeto por ela? Surpreendia-lhe constantemente quão inteligente era, e seu senso de humor o conquistava diariamente. Poderia lhe fazer amor cada noite que ficasse de vida e morreria feliz. Queria ter filhos com ela; meninos valentes e meninas de acordados olhos verdes. Acaso isso não era suficiente? Pensar em um futuro sem Vitória só fazia que se sentisse ainda pior.

"Pensa em outra coisa." Como por exemplo no que faria agora que renunciou a seu sonho. Supôs que o mais lógico seria que se fizesse cargo de novo da Peregrine. Seu irmão e Nicole a administraram muito bem durante sua ausência, e inclusive ganharam novos clientes, agora que o pai dela desaparecera do mercado. Se trabalhasse duro nos próximos anos, poderia construir um lugar como Belmont Court. Um lugar dele. E viver ali com uma esposa e filhos. Maldição, Vitória era a mulher menos razoável que conhecera em toda sua vida.

Ao chegar a Whitestone, evitou sua família e as perguntas que sabia que lhe fariam, mas isso não deteve a Amanda.

— Como foi?

— Vitória e Camellia se entenderam rápido com o velho conde.

— Me alegro de que estejam bem. Nicole e eu nos asseguraremos de que se sintam cómodas ali, mas primeiro suponho que deveríamos lhes deixar um pouco de tempo para que retomem seus laços familiares.

— Suponho.

— Tori é uma garota encantadora — prosseguiu sua mãe estudando com descaramento sua reação.

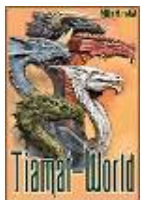
Grant se encolheu interiormente. *"Lá vamos."*

— Sei que você pensa o mesmo. Assim, por que você não gosta dela?

O que podia lhe dizer? Que gostava até o ponto de voltá-lo louco? Que naqueles mesmos momentos estava tão furioso com ela que mal podia falar?

— Quero uma esposa mais convencional.

— Convencional? — Lady Stanhope cuspiu a palavra deixando de lado suas maneiras. — A verdade é que coloquei todas minhas esperanças em ti, mas parece que escolheste o caminho



difícil. Igual a seu irmão — acrescentou. — Ele não sabia como conseguir o que queria, mas ao menos via o que tinha em frente a seu nariz.

"Maldição. Estava fazendo o melhor que podia."

Sua mãe viu algo em seus olhos que a deixou sem respiração e, antes que pudesse sair dali, agarrou-o pelo braço.

— OH, Grant, não sabe o que fazer com tudo o que sente, verdade? Jamais estiveste apaixonado, equivoco-me?

Jamais.

— Apaixonado? — repetiu ele, eliminando de seu rosto qualquer rastro de emoção. — Nem pensar.

— Não estou cega. Posso ver perfeitamente o que sente por essa garota. Espero que não demore muito tempo em fazer algo.

Grant se despediu tenso e se foi dali. Mas logo, quando fizeram um tardio almoço, Nicole se assegurou de que a conversa girasse em torno de Vitória. A princípio, sentia-se incômodo, mas logo foi desaparecendo o aborrecimento e já não lhe incomodou que falassem dela. Deu-se conta de que isso era melhor que estar sozinho, obcecado com suas lembranças. Contou-lhes como estava bem construída a cabana que Tori levantara na ilha, e o valente que fora no navio.

Depois de comer, todos se retiraram ao salão e ficaram em frente à lareira. Sua mãe e Derek se dispuseram a ler, enquanto Nicole sentou sobre o tapete para brincar com Geoffrey.

O fazia dar palmas com as mãos e os pés e o pequeno lhe mostrava seu sorriso carente de dentes. Derek abandonou qualquer pretexto de leitura, deixou de ocultar que também estava louco por seu filho e se uniu a eles sobre o tapete. Grant jamais vira pais tão fascinados com seu filho. Era como se não acreditassem que eles o fizeram. E era normal que estivessem encantados. Inclusive Grant que acreditava ser objetivo, estava convencido de que Geoff era o melhor bebê do mundo, e estava muito orgulhoso de ser seu tio. Lhe ocorreu uma coisa e ficou sério de repente. Perguntou-se se Geoff cresceria pensando que seu tio Grant era sério e sombrio.

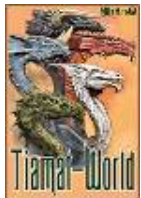
Que deprimente.

Vitória o chamara "previsível", mas tinha a sensação de que descartara adjetivos como "pesado" e "aborrecido". Escolhera "previsível" porque era o menos ofensivo dos três, mas a ele todos soavam igualmente mau. Tratou de pensar em outra coisa. Logo o fogo captou sua atenção, pois as chamas lhe recordavam a ilha. O que sentira ali pela moça. Aquilo era amor? Grant estava convencido de que algo assim jamais aconteceria a ele, acreditava impossível poder encontrar o que seu irmão tinha com sua esposa.

Sacudiu a cabeça. Vitória tinha agora outro guardião, já não era sua responsabilidade. Queria desfrutar da companhia de sua família, brincar com seu sobrinho, mas estava distraído, como se não estivesse totalmente presente. E todos pareciam compreendê-lo...

Algo sobre uma toalha atraiu seu olhar; era a intrincada concha que Vitória presenteara à sua mãe. A garota fizera malabarismos para que não se rompesse durante a viagem. Ao dar-lhe disse que era a mais bonita de todas as que ela e Camellia encontraram.

Vitória tinha poucas coisas que lhe recordassem sua ilha, e mesmo assim, desprendeuse de



uma delas. Era generosa. E doce. Mais preciosa do que conseguia imaginar. Uma lenha da lareira se partiu, tirando-o de seu estado de devaneio. Não podia respirar. "Não posso estar aqui nem um segundo mais."

— Vou sair — balbuciou, sem dirigir-se a ninguém em particular, e se encaminhou à entrada.

Brigou com as mangas do casaco, e quando abriu a porta, tropeçou com sua tia Serena. Esta o agarrou pelas lapelas e, com os olhos cheios de lágrimas, suplicou-lhe: — Precisa me ajudar. Necessito de um navio!

Capítulo 25

— O jovem Sutherland é um cavalheiro — disse Belmont a Tori e a Cammy enquanto os três jogavam uma partida de cartas no meio da tarde. — Todo um cavalheiro.

Vitória apertou as cartas com tanta força que as enrugou como se fossem um pedaço de papel barato. Passou toda a manhã tratando de ocultar quão zangada estava consigo mesma e com Grant e, inclusive quando ele não era o assunto da conversa era muito difícil conseguir. Não levantou a vista, mas sabia que tanto seu avô como Cammy a estavam observando.

— Todo mundo acredita nisso — obrigou-se a responder. *"E todos estão equivocados."*

Precisava reconhecer que Grant não tinha igual na hora de lhe machucar ou de fazê-la ficar com raiva. Por sorte, ninguém a enfurecia tanto como ele, e agora que saíra de sua vida...

Franziu o cenho ao ver que suas cartas se negavam a desdobrar-se.

— Sim, sim, tem uma reputação irrepreensível — acrescentou seu avô.

Mas formulou a frase como se fosse uma pergunta. De repente, o idoso se deu conta de que ganhava a partida e Tori se salvou de ter que responder.

— Observem como trabalha um mestre — exclamou ao lhes mostrar sua mão ganhadora.

Sua neta não pôde evitar sorrir.

Cammy riu também, mas quando Vitória propôs jogar outra partida, levantou-se.

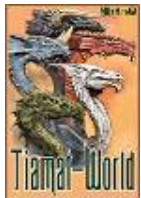
— Terão que fazê-lo sem mim. Acredito que irei passear para esticar um pouco as pernas — disse. — Além disso, não poderia suportar outra derrota à mãos deste jogador profissional, — e assinalou ao conde, que lhe respondeu com um sorriso. Agachando-se, deu-lhe um beijo na fronte. — Tenha piedade dela — pediu-lhe antes de sair.

Quando já tinham novas cartas nas mãos, o homem retornou a conversa como quem não quer a coisa.

— Confiava em que os dois se dessem um pouquinho melhor. — Franziu suas grossas sobancelhas demonstrando que essa vez não teve tanta sorte.

— Azeite e água — comentou Tori suspirando, — isso é o que somos. Não há duas pessoas tão pouco adversas como nós dois.

— É uma lástima. — Forçou um sorriso. — Eu, bom, confiava em que se casassem e vivessem aqui.



— Se ele não fosse tão teimoso, obstinado e incapaz de rir ou de ter sentimentos, talvez houvesse uma pequena possibilidade.

Belmont examinou o semblante de sua neta, mas ela se negou a revelar nada mais. O que podia lhe dizer? Que o amava além da razão mas que não era correspondida? Que ele queria um matrimônio sem amor? Que ela tinha carecido de tantas coisas ao longo de sua vida que agora se negava a renunciar a esse sentimento ou à possibilidade de encontrá-lo?

— Então, temos que pensar em alguém mais com quem possa se casar. Não posso suportar a ideia de lhes abandonar, a ti e a Camellia, sem ninguém que cuide de vocês.

— Sutherland me disse que já não queria Belmont Court.

— O que? — O idoso ficou tão surpreso que baixou a mão e mostrou todas suas cartas sem dar-se conta. — Isso é o que me disse.

— Tori, assinei um contrato com ele. É vinculado. — Levantou as cartas e lhe fez uma careta. — Confiemos em que suas ações se ajustem a suas palavras.

Vitória não queria pensar naquilo. Queria pensar em como conseguir que seu avô ganhasse a partida sem que suspeitasse que ela havia perdido de propósito. Queria pensar na crescente inquietação de Cammy e em como solucioná-la. Além disso, ela e Grant terminaram. Que não a quisesse a destroçara. Depois de fechar a porta no seu nariz e de dar-se conta de que essa vez era para sempre, teve que fazer esforço para não chorar.

Embora ele retornasse e lhe declarasse seu amor de joelhos lhe pedindo perdão, não voltaria com ele. Tori sabia que entre eles havia algo muito especial, sentia isso em cada poro de sua pele, e... ele era capaz de deixar escapar? Sinal que não a merecia.

Depois de tomar o chá com seu avô, deixou-o dormindo placidamente e passeou pela mansão observando todas as salas e quartos vazios.

— Eco! — gritou na sala de baile. E sua própria voz lhe respondeu. Podia imaginar o aspecto que devia ter tudo quando seu pai cresceu ali, ou quando ele e sua mãe passavam longas temporadas na casa. Visitas que Anne recordava com muito carinho.

Retornou ao quarto das crianças que a senhora Huckabee lhe mostrara, e voltou a ficar fascinada com as vidraças que davam para o jardim e que transformavam os raios do sol em luzes de cores. Mas apesar desses raios, estremeceu. O quarto parecia pedir a gritos o som das risadas infantis. Durante sua exploração, topou com Cammy, que estava de pé em frente a uma janela. Ainda não se acostumara a vê-la tão cheia de vida. O cabelo brilhava e tinha uma cor muito saudável.

— Cammy, está muito bonita.

— OH, assustaste-me — respondeu ela dando meia volta.

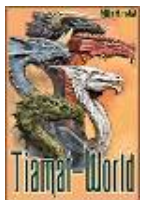
— Suponho que sempre foi assim, mas até agora não me dei conta.

A outra se ruborizou, incrementando assim o tom saudável de suas faces.

— Tori, não diga tolices — replicou, mas tocou o cabelo, afetada.

Vitória franziu o cenho. Sua amiga não deixara de olhar pela janela, e se deu conta de que ela fazia o mesmo há muitos dias. Camellia fazia pelo mesmo motivo?

— Cammy, por que olha pela janela?



— Senti muita falta da campina inglesa — respondeu sua amiga tratando de soar relaxada. — Por que pergunta? — A jovem não respondeu, mas sim se limitou a olhá-la aos olhos. — Inclusive uma velha solteirona como eu pode sentir-se só às vezes — reconheceu Camellia ficando séria.

— Velha solteirona? — exclamou Vitória incrédula. — Mas se aparenta ter vinte anos! Qualquer um pensaria que somos irmãs.

Ao ver a indignação da moça, Cammy a abraçou sorrindo de novo.

— Vê? Já estou melhor. É uma boa amiga, e ainda melhor irmã, Tori.

— Contigo é fácil — disse ela ainda preocupada. Antes que pudesse prosseguir com o bate-papo, Cammy trocou de tema. — Deveríamos ir ver se seu avô despertou.

Sabia que Vitória queria estar o máximo de tempo possível com o idoso. A jovem aceitou de má vontade dar por terminada a conversa e assentiu. Ambas sabiam que ao conde não restava muito tempo.

— Faz uns dias — disse Serena entre soluços e sacudindo a cabeça. — Ian me disse que queria me apresentar a alguém no dia seguinte, mas não voltou a aparecer em casa. Mande um laçao a sua moradia, mas não o encontrou. Um vizinho me disse que vira como alguém deixava inconsciente a meu filho. — Reprimiu um soluço com seu lenço. — Um bando de malfeitores o levou como marinheiro!

Grant viu que Derek fazia esforços por não rir. É que, em realidade, saber que Ian Traywick, seu esbanjador e mimado primo, tivesse que trabalhar de vulgar marinheiro tinha graça.

Podia-se dizer que era o castigo que se merecia por todas as loucuras que cometera.

Amanda se sentou junto a sua irmã, tão perto como foi possível tendo em conta os dramalhões da outra.

— Serena, precisa se acalmar.

Grant esteve a ponto de soprar. Sua tia jamais fez honra ao nome com que foi batizada.

— Pensaremos em como lhe encontrar.

— Alguém tem que ir atrás dele em seguida. Terei espasmos no cérebro até que o veja de volta.

Grant articulou em silencio "espasmos no cérebro" para seu irmão, que fingiu que tossia contra seu punho para reprimir a gargalhada.

— Já conhece o Ian! Não suportará nenhuma semana aceitando ordens de outra pessoa — assinalou a mulher, chorando de novo.

Quando todos os olhares confluíram para Grant, este inspirou fundo. Dado que passou o último ano com seu primo, o mais lógico era que fosse ele a buscá-lo. Por outra parte, ignorara as contínuas tentativas que Ian fazia de conversar e lhe contar o que estava acontecendo. Grant não soube estar à altura. E a culpabilidade começava a asfixiá-lo.

Soltou o ar que estava retendo.

— Eu o acompanhei até em casa essa noite, e ele, bom, estava ébrio. Não sei por que razão se aventurou a sair de novo em tal estado... tia Serena, irei buscá-lo. Se o levaram a um cargueiro



não podem ter ido muito longe.

— Tem razão — interveio Nicole. E, olhando a Derek, acrescentou: — Quando partirão?

— Posso me ocupar disto sozinho — respondeu Grant. — Estou seguro de que Derek não querará separar-se de ti nem do menino.

Seu irmão relaxou visivelmente, e, ao que parece, deu o debate por resolvido.

— Ian também é seu primo, Derek — insistiu Nicole. — E irá bem estar a sós com seu irmão depois de tanto tempo. Além disso, seguro que só lhes levará um par de dias dar com ele.

Seu marido exalou de um modo muito ruidoso.

— Tia Serena, não tem com o que se preocupar.

Capítulo 26

— Tori, lamenta-o?

— Humm? — murmurou da janela do quarto de seu avô. Tinha a testa apoiada contra o cristal, e olhava os prados através das gotas de uma chuva que levava semanas caindo. Tratou de imaginar tudo aquilo como lhe havia dito Nicole, como cerca e colinas que se desagradem por volta do horizonte igual às ondas no mar. Mas o que tinha ante os olhos não se parecia em nada ao oceano. A única coisa que via era um rio de lodo. Deu meia volta para olhar a seu avô, que acabava de despertar, e sorriu. — Se lamento o que?

— Ter retornado aqui.

— É obvio que não. — sentou-se a seu lado e lhe agarrou a mão. Tinha a pele como um pergaminho. — Estou muito agradecida por tudo o que tem feito. Jamais se rendeu. E nós sempre lhe amaremos por isso.

— Mas está triste, Tori, e quando era pequena não havia nem um átomo de tristeza em seu corpo — disse ele. — Suponho que é pelo naufrágio. Não sabe quanto lamento não ter podido proteger você disso...

— Não, vovô — interrompeu-o ela, pois não queria que se sentisse culpado pelo que lhe acontecera. — O que passa é que me apaixonei por Grant — reconheceu em voz baixa.

O homem ficou atônito e lhe apertou a mão.

— Ama-lhe? Preocupava-me que estivesse tão zangada que fosse incapaz de se dar conta. OH, isto sim que é uma boa notícia.

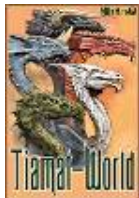
Surpreendida ao vê-lo tão contente, decidiu contar-lhe tudo:

— Ele não sente o mesmo.

O idoso a olhou incrédulo.

— Esse menino está louco por ti — respondeu, recostando-se de novo nos almofadões. Nesse momento, Tori se deu conta de que nunca o viu tão relaxado. — Tal como sonhei, em maio se casará com o Sutherland — sussurrou feliz.

Apesar de que Tori sabia que não era certo, não pôde evitar lhe sorrir com carinho e



descansar a face na palma de sua mão. Seu avô suspirou contente e voltou a dormir.

O funeral de seu avô foi tão diferente do de sua mãe como a noite do dia.

Tori só tinha esses dois para comparar. Recordou que, quando ela e Cammy enterraram a Anne, só puderam pronunciar as preces mais singelas. Oxalá tivessem sabido então algumas das reconfortantes preces que o pároco recitava agora. Desejou ter podido cuidar melhor de sua mãe e se perguntou se havia feito todo o possível por seu avô.

As pessoas lhe queriam tanto... Inclusive apesar da chuva, dezenas de pessoas foram despedir-se. E de todos eles, só um ou dois conseguiram não chorar. Tori estava agradecida de que não tivesse sofrido. Quando se deu conta de que estava morrendo, ficou junto a ele e lhe deu a mão, rezando para que lhe dissesse algo mais. Mas o ancião passou do sonho à morte sem transição. Como se por fim pudesse descansar em paz.

Depois do funeral, Vitória foi ao seu quarto com a intenção de encerrar-se ali e chorar até conseguir não sentir-se tão vazia. No pouco tempo que levava ali foi recordando muitas coisas a respeito de sua infância e de seu avô. E também o muito que seu pai e sua mãe o respeitavam, o muito que o queriam. E agora se foi.

Seguro que Grant não demoraria a aparecer para reclamar sua recompensa. Ali já não ficava nada para ela. A chuva seguiu caindo de um modo torrencial, como lhe dando permissão para aconchegar-se na cama e compadecer-se. Cammy a ajudara muitíssimo, fora seu apoio, mas Tori não queria seguir abusando dela.

Estaria muito melhor só.

Entretanto, depois de três dias comendo em seu quarto e evitando a todo mundo, os Huckabee lhe pediram para falar com ela e se negaram a esperar. Quando Cammy também insistiu, Vitória acessou a reunir-se com os três na manhã seguinte, à hora do café da manhã.

— A senhora Huckabee e eu — começou o mordomo, incômodo, quando todos estiveram sentados ao redor da mesa — perguntávamo-nos que planos têm.

Antes que seu avô chegasse à conclusão de que ia se casar com o Sutherland, esteve muito preocupado por seu futuro. Ela sempre esquivou o tema, pois só queria desfrutar do pouco tempo que ficava com o idoso. Mas agora precisava enfrentar à pergunta do que ia fazer com sua vida.

— Não sei. Sei que não fica muito dinheiro. — Aceitou um pão-doce quente da cesta que lhe ofereceu a senhora Huckabee.

Cammy se ruborizou ao agarrar dois.

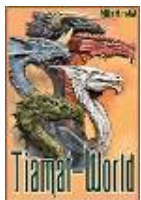
— De fato, já não fica nada de dinheiro — matizou o senhor Huckabee. — Ao final, nem sequer o conde sabia quão mau estavam as coisas. Todos decidimos ocultar-lhe. Mas podemos lhes ajudar a vender os móveis que restam e a comprar uma casinha na cidade.

Tori soltou o pãozinho.

— Na cidade? — Enrugou a fronte. Ali havia muito ruído, e todos estavam amontoados. — E o que vocês farão?

— Temos trabalho em um imóvel perto de Bath.

— Não vão ficar? — perguntou Cammy.



— Não — respondeu a senhora Huckabee, — nossas famílias levam um século trabalhando para os Dearboume aqui no Belmont. Sem lady Vitória ou seus filhos, nenhum Huckabee ficará aqui.

— Mas iremos nos assegurar de que encontrastes um lugar onde viver. — O mordomo coçou a cabeça. — Mas temos que ser rápidos, porque se em quarenta e cinco dias Sutherland não reclama a propriedade, o credor nos cairá em cima.

— Quer dizer que a propriedade não passou automaticamente a suas mãos? — perguntou a jovem devagar.

— Não, não. Seu avô e Sutherland assinaram uma emenda ao testamento do conde. Se o capitão não exercer seu direito em quarenta e cinco dias, o testamento se executará tal como dita a lei, o que significa que você herda a propriedade.

Grant estava acostumado a dizer que nunca lhe prestava atenção. Mas aquela última tarde escutou todas e cada uma de suas palavras. *Não reclamarei a propriedade.*

— E se isso ocorre?

— Então terá só um dia para saldar a dívida com o credor, ou, se não, ele ficará com tudo.

Franziu o cenho. E se Grant dissesse a sério que não queria Belmont Court? Seu avô estava muito unido a aquele lugar. Lhe dissera que "o queria com toda sua alma". Ao lhe ouvir dizer isso,

Vitória se deu conta de quanto sacrificara para encontrar a sua família. Agora Tori queria saber por que ao ancião gostava tanto. Por que seu pai morreria se tivesse que desprender-se dele, e por que sua mãe falava sempre da paz que encontrara ali. Podia ser essa decrépita casa seu destino? E se era por isso que sobreviveu a tantas desgraças? Só havia uma maneira de averiguar. Levantou e se encaminhou para a porta gritando a suas costas:

— Em seguida volto!

Pôs o casaco rapidamente e, depois de ter passado tantos dias encerrada em casa, quando abriu a porta para ir aos estábulos, o sol a cegou. Piscou um par de vezes tratando de adaptar-se à luz e, ao abrir os olhos, a paisagem que viu a deixou sem fôlego: tudo era de um verde resplandecente.

— OH — exclamou dando meia volta para ver as montanhas cobertas por tapetes de caules novos e de flores que brotavam corajosamente de entre as rochas. Aquilo era o que Nicole tratava de lhe explicar; palavras das qual Vitória começava a duvidar. Depois que a neve se fundisse, aconteceram-se dias cativos por causa da chuva e os rios de lodo, rodeados de uma paisagem desoladora. Mas agora... era impressionante.

Inclusive uma amazona tão inexperiente como ela sentia a imperiosa necessidade de montar a cavalo e sair a explorar. Decidida, tragou saliva e se dirigiu para as cavalariças em busca do Huck.

— Necessito algo que não corra — disse-lhe, — algo pequeno e de patas curtas.

— Tal como estão as coisas — respondeu o menino, — isto é quão único fica dos estábulos de Belmont Court. Estávamos acostumados a ter um estábulo cheio de belezas. Agora aqui está Princess, — e lhe mostrou uma égua que parecia haver tragado uns soníferos.

"Perfeito", pensou.

Uma vez que Tori se acostumou a seus arreios, saiu a percorrer os campos, e entendeu o



que Nicole desejou dizer. Sentiu a mesma sensação de liberdade que tão apreciada foi para ela na ilha. Os vastos prados eram tão esplêndidos e verdes como o melhor dos mares onde navegou.

Sim era muito diferente de tudo aquilo ao qual estava acostumada, mas a atraía de um modo inexplicável. Seria que suas raízes a reclamavam? Era como se uma força desconhecida a empurrasse a amar aquelas terras apesar de que ainda lhe eram desconhecidas?

Podia ao menos tentá-lo?

Perdida em seus pensamentos, deu rédea solta a sua égua, e esta acabou levando-a ao povoado. Era uma aldeia pitoresca em meio de um vale. Consistia em quatro ou cinco fileiras de casas de madeira com pequenos jardins ao redor. As ovelhas vagavam a seu desejo e os meninos brincavam e corriam atrás delas. Passou junto à praça em que quase todos os aldeãos descansavam durante a hora do almoço. Mal a viram, um grupo de homens solicitou falar um momento com ela.

Depois de uma pequena e educada conversa, justificaram-se.

— Se não tivermos sementes logo, não espere obter nada de nossos campos.

— O velho senhor Hill quebrou o braço, e este ano não poderá colher. Quem o substituirá?

— Meu filho pode fazê-lo — ofereceu-se uma senhora.

— Não diga tolices! Ainda é muito pequeno...

— É o único jovem que ficou depois de que todos nossos moços foram procurar fortuna em outro lado.

Tori se deu conta então de que no povoado só havia mulheres, crianças e idosos. Os mais jovens se viram obrigados a abandonar a suas famílias para procurar trabalho em outro lugar?

Suspirou e recordou que Huckabee lhe dissera que oito de seus filhos foram trabalhar na cidade. Até então, não entendera que o fizeram porque não tiveram mais remédio. Em meio daquela avalanche de queixa, o idoso mais novo do grupo, que se apresentou como Gerald Shepherd, disse-lhe:

— No outono passado cuidamos das ovelhas como sempre, mas quem nos ajudará este ano quando derem cria? E é preciso arrumar o teto do curral. A lã não serve de nada se molhar. Para que as possamos tosquiá-las que estão secas e aquecidas.

Então, o homem se calou, e Vitória supôs que seria porque já lhe dissera tudo o que queria lhe dizer, mas só foi tomar fôlego e continuar:

— Os campos que há junto ao riacho alagaram no outono. Quão único há agora ali é lodo, e nessa terra era onde cultivávamos quase toda nossa comida, pois os outros prados são pasto para as ovelhas.

Isso foi o que mais assustou a jovem. A comida era sua primeira prioridade acontecesse o que acontecesse.

— Assim se não drenarmos esses campos não terão comida?

— Exato.

— Não há nenhum prado livre?

— Não, a não ser que conte os jardins de roseiras — burlou ele, e todos riram.

Tratando de ocultar o pânico que sentia, ela respondeu: - Amanhã terei uma solução.



— O tempo é um luxo que não podemos nos permitir — balbuciou um dos idosos.

— O tempo é um luxo que não podemos nos permitir — repetiu Tori ao retornar para casa.

Ao entrar, procurou os Huckabee.

— Decidi que quero ficar e tratar de fazer frente aos pagamentos. Assim temos muito trabalho pendente. — e lhes contou todas as queixas dos aldeões.

Os Huckabee, incomodados, olharam um ao outro.

— Direi isso sem rodeios — disse o mordomo: — A não ser que consiga um empréstimo, não há nada a fazer. A empresa de crédito emprestava dinheiro ao conde, mas agora que este morreu, não nos darão mais.

— E se for vê-los?

— A empresa se chama West London Financiers e são implacáveis. Faz um ano, escrevemos-lhes para lhes pedir que nos ampliassem o prazo de devolução, e esse mesmo dia recebemos uma ordem de pagamento sob a ameaça de execução de toda a hipoteca.

O coração de Vitória deu um tombo.

— À senhora Huckabee e a mim, bom, nós gostamos de trabalhar, e temos que seguir adiante. Mas, tal como lhe disse, nos ocuparemos de te deixar bem instalada na cidade. Se souber administrar, poderá viver bem sem nenhum problema.

Sem a terra... Um gosto amargo lhe subiu à garganta. Por que quando estava convencida de que aquelas terras tinham alguma possibilidade se inteirava de que não poderia ficar no lugar que lhe pertencia por direito?

Pigarreou para lhes perguntar quando iriam, mas de repente recordou uma coisa. O dia em que chegaram, a senhora Huckabee lhe mostrou o quarto em que nasceu seu pai. E seu avô. E seu bisavô. E enquanto estava ali de pé, um pensamento surgiu de um nada: "Meus filhos nascerão aqui". Juntou as sobancelhas e expôs:

— Senhor Huckabee, o que aconteceria se pudesse reunir dinheiro suficiente para fazer frente ao primeiro pagamento?

— Suponho que só serviria para ganhar um pouco de tempo — respondeu ele com tristeza.

— Gente do povoado me perguntou quando Sutherland virá para ficar com a propriedade.

— E o que lhes disse? — perguntou Tori zangada.

— A verdade. Que não tinha nem ideia, mas entre você e eu, talvez essa fosse a melhor solução. Os Sutherland têm dinheiro suficiente.

la dizer algo mais, mas Tori lhe deteve.

— Me escute bem. Ele não vai ficar com esta terra. Ninguém vai ficar com esta terra! — Tão logo o disse, soube que era certo. la lutar.

Aquele lugar lhe pertencia por direito, era onde se forjaram todas as lembranças de sua família. Gostava da gente que ali vivia. Cammy, sua melhor amiga, começou a recuperar-se naquela terra tão fria...

— E se conseguisse mais dinheiro? Quanto necessitaria para sair do buraco?

O homem duvidou um instante, como se estivesse fazendo números em sua cabeça.

— Teríamos que enviar a lã ao McClure, que é o comerciante de lã. É necessário muito



dinheiro para tosquiarem as ovelhas e mandar a mercadoria à cidade.

Dinheiro. Respirou fundo.

— Digamos que consigo capital para isso...

— Então teríamos que contratar mão de obra. — O senhor Huckabee arqueou as sobrancelhas. — Possivelmente funcione. Se reunirmos dinheiro suficiente para mandar a lã prevista para este ano, talvez pudéssemos conseguir então outro crédito do West London. E poderíamos estar tranquilos durante um par de meses, talvez três.

— Pode calcular quanto necessito?

— Sim, mas inclusive no caso de que consiga o dinheiro, teremos que trabalhar muito duro para seguir adiante.

— Eu me preocupo com o dinheiro. Você averigue quanto necessito.

— Assim o farei! — Fez-lhe uma pequena reverência e saiu do despacho contente por ter uma missão tão importante.

Mais tarde, Tori se reuniu também com Cammy para lhe explicar seu plano.

— Conta comigo. Eu também posso trabalhar. Mas de onde vai tirar o dinheiro?

— Na casa restaram alguns móveis; os Huckabee ocultaram a meu avô quão mau estavam as coisas, assim que seu quarto está intacto. Também há uns quadros, — levantou-se da poltrona estragada do conde e se dirigiu à caixa forte. Dela tirou um estojo cheio de pequenas caixinhas, e vários pacotes. — Estas são as joias de minha avó; ele foi incapaz de vendê-las. — Cammy se aproximou e Tori abriu um dos recipientes para lhe mostrar as preciosas e antigas joias. — E também tenho outra coisa.

Referia-se ao anel que guardara em seu dormitório. Cammy ficou atônita.

— Não pode — balbuciou. — Não será capaz.

— Não serei capaz? Acredita que não serei capaz de fazer todo o necessário? Se com esse anel pudéssemos comprar comida nos primeiros dias que estivemos na ilha, não o teria sacrificado?

Depois de vários segundos, sua amiga disse:

— Não é o mesmo.

— Sim, é! — insistiu a jovem.

— Poderia escrever a Sutherland — sugeriu Cammy. — Ele não iria querer que acontecesse tudo isto.

— E então, por que não está aqui? Por que não veio ver se estamos bem? Eu lhe direi isso, porque não se importa. Quão único quer é reclamar a propriedade de Belmont Court. Já sabe quanto a deseja. Por que ia deixar escapar quando a tem ao alcance da mão?

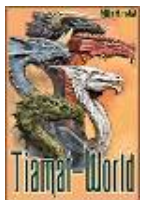
— Talvez porque te ama.

Vitória voltou a guardar as joias.

— A última vez que o vi me deixou muito claro que não sentia isso por mim, e me disse que não haveria segundas oportunidades.

— E sua família?

— Seguro que nos ajudariam, não tenho nenhuma dúvida. Mas diriam ao Grant. E não quero



que ele apareça até que as coisas estejam melhor e tenha algo com o que me defender. Ele assinou um contrato com meu avô, Cammy.

— Bom, pois teremos que seguir pensando. Deveríamos procurar um modo que possa viver fora daqui...

— Londres me deu medo; pude suportá-lo unicamente porque sabia que logo iria dali. Só de pensar em viver em uma cidade, inclusive umas três vezes menor que Londres... — Tori se estremeceu. — Preciso conseguir que meu plano funcione. Estou como na ilha. Se olhar assim, tudo fica mais claro. Eu sempre vi o potencial de tudo. Não me ficou mais remédio, — acariciou os pacotes. — Amanhã pedirei a Huckabee que vá à cidade e venda tudo o que tenho.

— OH, Tori, de verdade poderá fazê-lo? — perguntou Cammy com os olhos cheios de lágrimas.

— Sim. Esta terra é minha. — Rompia-lhe a alma ter que desprender-se de tudo aquilo, mas seguiria adiante com o plano. — Tenho que ir adiante.

Quando alguém bateu na porta, Cammy correu a abrir, mas Tori se adiantou.

— Deixe que eu adivinhe — disse-lhe do corredor enquanto se dirigia à porta, — nos quebrou um encanamento, as sementes estão mau, ou um desses anciões de oitenta anos está nervoso.

Abriu a porta e encontrou com um desconhecido.

— Sim?

Cammy ficou olhando o homem de quase dois metros que havia na soleira e que enchia o vão por completo com seus ombros. Tinha o cabelo grisalho, e sensuais olhos cinzas. Era tão atraente que poderia fazer concorrência a Ian.

Explicou a Tori que era Stephen Winfield, seu vizinho do norte.

— Sinto muitíssimo não ter podido ir ao funeral de seu avô. Estava de viagem.

Winfield? Devia ser o barão de quem os Huckabee falavam com tanto carinho. Cammy se aproximou um pouco mais para escutar melhor aquela voz tão rouca e sensual...

— Trouxe alguns mantimentos de meu imóvel.

Era a conversa mais estranha que Cammy já escutara. Incrivelmente, Tori se comportava como se aquele homem fosse um homem qualquer. E falava com ele tão tranquila como com os Huckabee. Camellia estava assombrada; ela gaguejaria se ele se atrevesse a olhá-la sequer. Em troca a jovem era capaz de articular com toda clareza.

— Não precisamos da sua caridade. Estamos bem.

— Eu gostaria de pensar que vocês me ajudariam se eu necessitasse — argumentou ele franzindo o cenho. *"Eu sim te ajudaria"*, disse Cammy para si mesmo.

Entretanto, como se a tivesse ouvido, o homem deu meia volta para ela. Abriu os olhos e ficou olhando-a.

— Que eu lhe ajudasse ou não, não tem importância — prosseguiu Vitória. — Agora mesmo não precisamos de sua ajuda.

Winfield abriu a boca para falar, mas logo a fechou como se não soubesse o que dizer. Por fim, concluiu em voz baixa: — Não importa, voltarei. — Mas não olhou a Tori ao dizê-lo, pois não



afastara o olhar de Cammy nem um segundo.

Capítulo 27

— Vender os livros? — disse a senhora Huckabee com voz estrangulada. — Muitos são primeiras edições.

— Pois esses, venda-os mais caros — replicou Tori suspirando. — Venda todos exceto os que tratem de negócios ou de comércio. Suponho que vou necessitar desses.

E, em efeito, quando Huckabee retornou depois de ter vendido as joias, Vitória começou a estudar os ditos volumes com o mesmo interesse que uma jovem da alta sociedade se prepara para sua primeira temporada de baile. O mordomo e a governanta lhe recomendaram que também jogasse uma olhada aos livros de criação, pois, ante seu horror, confessaram-lhe que não havia ninguém que soubesse nada sobre o tema.

— Quando o pastor nos abandonou, não pudemos contratar outro — explicou-lhe Huckabee. — Eu fiquei com os livros, mas a verdade é que não entendo nada de ovelhas. De cultivos sim, mas de ovelhas, nada de nada.

— Assim que ninguém sabe cuidar delas? — A gente do povoado sim, mas não como fazer negócios com elas ou com a lã.

— Devemos contratar a alguém. Ponha um anúncio no jornal. Faça o necessário, mas terá que encontrar um pastor!

Quando Tori não estava com o mordomo, procurando tudo aquilo que pudesse vender-se, dedicava-se a seguir a Gerald Shepherd. Calçava suas botas e, enquanto observava como dava de comer às ovelhas, enchia-o de perguntas. O que mais a surpreendeu foi que as ovelhas não se comportassem como tais.

De fato, sentia falta que não lardassem em vez de balir.

Quando perguntou a Gerald sobre isso, este lhe respondeu:

— Não tenho nem ideia do que lhes passa. Inclusive os cordeiros recém-nascidos assustam aos cães. Isso desconcerta às pobres bestas.

O homem coçou a barba e Vitória ficou olhando um grupo de ovelhas que subiam por umas rochas como se fossem degraus para logo saltar ao prado do lado. Supunha-se que aquelas rochas precisava fazer as vezes de trampolim.

— Nicole! — exclamou Amanda empunhando uma carta. — O conde de Belmont faleceu faz uma semana. — Correu para o jardim, onde sua nora e a Nanny tinham desdobrado uma manta para que Geoff brincasse depois de tomar o café da manhã.

— O que? — A jovem ficou em pé de um salto. — Porque não nos disseram nada? Na semana passada recebemos uma carta em que Tori e Cammy nos explicavam que estavam se



adaptando muito bem a seu novo lar.

— Não sei, mas vou averiguar.

Nicole olhou a Nanny.

— Posso lhes deixar um momento?

Amanda ouviu como a babá escocesa dizia algo assim como *"Este menino é um encanto, não tem do que preocupar-se"*. Surpreendeu-a ver que sua nora assentia e beijava Geoff antes de sair correndo atrás dela para a carruagem.

— Conduz você ou eu?

— Eu. Vamos!

Ao entrar no caminho de cascalho de Belmont Court, ambas as mulheres ficaram atônitas ao ver vitória coberta de pó, cavando um buraco. Olharam uma à outra e logo desceram do carro e se dirigiram para a moça.

— Não me importa o que precisam fazer, façam! — gritava esta. — As pedras não são importantes. Limite a arrancar o ferro. Acaso acreditam que me importa o aspecto que tenha este lugar? — perguntou a uns homens assinalando com uma mão o que antes e a um jardim cheio de roseiras e agora um pedaço de terra preparado para semear. A ponto para converter-se em uma horta. A jovem que antes só tinha olhos para Grant, converteu-se em uma mulher segura de si mesmo, e em uma tirana.

— Aham.

Tori deu meia volta.

— Nicole! Lady Sutherland! — saudou suas amigas, e logo suspirou. — Suponho que ficaram sabendo. — Ao ver que assentiam, acrescentou: — É uma história muito longa. — Por sorte, Camellia saiu para saudá-las e assim a economizou de ter que lhes contar algo mais.

— Cammy, se importaria em acompanhá-las para tomar o chá? — perguntou distraída. — Preciso arrancar esse pedaço de ferro hoje ou não nos comprarão isso.

— Claro — respondeu sua amiga com um falso sorriso. Era óbvio que ela também estava preocupada.

Amanda e Nicole conversaram com Cammy sobre pequenas coisas a caminho da saleta. Só havia quatro cadeiras, um carrinho para servir o chá e uma pequena mesa. As paredes da sala tinham ainda as marcas dos quadros dos quais foram despojadas.

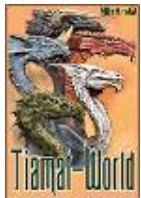
As três se sentaram de tal modo que pudessem seguir vendo como Vitória fazia avançar um cavalo para que arrancasse a porta de ferro da grade do roseiral.

— Por favor, nos conte o que está acontecendo — disse Amanda. Cammy serviu o chá em umas taças desbotadas.

— Não estamos tão mal...

— Não nos engane, Cammy — interrompeu-a Nicole em um tom que deixava claro que não ia permitir que o fizesse.

— De acordo. É horrível. — Ao lhe entregar a taça e o prato a Amanda, sua mão tremeu. — Depois do funeral, Tori passou três dias chorando. Chorava tanto que me partia o coração. Perdeu seu avô, e então descobriu que também ia perder sua casa. Inclusive no caso de que Grant não a



reclamassem, a propriedade passaria às mãos desse horrível agiota. Sentia que Grant... a traía. — deteve-se um instante. — Porque ele a trouxe até aqui para ser abandonada à sua sorte.

Lady Stanhope olhou diretamente a Nicole.

De repente, as três dirigiram a vista para fora, onde Vitória, com a testa franzida, gritava sem cessar. A porta se soltou das dobradiças sem avisar, e a garota foi parar ao chão. As mulheres se dispunham a correr para ela, mas Tori se levantou rindo e com o cabelo e a parte traseira da saia cheios de erva. Aproximou-se de Huckabee e lhe deu uma palmada nas costas.

— Bom. — Cammy voltou a olhar a suas convidadas. — A terceira noite, saiu desse estado tão lastimoso. Já não estava triste, a não ser muito, muito zangada. Mandou Huckabee a Londres para vender as joias de sua avó, que seu avô ainda conservava. Vendeu até as selas de montar. Acredito que vendeu tudo o que não estava preso ao chão. — Interrompeu-se, e todas voltaram a olhar a Vitória, que agora dava ordens aos homens movendo os braços energicamente. — E como ainda não tinha o bastante, ela... — Cammy mordeu o lábio.

— Continua — pediu-lhe Nicole.

— Vendeu o anel de casamento de sua mãe.

— OH, Deus — sussurrou a jovem uma vez que Amanda ficava atônita.

— Por que não nos escreveu? — perguntou lady Stanhope. — Por que tampouco o fez você?

— Porque ela sabia que lhe emprestariam dinheiro — limitou-se a responder. — Tori é muito orgulhosa. Além disso, não queria que Grant soubesse que o conde morrera. Queria estar preparada para enfrentá-lo quando viesse reclamar a propriedade.

— Mas meu filho nos explicou que renunciou — balbuciou Amanda.

— Também o disse a Tori, mas assinou um contrato com o conde — explicou-lhe Cammy. — Tori não acredita que se renuncie a algo pelo que trabalhou tão duro e durante tanto tempo. Eu sim acredito em Grant, mas seu comportamento é do mais estranho.

— Não é se levar em conta que está apaixonado — apontou Nicole. — Embora talvez ele nem sequer saiba.

À hora do almoço, Nicole lhes explicou onde estava Grant.

— Partiu em busca de Ian. Ao que parece, um bando de malfeitores o sequestraram e o arrolaram em um cargueiro.

Vitória abriu os olhos como pratos.

— Pobre Ian! Não posso acreditar que esteja em um navio. O que poderia fazer por ele?

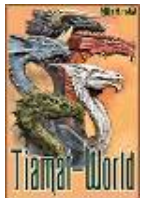
— Se Tiver sorte, Grant o encontrará e o trará de volta — disse-lhe Nicole para tranquilizá-la. — Já sabe quão consciencioso é.

— Então é por isso que não apareceu por aqui? — perguntou a garota. Nicole assentiu satisfeita. — E por que não mandou nenhuma carta? Por que não me escreveu para contar o que aconteceu com Ian?

Nicole já não estava tão contente.

— Suponho que não queria que se preocupasse. Pelo que entendi, você e seu primo ficaram muito amigos.

— Assim é.



— Ao que parece, Ian está metido em uma confusão. E Grant é especialista em que situações como essa não saiam nunca à luz.

— Antes de ir te deu algum recado para mim? — perguntou a seguir tratando de dissimular os nervos que sentia.

— Nada em concreto — respondeu Nicole.

Tori franziu o cenho.

— De acordo. Foi muito depressa; tudo aconteceu tão rápido que pode ser que me dissesse algo, mas eu estava muito ocupada me despedindo de Derek.

Talvez lhe disse algo ou talvez não, mas Vitória apostaria o pouco que tinha que não o fez...

Durante o almoço, rechaçou repetidas vezes as ofertas de dinheiro de ambas as mulheres; algumas veladas, outras mais explícitas, e algumas imperativas. Em total, as Sutherland lhe ofereceram dinheiro umas quinze vezes. Quando Vitória e Cammy as acompanharam à porta para se despedir, Nicole cruzou os braços e soltou:

— Não iremos daqui até que aceite nossa ajuda.

— Estou tão perto de conseguir... — respondeu ela. — Estamos a ponto de superar o buraco. Se tudo sair bem, poderemos seguir adiante. — Olhou primeiro a Nicole e logo a lady Stanhope. — Quero fazê-lo sozinha.

Amanda pigarreou.

— Converteste-te em toda uma... capitalista. Mas não podemos ficar de braços cruzados enquanto você perde sua casa.

— Por favor, me escutem um momento. Faz tempo li uma novela em que o herói se negava a aceitar dinheiro de seus amigos, nem sequer quando estava desesperado; e não o fazia porque seu orgulho o impedia. Quando li isso, não entendi a importância que tinha. Pensei que era uma tolice, mas que se o autor queria assim, por mim perfeito, de modo que segui lendo. Mas agora o entendo. Já sei que não sou nenhum herói, como o protagonista, mas acredito ter o seu mesmo orgulho.

— OH, Tori, não tem nada de vergonhoso que aceite um empréstimo — assinalou Nicole.

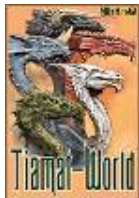
— Sim, tem, se não puder devolvê-lo — respondeu ela suspirando.

Capítulo 28

Na França, o rastro do Ian desaparecia.

Os dois irmãos levantaram a gola dos casacos para se protegerem do frio cortante do Atlântico, e fecharam os olhos para protegê-los de tudo o que o ar lhes lançava.

Caminhavam por um beco muito estreito, e optaram por refugiar-se em uma hospedaria. Derek e Grant passaram dia e noite investigando todas as pistas que encontraram sobre seu primo. E naqueles momentos, em meio daquele clima horrível, chegaram à conclusão de que não sabiam aonde ir.



Sentaram-se e pediram algo de comer.

— Temos que olhar o lado positivo — disse Derek. — Talvez tudo isto seja bom para o Ian.

— Talvez — conveio Grant sem pensar. Em uma noite como aquela, deveria estar na cama com Vitória, e não na França morto de frio.

Seu irmão estalou os dedos em frente a seu rosto para chamar sua atenção.

— Maldito seja, Grant, está assim desde que saímos de Whitestone. Sei de sobra no que está pensando, assim, não seria melhor que me contasse o que o preocupa?

O outro esfregou a ponte do nariz.

— Deixei as coisas... mal com Vitória.

— E isso o preocupa? — perguntou-lhe Derek em um tom de voz calma. — Mas se você é um homem sem emoções, incapaz de amar, etc., etc.,

— Isso não significa que não queira me casar com ela — replicou seu irmão à defensiva, — mas Vitória soltou esse ultimato sobre o amor. — Franziu o cenho. — Quando soube que estava apaixonado por Nicole?

— O dia em que me dei conta de que daria minha vida por ela — respondeu sem duvidar nem um segundo.

— Mas qualquer cavalheiro entregaria sua vida por uma dama...

— De todo coração. Faria isso de todo coração, sem duvidar nem um segundo. Além disso, quando acreditava que a perdi, era completamente incapaz de pensar no futuro, e nem queria fazê-lo. Não parava de me repetir, "ela não é para ti, segue adiante com sua vida". E justo quando decidi retornar a Whitestone, a primeira coisa que pensei foi: "Certamente Nicole gostaria de estar aqui".

Grant reconheceu que era totalmente incapaz de imaginar um futuro sem Vitória. Era como se sua mente se rebelasse contra a ideia. Passou todo o jantar pensando. Tal como já puderam comprovar em outras hospedarias, a comida era horrorosa. O que deveria ser servido quente estava frio, e o macio, duro.

Derek levou algo indeterminável à boca e, depois de franzir a sobrancelha, comentou:

— Sigo acreditando que deveríamos contratar uns detetives.

— Não posso acreditar que Ian tenha desaparecido — disse Grant. — Estava convencido de que a estas alturas já teríamos encontrado e estaríamos de volta em casa.

— Bom, ao menos agora temos claro que não há maneira de encontrá-lo. Teremos que dar parte à polícia.

Seu irmão suspirou resignado e assentiu.

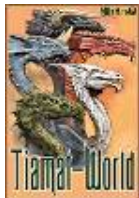
— Ian é como uma moeda falsa; já deveria ter tornado a cair em nossas mãos. Durante toda a viagem se comportou de um modo muito estranho.

Uma voluptuosa garçonete se aproximou de sua mesa e, inclinando-se e lhes mostrando o decote, perguntou-lhes: — Gostaria de algo mais, cavalheiros?

Nenhum dos dois a olhou, e ambos responderam em uníssono: — Não.

— Amanhã retornarei para casa — disse Derek logo que a garçonete se foi, ofendida.

— Compreendo — reconheceu Grant com sinceridade. — Eu primeiro tenho que atar alguns



cabos soltos; também tentarei averiguar algo mais.

— Uma vez ali, eu me encarregarei de ir ver a tia Serena — comentou seu irmão.

— Está seguro de que quer fazer isso sozinho? — Grant estava atônito. — Se me esperar, poderíamos ir juntos.

— Preciso ver minha esposa — confessou sem envergonhar-se disso. — Sinto falta dela e do pequeno. Preciso-os tanto como o ar que respiro.

Grant se perguntou se Vitória sentia falta dele. Estava convencido de que devia passar o dia jogando xadrez e explorando o imóvel. Talvez inclusive tivesse aprendido a montar a cavalo agora que se aproximava a primavera. O último dia que a viu parecia feliz e contente jogando cartas com Camellia e seu avô ali em frente à lareira. Mas ele sabia que ao conde não restava muito tempo.

Quando morresse, Grant se asseguraria de que não faltasse nada à jovem.

— Poderia enviar um cavalo a Vitória quando retornar? — pediu-lhe de repente a seu irmão. — Uma égua. Não regule em gastos.

— Farei isso, mas acredito que ela preferiria a ti antes que qualquer presente.

— Sinto-me culpado pelo Ian — admitiu, juntando as sobancelhas. — Durante a travessia, tratou de falar comigo muitas vezes, e eu me esquivei. Retornarei logo que possa, mas suponho que não iria mal recordar a Vitória que existo. — cruzou os braços. — e acredito que estarmos separados um tempo pode me beneficiar. Assim dará tempo a que lhe acometa o aborrecimento. Poderá conhecer melhor a seu avô. E, o que é mais importante — acrescentou sorrindo crédulo, — se dará conta do muito que sente minha falta.

— Odeio-lhe! — exclamou Tori quando Huckabee entregou o presente de Grant.

Cammy estalou a língua.

— Não o diz a sério.

— Pois claro que o digo a sério.

"Me deu de presente uma égua."

No que estava pensando ao lhe dar um presente tão caro? Lhe mandara esse cavalo porque sentia-se culpado? Franziu a sobrançela e sacudiu a cabeça. Não podia entender seu propósito, e isso fazia que ficasse ainda mais zangada.

Se com esse presente pretendia lhe dizer algo, Vitória foi incapaz de decifrar a mensagem. Não lhe mandara nenhum recado, nenhuma carta, nem sequer perguntara por ela a sua família... e agora lhe dava de presente um cavalo?

Cammy acariciava a sedosa crina da égua. Era uma égua magnífica, pensou Tori ao olhar aqueles olhos tão inteligentes. O animal relinchou e, com o focinho, deu à garota um golpezinho.

— Acredito que lhe caímos bem — disse Tori sorrindo. — E você também a nós. — Mas ela necessitava de um cavalo de carga, não uma égua de passeio. Fez cálculo de valor e se obrigou a tomar uma decisão. — Huckabee, escove-a e tente obter o máximo de dinheiro possível por ela. E junte também a sela de montar.

Cammy observou com tristeza como o mordomo se afastava com o cavalo.



— De verdade acredita que o conseguiremos?

— Agora mais que nunca, Cammy.

Vitória conseguiu convencer a sua amiga, mas essa noite, enquanto jazia acordada na escuridão, as dúvidas voltaram a assaltá-la. Não sabia se poderia aguentar muito mais tempo.

Ao final da jornada, quando se deitava, todo o corpo lhe doía horrores. Estava muito esgotada para seguir, e nem sequer tinha forças para chorar. Ao menos, o cansaço lhe servia para mitigar um pouco o desejo que sentia por Grant.

Mas nunca conseguia apagá-lo de todo. Seguia sonhando com ele, e cenas eróticas alagavam seus sonhos. Começava a perguntar-se se alguma vez conseguiria enterrá-lo no passado. Que era exatamente onde deveria estar.

Camellia Ellen Scott era a melhor amazona do mundo.

Ou ao menos isso acreditava ela enquanto cavalgava no lombo da flamejante égua. Ao saltar cercas e riachos, podia sentir como o sangue bombeava por todo seu corpo e como aguçava a mente. Os cascos do cavalo golpeavam a terra, e esse som lhe fez recordar sua infância, que passou quase inteira cavalgando. Estava contente de poder desfrutar daqueles arreios tão excepcionais durante dois dias, pois seu novo proprietário não iria procurá-la até então. Até que chegasse esse momento, Cammy tencionava passar o máximo de tempo possível recordando os velhos tempos. Poucos dias atrás, estava convencida de que ia morrer, mas essa manhã se sentia totalmente viva, e soube que ia seguir assim por muito tempo. Sentia-se... forte e com energia.

Saltou uma sebe rindo a gargalhadas e se dirigiu para outro.

De repente estava voando. Literalmente. Voando de costas. O cavalo, ao ver o obstáculo, diminuía a velocidade, e freara em seco, o que fez que a amazona cambaleasse, soltasse o pé do estribo e, finalmente, saísse pelos ares. Depois de recuperar-se do susto, Cammy ficou de joelhos, e a seguir se levantou. Doía-lhe a coxa, e começou a massagear o dolorido traseiro.

— Permite-me que a ajude com isso? — ouviu perguntar a uma voz profunda.

Cammy afastou a mão imediatamente e, zangada, deu meia volta. Ao fazê-lo ficou sem fôlego. *Era o barão.*

— Referia-me ao cavalo, é obvio. — Brilhavam-lhe os olhos pela risada contida. — Permite-me que ajude-a? — Desmontou e agarrou as rédeas de seus arreios, mas a de Camellia não se via por nenhum lado.

"Diga algo, Cammy. Supõe-se que tem que falar."

— Eu, ah, sim. Suponho que a égua se assustou.

— Podemos dar um passeio para ver se assim a encontramos.

Ela fez uma careta de dor ao dar o primeiro passo, e nos olhos do barão se refletiu a preocupação.

— Onde se machucou? — perguntou sem rodeios.

"Como onde me machuquei? Em um lugar muito pouco digno. Negaria-me a dizer a um médico, quanto mais a um atraente barão."



Não ficava mais remédio que mentir.

— No tornozelo. — Acaso as damas não se machucavam sempre no tornozelo? Mas antes que pudesse terminar a frase, ele já estava agachado diante dela e lhe levantando a saia.

— O que faz? Pare!

— Bom, é óbvio que não machucou muito, mas quero me assegurar de que não o quebrou nem torceu.

— Solte minha saia, senhor!

Ele levantou a vista, e parecia estar reprimindo com muita dificuldade a gargalhada.

Cammy se ruborizou. Que fosse tão bonito não lhe dava direito de burlar-se dela.

— Eu mesma examinarei isso. — e com o queixo erguido, dirigiu-se coxeando para um tronco e se sentou, lhe dando as costas. Acreditou ouvi-lo rir suavemente.

Enquanto ela fingia apalpar o tornozelo, o homem disse: — Estava nessa colina e a estive observando durante um momento. Você é uma grande amazona.

Cammy o olhou de esguelha.

— Uma grande amazona não termina no chão e sem seu cavalo — replicou.

Agora sim ele riu. A seguir se aproximou dela e ficou de cócoras para olhá-la aos olhos.

— Bom, qual é o diagnóstico?

Camellia lhe devolveu o olhar sem saber o que dizer. "*Diagnóstico? Estou atordoada.*"

— Seu tornozelo. O torceu?

— Ah! Sim, mas é só uma pequena entorse.

— Sou Stephen Winfield. E minha dama em apuros se chama?

Então foi Cammy quem riu.

— Senhor, não tem nem ideia do que significa para mim "estar em apuros". Posso lhe assegurar que isto é unicamente um insignificante contratempo.

— Ah, E seu nome é...? — insistiu ele.

"*OH, é muito encantador.*" Estava enjoada, como se todo seu corpo estivesse derretendo. Coisa que não a ajudava muito a manter uma conversa coerente com aquele homem tão atraente.

— Camellia Scott.

O homem lhe agarrou as mãos que ainda estavam sujas de terra, limpou-as em sua jaqueta e beijou uma delas.

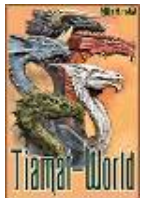
— Um prazer. — Ficaram olhando um ao outro durante muito tempo até que Cammy ouviu o soprar de um animal.

— Mi... meu cavalo! Graças a Deus. — Levantou-se e, coxeando, tratou de montar. Podia fazê-lo, apesar da agressão que sofreu e do muito que lhe doía o traseiro, mas vê-la em meio ao processo podia ser cômico. Deu meia volta e disse ao Winfield. — Obrigado por sua ajuda, mas como pode ver, tenho tudo controlado.

Ele a olhou divertido.

— Acompanharei-a até sua casa.

— Não é necessário.



O homem arqueou uma sobrancelha, e Cammy, que era muito teimosa, deu-se conta de que ele não ficava atrás. Parecia inclusive mais obstinado que ela.

— Está bem! — cedeu ao fim.

O barão montou e se aproximou. Antes que tivesse tempo de reagir, levantou-a do chão e a sentou em seu colo.

— Isto... isto não é apropriado. Acreditava que ia me acompanhar, não me levar nos braços.

— Me parece muito apropriado, tendo em conta as circunstâncias.

Cammy soltou o fôlego, resignada, e olhou para a frente.

— De acordo! Vivo em Belmont Court.

— Sei. Vi-a outro dia, lembra-se?

É obvio que se lembrava! Mas como era possível que ele se recordasse dela?

— É parente da neta do Belmont? — perguntou.

— Não, era sua governanta quando ela era pequena.

Notou como ao homem lhe acelerava a respiração.

— É você uma das náufragas? — Ela se sentiu incomodada, e levantou o queixo sem responder. — É — confirmou Winfield por sua conta. — É uma honra conhecê-la, senhorita Scott.

Cammy se voltou no colo do barão para lhe ver melhor.

— Não lhe parece estranha?

Em resposta, ele negou com a cabeça e, continuando, disse: — Acredito que antes tinha razão. Cair do cavalo lhe deve parecer uma coisinha. E o que acredito é que você é uma mulher incrível.

Cammy se sentia acalorada. O modo em que ele dizia todas aquelas coisas, com aquela voz tão grave e sensual, a fazia estremecer. Como devia lhe responder? O que podia lhe dizer?

Tratou de serenar-se. Tinha vontade de soltar um montão de tolices, de modo que optou por apertar os lábios com força com intenção de não abrir a boca até chegar em casa. Detiveram-se junto a porta principal e o barão a ajudou a desmontar, mas não a deixou no chão, mas sim a agarrou nos braços, e ela não teve outro remédio a não ser passar o braço ao redor do seu pescoço.

— Não pode entrar assim comigo! — *"Era tão forte"*... Cammy podia sentir sob a roupa como os músculos dele se flexionavam. — Não pode entrar em casa! — *"Meu Deus, como cheirava bem!"* — Por favor, me solte!

Winfield golpeou a porta com uma de suas botas, e ela gemeu envergonhada. Só desejou cavalgar um momento. Huckabee abriu, e, ao ver o rosto de surpresa do mordomo, Camellia voltou a ruborizar-se.

— Importaria de me dizer onde há um sofá?

— É obvio, milord.

O barão a segurou com mais força, e em um primeiro momento, ela acreditou que o fez para adotar uma postura mais cômoda, mas viu que o fizera para aproximá-la mais. Era uma situação vergonhosa, mas por sorte, não podia ficar pior.

Equivocava-se. Nesse momento, apareceu Tori, viu que sua amiga estava ferida, e correu



para eles como se fosse atacar ao homem.

— Você a machucou? Por que a leva nos braços?

— A senhorita Scott está um pouco machucada — respondeu ele com calma. — Caiu do cavalo. E a levo nos braços porque não quero que caminhe.

Depois de dizer isso, depositou-a com suavidade em um sofá que havia no salão e pediu que lhe trouxessem um pouco de gelo, uns almofadões e chá. Vitória duvidou um instante e olhou ao barão fixamente aos olhos, mas quando viu que Huckabee saía correndo a buscar o gelo, ela foi buscar os almofadões.

Winfield agasalhou o ileso tornozelo de Cammy entre as pequenas almofadas que tinha a seu alcance e ela o tampou com a saia.

— Permite-me que venha amanhã a visitá-la para ver como se encontra?

Ele já fizera muito.

— Não é necessário.

— Insisto.

Negou com a cabeça. Não queria que se sentisse obrigado, e tampouco queria que se inteirasse de que lhe mentira a respeito de sua lesão.

— Não acredito que seja boa ideia. — Pela primeira vez, ele deixou de sorrir.

— Claro. — E quase para si mesmo, acrescentou: — Às vezes me esqueço de quão mais velho sou.

— Mais velho? — burlou-se ela enquanto esfregava uma mancha de barro da mão. — Tem uns trinta e tantos, e é muito viril. — Ao dar-se conta do que dissera, levantou a vista.

Se a terra tivesse piedade, engoliria-a naquele mesmo instante. Em troca ele parecia contente, e seus olhos brilhavam de felicidade.

— Quarenta e poucos. Mas temo que você é muito jovem para mim.

— Não sou muito jovem para você. — O sorriso de Winfield se alargou. — Quero dizer que duas pessoas de nossa idade — Calou-se e enrugou a testa. — O que quero dizer é que se...

— Estava convencida de que lhe ia incendiar a cara. — Tenho quase trinta!

Possivelmente não se estava burlando. Nesses momentos, pareceu a Cammy que estava encantado com ela. Ou ambas as coisas. Não tinha nem ideia.

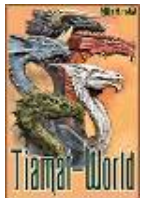
— Não consigo entender o que quer dizer, mas parece que sua teoria me é favorável...

Tori apareceu carregada de mantas e almofadas, e logo o senhor Huckabee com uma bandeja com o chá preferido de Cammy. Vitória se deu conta de como Winfield olhava a sua amiga, e não gostou. O homem deve ter sentido sua animosidade, porque, com um último beijo na mão de Cammy, deu meia volta e partiu. Mas antes de fazê-lo, disse sem voltar-se:

— Voltarei na sexta-feira, senhorita Scott.

Tanto ela como Tori ficaram olhando a porta durante um momento.

— Conta-me tudo — disse Vitória quando reagiu. Camellia lhe contou que caíra do cavalo, e o atento que o barão fora. Não omitiu as tolices que ela dissera, e, ao final as duas acabaram rindo a gargalhadas. — Ah, Cammy, fui tão mal educada com ele. Uma vez mais. Mas é que estava muito preocupada. E ele te segurava desse modo tão... possessivo.



— Sério?

— Sério — confirmou assentindo com a cabeça.

— Não posso acreditar que lhe disse o viril que me parece. E essa é só uma das muitas estupidezes que soltei. Quase não podia nem pensar.

— A julgar pelo modo em que ele te olhava, acredito que o fez bastante bem. O que vai acontecer na sexta-feira?

— Não seja ridícula — replicou a outra. — Faz que soe como se estivesse me cortejando.

— Isso é exatamente o que está fazendo. A senhora Huckabee me disse que enviuvou faz dez anos.

Cammy mal conhecia o barão, mas lhe deu lástima que lhe tivesse acontecido isso.

— Só está sendo educado. Um homem tão bonito e poderoso como ele não se fixaria em uma pálida e gasta ruiva que, até recentemente, esquecia-se até de seu nome.

— De tudo isso, a única coisa certa é que é ruiva — respondeu Tori. — Mas tenho a impressão de que, embora o resto também o fosse, não lhe importaria.

Winfield não esperou a sexta-feira, mas sim retornou na quarta-feira. Cammy correu a seu quarto e, depois de provar todos os vestidos que tinha, optou por um de cor azul marinho, se penteou e desceu a escada com calma. A dor nas costas, da qual se queixou essa mesma manhã, desvaneceu-se por completo.

Ao vê-la, o barão ficou sem fôlego, e a olhou tão embevecido que ela pensou que tinha problemas de vista...

— Tinha uma desculpa preparada para justificar minha visita. Ia dizer lhe que lamentava que não pudesse sair a passear em um dia tão maravilhoso como este. Mas o certo é que não queria esperar até a sexta-feira.

E que tinha vontade de voltar a levá-la nos braços.

— OH — foi o único que atinou a responder Camellia. Por sorte, conseguiu morder a língua antes de acrescentar: "*Meu Deus*".

— Assim, tenho uma manta, uma garrafa de vinho, um pouco de comida e sei de uma cerejeira em flor que está impaciente para que nos sentemos debaixo.

Soava tão maravilhoso que Cammy quase suspirou.

— De acordo, irei com você, mas no momento prefiro caminhar. As costas me doem menos se o fizer.

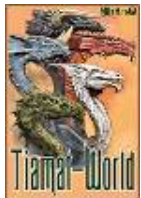
— Mas seu tornozelo...

— Mal o torci. Já disse, foi só um mero contratempo...

Ela viu que Winfield não acreditou, mas levantou o queixo e o desafiou a dizer o contrário. Com certeza um homem tão obstinado se daria conta de que ela também o era, e muito.

— Como queira.

Passearam, mais devagar do que Camellia teria gostado, até chegar a um lugar no alto da colina de onde se podia ver todo o vale, e se sentaram para almoçar. Ela tratou de conter-se e comer só um pouco de fruta, mas o barão a tentou lhe oferecendo vinho e vários manjares: damascos cristalizados, maçãs assadas, queijos, pão branco e integral recém assado e finalmente



não pôde resistir.

Quanto mais vinho bebia, mais loquaz ficava. O muito sedutor se aproveitou de seu estado e lhe fez um montão de perguntas sobre a ilha. Mas como podia lhe dizer que esteve a ponto de perder a memória, que jamais poderia comer pescado, um prato básico da dieta inglesa, e que não recordava quase nada dos últimos anos?

Como lhe explicar que desejava esquecer certas coisas? Não podia, de modo que optou por lhe descrever a flora e fauna da ilha. Ao final do dia, que foi espetacular, Winfield lhe disse:

— O tempo passa voando quando estou com você. - Agarrou-lhe a mão. - Eu gostaria de voltar a vê-la amanhã.

Cammy, ao dar-se conta de sua sinceridade, ficou olhando-o perplexa. Não lhe custaria nada acostumar-se a que um homem tão magnífico como aquele a contemplasse como se fosse uma deusa, mas não podia evitar pensar em Tori. Que direito ela tinha de ser tão feliz quando sua melhor amiga estava chorando a perda de seu avô e do amor de sua vida?

Tal como prometera, o barão retornou na quinta-feira. Mas quando lhe disse o que previra que fizessem no dia seguinte, como se fosse inconcebível que não passassem o dia juntos, Cammy o deteve.

— Eu gostaria muito de lhe ver amanhã, mas agora mesmo as coisas estão muito mal em Belmont Court.

— Como mau?

— Lady Vitória está submetida a muita pressão, e não quero lhe dar outro motivo de preocupação.

— E não se alegrará de saber que um homem, um homem bom e decente, se me permite dizê-lo, está louco por ti?

Camellia acreditou que brincava.

— Está louco por mim? — perguntou sorrindo.

— Desde o momento em que te vi — respondeu ele sério.

Cammy entreabriu os lábios, incrédula. Queria dissimular, dizer algo engenhoso, mas ele a beijou e assim evitou-lhe ter que fazê-lo. Devagar, com ternura, mas também com paixão. Naquele beijo, transmitiu-lhe mais do que ela sonhou.

Afastou-se um segundo e a olhou nos olhos.

— Me diga que você sente o mesmo.

— Sim — sussurrou. E o beijou de novo, lhe agarrando o rosto com as mãos para deixar claro que assim era.

Capítulo 29

Apesar da paisagem da costa atlântica ser espetacular, Grant não desfrutou absolutamente. Esse dia, o sol batia em um mar azul celeste, e as nuvens, de cor escarlate, alagavam o céu. Fez



diminuir a marcha de seu cavalo e, como lhe acontecia sempre que via algo tão formoso, emocionou-se. Imediatamente pensou que Vitória deveria estar ali com ele compartilhando aqueles momentos.

Derek partira há poucas horas. No dia anterior lhe dissera que necessitava de Nicole tanto como do ar que respirava. Grant por fim entendia o que queria dizer com isso: Vitória deveria estar ali com ele, e ponto.

"Como podia saber que estava apaixonado se jamais havia me sentido assim?"

O sol tocou o mar, e o céu pareceu incendiar-se.

"Ah, maldita seja." Fez uma careta de pesar e apoiou a cabeça na palma das mãos.

Ele nunca se sentira assim, e por isso não soube dar-se conta de que a amava. Negou com a cabeça. — A amo — disse para si mesmo com voz ainda incrédula. Levantou a vista para o céu e repetiu com segurança: — Amo Vitória.

Depois dessa confissão, sentiu-se impaciente por voltar para casa e dizer-lhe. Entretanto, obrigou-se a serenar-se e a seguir a última pista que tinha até o final.

Quando chegou à conclusão de que havia feito todo o possível para encontrar Ian, retornou a Inglaterra. Cavalgou dia e noite para chegar quanto antes ao canal, e passou toda a travessia passeando de um lado a outro do navio. Por sorte, era uma viagem curta. A cada milha que o aproximava mais de seu lar, mais culpado se sentia por não ter encontrado seu primo, mas já não ficavam pistas por seguir.

Quando chegou a Whitestone, levou seu cavalo ao estábulo e disse ao moço que lhe dessem ração extra como prêmio por ter se comportado tão bem, e ordenou que lhe selassem outro arreios quanto antes. Sua mãe estava no jardim, e Grant tratou de esquivá-la com uma simples saudação; a mulher o devolveu com segura.

Surpreso por boas vindas tão frio, entrou na casa morto de fome. Ainda levava o casaco cheio de pó, e jamais havia se sentido tão impaciente. Agarrou duas maçãs, o que ia constituir seu único jantar, e ao sair quase se chocou com Derek. Pelo olhar de seu irmão, deu-se conta de que algo acontecia, e entrecerrou os olhos.

— Já deu a má notícia a Serena? — Derek assentiu distraído.

— Leu no Time algo sobre uma enfermidade tropical e agora está convencida de que a contraiu e está morrendo. Fez que suas filhas a levassem a Bath.

— Pobrezinhas.

— Mas informei à polícia — prosseguiu Derek. — Disseram que logo nos diriam algo.

— Oxalá seja assim. Eu não consegui encontrar nada mais. — Grant assinalou para a Amanda com uma maçã. — Por que está zangada comigo?

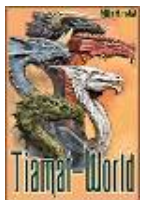
— Temo que não é só ela que está zangada. — E para confirmar suas palavras, nesse momento apareceu Nicole e, ao ver o Grant, deu meia volta.

— E por que tudo isto? — exigiu saber.

— É... é por Vitória.

Soltou as maçãs imediatamente, e agarrou seu irmão pela camisa.

— Sofreu algum dano? Aconteceu-lhe algo?



— Está bem — tranquilizou-o Derek. — Mas enquanto você e eu estávamos de viagem, o velho conde morreu.

— Como morreu?

— Sim, assim é — confirmou sua mãe, que acabava de entrar na sala. — E deixou a ela sem nada. Com menos que nada. Vitória esteve trabalhando nos campos como uma camponesa, e vendeu tudo o que não estava preso ao chão para evitar que os credores ficassem com sua casa. De fato, vendeu muito mais que isso. — Grant se derrubou em uma cadeira e tomou ar. — Teve que vender o anel de casamento de sua mãe. — O anel que Camellia arrancou do dedo de lady Anne antes de enterrá-la, — olhou ao Grant. — Você trouxe Vitória aqui e logo a abandonou.

Seu filho ficou de pé quase de um salto.

— Já sabe por que tive que ir...

— E por que não se assegurou de que tivesse suficiente para viver antes de ir? Por que não pediu a ninguém que cuidasse dela? Você era o único que sabia quão mau estavam as coisas em Belmont. Nós não tínhamos nem ideia. Você sabia que estavam arruinados.

— Se por acaso não se deu conta, não fico em plena posse de minhas faculdades quando estou perto dessa garota. Além disso, não acreditei que lorde Belmont fosse morrer tão cedo.

— Pois o fez, e você deixou sua neta abandonada a sua sorte... ou isso é o que ela acredita. Sente que volta a estar sozinha e, igual fez quando ocorreu o naufrágio, está fazendo todo o necessário para sobreviver. E embora te custe acreditar, estou certa de que conseguirá. Também teve que...

Grant correu para a porta.

Chegou a Belmont Court na metade do que se demorava habitualmente. O imóvel transbordava energia, e as mudanças saltavam à vista, mas ele não se deteve para apreciá-los e correu para a entrada. A aldrava desaparecera. Franziu a testa. Era Impossível que também tivessem que vendê-la. Nervoso sem saber muito bem porque, golpeou a porta, mas ninguém foi abrir. Viu que não estava fechada e entrou.

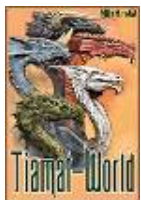
Procurou Vitória por toda a casa, e ao final deu com ela no escritório.

Grant acreditava que estava preparado para aquele momento, mas quando a viu, massageando as têmporas e olhando preocupada um livro de contas, o coração lhe deu um tombo. Ele não queria que estivesse preocupada. E muito menos por assuntos como a contabilidade. Se havia algo em que podia ajudá-la era com os números. Recordou a si mesmo que Vitória mesma lhe dissera que não necessitava que a cuidasse.

Maldição, ele precisava cuidar dela.

Um pensamento foi a sua mente e os nervos entraram em pânico: talvez não conseguisse fazer as pazes com ela, nem voltar portanto a tê-la em seus braços.

Ainda tinha muito trabalho que fazer, e a cabeça lhe doía tanto, que parecia que fosse explodir. Inclusive o canto dos pássaros que se amontoavam na manjedoura que ordenara pendurar na janela fazia que lhe retumbassem os tímpanos.



Estirou os braços para ver se assim lhe aliviava a pressão que sentia na nuca. Deixou cair os braços de repente e ficou sem fôlego. *"Grant?"* Estava na porta, observando-a, Quanto tempo estava ali? Tori franziu o cenho.

Aquele homem não teria escolhido pior dia para reaparecer.

Sem que o convidasse a isso, entrou no escritório.

Quem teria acreditado que iria irromper em sua casa daquele modo? Como se lhe pertencesse. Deteve-se frente à escrivaninha. Seguro que o surpreendia vê-la cansada e furiosa como estava. Mas se ela tinha mau aspecto, o dele era ainda pior. O via cansado, e parecia estar profundamente alterado. Tinha a roupa e as botas cobertas de pó, e fora até ali sem sequer se barbear.

Tori o olhou preocupada, até que ele, como se nada tivesse acontecido, deixou o chapéu em cima da mesa e se sentou. Esse gesto a irritou, e fez que se sentisse terrivelmente possessiva a respeito de Belmont Court.

— Temos que falar. — *"Por favor, me diga que não vieste reclamar Belmont Court. Me diga que não a quer como eu..."* — Preciso te explicar o que aconteceu nestas últimas semanas.

— Encontrei o Ian? — perguntou-lhe ela.

— Não, não o encontrei — respondeu ele, pesaroso.

Vitória afastou a vista, não queria que visse sua tristeza. Estava convencida de que acharia Ian, como ocorreu com ela, e lhe doía ver que não foi assim.

— Por isso vieste? — Voltou a olhá-lo. — Para me dizer que não o encontrei?

— Não. Não de tudo.

— De que mais quer falar? Temo que não tenho tempo, nem vontade, de receber visitas, — espetou-lhe, e se alegrou de que não lhe tivesse tremido a voz.

Grant a olhou fixamente.

— Levamos semanas sem nos ver. Não pode me dedicar um pouco de tempo?

— Por isso está aqui? De visita? Deveria ter me avisado.

— Sabe perfeitamente que não estou aqui por isso... que não vim só te visitar.

— E como quer que saiba? — Frustrada, levantou as Palmas das mãos. — A última vez que te vi, jurou que não iria retornar...

— Comportei-me como um imbecil, e lamento.

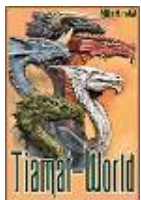
Lamentava? "Sei que sente", gritava o coração de Vitória. "Sei que sente." A dor de cabeça era agora como uma garra lhe apertando as têmporas. Recordou a si mesmo que jurou que não lhe perdoaria mesmo que dissesse de joelhos que a amava. E Grant nem sequer estava aproximando-se disso; estava quase tendo que lhe arrancar as palavras.

— Não tenho tempo para isto — disse ela ordenando os papéis. — Tem que ir.

— Não quero ir ainda. — Zangado, passou os dedos pelo cabelo. — Preciso falar contigo.

Tori se levantou.

— Pois eu não tenho que falar contigo. E, se a memória não me falha, em todas as ocasiões em que discutimos, sempre se saiu com a sua, assim agora é minha vez. Adeus, Grant. — Ele a olhou, incapaz de acreditar no que estava acontecendo. — Acabou-se. Já disse que vá, —



encaminhou-se para a saída para enfatizar sua decisão e ouviu os passos dele seguindo-a.

Quando abriu a porta e ele atravessou a soleira sem pigarrear, a moça se sentiu decepcionada, pois acreditava que ia lhe pedir perdão. Sem aviso prévio, Grant a rodeou pela cintura e a aproximou de seu corpo. Logo procurou seus lábios, e esse mero contato foi tão explosivo como sempre. Ela não o esbofeteou nem tratou de soltar-se, mas sim se limitou a não fazer nada. Mas passados uns segundos, não pôde resistir mais e entreabriu um pouco a boca. Ele gemeu, Tori também. Suas mãos se procuraram desesperadas.

Mas então, Grant se afastou um pouco, dando o beijo por finalizado. Vitória ouviu como um lastimoso gemido saía de sua própria garganta. Quando abriu os olhos e recuperou a razão, voltou a levantar suas defesas.

Ele esfregou o rosto.

— Isto não acabou absolutamente.

— Um beijo não significa nada— justificou-se ela. — Sempre sentimos atração física um pelo outro. Se tivesse escutado algo do que lhe disse antes que se fosse, saberia que eu queria algo mais.

— Estou disposto a lhe dar isso. — respondeu Grant como se lhe fizesse uma promessa.

Tori, furiosa, sacudiu a cabeça.

— Não brinque comigo. Acreditava que foi o bastante honesto para não passar do "nos casamos só por luxúria" a "te darei tudo o que queira" em umas poucas semanas. Um período de tempo no qual, deixa que lhe recorde isso, estivemos separados e não tornamos a falar do tema, — massageou as têmporas. — A última vez que nos vimos deixou as coisas muito claras, e apesar de que então não acreditava assim, cheguei à conclusão de que tinha razão em tudo.

— Não. Não. Comportei-me como um maldito...

— Quero que saiba que te desejo toda a felicidade do mundo — interrompeu-o ela com frieza, e fechou a porta ante aquele rosto cujo desconcerto lhe rompeu o coração.

Mas Vitória só conseguiu um dia de paz. Na manhã seguinte, igual a um cão em busca de um osso, Grant voltou a estar ali. Como só restavam umas semanas para que a propriedade de Belmont Court passasse legalmente a suas mãos, Tori decidiu evitá-lo a qualquer custo.

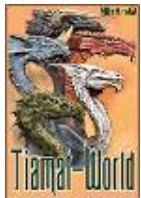
Esquivar-se dele ali estava sendo tão fácil como teria sido na ilha. Cada vez que os cães ladravam, ela saía da casa ou se encerrava em um armário e lia. Um dia, estava na cozinha junto com a senhora Huckabee quando o ouviram chegar...

A mulher lhe deu um tranco que a lançou dentro da despensa antes que Grant entrasse. Em outra ocasião, Huck a escondeu no celeiro, onde desfrutou da adorável companhia de uns gatinhos. Quanto mais o evitava, mais contente estava. Certamente que estava.

Vitória decidira seguir com sua vida sem ele, e isso para Grant era inaceitável.

Ao golpear a porta de Belmont Court, recordou pela enésima vez o frio olhar com que Vitória o recebeu no dia de sua volta. Concentrou-se para fazer frente a sua ira, mas cobrir-se com sua resignação foi muitíssimo pior. Entretanto, ela lutara por ele, e Grant não ia fazer menos...

Elaborou um plano. Organizar-se. Lutar e conquistar eram pautas que, ao menos nos negócios, funcionava. Depois de muitas súplicas, conseguiu que sua mãe e Nicole o ajudassem, e



dado que Vitória parecia haver se esfumado, não descansaria até recrutar também a Camellia.

A senhorita Scott não pareceu alegrar-se muito de vê-lo.

De fato, ao abrir a porta lhe disse:

— Tenho que te confessar que eu não gosto que esteja aqui.

Mas ao menos o deixou entrar. A mudança de aspecto de Cammy desorientou Grant um pouco. Aquela mulher esguálida e pálida se convertera em uma vibrante amazona.

— Senhorita Scott, tem muito bom aspecto.

Acreditou que lhe sorriria ou, no mínimo, agradeceria.

Mas em vez disso, ficou olhando-o.

— Por que deveria sequer te falar? Você machucou muito a Tori.

— Sei... e posso explicar. Tive que ir procurar ao lan...

— Ela já sabe por que foi, mas não pôde lhe mandar nenhuma mísera carta? Nem pedir a alguém que cuidasse dela?

— Acreditava que a alegraria me perder de vista. Em especial depois do que me disse o último dia.

— Agora sim se alegra — disse Cammy quase para si mesmo.

— Maldita seja, Camellia. Pensei que estar um tempo separados ajudaria a que lhe acomesse o aborrecimento. E assim teria sido se o conde não tivesse morrido durante minha ausência.

— Quero que saiba que o único motivo pelo que aceitei falar contigo é porque sua mãe e sua cunhada me pediram isso — respondeu ela acompanhando-o ao salão. — Tem sorte de que Tori não esteja hoje em casa.

Quando a mulher se sentou em uma das poucas cadeiras que restavam na sala, Grant fez o mesmo.

— Não me resulta nada fácil te pedir ajuda.

— E por que diabos deveria te ajudar? Rompeu-lhe o coração.

Grant enrugou a testa e se recordou de como Vitória esteve fria e distante a última vez que a viu.

— Pois não se comporta como alguém com o coração quebrado.

— Você em troca sim, o faz.

Grant assentiu lhe dando a razão.

— E mereceu isso — prosseguiu ela enfadada.

— Deus, eu gostava mais quando não tinha memória.

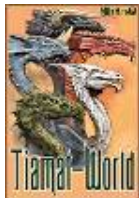
Cammy entrecerrou os olhos enquanto ele esfregava a ponte do nariz.

— Sinto muito, Camellia, mas estou desorientado. A única coisa que quero nesta vida é me casar com Vitória, cuidar dela...

— Amá-la?

— Mais que tudo — respondeu olhando-a aos olhos.

— Assim foi por isso que Amanda e Nicole insistiram tanto em que te visse. Surpreende-me que tenha dito isso.



— Digo a quem quiser me escutar — exclamou, levantando as palmas das mãos. — Até o moço do estábulo sabe que estou perdidamente apaixonado.

— Bom. E o que pretende fazer?

— Vitória me disse que entre nós não havia carinho, que não havia cumplicidade. E de momento, não posso convencê-la de que passe tempo comigo. Assim, o que posso fazer? Quero lhe demonstrar que sim existe tudo isso entre nós, mas será impossível se tiver que persegui-la por toda a casa. E a última vez que a vi, tudo aconteceu muito rápido.

— E você estava nervoso, claro.

— Não, não estava nervoso. — Ao ver que Cammy não acreditava, optou por retomar o tema que lhe interessava. — Estive pensando muito nisto, e quero passar o que resta do mês a sós com ela.

— Tori não sairá daqui — respondeu sacudindo a cabeça. — E, se o fizesse, passaria todo momento pensando em todo o trabalho que tem pendente, o que seria como se não tivesse saído de Belmont Court.

— Então, eu me instalarei aqui. Mas preciso conseguir que estejamos juntos e sozinhos.

— Destroçará sua reputação — assinalou Camellia. — Não pode vir aqui sem mais e começar a viver com ela.

Grant estava preparado para rebater esses argumentos.

— Belmont Court está longe de tudo, e sei que nunca recebem visitas. A gente do povoado e os Huckabee são leais até a medula. Pense, se não fossem, a estas alturas já teriam aparecido vários jornalistas perguntando pelas náufragas. E conheço seu vizinho, o barão. É um bom homem, e jamais contaria nenhuma intriga sobre ninguém.

Camellia ficou pensando em silêncio, e era óbvio que não sabia o que fazer.

Grant, ao ver que começava a duvidar, apertou-a um pouco mais:

— Se o pior chegar a acontecer, minha mãe prometeu que dirá que estive aqui todo o tempo, fazendo de dama de companhia.

— Tori mandou redigir uns documentos — disse Camellia por fim. — Quer que os firmes e ter assim por escrito que renuncia a Belmont Court, — estudou o rosto de Grant. — Ajudarei se...

— Assinarei esses documentos.

— ... e deixar que eu os guarde, — a mulher arqueou uma sobrancelha. — Se não conseguir reconquistá-la, dentro de duas semanas perderá a Tori e Belmont Court. Está disposto a se arriscar?

— Só quero a ela — replicou apertando os punhos. — Maldito seja todo o resto.

Cammy tossiu ante a explosão de Grant.

— De acordo, te ajudarei — disse, — mas conste que só o faço porque sei que ela te ama. Mas se lhe fizer mal...

— Não o farei.

A mulher o apontou com um dedo.

— E não se atreva a lhe oferecer dinheiro ou a tratar de arrumar a casa você sozinho. Tori quer, mais, necessita, fazê-lo por si mesma.



— De acordo — aceitou sem pensar.

— Os dois sozinhos, você disse?

— Se for possível...

Camellia arqueou as sobrancelhas e ficou pensando.

— Os Huckabee retornaram a sua casa recentemente. Só ficaram aqui para fazer companhia ao conde. E eu...

— Talvez pudesse ir passar uns dias em Whitestone?

— Não se preocupe, direi a Tori que tenho um tórrido romance com o barão e que vou com ele a sua cabana de caça durante um par de semanas.

— Não quero que minta por mim — disse Grant sério.

— Não mentirei — replicou, lhe piscando os olhos.

Capítulo 30

— E o teto do estábulo para as ovelhas? — perguntou Tori a Huckabee em uma das reuniões que celebravam em seu escritório três vezes por semana.

— Ainda não recebemos o orçamento dos materiais.

— E o tosquio?

— No final da primavera chegarão os tosquiadores. Mas querem cobrar a metade do salário adiantado.

— Conseguirei reunir a quantia necessária — disse ela suspirando. — As terras do vale?

— Virão drená-las no final do mês.

— Há tempo para colher algo nelas? — Entrecerrou os olhos.

— Assim é — assegurou-lhe o mordomo com um sorriso.

— O melhor será que amanhã nos vejamos no estábulo para fiscalizar as reparações.

— Depois de tomar o café da manhã vai bem?

Tori assentiu, maravilhada pelo inquebrável entusiasmo de Huckabee. Por alguma estranha razão, o homem estava encantado de como ela estava resolvendo as coisas.

A senhora Huckabee lhe contara que seu marido dissera que jamais trabalhara para alguém tão envolto com suas terras e com tanto conhecimento sobre as mesmas. Huckabee se foi com passo decidido e o queixo erguido.

Vitória estava pensando em tudo o que precisava fazer quando Cammy entrou no escritório.

— Como vai o dia? — perguntou, ao sentar-se na cadeira que havia em frente a escrivaninha de sua amiga.

— Bastante bem, suponho.

— Huckabee está muito contente.

Tori assentiu sem pensar.

"Esse estábulo nos vai cair em cima, e com o preço da madeira ultimamente..."



— Queria te dizer que vou me afastar uns dias.

Essa frase captou a atenção da jovem imediatamente.

— O que? Quando?

— Ia lhe contar isso faz uns dias; Winfield e eu estivemos nos vendo. Muito.

— Já imaginava. E, a julgar por como te ruboriza, diria que o seu relacionamento é algo mais que uma mera amizade.

Camellia assentiu.

— Quer que vá passar o resto do mês com ele, na cabana que tem em Devonshire. Diz que é um lugar muito bonito.

Vitória não soube como responder a isso; mas tinha claro que queria que sua amiga fosse feliz. Duas semanas em uma das paragens mais bonitas da Inglaterra com o homem que amava... Uma parte de si mesmo estava ciumenta.

Mas Cammy merecia isso mais que ninguém no mundo.

— Seguro que o passará muito bem.

— Eu contei tudo, Tori — sussurrou-lhe, aproximando-se. — Tudo o que aconteceu na ilha. E me disse que estava muito orgulhoso de mim.

— Assim tem que ser — respondeu a moça, contundente. — Salvou a minha vida.

— Bom, você também salvou a minha. — Ao ver que Tori lhe sorria com lágrimas nos olhos, perguntou-lhe. — Ficar bem se te deixar por duas semanas?

Não pensou nisso. Duas semanas ali sozinha.

— Estarei bem.

— Pois está decidido. O barão virá me buscar amanhã ao meio dia.

— Amanhã? — perguntou com um nó na garganta.

— Seguro que estará bem? — insistiu Camellia.

— É óbvio — tranquilizou-a ela como se não tivesse importância. Mas quando Cammy se foi no dia seguinte, esteve tentada a pedir aos Huckabee que voltassem a instalar-se na mansão. Grande tolice.

Aquela era sua casa, e se pôde sobreviver na selva, bem podia passar umas quantas noites ali sozinha. Mesmo assim, à medida que se aproximava o anoitecer mais temor sentia naquele lugar tão grande.

— Grant, onde diabos se meteu? — perguntou-lhe sua mãe quando ele retornou de sua viagem de três dias. — Supõe-se que esta tarde teria que ir a Belmont Court.

— Já sei — respondeu ele, e fez uma careta de contrariedade ao ver que Nicole também entrava na sala. Naquele momento, era a última coisa que necessitava.

Já estava bastante nervoso pelo que vira naqueles três dias, e além disso estava ficando tarde.

— Agora não tenho tempo para isto...

Tentou se esquivar de sua cunhada e alcançar a porta, mas ela cruzou os braços ante ele



bloqueando a passagem.

— Sim, por que não nos conta onde esteve? Estamos impacientes por saber.

Grant se moveu para a esquerda e ela fez o mesmo. Exasperado, passou uma mão pelo cabelo.

— Maldita seja, acredito que eu não gosto muito de ter uma irmã.

Isso fez Nicole sorrir, mas ela não se afastou.

— Para que saibam, passei estes três dias percorrendo o país, — baixou a voz como se tivesse vergonha. — Recuperando todas as coisas que Vitória vendeu.

As duas lhe sorriram como se ele fosse um cachorrinho que acabasse de fazer uma gracinha. Grant se limitou a olhá-las, confuso, e saiu dali para ir trocar de camisa e recolher um novo arreio para encaminhar-se a Belmont Court.

Vitória estava tão concentrada em suas coisas, que quase tropeçou com um homem que levava um colchão para a casa.

— O que é isto...?

Tori não gostava de surpresas. Tinha muitas diariamente.

— Uns móveis que estamos desembalando.

Então viu que havia outro homem entrando com um travesseiro de cama.

— De onde saíram?

Com o cotovelo, o moço mostrou uma carruagem que havia no caminho.

— Sutherland, — agora ia lhe comprar móveis? Era vergonhoso que se desse conta de que não tinha e pretendesse solucioná-lo.

— Levem por favor, e digam ao capitão que não aceito seus presentes. — Embora aquele aparador do fundo ficaria perfeito em...

— Não são nenhum presente. Está se mudando. — Nenhuma bofetada a teria sacudido tanto.

— Um momento. Detenha-se agora mesmo e dirija sua fileira de laboriosas formigas para outro lado! — ao ouvir uma risada a suas costas, esticou-se.

— Fileira de formigas?

Não era necessário dar a volta para saber que era Grant.

Vitória o fulminou com o olhar.

— O que acredita que está fazendo?

— Me mudando.

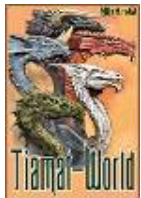
— Esta casa é minha. — destacou-se a si mesmo com o polegar. — Minha. E você não pode aparecer por aqui sem mais.

— O contrato diz que é minha — corrigiu ele sem alterar o tom de voz.

— P... Mas disse que não a queria. Que não a reclamaria.

— E você disse o mesmo— respondeu levantando as sobrancelhas.

— Mudei de opinião — replicou Tori sublinhando cada palavra.



— Eu também.

Grant se dirigiu a seu novo dormitório com Vitória atrás.

— Não! Não pode fazer isto. Sabe o muito que trabalhei? Tenho quebrado minhas costas tentando levar adiante esta propriedade. É minha, ganhei isso.

Ele se deteve. Não podia fazê-lo. Não podia lhe machucar. Mas estava desesperado, e precisava voltar a tê-la perto.

— Eu também — espetou-lhe. — Dediquei um ano inteiro de minha vida para te buscar em troca de poder ficar. Vou me instalar.

— E me joga assim, sem mais? — perguntou ela com voz entrecortada.

Então Grant se deteve e apressou em tranquilizá-la.

— Quem disse algo de jogar? Você e Camellia podem ficar aqui todo o tempo que quiserem...

— Pretende que viva aqui contigo? — inquiriu Vitória quase como se tivessem que lhe arrancar cada palavra.

— Entendi que estão procurando alguém para administrar e controlar o tosquio das ovelhas. Assim acabo de contratar a mim mesmo.

Ela estava furiosa. Melhor. Se tivesse chorado, se o lábio inferior continuasse tremendo, Grant não teria sido capaz de seguir adiante...

— Farei que te arrependa de ter tomado esta decisão — ameaçou. — Em menos de uma semana você terá ido daqui para sempre...

Ele a ignorou e deu meia volta para dirigir-se aos operários:

— Levem tudo isto ao segundo piso, quinta porta à direita.

— Esse dormitório está ao lado do meu!

— Sêrio? — perguntou Grant com um olhar provocador.

Vitória se esforçou muitíssimo para não chorar. Mas mais tarde, enquanto caminhava de um lado a outro de seu quarto, era quase impossível evitar. Insultá-lo a ajudava. Dar pontapés às coisas, ainda mais. Como podia lhe fazer isso?

Ouviu-o passear por "seu" dormitório, e decidiu que jamais esteve tão zangada com ninguém. Se alguma vez se questionou sua decisão de ficar, agora estava mais decidida que nunca a permanecer ali. Seu sentido da propriedade aumentava a uma velocidade vertiginosa. E que ele decidisse interferir precisamente então era intolerável. *E, Deus santo*, podia ouvir como se refrescava com a água. Imaginar-lhe sem a camisa, molhado... não lhe faria nenhum bem.

Negou com a cabeça. "Mudarei para outro quarto!", decidiu, mas logo descartou a ideia. Primeiro perderia seu quarto, logo Belmont Court. Precisava resistir.

Além disso, se mudasse, Grant não demoraria para fazer o mesmo para instalar-se de novo a seu lado. Alguém golpeou a porta que comunicava os dois quartos. "Será um cara de pau!" Abriu de repente e teve que reprimir a vontade que tinha de lhe dar um pontapé. Sua atitude indiferente não a ajudava a acalmar-se. Estava apoiado no marco e, com o olhar, percorreu seu rosto, os seios, logo as pernas de cima abaixo e, ao chegar ao final do percurso, voltou a subir.

Seus olhos escureceram, igual a quando fizeram amor.

Um olhar assim podia fazer que qualquer mulher se esquecesse do porquê estava zangada...



— O que vamos comer?

"Vamos? Vamos!"

— A sério acredita que vou te dar de comer? Ou que te perguntarei se quer?

— Deixará sem jantar a um homem faminto?

— É você esse homem? Pois claro que sim, — ia fechar a porta no seu nariz quando a bota dele se interpôs em seu caminho.

— Me escute, Vitória, a sério acredita que encontrará o modo de me expulsar?

— Pode estar seguro — respondeu ela erguendo o queixo.

— E por que não tira proveito enquanto estou aqui? Sou forte, poderia te ajudar. Posso trabalhar...

Viu o que pretendia.

— Trabalhar aqui te daria direito a reclamar Belmont Court.

— E se jurasse não utilizar jamais isso contra você?

— Também me disse que não queria este lugar. Que estranho, mas acredito recordar que há pouco disse que estava aqui porque "mudou de opinião..."

— Dou-te minha palavra.

Tori ficou olhando-o. Não sabia por que, mas estava convencida de que podia confiar nele. E ter um pouco mais de ajuda podia ser crucial nesse momento.

Tomou ar e disse:

— Como me deito cedo, faz muito tempo que jantei. E, além disso, isto não é um hotel; no futuro ninguém vai te cozinhar nada quando desejar.

— Compreendo— disse ele assentindo. — Significa que esta noite vai me alimentar?

— Farei, mas a contra gosto. E tenha por seguro que me pagará isso com acréscimo.

O sorriso de Grant lhe parou o coração. Foi doce e sensual, e tão mortífero como um tiro. Vitória afastou a vista e foi para a cozinha para lhe servir um prato de guisado e um pouco de pão que pareciam deliciosos.

— O que faremos amanhã? — perguntou.

Tori duvidou. Estava mais perto de capitular do que Grant acreditava.

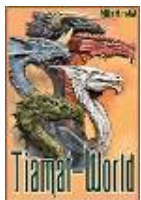
Com voz fraca disse:

— Apareça junto ao pasto que há ao norte a primeira hora da manhã.

Embora Grant chegasse minutos depois do amanhecer, Vitória, Huckabee e um ancião do povoado já estavam na grade, esperando-o. Parecia adorável, com suas botas de trabalho e aquele chapéu de palha. Usava umas enormes luvas onde lhe desapareciam as mãos.

Ele sorriu, a moça o olhou feio.

Procurando concentrar-se no trabalho, Grant estudou a cerca e viu que estava toda quebrada. Olhou em todas as direções em busca dos trabalhadores. Ficou furioso. Claro que Vitória precisava trabalhar como um deles, não havia ninguém mais. Ela já passara por muitas coisas nos últimos meses, e não estava disposto a permitir que se esgotasse trabalhando como



uma camponesa.

Agarrou-a pela mão e a afastou um pouco para lhe falar em privado.

— Demoraremos dias para arrumar isto. Por que não contratou mais homens? — Tori ficou olhando sua mão. — Por quê? — insistiu ele antes de soltá-la, apesar de que isso era a última coisa que queria fazer.

— Podemos começar? — respondeu a garota.

— Assim lhe escaparão as ovelhas. Sempre é melhor prevenir que remediar.

Ela entrecerrou os olhos.

— Agora me vem com provérbios? Bem, então eu te direi outro: o dinheiro não cai do céu. E embora dispusesse dele, não há ninguém a quem contratar. Toda a mão de obra da zona se foi faz tempo a procurar trabalho em outros lugares mais prósperos. — Baixou a voz. — Como te atreve a questionar minhas decisões?

"Bom começo, Grant."

— Eu... —tragou saliva. — sinto muito. É que me preocupa que precise trabalhar tanto sem ajuda.

A garota ficou atônita ao ouvir sua desculpa. Deu meia volta balbuciando que tinha um dia muito ocupado por diante. Assim, Grant passou as horas seguintes trabalhando como um possesso, principalmente para evitar que os outros tivessem que fazê-lo. O ancião, Gerald Sheperd, parecia estar a ponto de desabar a qualquer momento,

Vitória cambaleou várias vezes ao erguer-se, e o rosto de Huckabee adquirira uma preocupante cor vermelha. Mas havia algo mais que o empurrava a seguir: Vitória estava obcecada examinando tudo o que ele fazia, por isso passava o dia perto. E uma vez em que ele levantou a camisa para poder se secar com as abas o suor da testa, viu-a ficar embevecida lhe olhando o peito e o abdômen, antes de afastar a vista, sem dar-se conta, Tori passou a língua pelos lábios. Depois disso, Grant seguiu trabalhando ainda com mais entusiasmo.

Quando a jovem se deu conta de que conseguiriam arrumar a cerca antes que terminasse o dia, olhou-o com os olhos tão cheios de orgulho que Sutherland teria trabalhado até arrebentar. Ao entardecer, quando cravou o último poste, estava exausto e quase já não pensava em deitar-se com ela. Quase. Mas os desejos que sentia por abraçá-la e por dormir a seu lado eram assustadores.

Entretanto, quão único queria era que se deitassem juntos e lhe acariciar o cabelo até que dormisse. Secou o rosto e o pescoço e caminhou para onde estava a garota, perto da carroça puxada por um cavalo.

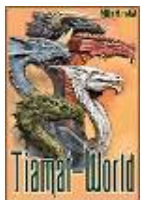
— Nos dá bem trabalhar juntos.

— Parece muito satisfeito consigo mesmo.

— Estou.

— Pelo pouco que sei destas ovelhas, saltar esta cerca será para elas um jogo de meninos. Mas claro, você já não estará aqui para ver.

— Eu sei muito sobre ovelhas — recordou-lhe Grant. — Ocupei-me com as de Whitestone durante quatro anos.



Tori deu de ombros, e estava tão cansada que não pôde evitar bocejar.

— Temos que retornar, deve descansar — disse Grant, e logo deu boa noite aos outros dois homens. Sorriu, pois sabia de sobra que ambos iriam se presentear com um par de jarras da cerveja que a mulher de Sheperd já lhes trouxera antes. Eles mereciam.

Logo se deu conta de que Vitória não era a única que trabalhava muito. Os Huckabee faziam de tudo. O homem exercia de mordomo, capataz e camponês. E sua mulher era cozinheira, governanta, acompanhante e mais. Quando a moça voltou a bocejar, Grant a agarrou por debaixo dos joelhos e, antes que pudesse protestar, sentou-a no cavalo com que ele foi ao campo.

Vitória abriu os olhos assustada.

— É muito alto... — gaguejou, — muito grande.

— Tranquila, eu irei caminhando e segurarei as rédeas. Está muito cansada para ir a pé.

Ela relaxou um pouco ao ver como controlava o animal, mas mesmo assim se segurou com força à crina do mesmo.

— E se estou cansada, o que isso te importa?

— Importa-me, e muito.

Tori franziu o cenho, como se não pudesse entender aquele homem. Grant tampouco entendia a si mesmo. Agora que por fim sabia o que sentia por ela, não conseguia compreender por que demorou tanto dar-se conta disso.

Permaneceu calado o resto do trajeto e, quando a ajudou a desmontar, não tentou nenhuma aproximação. Depois que Vitória se deitasse, escreveria a Nicole para lhe pedir que mandasse trabalhadores de Whitestone para ali. Sabia que a moça ficaria furiosa quando os visse, mas mesmo assim, a primeira hora da manhã pediu ao moço do estábulo que entregasse a carta.

Durante as duas noites seguintes, por volta das doze, Tori se assegurou de fazer um ruído horrível para que Grant não pudesse dormir. Arrastava os móveis do quarto de um lado a outro ou batia as madeiras de sua janela, ou fazia ranger as dobradiças. A primeira hora da manhã, dava um pontapé na porta do quarto dele para despertá-lo, mas ao final, essas táticas acabaram por esgotá-la também. Sutherland em troca não perdeu seu bom humor nem um segundo, e seguiu adulando-a cada hora que passavam juntos.

Seguia-a em todas as partes para aprender como ela fazia as coisas e, depois do incidente da cerca, nunca mais voltou a lhe oferecer conselho. Embora Vitória soubesse que segurar a língua desse modo devia estar matando-o.

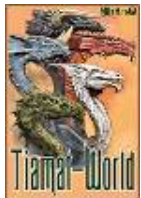
Melhor. Mas precisava reconhecer que era agradável ter perto a alguém que podia abrir os potes ou alcançar as estantes mais altas. Ela só precisava insinuar que necessitava de ajuda, para que Grant aparecesse imediatamente.

— Sabia que tinha força de vontade — disse ele uma tarde, quando transportavam a manjedoura das ovelhas peça a peça, — mas nunca vi ninguém lutar tanto por algo.

"Lutei assim por ti — pensou ela. — E olhe do que me serviu. Só para ficar mau."

— E de que outro modo se luta? Precisa esforçar-se para conseguir o que se quer. Se não, de que serve?

— Estou de acordo — respondeu Grant, mas a olhou como se estivesse se referindo a outra



coisa.

Ele teria lido o seu pensamento? Tê-lo perto todo o dia, ver aquele musculoso corpo trabalhar sem descanso, era insuportável; mas algo mais estava lhe acontecendo, algo muito pior.

Grant tinha senso de humor, e começava a mostrá-lo.

Um dia, um cordeiro o atacou e, quando Tori deu um ataque de riso, ele se uniu a suas gargalhadas. Ela ficou gelada, estupefata por ouvi-lo. Sua risada era sensual e profunda, e seu sorriso... Quando a viu esteve a ponto de soltar um par de palavras malsoantes, porque soube que lhe seria impossível resistir.

Outro dia, a caminho do estábulo das ovelhas, o vestido de Vitória enganchou em um prego e ela quase ficou nua. Grant voltou a rir. Mas precisava dizer em seu favor que ao ver como estava zangada, tentara não fazê-lo. De fato, esforçou-se tanto que lhe encheram os olhos de lágrimas ao reprimir as gargalhadas enquanto ia ajudá-la. Soltou-lhe a roupa do prego e entregou o pedaço de saia que lhe rasgara. Mais tarde, voltou ao lugar e arrancou o malvado prego.

Essa noite, antes que escurecesse, Tori ia a caminho do celeiro para dar aos gatinhos umas sobras, e ao passar pelo pátio, viu Grant e Huckabee.

Ao que parece, enquanto chegava a hora do jantar, estavam aproveitando aqueles momentos de paz para fumar charutos, beber uma cerveja e conversar sobre as próximas colheitas. Estava convencida de que Grant não a vira, mas assim que disse "gatinho, gatinho", apareceu detrás dela.

A jovem deixou o prato no chão e deu meia volta. Ao ver a expressão do rosto dele, sorriu. O capitão Sutherland estava bêbado. Levantou uma sobancelha.

— Suponho que Gerald trouxe um pouco de sua cerveja caseira para ti e para o Huckabee.

— É muito forte. — esfregou o queixo e esse gesto captou a atenção da garota.

— Acreditava que se barbeava todo dia.

— Estive muito cansado para me lembrar sequer. Por algum estranho motivo... — prosseguiu com um sorriso contagioso — não durmo muito bem.

— Inclusive um animal sabe que é necessário ir embora de um lugar onde não está cômodo — respondeu Tori também sorrindo.

O muito canalha riu. Cada vez o via mais relaxado e caseiro, muito diferente ao Grant que rechaçou. Aproximou-se dela e lhe sussurrou ao ouvido.

— O único motivo pelo qual me barbearia seria se soubesse que posso te beijar. — Acariciou-lhe a face com os dedos. — Não iria querer irritar a pele do seu rosto. Ou das coxas.

Tori ficou sem fôlego.

"Não me importaria", pensou, mas em seguida brigou por fazê-lo.

Deu um passo para trás, balbuciou uma estúpida desculpa sobre a preparação do jantar, e saiu correndo... Meia hora mais tarde, Grant desceu para jantar. Recém barbeado. Sabia o que pretendia. Já que não podia amá-la, se propôs a seduzi-la.

E que Deus a ajudasse, porque cada vez que lhe olhava o rosto, e via aquela mandíbula tão forte, aquelas maçãs do rosto tão bem raspadas, seu coração saía pela boca. Tencionava beijá-la essa mesma noite? Sacudiu levemente a cabeça. Era impensável que se excitasse só olhando-o!



O jantar foi uma tortura, e Vitória se levantou antes de terminar, e, ignorando a decepção que viu nos olhos dele, foi a seu escritório. Recostada em sua poltrona, estudou a estratégia que Grant estava seguindo. Tori lhe dissera que queria algo mais que mera luxúria, e lhe respondera que não podia lhe dar mais nada. Estavam em um beco sem saída.

Quem ia sair vencedor? Antes, sempre que chegaram a uma situação como aquela, a opção de Grant era a que acabava ganhando. Agora ele estava enlaçando sua vida com a dela, enredando-as de tal modo que era impossível saber onde começava uma e onde acabava a outra. E não se referia só ao futuro do imóvel. Grant estava fazendo planos para ir às bodas que ia se celebrar no sábado seguinte na aldeia.

Umás bodas a que a própria Tori tinha muita vontade de assistir. Ela jamais vira pessoas de oitenta anos casarem-se; e agora provavelmente já não pudesse vê-lo. Soltou uma maldição. A gente do povoado já os considerava coproprietários de Belmont Court, e todos os olhavam como se fossem um só. Mas não eram uma equipe. Ela não era a metade de nada. Aquele imóvel era dela. Em menos de uma semana lhe pertenceria por direito. Ficaria livre de Grant; não estava disposta a viver uma vida sem amor com alguém incapaz de comprometer-se.

Queria que se fosse antes que se esquecesse por que o amor era tão importante, e sucumbisse assim ao desejo que sentia por ele. Mas esse não era o único motivo pelo qual estava tão angustiada. Sabia que não era justo que, havendo um melhor proprietário - melhor porque tinha dinheiro, - fosse ela quem ficasse com o imóvel. Precisava conseguir que os comerciantes lhe rebaixassem um pouco mais o preço. Tori voltou para os livros de contabilidade até que os números começaram a dançar ante seus olhos.

Repassou os contratos que assinaram com McClure, o comerciante de lã, mas não conseguia entendê-los. Transcorridas umas horas, dormiu com a cabeça apoiada na mesa em cima dos livros sobre a malha da lã, contratos e informes que o senhor Huckabee encontrara relativos à propriedade. Ali estava tudo o que produziam, como e quando.

Tori sonhou com ovelhas, apesar de que ultimamente chegara a odiar a esses torpes animais. Despertou incômoda, esfregou os olhos e moveu o pescoço para ambos os lados. Não podia pensar. Não lhe davam bem os negócios, e diariamente podia com prová-lo.

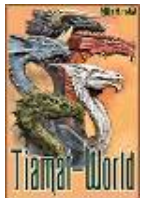
"Maldição, tenho que fazê-lo melhor."

Enrugou as sobrancelhas, ordenou os papéis e voltou a começar. Era já meia-noite quando lhe nublou a vista, mas paradoxalmente, foi então quando viu tudo claro. Havia um engano. Um engano maravilhoso. Olhou todos os contratos em busca só dessa linha. Todos e cada um deles continham o mesmo engano; como não percebera?

Durante anos, McClure comprara lã à granja de seu avô.

Mas eles não produziam lã, a não ser algo muito, muito mais caro. Eles produziam... angorá.

Capítulo 31



Ao amanhecer, Vitória organizou uma reunião com os Huckabee para lhes contar o que descobrira. Teve que lutar contra si mesmo para não convidar também ao Grant, e logo se sentiu culpada por não fazê-lo.

Por que queria compartilhar essa notícia com ele? Porque queria que visse que era muito ardilosa e que encontrara algo que escapara a todo mundo? *Não, não era por isso.* Quão único Tori desejava era vê-lo sorrir quando se inteirasse de sua descoberta. Seguro que o faria. Ultimamente sorria com facilidade.

Grant estava se convertendo em uma peça indispensável para Belmont Court. E para ela também. Mas nem sequer a noite anterior, até estando meio bêbado, disse algo carinhoso, e muito menos que a amava. Seguiam em um beco sem saída. Com sua descoberta, Tori assegurava a posse do imóvel, de modo que precisava guardar esse ás na manga.

Depois de lhe explicar ao casal todos os detalhes, disse-lhes:

— Escreverei a McClure para lhe comunicar seu engano. Deve-nos milhares de libras, e um montão de interesses. — Sorriu à senhora Huckabee. — Outro dia aprendi essa palavra.

Felizes pela descoberta, não puderam evitar bater palmas. Mas então, o mordomo ficou sério.

— E se o fez de propósito, com intenção de extorquir ao conde? Pense um pouco, o pastor se foi, seu avô estava doente e já não se ocupava de seus negócios como antes, e eu me limitava a resolver o dia a dia. Parece-me pouco provável que esse tipo não soubesse o que estava acontecendo, e que seja casualidade que cometesse esse engano justo quando a granja passava por seu pior momento.

A jovem se derrubou em sua poltrona.

— Tem razão. Tem toda a razão. O que podemos fazer? Denunciamos-lhe?

— Se for à justiça — disse a governanta, — não verá nem um centavo em anos.

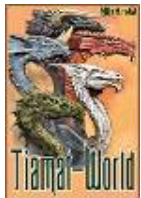
Huckabee golpeou o joelho com a mão.

— Já sei. Podemos fazer o que se chama "um pacto entre cavalheiros". — Viu que as mulheres enrugavam a testa e explicou: — Faça uma cópia de todos os contratos para mandar a ele, e depois escreva: "Espero que se comporte como é devido".

— "Um pacto entre cavalheiros" — repetiu Tori golpeando o queixo com os dedos. — Vale a pena tentar. O que podemos perder?

Assim passou quase todo o dia copiando os contratos e preparando o pacote para que os entregassem a McClure. Se Huck conseguisse alcançar a carruagem dos correios, os documentos chegariam a Londres pela manhã.

Ao dia seguinte, estava tão nervosa e tensa à espera de ver como resolviam as coisas, que optou por trabalhar sem descanso, mas de repente, um grande alvoroço a interrompeu. Correu para a entrada, que era de onde provinha o ruído, e por ali apareceram também os Huckabee. Os três viram que Grant saía a receber uma carruagem de Whitestone onde estavam uma faxineira, uma donzela, uma cozinheira e um carpinteiro, cujo primeiro encargo ia ser arrumar o teto do



estábulo. Os Huckabee irradiavam felicidade, a mulher quase desmaiou do alívio que sentiu, e ambos ficaram olhando Grant embevecidos.

Tori se foi dali como uma fúria, precisava afastar-se de todo o mundo, mas Grant a seguiu até o salão. Quando ela deu meia volta, ele estava tão perto que pôde agarrá-la com suavidade pelo braço.

— Parece cansada — disse-lhe preocupado.

— Como se necessitasse que precisamente você me recordasse isso — respondeu Vitória, afastando-se...

— Deveria pedir que lhe preparassem um banho — sugeriu-lhe com voz tentadora e sensual.

Estava esgotada e, que Deus a perdoasse, a ideia do banho lhe parecia celestial. Deitar na banheira com água quente até o queixo... Ver-se tão capaz de cair na tentação a pôs ainda mais furiosa.

— Não quero nenhum banho, e não queria nenhum outro criado. Nem sequer sei onde colocá-los.

— Podem instalar-se no terceiro piso da outra ala.

— Essa área não se pode esquentar — objetou Tori esfregando a têmpora.

— Aproxima-se o verão.

— Mas algo terão que cobrar...

— Eu me farei cargo de todos os gastos imprevistos.

Ela ficou à defensiva.

"Não quero que o faça", pensou.

Parecia tão razoável... e o que dizia tinha tanta lógica... mas a moça só sentia vontade de lhe arrancar a pele em tiras. Em vez disso, optou por responder:

— Muito preparado, Grant, assim todos pensarão que Belmont Court te pertence. Acaso acredita que não sei o que pretende?

Ele a olhou incrédulo e ofendido.

— De verdade pensa que contratei a toda esta gente para fazê-la ficar mal em vez de acreditar que o fiz para que tenha uma vida mais cômoda? — Estava furioso. — Será que não me conhece?

— Sim, e aprendi a minha custa que é capaz de tudo para conseguir o que quer. Agora, com este gesto, todos irão a ti quando se precise tomar alguma decisão.

— De verdade quer que vá — disse ele sacudindo a cabeça. — Maldita seja, Vitória! Negue.

Ela não disse nada.

— Acreditava que começava a se dar conta de que nos dava bem trabalhar juntos, que podíamos fazer que isto funcionasse. — Soava muito desgostoso — mas vejo que não é assim.

Caminhou furioso para o estábulo e selou seu cavalo. Viu a jovem de pé junto a uma janela, mordendo nervosa o lábio e acariciando com um dedo as velhas cortinas, e se perguntou se acreditaria que ia para não retornar. O que Grant havia dito era o que realmente pensava; estava convencido de que Vitória começara a lhe perdoar.

Saiu do salão como uma fúria e cheio de remorsos, mas com quem estava mais zangado era



consigo mesmo. Deve ter lhe machucado muito se ainda guardava tanto rancor.

Só pensar em que ela passara mal por sua culpa o deixava louco.

Não, não ia deixá-la. Nem esse dia nem nunca. Enganchou o carro de ferramentas ao cavalo e foi construir uns metros mais de cerca. a daquela zona não estava quebrada, mas logo estaria, e ele precisava fazer algo. Quando conseguisse que Vitória se casasse com ele, teriam as melhores cerca de toda a região. Um pouco antes do anoitecer, lhe acabou o material e se aproximou do rio para lavar-se. Logo, lançou umas quantas pedras à água e ficou sentado na borda durante um longo tempo, observando como se afundavam.

Quando escureceu, deitou-se em uma rocha para observar as estrelas. Estavam onde gostava que estivessem, porque se achava na Inglaterra, escutando como o entorno se dispunha a dormir, com o corpo cansado de trabalhar. Deveria estar contente, mas sabia que, enquanto não conseguisse casar-se com a mulher que amava nada o faria feliz.

Maldita fosse, sentia falta dela... levantou-se e estirou os doloridos músculos, perguntando-se se também sentiria sua falta. Tinha medo de que Vitória de verdade tivesse decidido enterrar no passado o que acontecera entre os dois... e que não queria recuperado.

A via muito forte e decidida a isso. Olhou para Belmont Court como se dali pudesse distinguir a jovem. Mas o que viu o deixou sem fôlego. Esfregou os olhos e, incapaz de acreditar, fez um esforço por enfocar bem a vista.

O vale estava em chamas.

Capítulo 32

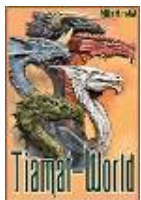
Tori estava deitada na cama, olhando o papel de parede. Sentia-se Igual àquele velho quarto: cansada e abandonada. Depois que Grant se foi, esteve se perguntando se era possível que, a cada hora que passava, sentisse mais sua falta.

Sua tristeza aumentava, e tinha medo de que não deixasse de crescer jamais.

Teria ido? Para sempre? Bom, certamente não lhe dera motivos para ficar. *Maldição!* Grant não podia render-se, não depois de ajudá-la a descobrir o muito que necessitava dele para viver. O muito, muito canalha. Resignada a não poder tirá-lo de sua mente, levantou-se e foi ao seu quarto para cheirar seu travesseiro. Deitou-se em sua cama e se abraçou a ele. Era impossível que, ao cheirar seu aroma, sonhasse mais com o que de costume. O fazia todas as noites. Sempre.

OuvIU uns ruídos no piso inferior e se levantou de um salto desejando com todas suas forças que fosse ele. Mas ao abrir a janela, uma luz ao longe captou sua atenção. O pânico fechou sua garganta. O estábulo estava ardendo.

Desceu a escada a toda velocidade sem deixar de gritar nem um segundo, e correu para o estábulo. Ali tinham às ovelhas doentes e às prenhes, pois necessitavam mais cuidados e mantimentos. Quando chegou ao vale, mal podia respirar, mas viu que um grupo de gente do povoado formara uma fila para ir aproximando baldes de água aos que tratavam de apagar o



incêndio, apesar de que estava se estendendo com tanta rapidez que já não havia nada que fazer. Temeu que lhe dobrassem os joelhos, mas se obrigou a aproximar-se ao fogo para ver se podia ajudar em algo; e então piscou sem compreender o que tinha ante os olhos. Através das chamas, distinguiu Grant em um extremo do estábulo. Chamou-o, mas ele não podia ouvi-la. Correu para onde estava, mas o calor a fez retroceder. Viu que tirou o casaco, e que com o mesmo tratava de tirar as ovelhas que continuavam ali. A Tori pareceu que algo o golpeará, pois caiu ao chão e desapareceu atrás de uma cortina de fogo.

Por um momento se levantou... mas voltou a cair. Recolhendo a saia, Tori correu pela erva, escorregando a cada dois passos, para a outra ponta do estábulo. Quando chegou ali, olhou para dentro, mas não viu Grant por nenhum lado. Ficou sem ar como se lhe tivessem dado um murro. Respirou fundo, tragando um montão de fumaça, e o chamou sem obter resposta.

Não, não podia assustar-se.

"Encontra-o e o tira daí." Decidida, deu um passo para as chamas.

Um braço de aço a rodeou pela cintura e a impediu, afastando-a das cavaliças e lançando-a ao chão. Ao cair, a jovem perdeu a respiração. Grant se lançou em cima justo quando o teto desabava, fazendo saltar pelos ares milhares de lascas ardentes.

Quando recuperou o fôlego, Tori lhe sentou em cima escarranchado e se perguntou onde lhe bater primeiro. Como se atrevia a arriscar sua vida daquele modo? Acaso não sabia que não podia viver sem ele?

— Deus, Vitória — suspirou Grant lhe pondo as mãos na cintura. — Se soubesse que iria reagir assim, eu mesmo teria incendiado o estábulo...

— Olhe que é um estúpido — respondeu ela esbofeteando-o. — Obstinado! Isso é o que é. — Um murro. — Teria que te matar com minhas próprias mãos. — Golpeou-lhe o peito como se fosse um tambor.

Quando a moça golpeou com mais força, optou por trocar os papéis e, lhe segurando as mãos por cima da cabeça, tombou-a no chão colocando-se por cima.

— Não! — Ela tratou de soltar-se. — Não acabei!

— Eu sim!

Tori arqueou os quadris para cima e ele gemeu.

— Amor, acredito que isso não consegue o efeito que buscas.

Os olhos da moça se encheram de lágrimas.

— Por que estava aí dentro? Por que não saíste depois de cair a primeira vez?

Grant lhe soltou as mãos e se deitou a seu lado.

— Não caí.

— Vi como caía duas vezes.

— Suponho que é o que parecia — respondeu ele enrugando a fronte. — Mas só queria agarrar umas coisas.

— Que coisas?

— Nada — respondeu incomodado.

Mas então a garota ouviu os miados.



— Os gatinhos! — voltou-se para o som e viu como várias cabecinhas peludas saíam de debaixo do casaco de Grant em busca de sua mãe. — Dava-os por mortos... estavam aí acima, no celeiro.

— Sua mãe ia levando um a um. Mas logo o fogo se estendeu. O cinza...

— Agora todos são cinzas.

— O pequeno que não para de se mover... não colaborou muito no resgate.

Tori não podia deixar de sorrir.

— Por isso voltou a agachar? Para resgatar o último gatinho?

— De perdidos, ao rio — sussurrou ele.

Viram a gata levar dali à última de suas crias.

— Acredito que acaba de se converter em meu herói. Em meu salvador de gatinhos.

— Já basta — balbuciou Grant. Beijou-o no rosto.

— Não sabia como chegar até aqui.

— Maldita seja, Vitória. Tem que prometer-me que jamais voltará a fazer algo tão perigoso para tratar de me ajudar.

— Não posso — respondeu a jovem sem olhá-lo.

Acariciou sua face e secou as lágrimas que deslizavam por suas faces.

— Por quê?

Tori o olhou aos olhos.

"Porque te amo. E agora muito mais que antes..." Sábia que não podia viver sem ele, e passasse o que passasse, ia dizê-lo.

Ouviram que Huckabee os chamava ao mesmo tempo em que corria para eles.

— Estão bem? — perguntou.

Grant soltou o ar e se deitou de costas, afastando-se de Vitória.

— Estamos bem — tranquilizou-o ela, mas agora que Sutherland se separou de seu corpo, começou a tremer.

Grant ficou em pé de um salto.

— Huckabee, diga que esquentem água para encher uma banheira — pediu.

— A garota nova já está fazendo-o.

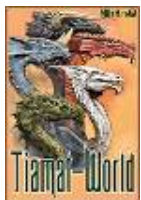
— Perfeito.

Grant levantou Tori do chão e, depois de agarrar também seu casaco, envolveu-a com o objeto estreitando-a contra seu corpo e pondo-se a andar. Apesar da fumaça e da fuligem, Vitória imaginou que ainda podia cheirar o aroma de sua pele.

A meio caminho, tropeçou, e ele a agarrou nos braços. Quando ela se remexeu para acomodar-se melhor, Grant interpretou mal o gesto e acreditou que queria soltar-se.

— Tranquila, só estou te ajudando — disse doído.

Tori relaxou entre seus braços. Acaso acreditava que isso era a única coisa que ia lhe permitir fazer essa noite com ela? Subiu-a até seu quarto, abriu a porta do banho de um pontapé e pareceu aliviado ao ver a fumegante banheira que havia justo diante da chaminé. A água desprendia abundante vapor.



Deixou-a junto à banheira.

— Poderá se arrumar sozinha? — perguntou-lhe em voz baixa e rouca.

Não, não podia. Não queria perdê-lo de vista, e sabia de um método muito eficaz para retê-lo ali. Baixou a vista e, com acanhamento deslizou um dedo pela água.

— Ambos cheiramos a fumaça, e esta banheira é grande o bastante para duas pessoas. Toda esta água...

Mordeu o lábio, nervosa, perguntando-se o que fazia Grant, mas não havia nem levantado a vista quando ele já estava tirando as botas. Apressou-se a desabotoar a camisa, e logo levantou os braços para que ela o ajudasse a tirá-la. Seus dedos ansiosos se dirigiram logo às calças do homem, que encolheu o estômago ao sentir como as desabotoava; uma leve carícia que o deixou sem fôlego.

— Entre na água, Vitória. — Tinha a voz entrecortada. — precisa se aquecer.

Esteve tentada a não fazê-lo para ver se Grant fazia amor com ela ali mesmo. Mas ele a agarrou pelos ombros e, depois de lhe fazer dar a volta, deu-lhe um carinhoso tapa no traseiro empurrando-a para adiante.

Com pernas trêmulas, Tori se introduziu na banheira. A água a cobriu até os seios e, estendendo as mãos para ele, suspirou. Grant se meteu também na água e colocou Tori entre suas pernas. Ela acreditou que ia beijá-la, mas a moveu até conseguir que sua cabeça descansasse sobre seu amplo torso. Então, agarrou a barra de sabão e, com muita delicadeza, lavou-lhe o cabelo.

Ao acabar, o recolheu no alto da cabeça para poder lhe ensaboar as costas e os ombros antes de deslocar-se para a parte dianteira. Mal lhe tocou os seios. Estava concentrado banhando-a. enxaguou seu cabelo um par de vezes até que se sentiu satisfeito.

— Agora é sua vez — disse Vitória colocando-se atrás de Grant. Igual ele havia feito, a jovem o ensaboou e lhe massageou os músculos das costas antes de lavar seu cabelo. Quando lhe tocou o seu torso, assegurou-se de apoiar contra ele para que pudesse sentir seus seios contra a pele de suas costas. Nesse instante, o homem deu meia volta, ficou de joelhos, e se segurou à banheira atrás de Tori, rodeando-a com seus braços.

Inclinou-se para frente e a beijou e mordeu a clavícula a caminho de um seio.

Ela arqueou as costas para lhe dar melhor acesso. Quando a lambeu pela primeira vez, os músculos dos braços se flexionaram com força.

Vitória se segurou a eles com as mãos para poder erguer-se um pouco mais.

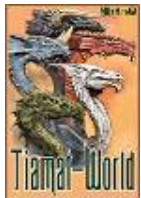
Grant a lambeu e beijou sem piedade, e justo quando a jovem acreditava que podia ter um orgasmo só de sentir aqueles lábios sobre seus seios, ele sussurrou contra um desses excitados mamilos:

— Não posso mais, faz muito que te desejo.

— Pois me leve para cama — murmurou.

Sutherland respirou fundo e se levantou, mas Vitória ficou quase parada, em especial desde que a impressionante ereção masculina ficou frente a seus olhos, reclamando toda sua atenção.

Ele ofereceu uma mão para ajudá-la a levantar-se, mas ela a ignorou, apoderando-se em



troca do que mais lhe interessava. Grant gemeu como se lhe doesse, mas Tori não teria podido soltá-lo por nada do mundo. Tão duro e sedoso, com gotas de água desenhando todas as curvas de seu musculoso estômago e percorrendo depois sua entreperna.

— Senti falta de tudo isto...

Antes que pudesse detê-la, beijou-o com todo o amor que sentia. Notava-o arder sob seus lábios, tremer contra sua língua, e isso lhe dava ainda mais vontade de lambê-lo e beijá-lo tal como ele o havia descrito tantas noites atrás.

Com um som quase desumano, ele afundou os dedos nos cabelos dela, que era incapaz de distinguir se a empurrava a seguir ou insistia que parasse, pois era como se Grant tampouco soubesse o que fazer.

— Não sabe o que significa isto para mim. Ver seus lábios sobre mim e saber que deseja me agradar com sua boca. Sonhei com isto tantas noites...

— O que mais sonhou? — perguntou Vitória justo antes de lhe percorrer a glândula com a língua.

— Meu Deus.

O homem jogou a cabeça para trás, e a moça observou fascinada como se marcavam todos os músculos de seu torso e de seus braços. Seu corpo exsudava força. Grant não respondeu a sua pergunta, mas sim a tirou da banheira, secou-a com uma toalha e procedeu a lambê-la cada centímetro de seu corpo.

Tori tratou de fazer o mesmo, mas ele a abraçou e a olhou aos olhos.

— Assustei-te a última vez que fizemos o amor? Fiz-te mal?

— Não, absolutamente.

— Então, deixa que te ensine o que mais sonhei. — Suas palavras a fizeram estremecer da cabeça aos pés.

Levou-a para a cama, a colocou em cima e se sentou com as costas recostadas no travesseiro e as pernas estiradas. Tinha tanta força, que a colocou onde queria com facilidade, separou-lhe as coxas e, como fizera antes no vale, sentou-a escarranchada em seu colo.

Fariam o amor assim?

Ela em cima dele?

Antes que pudesse formular a pergunta Grant lhe pôs as enormes mãos no traseiro e aproximou o sexo de Vitória a seus famintos lábios. Quando a lambeu, gemeu de satisfação contra aquela delicada pele e ela tremeu de prazer. Tori sentiu que se excitava cada vez mais e, ao ouvir Grant gemer de novo, soube que ele também se deu conta.

— É doce como o mel.

Em um estado total de abandono, a moça afundou os dedos no cabelo do homem para aproximar-lhe ainda mais. Ao fazê-lo, ele exalou e a levou para baixo, até colocá-la em cima de sua ereção. Mostrou-lhe o que queria e a torturou com uma lenta descida. Para Grant também era uma tortura, a julgar por como esticava os tendões do pescoço e os músculos do torso.

Vitória soltou o ar que não sabia que retinha. Era incrível... A outra vez não a penetrara tão profundamente, e mesmo assim, não estava todo em seu interior.



— Estou tão a ponto... — gemeu ela.

Imediatamente, ele voltou a levantá-la e a aproximou de novo a seus lábios para devorá-la com esmero.

— OH, Deus— gritou Tori arqueando as costas e movendo-se em cima daquela língua que a estava enlouquecendo. Ia cair pelo precipício, mas esta vez era muito mais alto, quase aterrador.

Quando apoiou as mãos na parede que havia em cima da cabeceira da cama, estava pronta para deixar-se levar pelo prazer, Grant a afastou e a colocou sobre seu colo. Mas esta vez, ele moveu os quadris para cima.

Vitória o olhou aos olhos. Parecia ansioso, torturado, sem uma gota de seu famoso autocontrole, e isso a levou ao limite. Gritou e se estremeceu envolvendo-o por completo, cavalcou-o, arqueando os quadris cada vez que Grant empurrava, assegurando-se assim de que o prazer fosse insuportável...A olhou enquanto alcançava o orgasmo, e seus olhos se escureceram, cheios de um desejo puro e selvagem.

Tori ainda tremia quando ele a abraçou com força e se derrubou sob suas mãos, gritando seu nome e enchendo-a com toda sua essência.

Capítulo 33

Difusos raios de sol penetravam por entre as cortinas do quarto de Vitória e despertaram Grant. Baixou a vista para seu torso e ficou sem respiração ao ver as mechas loiras que o cobriam. Podia ser tão afortunado?

De verdade passou as primeiras horas do dia fazendo amor com ela e não sonhando-o, como sempre? Sim, o dessa noite foi real... incrível e maravilhosamente real.

Ainda o assustava um pouco a magnitude do desejo que sentia.

Era como um anseio incontrollável. Mas agora, com sua amada adormecida entre seus braços, a única coisa que queria fazer era abraçá-la, estreitá-la com força para ver se assim ela entendia o que ele sentia, o muito que o confundia a força desses sentimentos.

Grant jamais se atreveu a sonhar com aquilo, e o assustava ver o perto que esteve de jogá-lo pela amurada. Queria recrear-se naquelas doces carícias, mas sabia que precisava ir ver como ficara o estábulo, e tomar as medidas necessárias para repará-lo.

Assim, muito a seu pesar, levantou e se vestiu com cuidado de não despertar a jovem.

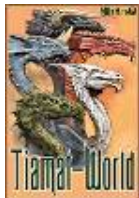
Deu-lhe um beijo antes de ir-se.

Quando chegou às cavalariças, viu que não ficou nada em pé da estrutura. E que em seu lugar só havia um montão de cinzas fumegantes. Encontrou-se com o Huckabee e, depois de falar sobre o assunto, decidiram que os poucos trabalhadores que havia ali comesçassem a limpar.

O primeiro objetivo de Grant era contratar mais mão de obra.

O segundo, descobrir quem lhe atirou esse golpe.

Ainda aturdida pelos acontecimentos da noite anterior, Vitória se sentou atrás da



escrivanhinha de seu avô. Suas emoções foram da total alegria por haver feito amor com Grant ao mais profundo desespero pelo incêndio do estábulo. Quando Sutherland apareceu na porta, Tori nem sequer teve que lhe perguntar como estavam as coisas. Podia vê-lo em seus olhos.

Ele suspirou e meneou a cabeça negando.

— Justo antes da tosquia e da temporada de cria — disse a jovem, resignada. — Nada poderia nos ter feito mais dano.

Grant levantou as sobrancelhas e ela se deu conta de que utilizara o plural. Não importava. Cedo ou tarde se daria conta de que não ia deixar lhe escapar. Sutherland se sentou em uma cadeira, diante de Tori, e lhe contou o que ele e Huckabee decidiram a respeito da reconstrução do estábulo.

— Espero não me haver excedido em minhas funções.

— Não, estou de acordo com tudo o que disse — tranquilizou-o ela. — Eu teria feito o mesmo.

Inclinou-se para frente apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Vitória, temos que falar do incêndio. Foi provocado.

— Isso é impossível...

— Cheirei o querosene. Havia um atoleiro disto ardendo, e também um montão de terra empapada. Como se alguém tivesse espalhado o líquido inflamável por todo o chão.

— Por que? — perguntou a garota segurando-a cabeça.

— Suponho que para te mandar um aviso. Ou para fazer-te mais vulnerável.

— Quem? Quem faria...? — interrompeu-se quando uma suspeita começou a formar-se em sua mente.—Faz um par de dias mandei uma carta a nosso comprador de lã. Estive nos extorquindo durante anos. Deve-nos muito dinheiro.

— McClure? — depois que ela assentiu, acrescentou: — Quero uma lista de todos os credores.

Uma hora mais tarde, e depois de revisar os contratos, Grant balbuciou:

— Filho de puta.

— O que disse?

— Esta companhia de crédito, West London Financiers, pertence ao M. McClure. — sentou-se em um canto da escrivanhinha e aproximou os papéis de Vitória.

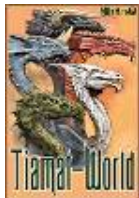
— Não pode ser. Não seria isso um conflito de interesses?

— Sim, mas essa companhia é o pior que pode haver. Oferecem uns tipos de empréstimos muito favoráveis, mas em seus contratos se reservam o direito de subi-los quando quiserem. Justo quando o mutuário passa por dificuldades, McClure aperta a corda.

— Como sabe tudo isto?

— Porque faz alguns anos, Ian lhes devia milhares de libras. Teve que pedir dinheiro emprestado para evitar que os valentões do McClure lhe dessem uma surra.

— OH, Deus santo.



— Digamos de outro modo: este homem estava emprestando a seu avô seu próprio dinheiro. Espremeu lorde Belmont e logo lhe ampliou o crédito. Não me cabe nenhuma dúvida de que quer ficar com esta propriedade.

A jovem ficou um momento calada antes de dizer:

— Agora entendo por que valoriza tanto sua honra. — A via triste. — Porque tiveste que ter contato com tipos que não têm nem um pinga do mesmo.

Ele não disse nada.

— Grant, o que devo fazer? — perguntou a garota. — Ir à polícia? Recorrer à justiça?

— Isso não evitará outro ataque.

— Acredita que pode voltar a acontecer algo assim? — perguntou assustada.

— Sem dúvida — respondeu sério e preocupado.

— E o que sugere? — De repente se sentiu exausta.

— Decidi ir ver o McClure. — Entrecerrou os olhos. — Se for necessário, darei uma surra nesse bastardo.

Tori estava atônita; via-o decidido e perigoso.

— Se for necessário, posso jogar tão sujo como ele. Farei o que for preciso para proteger o que é... — deteve-se.

— O que é teu — concluiu ela serena. — Como esta propriedade.

Grant a fez ficar em pé para tê-la perto, e apoiou sua testa na de Tori.

— Não referia às terras. Referia a ti.

— Como posso saber? — sussurrou a jovem.

— Porque você é o motivo pelo qual retornei. Voltei para lutar por ti.

Ela se deitou para trás e sacudiu a cabeça.

— Não tem por que dizer estas coisas. Voltou pelas terras e entendo...

— A propriedade está em seu nome.

— Qu...o que?

Grant lhe acariciou a face.

— Desde antes que eu viesse viver aqui.

— Então... por quê?

— Não me ocorreu nenhuma outra desculpa para estar perto de ti.

— Retornou por mim? — O coração lhe pulsava descontrolado. — Por mim?

Ele assentiu solene.

— Esse era seu plano?

— Sempre é bom ter um plano...

— E está funcionando? — perguntou-lhe com um sorriso.

— Depois do que aconteceu ontem à noite, sinto-me bastante otimista — respondeu, levantando a comisura dos lábios.

— Não posso acreditar que renunciou a tudo isto por mim.

Ele se afastou e voltou a ficar sério.

— Nada disto servirá de nada se McClure queimar a casa onde nasceu contigo dentro. Por



isso vou a Londres hoje mesmo...

— Eu vou contigo — declarou Tori.

— Por que será que sabia que ia dizer isso? — respondeu, sorrindo resignado. — Já fiz planos para que fique no Whitestone.

— Eu disse que vou a Londres contigo. Ou sem ti — acrescentou ameaçadora.

— É muito perigoso. Não vou arriscar a que lhe façam mal. Ficará em Whitestone e não se fala mais...

Ela golpeou a face com os dedos em atitude pensativa.

— Sua família não me parece ser capaz de atar alguém ou de trancar uma pessoa em seu quarto. — Ele não se alterou. — E terão que fazer isso se quiserem me reter ali.

— Esqueça, Vitória. Não vai me convencer.

— Não posso acreditar que ainda siga zangado — disse a jovem enquanto passeava por Londres agarrada ao braço de Grant.

Ele enrugou a testa e tratou de ignorar o contente e inocente que parecia com as fitas do chapéu ondeando junto a suas faces. Queria beijá-la e abraçá-la, mas em vez disso, balbuciou:

— E eu não posso acreditar que tenha me convencido para que te trouxesse comigo.

A moça lhe sorriu adorando-o com os olhos. Quando o olhava assim, era incapaz de lhe negar algo. Mas o pior era que estava convencido de que ela sabia.

— Grant, a única coisa que fiz foi apelar à lógica. Se tivesse me deixado em Whitestone, teria te seguido. E então você não estaria a meu lado para me proteger. Imagine... — levou uma mão ao peito. — .. eu sozinha no meio de Londres, assustada, sem saber aonde ir...

Ele sorriu e lhe devolveu o sorriso, e ao erguer a vista exclamou:

— Espera, é aqui.

Grant se deteve e a olhou aos olhos.

— Não quero que diga nada. Eu me ocuparei disto.

— Já me disse isso vinte vezes.

Resmungando, abriu-lhe a porta para que pudesse entrar.

— Viemos ver o senhor McClure — disse Grant ao assistente.

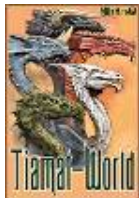
O jovem parecia um pouco confuso, mas foi procurar seu patrão. Minutos mais tarde, reapareceu e lhes pediu que o acompanhassem.

Ao ver o comerciante Grant arqueou as sobrancelhas e Vitória ficou boquiaberta.

M. McClure era uma mulher.

Capítulo 34

Tori grunhiu interiormente ao ver que a mulher percorria Grant apreciativamente. Afastou o



brilhante cabelo loiro escuro assegurando-se de que estava bem, e lhe ofereceu a mão sem sequer olhar a Vitória.

— Miranda McClure — disse.

Grant pegou sua mão e foi beijar-lhe mas ela a moveu para estreitar-lhe à maneira dos cavalheiros.

— Grant Sutherland — respondeu incômodo. Seguro que não contava com que Miranda fosse tão jovem nem tão atraente.

O olhar da mulher se centrou então na jovem, e na ameaça que se via em seus olhos azuis, frios como o gelo.

— Você deve ser lady Vitória. Que estranho, não sabia que tivesse relação com Sutherland.

— É minha prometida — respondeu ele aproximando-se mais a Tori.

— Que bonito — disseram aqueles lábios cor rubi com sarcasmo.

— Onde está o senhor McClure?

— Meu pai morreu faz alguns meses — respondeu ela aparentemente afetada. — Agora eu me ocupo de seus negócios.

Tori estava a ponto de lhe dar os pêsames, quando Grant lhe adiantou:

— O melhor será que não nos façamos perder tempo uns aos outros. Sabemos que seu pai estava ficando com a fortuna do conde para voltar a emprestar-lhe depois em troca de um astronômico tipo de contrato.

Vitória ficou atônita ao ver como o olhar de dor desaparecia imediatamente dos olhos da mulher sem deixar rastro. Miranda deu de ombros com paquera.

— Temo que assim são os negócios. E acredito que os referidos contratos venceram precisamente agora.

— Por isso provocou o incêndio?

— Não acreditará a sério que vá lhe responder isso? — Fingiu sentir-se horrorizada. — Um incêndio? Meu Deus! — Agora se mantinha completamente inexpressiva. — Se eu o tivesse provocado, jamais reconheceria.

— Deixemos o tema. O direi claramente. Você sabe que em Londres o dinheiro pode comprar a justiça, e eu sou muito mais rico que você.

— OH, sim, já ouvi falar das ilimitadas arcas dos Sutherland. Soube inclusive que tem uma mina de ouro em Surrey. — Sorriu-lhe. — De fato, passou-me pela cabeça me casar com você quando retornasse.

Tori ficou tensa, e o único motivo pelo que não lhe deu uma bofetada foi a cara de desgosto de Grant. Miranda a olhou e sorriu divertida.

— Esconde as unhas, querida. É evidente que o tem bem atado.

— Basta — cortou Sutherland zangado. — Acreditava que poderíamos chegar a um acordo, mas é óbvio que uma mulher como você tem que ir ao cárcere.

Pela primeira vez, aquela pele dourada empalideceu, e a senhorita McClure abriu os olhos um pouco assustada...

— O que acredita que aconteceria a uma mulher como eu nesse lugar?



Foi Tori quem respondeu:

— Que a corromperiam. — Estalou os dedos como se acabasse de dar-se conta de algo. — Um momento, já é muito tarde para isso.

Ao vê-la fulminar Vitória com o olhar, Grant disse:

— Já o pus em marcha, — e deu meia volta para dirigir-se com Tori para a porta...

— Espere! — Miranda o agarrou pelo braço. — E se lhe devolvo... a metade do que se supõe que me devem?

Ele a olhou incrédulo.

— Muito tarde. Se for ao cárcere, recuperaremos todo o dinheiro, e teremos a satisfação de saber que está atrás das grades.

— E se o devolvo tudo? — Ao ver que ele seguia imóvel, acrescentou: — E se tivesse certa informação?...

— Sobre o que?

— Sobre onde está seu querido primo Ian? — golpeou-se a face com os dedos. — Não é um lugar nada recomendável, aposto o que quiser que, neste momento, esse menino está rezando para que alguém vá salva-lo.

Grant a agarrou pelo ombro.

— Fale. — Miranda McClure conseguiu aguentar, e inclusive lhe olhou a mão com recriminação. — Fale!

— Trato feito?

Ele a soltou.

— Como saberei que não voltará a nos atacar?

— Nunca o faria se soubesse que um... — olhou Tori e prosseguiu — Sutherland estava por trás de tudo. — Pôs-lhe a mão na lapela, mas quando ele a olhou gélido, afastou-a: — Sei muito bem que não se deve provocar a um animal enjaulado.

— Quero que me dê agora mesmo toda a informação que tenha. Logo nos acompanhará ao banco.

Ao ouvir a palavra "banco", a mulher fez uma careta de dor.

— De acordo. Mas quero seguir comercializando com a lã de Belmont Court.

— Está louca? Passaríamos a vida vigiando que não voltasse a nos roubar.

— E não farão o mesmo com qualquer um? Eu já sei que não posso fazê-lo, o novo talvez volte a tentar.

— Esqueça.

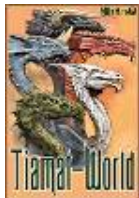
Vitória lhe deu um golpezinho no ombro.

— Grant, escutemos primeiro o que tem a nos dizer. Sua sugestão é retorcida, mas tem certa lógica.

A mulher lhe sorriu, e Tori teve a sensação de que mais tarde lhe devolveria o favor. Mas o mais estranho foi que soube que ela mesma o exigiria.

— Ian está a bordo de um navio chamado Dominion, com base em Liverpool.

Percorreu-os um calafrio, inclusive o nome do navio soava detestável.



Grant olhou à mulher.

— Meu irmão e eu perdemos sua pista na França.

— Seu último porto conhecido foi Saint Nazaire, e logo partiram para Foochow — explicou Miranda.

— China? — perguntou Vitória.

Grant assentiu devagar.

— E como sabe tudo isso? — perguntou ele olhando-a de novo.

— Eu sei quase tudo o que acontece nesta cidade.

— Quem fez isso com meu primo? — inquiriu Grant.

— Como lhe acabo de dizer, sei "quase" tudo... — Miranda McClure estalou a língua ao ver que Grant parecia não estar convencido de todo, e agarrou seu chapéu. — Agora, apesar de que me encantou sua visita, podemos, por favor, ir ao banco para que lhes pague uma fortuna e me deixem em paz? Ao menos por algum tempo — acrescentou ela, para lhes recordar que esperava que voltassem a fazer negócios.

Quando a mulher entrou no banco de Cunliffe, o diretor só faltou lhe lambar as botas, mas se alterou ante a enorme quantidade que ela retirou de suas contas. Tori ficou atônita ao ver que Miranda lhe acariciava o queixo e lhe sussurrava:

— Voltarei e o reporei com acréscimo, carinho.

Ao sair do banco, e despedir-se dela, a jovem não pôde evitar olhar atrás um par de vezes.

— Acredita que deveríamos lhe haver pedido mais?

— Acredito que lhe tiramos tudo o que podíamos — respondeu Grant, negando com a cabeça. — Se a tivéssemos apertado um pouco mais, teria começado a inventar desculpas. Mas enquanto você estava assinando os últimos papéis, aproveitei para mandar uma nota à polícia com toda essa informação sobre Ian. Seguro que a partir de agora também vigiarão Miranda.

Ela assentiu sem saber o que dizer. Doía-lhe pensar no jovem ali só e provavelmente ferido.

Grant diminuiu o passo e a olhou aos olhos.

— Escuta, Vitória, nós o encontraremos — disse sem indício de dúvida.

Tori recordou o que lady Stanhope lhe contara sobre o que lhe disse Grant um dia antes de iniciar a busca dela e sua família: — Se estiverem ali, retornarei com eles.

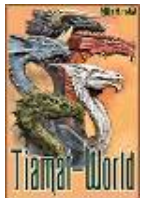
Lady Stanhope lhe disse que, embora soubesse que tudo indicava o contrário, estava segura de que seu filho conseguiria. Agora a entendia perfeitamente. Bastou um olhar aos claros, poderosos e seguros olhos azuis de seu amado para deixar de estar preocupada.

Encontrariam Ian. Fim da história.

— Acredito — respondeu ela quando voltaram a caminhar. Mas embora já não estivesse preocupada, deu-se conta de que se encontravam em uma situação muito estranha; como se houvessem resolvido o problema que os mantinha unidos e agora tivessem que seguir cada um para seu lado.

— Essa mulher é temível — comentou Grant para preencher o silêncio.

— Sim — concordou a jovem, contente de ter algum tema de conversação, embora fosse McClure. — Mas apesar de ser estranha, ambígua e complicada, acredito que debaixo dessa



carapaça pulsa o coração de uma mulher. De fato, quando a vi pensei que possivelmente você gostasse dela.

Ele se deteve em seco e a olhou ofendido.

— Não é absolutamente meu tipo.

Vitória o olhou aos olhos.

— Sinto muito.

— Não passa nada.

Aquela conversa ia de mal a pior. Que se supunha que ia acontecer agora? Estava Grant pensando na noite tão maravilhosa que compartilharam? Ela sim, e queria que fosse a primeira de muitas mais... se conseguissem sobreviver a aquela conversa. Tori alisou a saia, e ele se balançou sobre os calcanhares.

— Estará impaciente para gastar todo este dinheiro.

— OH, sim, em especial depois de estar tanto tempo privadas de... — deteve-se. Não queria falar do que acontecera naquelas últimas semanas. Isso já ficara para trás; formava parte do passado. Tirou um pedaço de papel de um bolso e leu: — Tenho que comprar tecidos para que Cammy possa fazer uns vestidos, já quase não lhe cabe nenhum, e um chapéu de verão para a senhora Huckabee. — Meneou a cabeça e respirou fundo. — Quando vier o bom tempo, morrerá de calor com o que leva agora. E o senhor Huckabee necessita de uma bengala. Huck um par de botas. — Virou a página. — Ah, sim. Por aqui tenho o tamanho apontado. E talvez pudesse comprar algum brinquedo... — Ergueu a vista e viu que Grant a olhava de um modo estranho. — Posso justificar o gasto. — Levantou o queixo. — Trabalharam duro como o resto de nós, e merecem um prêmio.

Ele sorriu.

— Acredito que deveria levar ao Huck uma tonelada de brinquedos se isso te fizer feliz. Não era nisso no que estava pensando.

Ela inclinou a cabeça e esperou.

— Tomaste nota de tudo o que necessita o pessoal?

— Sabia que cabia a possibilidade de que conseguíssemos um bom trato. E alguém me disse uma vez que era importante planejar bem as coisas.

O sorriso do Grant se alargou.

— Seguro que era alguém muito inteligente. — Ela riu, mas ele a olhou sério. — Vitória, eu também fiz alguns planos. Minha família chegará à casa da cidade ao meio-dia, e asseguro que Camellia e o barão também estarão ali.

Tori ficou olhando-o, incapaz de acreditar que estivesse... nervoso.

Grant começou a caminhar de um lado a outro.

— Acredito que podemos ser felizes juntos. Quero me casar contigo. E deixa que te diga que...

— Sim, nos casemos.

— ... pedirei-lhe isso uma e outra vez até que... — deteve-se. — O que disse?

— Eu disse que sim.



Enrugou a testa.

— Mas eu acreditava que não queria se casar sem amor.

Ela eliminou a distância que havia entre os dois e deslizou as mãos pelos fortes braços masculinos.

— Ah, mas você me ama.

— Está muito segura de si mesma, não?

Tori lhe sorriu coquete.

— Bastante, depois de ontem à noite.

Grant começou a dar meia volta.

— Então, suponho que não te fará falta escutá-lo...

Ela se equilibrou sobre Sutherland e, sem lhe importar as pessoas que haviam a seu redor, rodeou-lhe o pescoço com os braços e se colou a seu peito.

— Isso eu vou querer escutar sempre.

Ele afastou com muito carinho uma mecha da face.

— Amo-te. Acredito que te amo mais do que é recomendável para minha saúde mental — disse, sério e solene.

A jovem soube, sem dúvida nenhuma, que era a primeira vez que Grant pronunciava essas palavras. Sabia que era a primeira vez que se apaixonava. E isso a afetou muitíssimo. Agora que mudou, podia inclusive lhe perdoar que houvesse demorado tanto tempo em dar-se conta.

Levantou a vista e então perguntou por sua vez:

— E você? Não me deixe assim, em brasas...

— Claro que te amo. Adoro-te. Acredito que sempre te amei, inclusive quando queria te jogar pela amurada. — Lhe ocorreu uma ideia. — Poderemos ficar em Belmont Court?

— Podemos viver onde você quiser.

— Quero dizer se poderemos ficar e levar adiante a granja.

— Se necessita de um granjeiro, eu sou seu homem. — e lhe dedicou um daqueles sorrisos que lhe paravam o coração.

— E o que acontecerá com a Peregrine?

— Nicole e Derek a administraram maravilhosamente bem. E se querem se dedicar a Whitestone, deixaremos que lan se ocupe da naval quando o encontrarmos. Que demônios...

Vitória o olhou embevecida. Um ano atrás, seu ardiloso avô já tramara tudo aquilo.

— De verdade está disposto a viver comigo em um povoado cheio de octogenários e com mais ovelhas do que é necessário, umas ovelhas muito peculiares além disso, e uma legião de Huckabee correndo por toda parte?

— Se você estiver comigo sim.

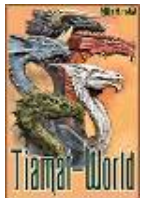
— Sério? — perguntou ela sem fôlego.

— Faria tudo por ti — respondeu Grant abraçando-a.

Mas a jovem o afastou e lhe ofereceu a mão.

— Sócios?

Ele a estreitou.



Continuando, Vitória puxou ele e, ficando nas pontas dos pés, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Agora que já resolvemos isto do matrimônio, deveríamos estabelecer as bases de nossa sociedade. Uma e outra vez...

Capítulo 35

Grant acertara com sua família, e Camellia e o barão chegaram uns minutos antes de que o fizesse o pároco. Cammy levou Tori a um lado enquanto o barão dava a Grant umas palmadas nas costas felicitando-o efusivamente.

— Está segura de que quer fazer isso? — perguntou-lhe sua amiga.

— Me olhe — respondeu ela rindo. — Estou apaixonada... não posso deixar de sorrir!

Camellia respirou aliviada.

— Então deixa que te diga que você adorará estar casada. — Levantou uma mão e lhe mostrou a preciosa aliança de diamantes que luzia no dedo.

A jovem ficou boquiaberta.

— Casaste? — Cammy mordeu o lábio, evidentemente preocupada em como ia reagir sua inseparável companheira de fadigas, mas Tori a abraçou: — É maravilhoso. Seremos vizinhas!

— Acreditava que talvez te zangaria por fazê-lo de um modo tão precipitado — disse baixando a voz. — Mas o certo é que o muito vagabundo se negou a fazer amor comigo outra vez se antes não me casasse com ele. Quando vi que o dizia a sério, pensei que quanto antes melhor.

— Me alegro tanto...!

Lady Stanhope tossiu para chamar delicadamente sua atenção.

— Pois agora toca a ti fazer feliz a Cammy, não te parece? — disse a Vitória. — O sacerdote está nos esperando.

Grant agarrou sua mão com doçura e se colocaram frente ao pároco.

Quando este pediu o anel, Grant rebuscou nos bolsos de seu casaco. Todos os presentes o olharam ansiosos. Derek, que estava sentado detrás dele, recordou a Nicole quão bonito fora fugir. Por fim, Grant tirou uma caixinha de veludo. Agarrou o anel e o deslizou no dedo de Vitória. Ela não pôde evitar baixar a vista. Todas as noivas querem saber que anel vão levar durante o resto de...

Um soluço escapou de sua garganta e levou a mão aos lábios.

"Tenho que recuperar essa mão — pensou Grant assustado. — Ou ao menos o dedo que me interessa."

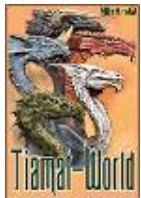
Com voz entrecortada, disse: — Vitória, posso comprar outro.

— Mas... você... você, encontrou o anel de minha mãe.

Grant abriu os olhos e baixou a vista por sua vez. Soltou uma maldição.

— Equivoquei-me. Supunha que ia lhe dar este mais tarde.

Uma lágrima deslizou pela face da jovem e ele pôde sentir em seus ossos quão aliviada



estava. Secou a lágrima com o polegar.

— Não posso acreditar que o encontrou. — Por fim afastou os olhos do anel e o olhou com tanto amor, com tanta emoção, que quase o fez cambalear.

Tomou ar e, sem ser consciente, começou a falar sem deixar de olhá-la aos olhos.

— Foi mais difícil que o resto das coisas, mas sabia o muito que significava para ti.

— O resto das coisas? — perguntou ausente. Grant sorriu.

— Sim. Percorri todo o país tratando de recuperar a grade de ferro de Belmont Court, um montão de quadros velhos, o cavalo que te dei de presente — disse enrugando a testa, — que sei que vendeu por engano, assim como um montão de joias antigas.

— As joias de minha avó? — O modo em que lhe sorriu, como se fosse um herói o fez sentir coibido, e teve que afrouxar o colarinho de sua camisa.

Derek pigarreou.

— Grant, lhe dê já o outro maldito anel.

O sacerdote o fulminou com o olhar e Nicole trocou o Geoff de braço para poder lhe dar uma cotovelada no estômago de seu marido. Grant voltou a colocá-los no bolso e, de repente, apareceu outra caixinha. Abriu-a ante Vitória e adorou ver sua reação. Se o anel de sua mãe a fez chorar de alegria, a esmeralda a deixou sem fala.

Ao finalizar a cerimônia, todos lhes felicitaram e se foram dali em seguida para que os recém casados desfrutassem de sua intimidade. Embora no caso de Cammy e o barão, os outros noivos, o que queriam era também estar sozinhos.

Quando Grant fechou a porta depois do último de seus parentes, deu meia volta para sua esposa.

Sua esposa.

Adorava como soava.

Ela voltava a ser a de antes, segura de si mesmo e sorrindo como se juntos fossem invencíveis.

Vitória soltou o cabelo e tirou os sapatos.

Irradiava felicidade.

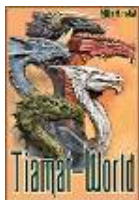
Grant não podia acreditar que uma mulher tão extraordinária como ela tivesse aceito casar-se com ele, e que a visse tão feliz o fazia ainda mais incrível. A emoção estava a ponto de engoli-lo. Agarrou-a nos braços justo quando passou a seu lado e a apertou contra seu peito, abraçando-a com força. Agachou-se para beijá-la, mas Tori lhe agarrou a mão e o levou para o salão.

Ficou de pé sobre um apoio para ficar à altura de seus olhos e, depois de lhe rodear o pescoço, começou a beijar seu rosto e a acariciá-lo.

— Amo-te, Vitória.

— Demonstre-me isso. — murmurou ela junto a seus lábios.

Passaram toda a noite e todo o dia seguinte "criando os alicerces de sua sociedade", e o fizeram tantas vezes e de tantas maneiras, que Grant soube que jamais a dissolveriam.



Epílogo

Três meses mais tarde...

O novo estábulo foi terminado um par de semanas antes que chegassem os tosquiadores.

A primavera florescia por toda parte, e Tori e Grant puderam fazer uma pausa antes que a lã começasse a amontoar-se.

Terminaram de tosquiar todas as ovelhas esse mesmo dia e, igual a todos os anos, celebraram uma festa no povoado para festejá-lo. Mas essa vez, e após inteirar-se de que Sutherland casou com a coproprietária de Belmont Court, junto com os barris de cerveja, muitos dos que foram retornaram também a seu antigo lar.

Vitória e Grant se uniram às celebrações, mas cansados depois de um dia de árduo trabalho, decidiram retornar logo a sua casa.

"A sua casa."

Era uma frase preciosa.

E Belmont Court estava se convertendo em um lugar de sonho, em especial desde que Grant se empenhou em gastar grande quantidade de dinheiro para reconstruí-la. Se Tori sorria ao ver quão bonito ficou tudo, ele se esforçava ainda mais em agradá-la.

Um dia, lhe disse que não era necessário que gastasse tanto dinheiro e Grant lhe respondeu:

— Como não temos que construir uma casa para Camellia, nos podemos permitir isso.

E era verdade.

Cammy vivia com o barão umas colinas mais à frente.

O casal não tinha pressa para encher a casa de bebês, e passavam o dia cavalcando pelo campo. Quase a ponto de chegar a Belmont Court, Tori e Grant se detiveram no alto de um morro para observar a vista.

As luzes da festa resplandeciam ao longe e ainda podia ouvir a música do baile.

Quando finalizasse a temporada de cria, iriam até a casinha que Grant comprara para Vitória junto ao mar, perto da que tinha a família Stanhope e em que ele passou longas temporadas quando pequeno.

Tori estava impaciente por vê-la, e sentia ainda mais curiosidade ao observar como todos riam quando ela mencionava a "casinha" e quando lhes perguntava se era "bonita".

A jovem suspirou. Que lan não estivesse ali era a única coisa que turvava sua felicidade.

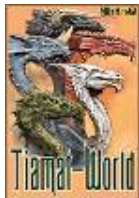
Adivinhando seus pensamentos, seu marido lhe disse:

— Seguro que esta aventura lhe fará bem.

Ela se abraçou a ele. Souberam que lan não só escapou de seus sequestradores, mas também liderou um motim e assumiu o navio, partindo para rumo desconhecido.

Circulavam rumores a respeito de um pirata de cabelo escuro, face marcada e coração de gelo que sulcava os sete mares, e Tori se negava a acreditar que a coincidência entre o início das façanhas desse lobo do mar e a data em que lan escapou, fosse mera casualidade.

— Meu primo sempre cai de pé, e agora que a polícia tem uma pista tão sólida, não



demoraremos para o encontrar.

— Sei — suspirou Tori. — Me encontrou.

Seu marido a beijou no pescoço e, ao sentir que se estremecia, sorriu satisfeito.

— Não se preocupe, amor. — Acariciou-lhe o ventre, que começava a avultar-se. — Não é bom para o bebê.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>